UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

JAQUELINE LEMOS MARTINS

**O autor e o narrador nas
tessituras da reportagem**

São Paulo
2016

JACQUELINE LEMOS MARTINS

O autor e o narrador nas tessituras da reportagem

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM da ECA/USP) como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em Ciências da Comunicação, sob orientação da profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina.

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Martins, Jaqueline Lemos

O autor e o narrador nas tessituras da reportagem /
Jaqueline Lemos Martins. -- São Paulo: J. L. Martins, 2016.
267 p. + DVD.

Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências
da Comunicação - Escola de Comunicações e Artes /
Universidade de São Paulo.

Orientadora: Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo Medina
Bibliografia

1. Jornalismo 2. Narrativa 3. Reportagem 4. Repórter 5.
Narrador I. Medina, Profa. Dra. Cremilda Celeste de Araújo
II. Título.

CDD 21.ed. - 070

MARTINS, J. L. O autor e o narrador nas tessituras da reportagem. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (PPGCOM da ECA-USP) como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em ciências da comunicação – área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação.

Aprovada em: _____/_____/_____

Banca examinadora:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Dedicatória

Para meu pai, Gessy (*in memoriam*), de quem herdei o
encantamento por histórias.

Para minha mãe, Águeda, meu anjo da guarda,
de quem herdei o gosto pela leitura.

Para Calebe, Letícia e Luísa.
Meninada que me fez tia, que me faz sorrir com esperança,
com quem reaprendi a brincar.

Agradecimentos

À querida professora Cremilda Medina pela inspiração, afeto e generosidade. Por uma orientação plena de sentidos, meticulosa. Expressão singular do “signo da relação”.

Às professoras Monica Martinez e Sandra Reimão pelos questionamentos e sugestões no Exame de qualificação.

À professora Ecléa Bosi e ao professor Renato Seixas por suas aulas tão provocativas.

Aos repórteres Bernardo Esteves, César Dassie, Christian Carvalho Cruz, Fabiola Cidral, Juliana Carpanez, Luiza Villaméa, Marilu Cabañas, Neide Duarte, Ricardo Brandt e Tom Cardoso. Sujeitos-autores que me contaram as histórias das suas reportagens.

Ao Bruno Chiarioni, Leandro Machado, Leandro Vieira, Luciano Feltrin, Marcio Kroehn e Victor Bin, por sugestões de reportagens e nomes de repórteres.

Ao Audálio, Angelo e Ivan, por me acenderem encantamentos.

Aos colegas de orientação, Angela Farah, Carlos Sandano, Cicélia Pincer, Edson Capoano, Liana Milanez, Mara Rovida, Marcelo Lopes Abreu, Marcos Zibordi e Renato Essenfelder pelo “plurólogo” da experiência de quatro anos entre provocações, cafés e biscoitos sob a batuta da mestra Cremilda Medina.

Aos colegas de USP, Aliny Lourenço, Gleici Queiroz Klotz, Luis Jardim, Luiz Fernando Dal Pian, L. Paloschi, Rosa Montero, Solange Oliveira e Sonia Carbonell pelas alegrias de todos os encontros.

Ao CEDOC da TV Globo pelo empréstimo das reportagens.

Ao PPGCOM da ECA/USP pela oportunidade de fazer um doutorado.

Com carinho especial à Rosely Souza, pois “gentileza gera gentileza”.

Aos colegas/amigos da Universidade São Judas Tadeu, com os quais compartilho as dores e as delícias da docência. Com abraço especial para Arlete Taboada, César Zamberlan, M^a Tereza Garcia, Rosário D’Agostino e Valdemirson Alves, que me acalmaram, me apoiaram.

Aos meus alunos, de hoje e de ontem, que transformam os encontros em sala de aula em um instigante laboratório da prática e da reflexão jornalística.

Aos meus ex-orientandos de Iniciação Científica, Anelize Moreira, Camila Caringe, Camila Salmázio, Carlos Ferreira, Deisy Assis, Gislene Trindade, Eliana Natividade, Paula Oliveira, Pedro Dias, Raquel Brandão Inácio, Rodolfo Lima, Talita Tristão e Tamires Farias Teodoro. Pelo aprendizado conjunto, pela inquietação, pela paixão pelo conhecimento.

Ao querido amigo Alexandre Ofélio por toda a dedicação e competência na elaboração do material dos anexos desta tese.

A uma equipe supimpa da São Judas: Betina Goetjen, José Eduardo Moraschi, Sergio Manabu e Simião Gonçalves Menezes pela elaboração do DVD.

À Vivian Paixão pela cuidadosa revisão.

A Giovana Lara pela transcrição das entrevistas.

À Cris Sato por seu talento na “investigação” de repórteres sumidos.

Ao Alex Criado, Edilene Cruz e Duda, pelo carinho, companhia e colo no auge de uma crise.

À Ana Cristina, Angelita, Carlinhos, Cristophe, Dulce, Lili, Reiko, Sueli e Wal, pela delicada amizade que nos une há décadas.

À Juliana e Agnes, minhas afilhadas, pela delícia que é ser chamada de madrinha.

À Renata Carraro, amiga e comadre, por uma longa jornada de aprendizados e cumplicidades, sempre salpicada de muitas narrativas e afetos.

À Águeda, Raquel, Paulo Edson, Calebe, Wender, Luciana, Letícia, Luísa e Fred. Família, carinho, aconchego. Tão longe, tão perto.

À Amora, minha patinhas de almofada.

Resumo

Esta tese trata de aspectos da narrativa no jornalismo, mais especificamente na reportagem. Ao assumir a condição inequívoca de autoria no texto, o jornalista abre-se para possibilidade de dar maior complexidade ao ato narrativo, abre-se para articular vozes, visões de mundo e experiências. Nesta complexidade, é possível estabelecer dois sujeitos distintos: o autor (repórter) e o narrador (sujeito elaborado pelo repórter para contar uma história). O embasamento teórico da pesquisa procura articular as noções de complexidade e dialogia (Cremilda Medina) filosofia do diálogo (Martin Buber); ponto de vista (Norman Friedman); experiência e comportamento face a face (Erving Goffman). O autor no jornalismo é um mediador cultural, tem um lugar social demarcado por sua formação profissional e está diretamente ligado ao exercício de um ofício. Já o narrador, é uma criação do autor. É um sujeito que existe para narrar, que adota perspectivas e estratégias para contar uma história, um fato/acontecimento. A constituição do(s) narrador(es) do jornalismo está sob a batuta do autor jornalista. Estabelecemos conexões entre as referências teóricas e a experiência prática. Foram observadas um total de 20 reportagens publicadas/veiculadas em jornal, revista, rádio, televisão e web. Além da observação das reportagens, foram entrevistados os dez repórteres responsáveis por estes textos jornalísticos.

Palavras-Chave: Jornalismo. Narrativa. Reportagem. Repórter. Autor. Narrador.

Abstract

This thesis treats aspects of narrative in journalism, more specifically in the report. When assuming an unequivocal condition of authorship in the text, the journalist opens to the possibility of giving more complexity to the narrative act, opens to articulate voices, world views and experiences. In this complexity, it is possible to establish two distinct subjects: the author (reporter) and the narrator (subject developed by the reporter to tell a story). The theoretical basis of the research intends to articulate the notions of complexity and dialogy (Cremilda Medina); philosophy of dialogue (Martin Buber); point of view (Norman Friedman); experience and behavior face to face (Erving Goffman). The author in journalism is a cultural mediator and has a social place demarcated by his professional qualification and is directly linked to the exercise of a craft. Yet, the narrator in journalism is a creation of the author. It is a subject that exists to narrate, which adopts perspectives and strategies to tell a story, a fact/event. The constitution of narrator(s) of journalism is under the baton of the author journalist. We established connections between theoretical references and practical experience. It was observed a total of 20 stories published/aired in newspapers, magazines, radio, television and web. In addition to observing the reports, ten reporters responsible for these journalistic texts were interviewed.

Keywords: Journalism. Narrative. Report. Reporter. Author. Narrator.

Sumário

- **Preambulo - Encantamentos e encontros 12**
- **Introdução – Caminhos rumo à tese 26**

Parte I

As reportagens – ambiente do diálogo

- e da ressignificação da realidade 35**
- 1.1 – Nas tessituras da reportagem 36
- 1.2 – Arquitetura do fazer, o nascer da reportagem 44
- 1.3 – Arquitetura do fazer, diálogos com o outro 49

Parte II

- Os narradores – instância literária 57**
- 2.1 – Estratégias narrativas: percursos e escolhas 58
- 2.2 – Eles, os narradores 98

Parte III

- Os autores – o eu dotado de autonomia e institucionalidade 104**
- 3.1 – O autor jornalista: sujeito real e empírico105
- 3.2 – Entre a autonomia e o “apagamento”109

Parte IV

- Desfecho - O *ethos* do narrador no jornalismo 113**
- Referências 118**
- Apêndice 127**
- Apêndice 1 – Entrevistas com os repórteres.....128
- Anexos 200**
- Anexo 1 – Reportagens de TV e de rádio (DVD) 201
- Anexo 2 – Reportagens de jornal, revista e *online*202
- Anexo 3 – Reportagens / Encantamento256

Encantamentos e encontros

Há muitas formas de se contar uma história. Há também muitas formas de se dissertar sobre ideias, temas. Há muitas formas de se investigar premissas, hipóteses. Há caminhos. Caminhos que nos levam ao encontro.

E uma tese de doutorado, afinal, o que é?

É um encontro. É um encontro e um encantamento. O encantamento com o tema, com os sujeitos da pesquisa. É um encontro e um encantamento com ideias e com perguntas. Inicialmente, com as ideias de outrem – aquelas que te laçam o pensamento, que te inquietam a alma e os sentidos de ver o mundo. Depois, torna-se também um encontro com as ideias do próprio pesquisador, do autor da tese. No ir e vir de teorias – conceitos ou noções –, uma aprendiz tateia percepções de um caminho a ser explorado por novos olhares.

É sobre isso que vamos falar um pouco nesta apresentação.

Esta tese tem essencialmente estes dois ingredientes: o encantamento e o encontro. É também uma tentativa de organização do caos. Do caos da pesquisadora, pois não é fácil ziguezaguear por mentes várias, por textos vários, por autores vários, por narradores vários e buscar tecer uma narrativa de narrativas. Ou seria tecer uma dissertação sobre narrativas? Veremos. De uma forma ou de outra, será uma costura de muitos tecidos. Tecidos com tramas distintas, com fios rústicos, com fios delicados, com cores distintas, manuseados por uma pluralidade de mãos.

O universo da resignificação é onde estamos. O universo da tessitura. Seguiremos caminho de mãos dadas com uma roda grande de gente: repórteres, pesquisadores, personagens... E o encantamento se deu aqui, como sempre...

com um quê de acaso, sem muito planejamento, displicentemente, quase ao sabor do vento. Vou lhes falar primeiro sobre o encantamento. Aquele que me trouxe para cá, para esse tema, para as indagações sobre a narrativa no jornalismo.

Em tempos distintos das minhas andanças na profissão de jornalista, alguns textos me menearam o olhar. Provocaram um arrebatamento, um susto, um fisgar. Textos que me conduziram para o fundo de mim mesma num remoer de sensações que, encafifada, repetia como em um mantra: “nossa, como ele fez isso?”. Então, a gente volta ao texto. Perde-se mais ainda em encantamento. Segue a risca as palavras, as frases, a narrativa. Vai e volta inúmeras vezes. Perde-se nas palavras diante de tanta formosura. É o tal do encantamento.

Eles [e ela] me encantaram. Audálio. Cremilda. Ivan. Angelo. Assumem aqui a condição de mentores. O primeiro chafurdou nos mangues como um caranguejo. O segundo [ela] impregnou-se de águas seculares como o Velho Chico. O terceiro lutou para sobreviver como uma onça ameaçada. O derradeiro arregaçou as mangas no próprio ataúde e falou do suicídio.

Foi assim, no mundo mágico da narrativa, que eles se encontraram. Gentes tão distintas, mas também tão próximas. Percorreram mundos muitos. Viveram vidas apartadas uns dos outros. Mas aqui, nesta tese, eles e seus textos podem caminhar de mãos dadas a despeito do tempo e do espaço da vida já vivida.

Vamos, primeiro, nos banhar de cada encantamento.

[Encantamento1]¹ **Audálio Dantas**, lá nos idos de 1970, recebeu a incumbência de acompanhar a vida de catadores de caranguejo. E lá foi ele. Por uma semana, se embrenhou nos mangues na aldeia de Livramento, uns 20 quilômetros de João Pessoa, no estado da Paraíba. Como parceira de empreitada jornalística, Audálio teve a companhia da fotógrafa Maureen Bisilliat. **Povo caranguejo**² é a história que eles contam e que rendeu, além do destaque na capa da edição da revista, mais oito páginas de texto e fotos. Impossível conter o espanto ao ler uma batalha visceral entre homem e caranguejo. Entre caçador e caça. Mas não era uma simples batalha, narrada com o olhar de um observador distante da ação. Audálio se dispôs a “enfiar o pé na lama”³ (DANTAS, 2012, p.113) expressão que ele mesmo usa para justificar suas escolhas.

O texto narrado em terceira pessoa adota, esquematicamente, dois pontos de vista: do homem e do caranguejo. A reportagem nos transporta para uma batalha no mangue, que segue o ritmo da lida na cata dos crustáceos. Trecho do homem. Trecho do caranguejo. Trecho do homem. Trecho do caranguejo.

Trecho do homem.

Compadre Ota, Zé Preto, Luciano e Sabino reúnem-se no alpendre da venda de dona Nevinha, sobre o pequeno Porto do Livramento. A aldeia ainda está mal amanhecida, dormindo em seus ranchos debaixo das jaqueiras e das mangueiras. As luzes de João Pessoa ainda brilham a distância, sumidas e trêmulas,

¹ Todas as quatro reportagens aqui denominadas [Encantamento] estão no Anexo 3 desta tese, na versão integral, tal qual foram publicadas originalmente.

² A reportagem **Povo caranguejo** foi publicada na revista *Realidade*, em edição de março de 1970. Tem um total de 24 mil 938 caracteres. Na capa, com foto de uma menina enlameada, havia a manchete *Vida Corajosa*.

³ A afirmação é dita em um texto do livro *Tempo de reportagem – histórias que marcaram época no jornalismo brasileiro*, publicado com uma coletânea de treze textos do repórter, cada um deles com uma breve reflexão sobre a apuração, as escolhas narrativas em cada situação.

acima da massa escura dos mangues. Eles são os primeiros homens a chegar e começam a preparar as canoas — Nazaré e Correio da Ilha — para a viagem em busca dos caranguejos. Quando o sol brilha, ilumina primeiro o rosto do velho Sabino, 70 anos de vida, 70 de luta na lama. Sabino está desamarrando a canoa Nazaré, que dormiu presa a uma estaca. A luz do sol, quase horizontal, desenha o perfil de cobre do velho caçador de caranguejo, patriarca dos pântanos, homem respeitado pela força de seu trabalho, um dos principais meios de vida do povo de Livramento. Menino ainda, brinquedo de Sabino era pegar caranguejo com ratoeira improvisada, feita de lata de óleo vazia. Agora, esse brinquedo é de seus netos e dos outros meninos de Livramento. Ele vai ao mais fundo do mangue, às moradas mais escondidas dos caranguejos. Se soubesse fazer contas, veria o resultado de seus 60 anos de trabalho: mais de um milhão e meio de caranguejos arrancados da lama.

Trecho do caranguejo.

Na solidão e no silêncio sombrios do lamaçal, caranguejo é rei. Riscam a face lisa e negra da lama com suas patas cabeludas, as molas atentas, agressivas, movendo-se como alicates, à espera das folhas de mangue, que caem de maduras ou derrubadas, pelo vento. As molas — patas maiores — recolhem rapidamente as folhas, que são o alimento principal dos caranguejos desses pântanos distantes de cidade (quando encontram, eles comem de tudo — dejetos humanos, frutas, bichos mortos). O charco fervilha — o lento fervilhar dos caranguejos. Um ouvido bem apurado perceberá o chiado que eles produzem, espumando pela boca, uma espuma amarelada, dizem que de fome, quando o tempo é seco e não há chuva para derrubar as folhas. O mundo é lama, raiz, água, buraco, agitar de patas — tudo o que o caranguejo vê com seus olhos compridos que saltam para fora ou se recolhem aos escondidos do corpo.

De repente, o fervilhar aumenta. Há uma enorme agitação, um rápido correr de lado, para todos os lados. Os homens estão chegando, a pisar forte e profundamente a lama. Fuga. Fundo de buraco. Medo.

Antes mesmo de vir a público, no burburinho da redação, Audálio conta que o texto foi questionado. “A matéria causou discussão. Alguns disseram que parecia um conto, peça de teatro; outros que a forma de contar subvertia as normas do texto jornalístico. Isso era o óbvio”, recorda o autor em *Tempo de reportagem* (DANTAS, 2012, p.116).

[Encantamento2] **Cremilda Medina**, em tempos de Signo da Relação à frente da Coordenadoria de Comunicação Social da USP, aproveita para mergulhar na história do rio São Francisco. A reportagem **Sonhos e frustrações do Velho Chico**⁴ é a história que ela conta. Ancorada na pequena Pirapora, norte de Minas Gerais, às margens direita do rio, Cremilda dá voz ao próprio São Francisco que vagueia entre passado e presente num diálogo de profundezas.

O texto narrado em primeira pessoa, na perspectiva do rio, faz uma síntese afetuosa dos caminhos, conflitos, contradições e possibilidades de futuro que o São Francisco tem. Documentos fundadores, um acervo municipal e a memória dos ribeirinhos vão tecendo, *pari passu*, com o Velho Chico uma narrativa caudalosa, composta de cenas míticas, donde quase é possível vislumbrar ele, Chico, personificado num sábio em ruminações com o mundo.

Assim começa a narrativa:

Já me chamaram “rio sem história”, depois reconheceram que sou importante na unidade e na integração nacional. Coisas da civilização moderna, porque desde tempos não registrados, sou o caminho das águas para os andarilhos de terras de Santa Cruz. Ficaram para sempre aqui, no meu primeiro trecho navegável, as marcas dos índios que habitaram nas minhas margens: Pirapora, de origem tupi, conjuga pira (peixe) e poré (salto). A cachoeira onde o peixe salta. Isso me faz lembrar guerras antigas. Os índios cariris, aqui abrigados das lutas na costa atlântica, atacaram os bandeirantes em 1687. A bandeira de Fernão Dias Paes Leme desceu o Rio das Velhas e, na batalha que se travou na altura das cachoeiras de Pirapora, os nativos venceram os invasores.

Do tempo das capitanias, das sesmarias, das entradas e bandeiras, do século XVI ao século XVIII, o grande sertão em que corro sofri embates de que sou testemunha. Que seria dos exploradores do interior do continente sem os leitos dos rios? Quando, no século XVIII, trilhas e picadas abrem caminhos para o ciclo do gado e o ciclo do ouro, muito servi aos sertanistas que percorriam o Brasil. Agradeço à imaginação poética dos historiadores que me respeitam e escrevem: “(...) nos primeiros

⁴ A reportagem **Sonhos e frustrações do Velho Chico** foi publicada no *Jornal da USP*, ano XVIII, nº 666, de 17 a 23 de novembro de 2003. O texto ocupa as páginas 10 e 11 da edição do jornal, tem quatro fotos e um total de 16 mil 127 caracteres.

séculos do descobrimento do Brasil, os principais componentes do nosso Grande Sertão: branco, negro, índio, terra, ouro e gado. E, abraçando a todos, o rio São Francisco. Imponente, o grande rio fazia rolar as águas, ora cristalinas, ora turvas, às vezes serenas, às vezes intrépidas” (Pirapora, um porto na história de Minas).

Mais adiante, o narrador dá as mãos para uma moradora, com quem partilha a história:

Está certo que na primeira metade do século XIX eu tinha a companhia de umas setenta almas que moravam em quinze casinhas. Na segunda metade, 150 pessoas construíram mais 30, 35 habitações. Como cresceu esse Brasil no século XX. O município, criado em 1911, não respeitou a origem indígena: esquecera que aqui o peixe salta, e passou a se chamar São Gonçalo das Tabocas. Invencionices de políticos. Foi só em 1923 que retomaram o nome original da cidade, Pirapora. Ainda bem que corrigiram. Não dá para imaginar a história antes do século XVI, em que o território era habitado no litoral e no interior por alguns milhões de índios, meus ancestrais navegantes. Mas no século XX, os brasileiros se multiplicam e capricham na ocupação do presente e na construção do futuro. Você conhece dona Maria Eugênia? Se encontrar com ela, ouça só: aos 75 anos, firme e alegre, mulher de forte presença como muitas que você vai encontrar no interior de Minas, Goiás, Bahia, Rio Grande do Norte, enfim, nessas terras longe das águas atlânticas, conta os vinte e três filhos, nove, infelizmente, já morreram, mas aí estão onze mulheres e três homens para contar a história.

Dona Maria Eugênia, matriarca do povoamento contemporâneo do sertão, ainda criou mais 28 meninos, seus afilhados, que vieram da roça com a roupa do corpo, muitas vezes sem sapatos. A sua casa, irrigada pelas minhas águas, deu teto, comida e roupa lavada para todos os necessitados. O pai disciplinava o batalhão no tabefe. E não é preciso, sô? Na fazenda da família ou na casa em Pirapora, a filharada podia ir à festa ou o que fosse, mas estava em pé às 6 horas, na marra (ou melhor, no bofetão). E mais: todos precisavam estudar. Muito ouvi da sabedoria popular: ofício é benefício. Sonhei, como dona Eugênia, com a vida e o crescimento. Além de me usarem para transporte fluvial, tive esperança na companhia dos trilhos dos trens. Parecia que, no início do século XX, a coisa ia engrenar, seríamos companheiros do progresso e bem-estar dos que por aqui habitam. Mas tudo desandou em frustração.

[Encantamento3] **Ivan Marsiglia**, quase findando a primeira década do século XXI, em momento de especial maestria no jornal Estadão, publica a reportagem **Sou suçuarana**⁵, no caderno Aliás, impulsionado por uma informação veiculada no dia 14 de setembro no mesmo jornal. Ao revisitar o tema já explorado na forma de notícia, Marsiglia adota como narrador da história a onça batizada de Anhanguera. Personagem principal da história e narrador, o animal ganha voz, memória, ironia e olhar astuto para conduzir o leitor às idiossincrasias do mundo humano contemporâneo, que valoriza condomínios ecológicos amplamente protegidos.

Na narrativa, as contradições do ser humano urbano soam estranhas, descabidas, incompreensíveis na perspectiva do animal. Enquanto proseia com o leitor, Anhanguera deixa seus rastros de bicho do mato. “Vagueia”. Está acostumado a “zanzar”. “Busca de-comer”. “Agarrou vereda nesse mundéu”. Enfim, a aventura de um atropelamento às margens da Via Anhanguera, no km 71, assume feições de fábula na reportagem jornalística. E a gente segue a onça-parda nas suas andanças e divagações.

O narrador conta o atropelamento:

[...] Como ia contando, domingo à noite já estava cansado de vaguear atrás de uma refeição quentinha: o senhor sabe que eu só saio para comer quando escurece. E, com o desassossego da juventude - só tenho 1 ano de idade -, agarrei vereda nesse mundéu. Quando dei por mim tinha descido a ribanceira toda, escutando a barulhada que vem da toca de vocês. Tenho audição sensível, de ouvir detalhe, farfalhar. De modo que fiquei atordoado com tanta balbúrdia. Para piorar, aquelas luzes passando... Olho de gato é feito para enxergar no escuro, viu? Então me apercebi que o dia já ia raiar e eu ali, tão longe de casa. Corri em disparada.

⁵ A reportagem **Sou suçuarana** foi publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 20 de setembro de 2009. O texto ocupa a página J8 do Caderno Aliás, tem cinco fotos e um total de 8 mil 153 caracteres.

A travessia, nem sei como fiz. Sou ligeiro, mas a sorte ajudou. Acontece que, quando ia dar o pulo do gato por cima da mureta, uma coisa grande bateu em mim. O mundo girou, não vi mais nada. O senhor sabe que sou sujeito de coragem: até a pintada, a maior do pedaço, respeita minha valentia. Mas confesso que fiquei com medo. Paralisado. Mais de uma hora ali, encolhidinho, até vocês chegarem. Mostrei bem os dentes, que não sou de passar recibo. [...]

A onça-parda, enquanto se recuperava do atropelamento, traz a perspectiva dos humanos para o texto:

Ainda ontem, da jaula de 1 m por 1,5 m onde estou convalescendo, ouvi o dono da ONG, Jorge Bellix, explicar que os muros dessas propriedades funcionam como uma armadilha para os animais. Irracionais que somos, a cada vez que saímos da área de proteção e damos nos fundos do condomínio, em vez de voltar para trás, tentamos contornar a muralha. E, assim, caímos direto nas ruas e rodovias. Sem falar nos fios de alta tensão, no arame farpado e nas cercas eletrificadas.

Jorge disse que não sou o primeiro de minha espécie a pôr o focinho nas redondezas esse ano, embora certos estudos de licenciamento digam que não há animais em risco de extinção por aqui. No dia 30 de março, uma onça-parda fêmea foi pega dentro de uma casa em construção em Vinhedo. No dia seguinte, outra foi vista em Araçoiaba da Serra. Em 14 de julho, foi a vez de um macho, no bairro do Rio Acima, Jundiá. Dia 21 de agosto, na mesma cidade, outra conterrânea andou fazendo refeições num galinheiro do bairro Corrupira.

Apreendi que a onça é um animal "bioindicador": no topo da cadeia alimentar, só aparece quando a coisa está feia em seu hábitat natural. Fico feliz que alguém reconheça. E não é só topo da cadeia, não. Todo dia tem veado, capivara, gambá, coruja e macaco descendo a Serra do Japi para ser atropelado, mordido de cachorro ou vendido no comércio ilegal de animais silvestres. Para o senhor ter uma ideia, em 2007, 581 deles foram atendidos no centro de recuperação. Em 2008, 1.074. É de cortar o coração - até de um predador como eu.

[Encantamento4] **Angelo Ishi**, quando ainda um aprendiz de jornalista nas salas da ECA/USP, estava aberto às experimentações que o laboratório da vida universitária oferece. Permeado pelas provocações da mestra Cremilda Medina, ele iria muito além do *lead* ao noticiar o suicídio de um jovem estudante de medicina. Em uma reportagem sintética, sem imagens, diagramada no canto inferior do *Jornal do Campus*, o estudante de jornalismo alçava um voo autoral de singular afetuosidade. **Memórias póstumas de um estudante da Medicina**⁶ é a história que ele conta.

Angelo Ishi optou por elaborar uma reportagem em primeira pessoa, assumindo a perspectiva do estudante de medicina já morto. De clara inspiração machadiana, o narrador defunto, procura reconstruir “o que talvez seriam suas palavras póstumas”. Numa apuração que envolveu entrevistas com amigos, professores e familiares, o repórter expõe, de forma visceral, os conflitos, inquietudes, dramas e dores do aluno de medicina.

Vejamos o início da reportagem:

Me matei — e comigo morreu um pouco de todos eles. A aula começou, mas continuaram ali, sentados na escadaria. Chocados, arrasados. Será que agi mal? Silêncio. O repórter chega, logo adivinha meus amigos: e o suicida? Sérgio o chama para um canto: “Ele já está enterrado”. Sim, eu, Pedro Bezerra Arantes, terceiranista, aluno da turma 73, matei-me às onze da manhã, no quarto de casa, na Consolação. Meu corpo foi encontrado às 13h pela empregada. Deixei escrita uma pequena carta, que a polícia levou. Como meus pais, os amigos da faculdade passaram a noite em claro. Ainda pensam estar vivendo um pesadelo. Estou morto! Morto... Era bonito, rico, nem precisava trabalhar... Como justificar? Talvez eu seja mesmo um fraco, porque não aguentei a barra (obrigado Marcelo, por achar que fui um forte). “Ninguém tem capacidade nem direito de

⁶ A reportagem **Memórias póstumas de um estudante da Medicina** foi publicada no *Jornal do Campus*, edição nº 54, de 14 de setembro de 1987. O texto ocupa parte da página 7 do jornal, sem fotos, e tem um total de 5 mil 761 caracteres.

julga-lo.” Como não? Vocês só pensam que fiz isso por causa do furo que a garota de São José dos Campos me deu? “Com a morte dele, recomeçar não vai ser igual: é a chance de repensar muita coisa.” Não sei, sinceramente, não sei. A faculdade continua na mesma e a maioria age como se nada tivesse acontecido... Ah, me lembro que desde o primeiro ano a gente ouvia essa história da Medicina recordista em suicídios. Falávamos, meio na brincadeira, “quem será o primeiro entre nós?” Quem imaginaria que eu... Não, não se enganem: o trabalho de médico, a Medicina em si, o tal contato diário com a morte, foi o que menos me influenciou. O problema está nessa merda de faculdade. Não adianta reformular o currículo, eu mesmo era cobaia de um currículo novo. A questão é outra. Você que estuda na Politécnica, pode imaginar uma competição maior que lá? Pois saiba, na Medicina é pior. Deveria ser um local para você aprender a se relacionar com seres humanos, mas... Queremos tratar bem os pacientes, mas não nos damos bem nem entre nós alunos: a hostilidade interclasses é a marca registrada. E aí de quem não entrar num certo grupo, numa certa “panela”. Quem são os chefões? Os próprios professores. As pessoas se sentem traídas a todo momento. Em vez de ter uma amizade sincera, fazem só amizades de interesse. Avança no curso o cara insensível, ou o que acaba perdendo a sensibilidade. Essa faculdade aviva nossas características mais rudes.

Essas quatro reportagens têm narrativas que nos conduziram ao elemento central de reflexão nesta tese: qual o *ethos* do narrador no jornalismo? Justamente por deixarem explícita a diferença entre narrador e autor, aqui encontramos quatro peças jornalísticas que são reveladoras dos caminhos da narrativa. Sim, inclusive no jornalismo, autor e narrador são instâncias distintas. Audálio, Cremilda, Ivan e Angelo não se furtaram a ir plenamente ao outro – assumir sua voz em primeira pessoa. Mesmo no texto de Dantas, no qual a narrativa está em terceira pessoa, a voz do caranguejo vem à tona com a mesma intensidade da voz humana.

Entretanto, são exemplos raros, que não fazem parte das rotinas em veículos de comunicação. Mas isso invalidaria o questionamento? O narrador não é sempre uma criação textual, seja no mundo da ficção ou das narrativas da

contemporaneidade? Eis a pergunta que nos guiou. Nossa hipótese é que sim. Ainda que o jornalista adote uma estratégia narrativa mais usual na reportagem – o narrador em terceira pessoa, distante e observador, ele estará promovendo a “elaboração de um sujeito outro” quando vai contar uma história. Muitas vezes, este sujeito outro aparece de forma sutil, quase imperceptível. Entretanto é o narrador, criado pelo autor, que tem autonomia para manejar o tempo, o espaço e as vozes dos entrevistados. A apuração está na instância do autor (repórter). O contar a história está na instância do narrador.

Será isso mesmo? Veremos.

Tratemos agora de apresentar os encontros.

Esta tese tem uma dívida de gratidão com mais de uma dezena de autores. Sim, gratidão! Pois é na confluência de ideias, é no compartilhar de percepções que uma aprendiz de pesquisadora vai tateando seus próprios caminhos. Ao visar autores, ao buscar a interlocução com as inquietações intelectuais de personas que percorreram caminhos tão diversos em tempos tão distintos, esta tese também ressignifica as ideias de cada um deles.

Caminhar de mãos dadas com Ricoeur, Goffman, Medina, Buber, Restrepo, Friedman e tantos outros exige a delicada e dedicada arte da costura. Juntar autores e obras numa colcha de indagações para alinhar um novo percurso, para experimentar um caminho de conhecimento é tatear novas trilhas usando lamparinas que já iluminaram muitas sendas.

Com Paul Ricoeur, vamos ao encontro de um autor que traz, nos três volumes de *Tempo e Narrativa*, uma contribuição extremamente valiosa para compreendermos como a narrativa é uma experiência que articula nossa relação

com o tempo. As narrativas produzem um conhecimento do mundo, é o que diz Ricoeur. A postura filosófica do autor nos aponta que narrar é uma forma de agir no mundo, é tornar experiências vividas em um emaranhado de pontos de vista. Para Ricoeur, o ponto de vista, “designa a orientação do olhar do narrador em direção aos seus personagens e dos personagens uns em direção dos outros” (RICOEUR, 2010, p.162, vol 2).

Junto à tipologia estabelecida por Norman Friedman, encontramos pistas fecundas para olhar mais de perto as facetas das estratégias narrativas adotadas por um autor (aqui, os repórteres). Para Friedman, as perguntas que devemos fazer para compreender o narrador são: quem conta a história? De que posição o narrador conta a história? Que canais de informação o narrador usa? A que distância o narrador coloca o leitor da história? Pois tais perguntas também nos guiaram na leitura das reportagens selecionadas para a reflexão nesta tese.

Já a obra de Martin Buber, oferece-nos a possibilidade de compreender a arquitetura do diálogo como uma postura filosófica da fenomenologia da relação na qual a palavra é “princípio e fundamento da existência humana”, cuja categoria principal é a dialogicidade. “O movimento básico dialógico consiste em voltar-se-para-o-outro” (BUBER, 2014, p.56). Com Buber, adentramos no mundo da conversação, e ele nos alerta que “tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo e, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzem, experienciá-lo em toda sua concretude” (2014, p.58).

Com Erving Goffman, vamos nos valer de seus estudos sobre o comportamento humano diante da interação face a face. Partindo de uma noção

teatralizada dos papéis que desempenhamos na sociedade, observaremos as representações e fachadas que entrelaçam o que se espera do trabalho de um repórter. O jornalista (repórter) é um ator social que transita por um conjunto de valores socialmente valorizados e diante dos quais há expectativa sobre o fruto de sua produção jornalística.

De todos os autores com os quais estabeleço pontes e conversações, não há dúvida que o encontro mais fértil e afetuoso dá-se com Cremilda Medina e com pesquisadores (Fernando Rezende, Raul Osório Vargas, Rogério Christofolletti, entre outros) que sorveram dos seus ensinamentos. A mestra estabeleceu um caminho, muitas vezes, abrindo frentes tal qual uma exploradora de tempos primevos, seguindo, intuitivamente, percursos plurais e agregadores de múltiplos saberes que nos colocam diante da experiência e da articulação do conhecimento sobre a natureza da narrativa jornalística. Nessa caminhada de décadas, a repórter e a pesquisadora se fundem num amálgama de indagações e diálogos. As 16 obras e 52 coletâneas organizadas por Cremilda Medina são fecundas para transitarmos da poética da interpretação, aproximarmo-nos das metáforas da rua e culminarmos nas palavras de afeto.

E, por falar em afeto, Luis Carlos Restrepo é outro autor destacado. Pesquisador de múltiplas metáforas, este colombiano propõe uma aproximação das esferas do público e do privado por meio das múltiplas dimensões que os atos afetivos são capazes de aflorar. Para além da racionalidade na qual mergulharmos ontologicamente a experiência humana, Restrepo indica que o caminho do conhecimento passa pela nossa capacidade de explorar os cinco

sentidos em plenitude. Ele destaca como a distância corporal e as posições de poder recusam o tato e o olfato como forma de experienciar o ambiente e o outro.

Além dos autores destacados nos parágrafos anteriores, esta tese faz um intenso diálogo com as reportagens selecionadas e com as reflexões feitas pelos jornalistas. Reportagens e repórteres são os dois fios essenciais para a tessitura da tese.

Então, sigamos adiante, entre encantamentos e encontros.

Introdução – Caminhos rumo à tese

A presente pesquisa busca identificar o *ethos*⁷ do narrador no jornalismo. Como nos propõe a pesquisadora Cremilda Medina, entendemos o jornalismo como uma narrativa da contemporaneidade, que ressignifica o caos cotidiano. Nesta perspectiva, o jornalista é um autor-mediador social, um produtor de sentidos, que se dedica “à arte, à prática de reportar o mundo vivo” para “tecer as mediações simbólicas da realidade contemporânea” (2006, p.87). Ao adotar a condição inequívoca de autoria no texto, o jornalista abre-se para a possibilidade dar maior complexidade ao ato narrativo, assumindo perspectivas distintas no texto. Abre-se para a possibilidade de articular vozes, visões de mundo e experiências no desejo de compreender a atualidade.

Independentemente do tipo de veículo no qual atua (jornal, revista, rádio, televisão, internet), o repórter adota estratégias para “contar o que viu e o que apurou”. Eis o foco da presente pesquisa: compreender essas estratégias narrativas, como elas se articulam, e detectar um *corpus* do narrador no jornalismo.

Aqui nos debruçamos sobre o texto e o fazer jornalístico na atualidade. Buscamos uma reflexão sobre os elementos que envolvem a construção das narrativas do jornalismo (no ambiente do impresso,

⁷ Pode ser compreendido como o conjunto de valores, traços, costumes que definem o comportamento de uma pessoa ou uma sociedade. No caso, vamos trabalhar esta noção no campo do jornalismo, mais especificamente do narrador no jornalismo.

do rádio, da televisão e da internet), com o foco sobre a reportagem – um gênero textual expressivo e paradigmático, que é singular do jornalismo.

Na **Parte I** desta tese, tentamos compreender aspectos do percurso da reportagem – um gênero capaz de iluminar a complexidade do mundo contemporâneo, pois tem potencial para reelaborar simbolicamente a realidade por meio da narrativa densa, intensa, complexa. Entramos na arquitetura do fazer, nos elementos que compõem os passos iniciais do surgimento da reportagem: a pauta e suas nuances. Seguimos, ainda na arquitetura do fazer, observando as condições de apuração das reportagens (um conjunto de 20 textos selecionados), especialmente quanto aos diálogos com os entrevistados/personagens.

Na **Parte II** desta tese, mergulhamos nos aspectos que compõem as estratégias narrativas de cada reportagem selecionada, observando as escolhas e os percursos feitos pelos repórteres, autores das reportagens. As perguntas que nos guiam nesta etapa são: quem narra? Quais são as estratégias utilizadas? Como as vozes, o tempo e o espaço foram manejados pelo narrador? Aqui caminhamos rumo aos “sujeitos projetados”, construídos pelos autores para a elaboração das narrativas.

Na **Parte III**, estabelecemos um diálogo com o “sujeito real e empírico” que é o autor. Esse sujeito, que é um leitor cultural, é também dotado de direitos e deveres, tem um lugar social demarcado por sua formação profissional e age

socialmente também em sintonia com o veículo de comunicação para o qual trabalha (a sintonia não significa ausência de conflitos, mas a permanente necessidade de mediação). A identidade social do jornalista transita no cruzamento de dois planos: 1) de um conjunto de normas e valores, tacitamente, aceitos e apreendidos na sua formação profissional; 2) de um conjunto de concepções formuladas, intuitivamente, na prática cotidiana da profissão, nas quais se detectam os traços de visão de mundo e concepção de jornalismo que cada autor carrega consigo.

Na **Parte IV**, dialogamos com os elementos que nos indicam a constituição do *ethos* do narrador no jornalismo.

Objetivos

O objetivo geral dessa pesquisa é o de contribuir para as reflexões sobre o *ethos* do narrador no jornalismo, tomando como referência a prática jornalística atual do Brasil. As narrativas observadas são reportagens publicadas/veiculadas em jornais, revistas, rádios, televisão e internet. Além da observação das reportagens, foram entrevistados os repórteres responsáveis por suas respectivas produções jornalísticas.

O que se buscou com estas observações e entrevistas foi testar a hipótese de que o jornalista está envolvido em uma complexa tessitura de sujeitos na elaboração da reportagem. Esta tessitura alinhava-se no fio do autor e no fio do narrador. O autor constitui-se do sujeito institucional do jornalista, é aquele que age e fala do lugar social no qual estão fixados os profissionais de jornalismo. O narrador é um sujeito (ou sujeitos) outro criado pelo autor para tecer a história.

Ele é fluido e nasce ao sabor da história, a partir do tom daquilo que foi apurado e das relações estabelecidas pelo autor.

Objetivos específicos:

- 1) Compreender as dimensões e as distinções do autor e do narrador na grande reportagem jornalística;
- 2) Identificar as características das estratégias narrativas adotadas pelos jornalistas autores (nas reportagens selecionadas);
- 3) Verificar se o narrador no jornalismo constitui-se como um sujeito epistêmico dotado de substância e propriedades.

Justificativa

Em determinadas áreas do conhecimento, é absolutamente tranquilo e comum perceber que autor e narrador são instâncias distintas. Na literatura, por exemplo, é visível que o autor é aquele que cria/elabora e assina a obra. Este autor pode adotar inúmeras perspectivas para contar uma história, eis o narrador. De acordo com Norman Friedman⁸ (2002), para sistematizar o ato narrativo é preciso ter claro algumas questões a serem respondidas: quem conta a história? Qual é a posição que o narrador adota para contar a história? Quais são os canais que ele usa? Qual distância ele coloca o leitor da história narrada?

Se na literatura e no cinema a existência explícita do narrador (ou de narradores) ao se contar uma história é algo consumado, no jornalismo esta definição ainda carece de mais investigação. A narrativa no jornalismo já

⁸ Norman Friedman é um pesquisador dos EUA que publicou o artigo *Point of View in Fiction, the development of a critical concept*. In: STEVICK, Philip (ed). *The Theory of the novel*. New York: The Free Press, 1967. Em 2002, a Revista da USP publicou uma tradução do artigo.

mereceu o olhar de diversos pesquisadores em mestrados ou doutorados na própria ECA/USP, entre os quais destacamos Raul Hernando Osório Vargas (1988, 2003), Dimas A. Künsch (1999, 2004), Fernando Resende (2002), Rogério Christofolletti (2004), Denise Casatti (2006), Sergio Vilas Boas (2006), Monica Martinez (2008), Alex Criado (2006), Renato Essenfelder (2012), Carlos Sandano (2014), Cicélia Pincer (2014), Mara Rovida (2014) entre outros. Mas as conexões específicas entre autor e narrador não foram o foco central dos pesquisadores citados.

Para investigar as estratégias narrativas adotadas pelo jornalista ao narrar uma reportagem, banharmo-nos dos próprios repórteres e suas peças jornalísticas. O diálogo com os jornalistas foi uma oportunidade singular para detectarmos os elementos que nos ajudam a compreender as dimensões do narrador na profissão. Esta pesquisa transita, portanto, por alguns campos do conhecimento, mas estabelece maior conexão entre o jornalismo e a narratologia.

De acordo com Reis e Lopes (2007, p.285), “a narratologia é uma área de reflexão teórico-metodológica autônoma, centrada na narrativa como modo de representação literária e não-literária”. E continuam:

Concebendo a narrativa numa perspectiva organicista, a narratologia procura, pois, descrever de forma sistemática os códigos que estruturam a narrativa, os signos que estes códigos compreendem, ocupando-se de um modo geral, da dinâmica de produtividade que preside à enunciação dos textos narrativos. Por outro lado, a narratologia, ao contemplar prioritariamente as propriedades modais da narrativa, não privilegia em exclusivo os textos narrativos literários, nem se restringe aos textos narrativos verbais; ela visa também práticas narrativas como o cinema [...] ou a narrativa de imprensa (REIS; LOPES, 2007, p.285).

Debruçar-se sobre a constituição do narrador no jornalismo é uma tarefa relevante no campo das pesquisas em comunicação, pois o texto (*lato sensu*) veiculado na imprensa é uma das formas mais usuais de leitura da realidade na contemporaneidade. As compreensões e visões de mundo que os cidadãos são capazes de elaborar, via de regra, estão permeadas por aquilo que lhes chega as mãos via jornais, revistas, TV, rádio e internet. A partir da prática dos repórteres (autores), teremos condições de verificar procedimentos e características que cada um deles adota para ressignificar o mundo para seus leitores, telespectadores, ouvintes ou internautas.

Pesquisa de campo - Formato e Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, realizaremos esta pesquisa utilizando o método indutivo. A investigação se dará fundamentada na revisão bibliográfica e com base nas seguintes técnicas:

Leitura cultural de grandes reportagens

Aqui escolhemos uma amostra de reportagens publicadas na imprensa brasileira. O conjunto de reportagens foi publicado em veículos jornalísticos tradicionais, isto é, jornais/revistas/sites/programas de TV e de rádio consolidados no mercado. As “peças jornalísticas” observadas foram elaboradas “em condições normais de temperatura e pressão”, isto é, em ambientes rotineiros da produção jornalística, com tempos de apuração e redação seguindo da normalidade de cada veículo de comunicação/programa jornalístico ou editoria na qual o repórter estava inserido.

Até a definição final dos textos a serem observados para compor o *corpus* da tese, foi necessário esquadrihar a produção dos repórteres ao longo das suas carreiras. Em quase todas as situações ocorreu a leitura, de pelo menos, umas dez grandes reportagens de cada repórter-autor.

A escolha das reportagens selecionadas foi feita de forma articulada entre uma pré-seleção feita pela pesquisadora e as sugestões dadas pelos repórteres a partir do momento em que eles tinham clareza sobre o tipo de pesquisa que estava sendo feita. Objetivamente, eles indicaram reportagens que exigiram um trabalho mais minucioso nas construções das narrativas⁹.

Fizemos uma leitura cultural das reportagens selecionadas quanto: pauta e enfoque; aprofundamento do tema; estratégias narrativas empregadas etc. Como nos recomendam Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro, a narrativa densa no jornalismo entrelaça quatro tendências (1 – o aprofundamento do contexto; 2 – a humanização do fato/protagonismo; 3 – as raízes históricas do acontecimento; 4 – os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas)¹⁰. A leitura cultural de cada reportagem busca tais tendências e como elas se articulam com as estratégias narrativas.

No total, foram observadas 20 grandes reportagens assim distribuídas (4 de TV; 4 de rádio; 3 de internet; 4 de jornal e 5 de revistas). Incluímos, nos

⁹ A única exceção nesta dinâmica foi quanto ao repórter Ricardo Brandt. O convite foi feito a ele para tratar da reportagem multimídia *Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão* (Estadão) e da versão impressa dela.

¹⁰ Esta reflexão está no pioneiro livro **A arte de tecer o presente**, publicado em 1973. É uma obra que traça as características da reportagem interpretativa a partir de observação de um conjunto e textos de publicados em jornais brasileiros, entre os quais *Jornal da Tarde*, *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Com uma edição “artesanal”, como costuma mencionar uma das autoras, Cremilda Medina, o livro condensa uma reveladora perspectiva de olhar sobre a texto da reportagem no Brasil dos anos 1970.

anexos (Anexo 1 – reportagens de TV e rádio, p.199; Anexo 2 – reportagens de jornal, revista e multimídia, p.202) desta tese, todas as peças jornalísticas selecionadas sobre as quais fizemos uma leitura cultural e sobre as quais dialogamos com os 10 repórteres entrevistados¹¹.

Entrevistas semiestruturadas com repórteres

No total, foram 10 jornalistas entrevistados (ver Apêndice 1, p.127). De cada um deles, selecionamos duas peças jornalísticas nas quais a densidade narrativa está claramente expressa. Na entrevista buscamos compreender as condições concretas de apuração das informações e de elaboração de cada narrativa. Todas as entrevistas foram feitas pessoalmente e gravadas.

¹¹ Detalhes sobre os repórteres e reportagens estão no Apêndice 1 e nos Anexos 1, 2 e 3 da tese. Nesta nota, apresentamos uma breve síntese sobre eles. **Bernardo Esteves**, jornalista formado pela UFMG, em 1999. Reportagens selecionadas: *Cooperação conturbada* e *Os seixos da discórdia* (revista Piauí). **César Dassie**, jornalista formado pela Metodista de Piracicaba/SP, em 1994. Reportagens selecionadas: *As parteiras do campo* e *Nelson da Rabeca* (programa Globo Rural, TV Globo). **Christian Carvalho Cruz**, jornalista formado pela PUC/SP, em 1996. Reportagens selecionadas: *Crônica de uma morte à toa* e *Fóssil à deriva* (O Estado de S. Paulo). **Fabiola Cidral**, jornalista formada pela UniSantos/SP, em 1999. Reportagens selecionadas: *Taxistas: histórias dos bastidores da vida* e *Vivência de olhos vendados* (rádio CBN). **Juliana Carpanez**, jornalista formada pela Metodista de São Paulo, em 2002. Reportagens selecionadas: *A nova bolha* e *Quer que eu desenhe?* (TAB UOL). **Luiza Villaméa**, jornalista formada pela Cásper Líbero/SP, em 1989 (também é formada em psicologia pela UFMG, em 1980). Reportagens selecionadas: *Quando meninos são fichados como terroristas* e *Como um passarinho* (revista Brasileiros). **Marilu Cabañas**, jornalista formada pela UniSantos/SP, em 1983. Reportagens selecionadas: *Essas crianças tão especiais* (rádio Cultura) e *Cantoria dos idosos* (rádio Brasil Atual). **Neide Duarte**, jornalista formada pela FAAP/SP, em 1974. Reportagens selecionadas: *Quase o peso de um passarinho* e *Quase o peso de um passarinho – dois anos depois* (Caminhos&Parcerias, TV Cultura). **Ricardo Brandt**, jornalista formado pela PUCCamp/SP, em 1999. Reportagens selecionadas: *Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão* (Estadão, multimídia) e *Crack: a geografia do vício* (Estadão, impresso). **Tom Cardoso**, jornalista formado pela FIAM/SP, em 1998. Reportagens selecionadas: *O fruto proibido* (revista Alfa) e *O escritor e seu duplo* (Valor Econômico).

Ao nos debruçarmos em dois textos de cada autor, o intuito foi ter um leque da produção do jornalista e estabelecer as conexões desta produção com a constituição do *ethos* do narrador. Se nos fixássemos em apenas uma peça de cada jornalista, correríamos o risco de fazer uma reflexão focada em uma situação muito singular.

Para a seleção dos 10 jornalistas, partimos de três pontos:

- 1) Escolher repórteres profissionais, com pelo menos uma década de atuação em redações jornalísticas;
- 2) Escolher profissionais que tivessem experiência com a apuração e elaboração de reportagens;
- 3) Escolher profissionais cujas trajetórias revelassem uma postura mais autoral na elaboração das suas reportagens;
- 4) Escolher material publicado em veículos de comunicação consolidados.

A princípio, do leque de repórteres seria possível ter profissionais de qualquer lugar do Brasil, entretanto, por uma questão de logística e operacionalidade, trabalhamos com experiências de São Paulo e Rio de Janeiro.

Parte I

**Reportagens – ambiente do
diálogo e da ressignificação
da realidade**

1.1 – Nas tessituras da reportagem

O texto nobre do jornalismo. A reportagem é o espaço da dialogia e da polifonia na busca pela ressignificação da realidade no mundo contemporâneo. Ainda que a imprensa na sua forma impressa tenha mais de meio milênio de história no mundo ocidental (informes manuscritos têm registros de mais longa data), o repórter e a reportagem – sujeito e obra – se fazem presentes somente como uma faceta um tanto mais contemporânea no campo jornalístico.

É desnecessário um tom genesisista que, ingenuamente, busque cravar uma data fundante para o nascimento da reportagem. Pouco provável que pesquisadores possam ter tal capacidade. Entretanto, se fitarmos o olhar para terras brasileiras, sem alargar os horizontes para outras fronteiras, vale ter o contexto histórico dos primeiros anos do século XX como uma referência a ser observada.

Vamos a um sujeito-repórter emblemático. João do Rio, nascido João Paulo Alberto Coelho Barreto em 1881, na rua do Hospício, 284, na cidade do Rio de Janeiro, filho de um matemático positivista. Menino mestiço, homossexual, desejoso de trilhar uma carreira na diplomacia, segue mesmo o mundo das letras nos jornais. Em 1904, na *Gazeta de Notícias*, publica uma série de textos posteriormente editados em livro com o título *As religiões no Rio*¹². Pelo menos cinco anos antes, João

¹² A primeira edição da obra, publicada pela livraria Garnier, em 1904, tornou-se um *best-seller*, com tiragem de 10 mil exemplares. De acordo com João Carlos Rodrigues, na apresentação da reedição da obra pela José Olympio (2015), há certa coincidência e semelhança de abordagem nos textos de João do Rio e de Jules de Bois, autor de uma série intitulada *Les petites religions de Paris*, publicada no jornal *Le Figaro*, em 1898.

do Rio publicava na imprensa carioca. Entretanto, a série *As religiões no Rio* expõe o olhar do autor para o campo da observação e inaugura seu método etnográfico de ir às ruas. Ou seja, revela o repórter e a reportagem.

“Como jornalista que era, João do Rio, particularmente, desenvolveu uma sensibilidade etnográfica que lhe permitiu captar vários mundos pelos quais transitava no Rio de Janeiro de sua época”. (2008, p.02) É o que escreve o antropólogo Gilberto Velho, no prefácio da obra *De olho na rua: a cidade de João do Rio*, cuja origem é a dissertação de mestrado de Julia O'Donnell, defendida no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do UFRJ.

Ao trazer João do Rio para o centro de suas reflexões para pensar os aspectos da antropologia urbana, a pesquisadora apresenta-nos o jornalista:

João do Rio tinha no jornalismo sua profissão, o que o diferenciava da esmagadora maioria de seus predecessores (como Machado de Assis, Aloísio de Azevedo, Olavo Bilac e tantos outros) que viam as redações como um complemento financeiro às suas atividades principais [...]. Imerso com encantamento e crítica no processo de crescimento da cidade no período, o autor nos oferece uma visão dos aspectos mais sensíveis (e por isso mesmo menos acessíveis) da urbanização do espaço da cidade e de seus habitantes. A minúcia com que são bordados detalhes referentes a essa temática revela, nesse autor, o que denomino como um *temperamento etnográfico*. O estranhamento com que ele se postava diante do observado fez com que seus textos, a modernidade ganhasse contornos humanos em expressões, gestos e valores da intersubjetividade que circulava nas ruas de calçamento ainda fresco. [...] As peculiaridade do olhar lançado por João do Rio ao seu redor mostram um aguçado senso de percepção das relações sincrônicas, tão caro à epistemologia do trabalho etnográfico (O'DONNELL, 2008, p.7-9).

O repórter João do Rio fez aquilo que a tradição *scholar* exalta como essência da prática da reportagem: “sujar os sapatos”; “colocar o pé na lama”; “ir às ruas”. Atitudes raríssimas naqueles tempos de um jornalismo ainda ensimesmado em priorizar artigos de fundo que exaltavam autores e suas ideias. As páginas dos jornais e revistas não eram espaço de destaque da reportagem. Os textos ainda não revelavam um fazer jornalístico que abarcasse o traquejo do olhar o outro, perceber o outro, sentir o outro e, especialmente, dialogar com o outro.

Os textos de João do Rio publicados na *Gazeta de Notícias* têm alguns dos traços com os quais vamos alinhar as reportagens selecionadas para o mergulho nesta tese. Em uma conferência que posteriormente foi publicada na *Gazeta de Notícias*, em 29 de novembro de 1905, sob o título “A rua”, João do Rio explicita a importância dela como espaço de observação da dinâmica social na modernidade:

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias cantarem, cobertos de suor, sua melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas (RIO, 1997, p.48).

Ele continua:

Oh! sim, as ruas têm alma! Há ruas honestas, ruas ambíguas, ruas sinistras, ruas nobres, delicadas, trágicas, depravadas, puras, infames, ruas sem história, ruas tão velhas que bastam para contar a evolução de uma cidade inteira, ruas guerreiras, revoltosas, medrosas, spleenéticas, *snoobs*, ruas aristocráticas, ruas amorosas, ruas covardes, que ficam sem pinga de sangue... (RIO, 1997, p.55-56)

E segue:

A rua é a civilização da estrada. Onde morre o grande caminho começa a rua, e, por isso, ela está para a grande cidade como a estrada está para o mundo (RIO, 1997, p.65-66).

As reportagens de João do Rio articulam alguns dos princípios que Cremilda Medina traça como recomendação para uma narrativa densa no jornalismo. Destacamos: o aprofundamento do contexto; a humanização do fato/protagonismo; as raízes do acontecimento e os diagnósticos e prognósticos de fontes especializadas. No texto que abre a edição do livro, João do Rio sintetiza:

Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. [...]

Eles vão por aí papas, profetas, crentes e reveladores, orgulhosos de cada um do seu culto, o único que é a Verdade. Falai-lhes boamente, sem intenção de agredi-los, e eles se confessarão – porque só uma coisa é impossível ao homem: enganar seu semelhante, na fé. [...]

Foi o que fiz na reportagem para a qual a *Gazeta de Notícias* emprestou tão larga hospitalidade e um tão grande ruído; foi este o meu esforço: levantar um pouco do mistério das crenças nesta cidade (RIO, 2015, p.15-16).

Vamos a um segundo sujeito-repórter emblemático de outrora. Eugênia Brandão¹³, nascida em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1898. Neta de um Barão, de família abastada. A menina Eugênia, entretanto, viveu o luxo e a educação primorosa apenas na infância. Com o pai falecido, mãe e filha saem de Minas rumo ao Rio de Janeiro. E lá, Eugênia, depois de alguns empregos, chega à redação de um jornal recém-inaugurado, “A Rua” [ei-la aqui novamente], cuja sede funcionava na Rua do Ouvidor. A narrativa dessa história pode ser lida em *Eugênia Brandão, a primeira repórter do Brasil*:

[...]Na redação do jornal A Rua chega alguém. O rosto ainda é desconhecido pela maioria. Chapéu de feltro, mãos descobertas, sapato bico fino bem lustrado, gravata um pouco solta no colarinho, calça e paletó tão largos que caberiam ali duas delas. É Eugeninha Brandão. Com passos lentos ela se aproxima e causa um misto de espanto e admiração. Enquanto isso, nas calçadas da Rua do Ouvidor, as mocinhas andam acompanhadas, ou por um cavalheiro, ou pelos pais, ou, ainda, por empregados. Usam delicadas sombrinhas tapando o rosto do sol, vestem-se com espartilhos que as deixam com a silhueta em “S”, com o busto levantado e os quadris empinados para trás [...] (ALMEIDA, 2007, p.67).

Pouco afeita às convenções sociais, emprega-se no jornal como repórter (função que não existia para mulheres na época). A irreverência e ousadia do jornal, comandado pelo secretário Ferreira dos Santos, são o ambiente propício para que Eugênia protagonizasse uma experiência de reportagem de imersão em um asilo carioca.

¹³ As referências sobre a história desta personagem são escassas na literatura nacional. Um dos trabalhos de pesquisa que traz um levantamento rico em detalhes da vida da repórter Eugênia Brandão é o TCC, no formato de livro-biografia – *Eugênia Brandão, a primeira repórter do Brasil* – elaborado por Lara Monique Oliveira Almeida, nas Faculdades Integradas Teresa D’Ávila, em Guaratinguetá. A autora consultou o acervo do jornal “A Rua”, na Biblioteca Nacional/RJ, e entrevistou os familiares da jornalista Eugênia, que faleceu em 1948.

Para investigar detalhes de um episódio que havia chocado o Rio de Janeiro, o crime da Rua Januzzi, Eugênia interna-se, em maio de 1914, no Asylo Bom Pastor, instituição que abrigava moças. Ficou lá por pouco mais de 48 horas, até ser descoberta sua condição de repórter. Não conseguiu desvendar a história que foi buscar, entretanto, a breve convivência com as outras jovens asiladas resultou em uma série de reportagens assinada por Eugênia Brandão sobre as condições de vida no Asylo, publicada entre os dias 15 e 20 de maio de 1914. A sensibilidade dos textos e o ineditismo da imersão de uma repórter mulher transformaram Eugênia e suas reportagens em assunto recorrente nas rodas boêmias de intelectuais do Rio de Janeiro. Vejamos um pequeno trecho da reportagem *48 horas no Asylo Bom Pastor*, publicada no dia 19 de maio de 1914:

[...] Arrumados os dormitórios cada uma foi tratar da sua tarefa. Algumas foram para o tanque lavar. Outras seguiram para a cozinha, outras foram engomar os paramentos da capella. Muitas ficaram na sala de aulas entregues aos seus bordados, às suas costuras, [...]. Era uma pequena colmeia [...] agora alegrada pelos sons suaves de uma piano, o único, parece, que existe na casa, e que era tocado com um certo sentimento por uma pequena morena, de lindo cabelo amarellado, e de uns olhos pretos extraordinários. Essa criatura levava uma vida aparte das outras asyladas. Estudava piano, tinha uns modos profundamente distintos, e era de um temperamento arredo. Que fazia ali? Como se chamava? Parece-me que a chamavam pelo nome de Helena. Helena de que? Qual era sua história e a sua origem? Parecia inteligente e nervosa [...] (BRANDÃO, 1914, "A Rua").

Os textos de João do Rio e de Eugênia Brandão são emblemáticos de uma forma de narrar o mundo, a reportagem. Quando

Cremilda Medina e Paulo Roberto Leandro buscaram, em esforço conjunto¹⁴, esmiuçar a reportagem no campo empírico da produção impressa, eles estabeleceram um laço entre três pensadores – Nietzsche, Marx e Freud – com o intento de pensar a narrativa da reportagem como um ponto luminoso de resistência cultural, pautado pela experiência da rua e que experimenta desvendar, em comunhão, a realidade presente.

João do Rio. Eugênia Brandão. Os repórteres-estudantes do projeto São Paulo de Perfil¹⁵. Os repórteres estudados nesta tese. Todos eles e mais centenas de outros apresentam algumas das facetas mais emblemáticas da elaboração de uma reportagem, um texto singular da prática jornalística. Um texto que exige a articulação de quatro elementos essenciais: 1 – observação atenta e sensível dos fatos e personagens; 2 – experiência *in loco* (isto é, ir aos acontecimentos); 3 – diálogo com distintas fontes de informação/personagens; 4 – costura de visões/opiniões/vozes na elaboração do texto. É na junção destes quatro elementos que se dá a densidade da reportagem.

¹⁴ Cf. Nota explicativa 9.

¹⁵ Uma coleção organizada por Cremilda Medina com 26 livros, publicada ao longo de mais de quase duas décadas, entre 1987 e 2004, com reportagens elaboradas por alunos da ECA/USP. A proposta do projeto São Paulo de Perfil, uma experiência emblemática a arte de reportar, trazia a cada edição uma pauta que se propunha um olhar múltiplo e complexo em torno de um tema. Os livros foram: *Virado à Paulista*; *Vozes da Crise*; *Nos passos da rebeldia*; *Forró na Garoa*; *Hermanos aqui*; *A casa imaginária*; *Paulicéia prometida*; *À margem do Ipiranga*; *A Escola no Outono*; *O primeiro Habitante*; *Farra Alforria*; *Tchau Itália, Ciao Brasil*; *Guia das Almas*; *Nau dos desejos*; *Vamos ao Centro*; *Axé*; *Tietê, mãe das águas*; *Bem Viver, Mal Viver*; *Mundão Véio Sem Porteira*; *Chá de Bambu*; *Cotidianos do Metrô*; *Ó Freguesia, quantas histórias*; *Sagas do Espigão – 90 anos de Medicina e Vida*; *Caminho do café – Paranapiacaba, museu esquecido*; *USP Leste e seus vizinhos*.

Em qualquer dos elementos (observação/experiência/diálogo/costura), o repórter é instigado a ir ao outro em busca de percepções, relatos e análises que procuram dar pistas da história do presente por meio de múltiplas vozes, múltiplos olhares. A rigor, a reportagem jamais poderia prescindir da dialogia¹⁶ e da polifonia¹⁷. Tal qual nos aponta Cremilda Medina, o repórter é um “relacionador de vozes e gestos” que busca partilhar no texto uma “construção social dos sentidos”:

A construção social dos sentidos acontece na rua, no cotidiano e na oratura cujas marcas de estilo revelam a poesia dos cantadores anônimos. Ao relacionador de vozes e gestos cabe coletar esses textos, ligá-los e os sentidos da produção intertextual. Que faz o poeta que se consagra no registro? Toma de empréstimo o imaginário coletivo porque o carrega colado à consciência literária, num afloramento constante do vulcão inconsciente. O *gesto da arte* em muito se afina com o *gesto coletivo* e, assim como a literatura, a oratura traduz o humano ser (MEDINA. 2003, p.74).

Repórter e reportagem são indissociáveis. Sujeito e obra. Ambos estão circunscritos em um rol de procedimentos, regras, normatizações que balizam a proposição do tema (pauta), o processo de apuração e a feitura do texto. O *modus operandi* utilizado para a elaboração de uma reportagem alinhava-se também com o veículo, com uma política editorial, com as condições de apuração. É a arquitetura do fazer.

¹⁶ Em Buber, a dialogia consiste em um movimento básico que é “voltar-se-para-o-outro”.

¹⁷ Em Bakhtin, a polifonia é a capacidade de articulação interativa de pontos de vista no texto.

1.2 – Arquitetura do fazer, o nascer da reportagem

Como nasce uma reportagem? A proposição da pauta é o momento que dá início ao processo que culminará no texto final. Das 20 reportagens selecionadas para esmiuçarmos nesta tese, temos um amplo leque de possibilidades de *start* da pauta que nos permite inferir uma rica dinamicidade e múltiplas possibilidades de elementos que podem ser disparadores de propostas de pautas.

Uma observação prosaica do cotidiano, uma cena que salta aos olhos, uma sugestão de leitor/telespectador/ouvinte atento, uma curiosidade... A pauta nasce de modos mil. Nasce também alinhavada com um importante fio: de onde estou falando (qual é o veículo de comunicação e qual é a sua política editorial). Pautas são impulsionadas por perguntas, por indagações, por estranhamentos. Aqui já começam ser estabelecidas as primeiras conexões que, muitas vezes, permitem-nos compreender as escolhas e as estratégias narrativas adotadas *a posteriori*.

Vejamos o que nos dizem alguns dos repórteres sobre a forma como surgiram algumas das propostas de pauta aqui observadas.

César Dassie, repórter do Globo Rural, fala sobre **As parteiras do campo**:

Bom, a reportagem das parteiras surgiu assim: eu vi uma matéria da Neide Duarte [...] na TV Cultura. Gostei do tema e fiquei uns cinco anos tentando desenvolver a pauta. Comecei a apurar alguma coisa aqui, outra ali. Na verdade, fui meio egoísta, porque não queria passar essa pauta para ninguém. Eu falei: “quero fazer!”. Aí comecei aos poucos levantando material,

informações, mas minhas viagens sempre já tinham uma matéria principal pautada. E o tempo foi passando. Até que chegou um dia, meu chefe falou: “você vai viajar, não sei para onde ainda”. Eu falei: “eu já sei para onde! Posso começar a produzir?” Ele disse: “Pode!” Foi aí que, efetivamente, eu liguei para as parteiras... Enfim, comecei a levantar, de verdade, o material.

Bernardo Esteves, da revista Piauí, comenta os primeiros passos para o engatilhar da reportagem **Os seixos da discórdia**:

Quem acompanha o noticiário científico já ouviu falar da Serra da Capivara. Desde os anos 1980, é uma história que se reinventa. Antes de fazer a reportagem, eu ainda não tinha ido lá. Mas sabia que ali teria uma história boa para se contar, com a pegada da Piauí. Enfim, por uma controversa, dar voz aos múltiplos lados, com as visões divergentes e um pano de fundo riquíssimo. [...]

A Serra da Capivara é um caso notório. Há pesquisadores falando: tem gente aqui há 30 mil anos. [...] Mas, enfim, a tese mais divulgada é que os humanos chegaram na América há 15 mil anos. [...] Eu sabia que ali havia um burburinho. É um tipo de história que interessa ao jornalismo que a gente faz na Piauí, com ambiente, com ação. Não é um jornalismo de conclusões. É um jornalismo de processo, de procedimentos, de tentar mostrar quais são os alicerces do conhecimento. Eu sabia que tinha uma história boa, só que não tinha um gancho. Fiquei alimentando a ideia. Em abril ou maio de 2013, foi publicado um artigo no *Journal of Archaeological Science*, uma prestigiada revista de arqueologia dos Estados Unidos. A imprensa repercutiu o fato. A escola norte-americana de arqueologia é o foco maior de resistência a essas ideias. Eu falei: “essa é a hora, agora justifica, a gente tem um gancho.” Aí eu lancei a ideia em uma reunião de pauta. Conteí um pouco a história. Acho que o João Moreira Salles estava presente nessa reunião e ele brincou: “se é no Piauí, a gente tem a obrigação moral de cobrir”.

Christian Carvalho Cruz, do jornal O Estado de S.Paulo, relembra os o surgimento da reportagem **Fóssil à deriva**:

A reportagem nasceu de uma matéria pequena, que tinha saído na versão online do Estadão e também saiu no papel. Era um texto do José Maria Tomazela, que é de Sorocaba. É um repórter muito bom para identificar histórias assim, mas nunca dão espaço para ele fazer direito. Quando eu li, fiquei intrigado: “quem é o cara que descobriu o batelão?” Aí sugeri a pauta. No Aliás, acho que temos a sorte de ter bons chefes que bancam este tipo de coisa. Eu já tive chefe ruim de olhar e falar: “não,

você vai fazer uma página inteira disso? De um anônimo que descobriu um batelão?".

Fabíola Cidral, da rádio CBN, conta como nasceu a proposta da reportagem **Taxistas: histórias dos bastidores da vida:**

A série dos taxistas foi uma pauta sugerida pela minha diretora. Ela queria algo especial que a gente pudesse concorrer no prêmio CNT. Propôs que fosse uma série de reportagens e disse: "pode criar o que você quiser." Pensei: "que desafio, não é? Pô, taxista tem muita história de vida. Vou trazer nessa reportagem as narrativas que os taxistas têm para contar, porque eles são os maiores ouvintes de histórias".

Neide Duarte lembra como surgiu a ideia da pauta de **Quase o peso de um passarinho** para o Caminhos&Parcerias, na TV Cultura.

Essa pauta surgiu com uma matéria que tinha saído na Folha de S.Paulo falando de São José da Tapera, que tinha o menor IDH do Brasil, naquele momento, em 1999. Era o menor IDH e com maior índice de mortalidade infantil do país. Era brutal, coisa de um país em guerra civil. O programa buscava encontrar uma situação de dificuldade e que tivesse alguém realizando algum tipo de trabalho. Lá havia a ONG Visão Mundial fazendo a multi-mistura para combater a desnutrição infantil. Daí, a produção entrou em contato com a ONG e fomos. Eu considero este programa o ponto alto do Caminhos&Parcerias. Foi o máximo que a gente atingiu.

Luiza Vilaméa detalha como foi pensada a série **Filhos do Brasil** para a revista Brasileiros.

Eu estava em casa, no comecinho de 2013, conversando com um amigo jornalista, tomando um vinho. Comentei que queria fazer uma série para chegar ao final do ano e não ter apenas um monte de reportagens esparsas. Conversando, pensando alto... Aí eu disse, já fiz centenas de reportagens sobre episódios da ditadura militar no Brasil, sobre os mais variados personagens, mas nunca pensei nas crianças afetadas. [...] nós jornalistas esquecemos do impacto da ditadura na vida das crianças e adolescentes. Os adultos sempre foram os principais protagonistas. Então, pensei: "vou fazer as crianças". Peguei um papel e fiz uma lista na hora mesmo. Eu me recordava de uns 14 casos. Os netos da Tercina, que foi a costureira da Lamarca... Fui listando, de memória mesmo.

Marilu Cabañas observou uma situação incomum para chegar à pauta da reportagem **Cantoria dos idosos**, veiculada na Rádio Brasil Atual.

Eu caminhava no Parque da Água Branca. Saio para andar pelas ruas do meu bairro e quando dava um tempinho eu ia para o Parque. Eu estava passando e vi alguém cantando, com um violão. Falei assim: "nossa, que interessante..." [...]. Fiquei parada. Adoro música e fiquei ali. [...] Fiquei fuçando a história, mas com ar de curiosa somente. Até que chegou um ponto que eu falei: "ah, sou repórter e queria fazer uma matéria com vocês, posso?".

Ricardo Brandt conta o processo de elaboração da pauta para o especial multimídia **Crack – A geografia da droga, um desafio sem dimensão**, veiculado no portal do Estadão.

A pauta dessa reportagem surgiu assim: o Bovo [Luis Fernando] tinha acabado de votar de Ibitinga, no interior de São Paulo, me ligou e falou: "cara, é surreal o que está rolando lá. Atrás do cemitério é um bairro que ninguém vai, tem uma cracolândia. Só se fala nisso na cidade. Precisamos fazer um especial sobre o crack no interior". Isso foi no início de 2014. Como ele era o diretor-executivo do Portal Estadão, a proposta era fazermos um especial multimídia. Até aquele momento, a gente não tinha ideia do tamanho do projeto, nem dos custos, nada. Começamos assim. Fiz uma primeira triagem, averigui se a pauta ia render mesmo. Fiz levantamentos e tal.

Tom Cardoso fala como a pauta da reportagem **O escritor e seu duplo** foi pensada para o jornal Valor Econômico.

Eu sou colaborador do Valor Econômico desde a fundação do jornal. Quem criou essa seção "À mesa com o Valor" foi o Paulo Totti em 2009 [...] Geralmente, a seção tem como cenário um restaurante escolhido pelo entrevistado. Mas nesse caso, eu até levei uma bronca do editor, porque não fomos a um restaurante. O João Ubaldo não queria. Eu queria muito fazer um perfil do

João Ubaldo. Foi uma pauta que eu sugeri. Insisti. Ele já estava muito cansado. Eu até acho que essa foi a última entrevista que ele deu pessoalmente para um jornalista. Certamente, foi uma das últimas. [...] O Ubaldo é um grande papo. Uma grande fonte, muito divertido.

Juliana Carpanez lembra como surgiu a proposta de pauta da reportagem multimídia **Quer que eu desenhe?**, veiculada no TAB UOL.

A reportagem do emoji nasceu assim: eu estava de plantão no UOL [...]. Então, vi uma capa da revista New Yorker com um emoji. Em outro momento, vi uma notícia que falava: “coração é eleita a ‘palavra’ do ano.” No caso, era o coração na forma de desenho emoji, tá? Aí pensei, meu esse negócio é muito grande. Juntei as duas coisas...

A pauta de uma reportagem tem o dinamismo da vida cotidiana. É possível captar este dinamismo quando verificamos os caminhos trilhados em cada situação citada. Por vezes, um tema pode ficar “na gaveta” por meses ou anos, até que surja um gancho atual que reinsira o assunto nas questões do momento. O olhar atento e cuidadoso do repórter é um dos principais ingredientes para que o cotidiano “salte aos olhos”. Cremilda Medina (2008) considera que esta é uma busca por decifrar “a complexidade dos acontecimentos”, aliando “nexos histórico-culturais” com o “protagonismo social” e as “vozes de especialistas”. São os passos que o repórter pode dar rumo à “poética da interpretação”, característica da reportagem.

Em consonância com a razão sensível, como sugere Cremilda Medina, a pauta transita no binômio da objetividade e da subjetividade do tema. No campo da objetividade, temos elementos como: linha editorial do veículo/programa, condições concretas para apurar o tema,

acesso às fontes de informações e aos locais onde foram protagonizados os fatos/acontecimentos. No campo da subjetividade, temos elementos como: olhar sensível e atento do repórter para perceber todas as nuances da pauta e seu dinamismo, uma sintonia entre equipe de reportagem e editor.

A pauta é um mapa de apuração, um guia que conduz, inicialmente, o repórter rumo aos personagens/fontes que ajudarão a desvendar e compreender aquele fragmento do cotidiano. É o fio que conduz o repórter ao encontro com o outro.

1.3 – Arquitetura do fazer, diálogos com o outro

Ir ao outro de forma intensa é sair de si. É lançar-se na aventura humana com todo o desprendimento que isso carrega. O repórter vai ao encontro dos protagonistas dos acontecimentos com o intuito de ver, observar, ouvir, sentir. É uma atitude que pode desencadear um diálogo efetivo ou apenas promover um encontro superficial, monológico e pautado por mecanicismos. Impulsionado pelas indagações e questionamentos que foram propostos na pauta, o repórter lança-se em busca de possíveis respostas e procura encontrá-las articulando um conjunto de fontes de informação.

O pesquisador Raul Osório Vargas, na sua dissertação de mestrado defendida na ECA/USP, fala sobre o reconhecimento do outro como elemento vinculante na construção da narrativa na reportagem.

No fundo, a filosofia que corresponde à procura da realidade na reportagem, para fazer dela uma narrativa [...], está vinculada ao reconhecimento do outro, que pode acontecer de mil maneiras a partir do cotidiano, da atualidade, dos contextos sociais e culturais, da história dos fatos e do subjetivo Ser Humano, porque este último também forma parte da vida real (VARGAS, 1999, p.22).

As reflexões feitas pelos jornalistas, apuradas nas entrevistas para esta pesquisa, indicam-nos que a densidade da reportagem está intrinsicamente vinculada à postura de apuração desempenhada pelo autor (vamos nos atermos, precisamente, sobre o autor na parte III desta tese). Quando os jornalistas expressam interesse genuíno pelo outro, verifica-se que o repórter tende a estabelecer diálogos mais densos e profundos com as fontes de informação, e as potencialidades da narrativa são intensificadas (estratégias narrativas serão abordadas na parte II desta tese).

Recorremos aos jornalistas entrevistados e verificamos que a observação, a escuta e o diálogo exigem tato, mediação, maestria, sensibilidade... Do conjunto da amostra de textos observados nesta tese, temos um leque variado de situações nas quais podemos compreender os caminhos rumo ao outro na apuração das reportagens. A busca pelo diálogo requer “desempenho e toque humano”, é o que propõe Cremilda Medina.

A entrevista jornalística, entre o momento da definição da pauta e sua consecução, passa por quatro níveis. Como se fossem quatro ampliações de propósitos – explícitos ou implícitos – do comunicador social. Primeiro pesa o suporte delimitado pelo estágio histórico da técnica comunicacional. Segundo, o nível de interação social almejado pelo entrevistador. Terceiro, suas possibilidades de *criação* e de ruptura com as rotinas empobrecedoras das empresas ou instituições comunicacionais. Quarto, um propósito que ultrapassa os limites da técnica imediatista, ou seja, a tentativa de *desvendamento do real* – uma atitude profunda de especulação acerca da pauta (MEDINA, 2001, p.27).

Atingir os propósitos de *criação e desvendamento do real* significa caminhar rumo à dialogia e contribuir para que a narrativa da reportagem ganhe fôlego e densidade. Mas este caminho não é tranquilo nem simples.

Vamos destacar três elementos de análise para perceberemos algumas diversidades no conjunto de 20 reportagens selecionadas:

1 – Quanto ao número de entrevistados. Uma reportagem pode ter apenas um entrevistado, como é o caso do perfil **O escritor e seu duplo**, de Tom Cardoso, que fala do escritor João Ubaldo Ribeiro. Pode buscar um amplo leque de falas, das quais se almeja uma representatividade, como é o caso da reportagem **As parteiras do campo**, de César Dassie, com mais de 40 parteiras entrevistadas; e da reportagem **Taxistas: histórias dos bastidores da vida**, de Fabíola Cidral, com quase uma centena de taxistas entrevistados. Já na reportagem **A nova bolha**, de Juliana Carpanez, há a presença de nove entrevistados.

2 – Quanto à posição dos entrevistados. Uma reportagem pode estabelecer conexões entre diferentes pontos de vista ou perspectivas de olhar. Os pontos de vista podem ser conflitantes ou complementares. As perspectivas podem indicar um olhar técnico, histórico ou de vivência real do problema. Por exemplo, a reportagem **Os seixos da discórdia**, de Bernardo Esteves, caminha *pari passu* com um embate de duas correntes teóricas, e os entrevistados são todos do mundo da pesquisa acadêmica. Um segundo exemplo é a reportagem **Crack – A geografia da droga, um desafio sem dimensão**, de Ricardo Brandt, na qual a pauta é

explorada com algum nível de conflito (entre as políticas públicas federal e estadual) e muitas perspectivas de olhares (saúde, usuários, familiares, gestão pública etc).

3 – Quanto ao tipo de entrevistado. Uma reportagem pode lidar com fontes institucionais, fontes anônimas... A fala de uma pessoa que ocupa um cargo relevante não pode ser dissociada do lugar institucional no qual ela está inserida. Ao mesmo tempo, o anônimo é um cidadão que pode ter na reportagem uma rara oportunidade de visibilidade das suas vivências/necessidades. Na reportagem **Essas crianças tão especiais**, Marilu Cabañas lidou com esta dicotomia: as fontes oficiais (gestores públicos) e as crianças/professores que viviam a experiência da educação inclusiva. Na reportagem **Quase o peso de um passarinho**, de Neide Duarte, as mães dos desnutridos e as crianças – fontes anônimas – ganham protagonismo na narrativa.

4 – Quanto à receptividade dos entrevistados. Um dos elementos mais sutis da busca pelo diálogo envolve empatia, momento oportuno, capacidade do repórter em administrar uma tensão. Na reportagem **Crônica de uma morte à toa**, de Christian Carvalho Cruz, há o delicado processo de se aproximar de uma família em luto. Já na reportagem **Quando meninos são fichados como terroristas**, Luiza Villaméa tem a árdua tarefa de dialogar com as lembranças longínquas e sofridas de crianças que foram torturadas.

O encontro e o diálogo com as fontes e os personagens das reportagens colocam o repórter diante de situações variadas. A cada

pauta, a cada encontro, um novo processo. Se nos detivermos em trechos das entrevistas de Christian Carvalho Cruz, Neide Duarte, César Dassie, Luiza Villaméa e Fabíola Cidral, podemos perceber algumas conexões do caminho que eles percorreram rumo ao outro na entrevista. As metáforas do diálogo surgem nas falas dos repórteres.

Eu sempre vou quase “vazio” para esses encontros. Estou interessado, realmente, nessas pessoas, quero saber o que elas têm para contar, não é só o meu interesse jornalístico. É o meu interesse de vida, real e sincero. Como eu estou vazio, me deixo encher pela história dessas pessoas, me deixo contaminar. Acho que é daí que eu vou tirar o jeito de escrever. (Christian Carvalho Cruz)

Tenho muito isso de me identificar com a pessoa que está contando uma coisa, de sentir meio o que ela está sentindo, sabe? [...] Essa identificação me dá uma luz. Me mostra como pensam as pessoas ali. A partir dali, eu tenho que fazer minha reportagem. É o olhar delas. Não posso ir com meu olhar, pensando nas coisas que eu acredito. As pessoas vão me mostrando o caminho das perguntas. De alguma forma elas vão me dizendo, mas a gente tem que estar com os ouvidos muito atentos, muito atentos. É claro que eu sei o caminho que eu quero levar. Então, vou tentando levar para o meu caminho. (Neide Duarte)

Estabelecer o diálogo não é uma coisa fácil. [...] logo de cara a gente interfere no ambiente. [...] Chegamos, conversamos com as pessoas. [...] É interessante captar a pessoa contando a história pela primeira vez, de uma forma mais aberta. [...] A ideia é estabelecer um diálogo, antes que ele se torne um produto, antes dele se tornar a reportagem. Tentamos deixar a reportagem o mais natural possível. E aí a gente tenta fazer uma conversa e não uma entrevista. Eu acho que isso faz a diferença. E as pessoas entendem. Por mais que não entendam de televisão, entendem de conversa, de pessoas. Aí quando elas se desligam do aparato tecnológico, a coisa flui. (César Dassie)

Para fazer a reportagem é preciso gostar de gente, tem que gostar de gente, gostar de história, gostar de ouvir as pessoas. Tem que saber ouvir estas pessoas e tem que gostar de compartilhar as histórias das pessoas, sejam elas boas ou ruins.

Já entrevistei torturador, não significa que eu goste de torturador, mas é importante compartilhar, mostrar o que o ele tem a dizer [...]. Tudo tem uma história, personagens que são tão envolventes. Se a gente prestar atenção e entender a história, valorizar, dá para mostrar isso para outras pessoas. (Luiza Villaméa)

Uma parte do Caminhos Alternativos é sempre ao vivo. E uma das nossas prioridades é não fazer nada por telefone. É política editorial: olho no olho. Isso faz total diferença. Entrevista por telefone só se a fonte for essencial e ela estiver fora do país, ou muito distante mesmo. Ou quando é alguém que a gente tem muita proximidade, que a gente conhece bem. Mas a gente traz o prefeito aqui para uma entrevista de 10min. O olho no olho é fundamental. Claro, num programa diário, na pauleira é impossível trazer todas as fontes das reportagens para dentro do estúdio. Mas no Caminhos é uma prática nossa. (Fabiola Cidral)

Os caminhos em busca do outro conduzem os repórteres a possíveis tensões, acasos, contatos refratários. Vejamos algumas experiências de Marilu Cabañas, Bernardo Esteves e Tom Cardoso:

Tem uma coisa que me marcou naquela apuração e que não aparece na reportagem [**Essas crianças tão especiais**]. Nós tínhamos marcado de ir até a escola, mas no dia agendado não deu. Remarcamos. Aí entrei na sala e a professora me apresentou: “esta é a repórter Marilu Cabañas, da Rádio Cultura, ela está querendo fazer um trabalho, entrevistar vocês. Gostaria que vocês ajudassem.” Aí levanta um menino e diz: “eu não vou ajudar ninguém!” Eu pensei, “meu Deus! E agora? Ele tinha ficado magoado.” Eu combinei de ir um dia. Não fui. Quando eu apareci, ele não queria mais saber da história. Então, tive que me explicar para ele, falar da minha história, da rádio. Aí ele relaxou e topou conversar. (Marilu Cabañas)

Eu acho assombroso o modo de funcionamento, a vida, o universo paralelo dos editores da Wikipédia. Então, comecei a moldar essas histórias de interesse jornalístico [...]. É espantoso a energia, o tempo e o grau de envolvimento emocional que as pessoas investem naquilo. Fui entrando naquele universo, foram me apresentando pessoas. [...] Eu tentei muito para conseguir conversar com a Nice poa. Ela estava refratária, resabiada. Precisei de um trabalho de convencimento. (Bernardo Esteves)

Eu quis buscar entrevistas para ter pontos de vistas – versões – da história [**O fruto proibido**]. Tem gente do Dops, os ex-

militantes, uma colega de trabalho. Tinha que ouvir esses lados todos, senão iria parecer apenas uma fantasia da cabeça do Zé Dirceu. Mas eu acho que a matéria nem é uma reportagem definitiva. Ficou um mistério no ar, porque ela não quis dar entrevista. O charme está em tê-la encontrado, mas é uma história que ainda tem muito para decifrar. Ficou um suspense no ar. Eu queria voltar a falar com ela, fazer um novo texto. No caso dessa reportagem, busquei contar a história dela por meio de terceiros. Ou seja, das fontes que fui ouvindo. (Tom Cardoso)

O encontro com as fontes pode explicitar a necessidade de rever o caminho da pauta.

A ideia inicial era mostrar que emoji poderia deixar o nosso vocabulário cada vez mais pobre. “O emoji está deixando a gente mais burro”, foi o caminho. Comecei a falar com algumas pessoas, e aí todos derrubavam essa ideia. Eu voltei para o Tozzi [Daniel Tozzi, editor] e falei: “não é nada do que a gente estava pensando”. Aí a gente repensou o foco, mas não era o caso de derrubar a matéria. (Juliana Carpanezi)

Ou aprofundar um caminho já trilhado:

Como eu tive o tempo de um mês para ler, para estudar, quando tive contato efetivo com as fontes, já tinha claro o que queria saber, qual a importância dela nesse cenário. Não dava para desperdiçar tempo. Por exemplo, demorei umas três semanas para confirmar a entrevista com o Secretário Nacional. Ele me recebeu por duas horas, e eu não teria um segundo tempo. Mesmo com as fontes que eu não precisava marcar horário, cheguei com a coisa bem estudada. A abordagem da matéria tinha muitas interfaces: saúde, segurança pública, gestão pública – estadual e federal, pesquisa acadêmica. Acho que a rua, o pé no chão, deu liga, porque eu estabeleci essa ordem: primeiro estudar e depois partir para a imersão *in loco*, para construir a amarração com o empírico. (Ricardo Brandt)

Cientes de todas as possíveis nuances que a busca do diálogo com o outro encontra no caminho da elaboração de reportagens, recorremos a Martin Buber com o intuito de alinhar as premissas de uma “conversação genuína”, como ele define:

O principal pressuposto para o surgimento de uma conversação genuína é que cada um veja seu parceiro como este homem, como precisamente este homem é.

Eu tomo conhecimento íntimo dele, tomo conhecimento íntimo do fato que ele é outro [...]. Tomar conhecimento íntimo de uma coisa ou de um ser significa, em geral, experienciá-lo como uma totalidade e contudo e, ao mesmo tempo, sem abstrações que o reduzem, experienciá-lo em toda sua concretude (BUBER, 2014, p.58).

Avancemos, então, para a próxima parte da tese com a missão de mergulhar nas estratégias narrativas de cada texto, compartilhando da compreensão de que o diálogo com o outro, tal qual Buber pontua, é o fio condutor das tessituras da narrativa densa e complexa.

Parte II

Os narradores, instância literária

2.1 – Estratégias narrativas, percursos e escolhas

Contar uma história é uma forma de ressignificar o tempo, o espaço e os sujeitos. É o narrador quem conta, conduz, guia, alinhava palavras e acontecimentos. Então, perguntamos: quem é o narrador no jornalismo? Dificilmente este questionamento pode ser feito no singular. Portanto, quem são os narradores no jornalismo? O plural, logo de início, traz uma marca forte desta noção quando no campo jornalístico. A narrativa jornalística é, preponderantemente, uma costura, uma articulação de narrativas. De acordo com Cremilda Medina, “ao narrar, o escritor mobiliza múltiplos narradores literários, muitos coautores e receptores da mensagem. A intertextualidade existe antes, durante e depois de uma escritura” (MEDINA, 2014, p.49).

A constituição do(s) narrador(es) do jornalismo está sob a batuta do autor da reportagem. É o repórter – aquele que observou, sentiu, viu e ouviu –, o sujeito que impulsiona o “nascer” dos narradores na reportagem. Pelo que foi possível compreender das leituras das reportagens e diálogos com os respectivos autores, os elementos disparadores do processo de criação dos narradores se dá por um conjunto de variáveis intrincadas: na observação atenta e sensível dos fatos e personagens; na experiência *in loco* (isto é, ir aos acontecimentos); no diálogo com distintas fontes de informação/personagens; na costura de visões/opiniões/vozes na elaboração do texto.

Recorremos a Reis e Lopes sobre uma definição de narrador¹⁸:

¹⁸ REIS e LOPES sempre fazem referência ao ambiente literário nas suas definições, entretanto, podemos trazê-las para o campo jornalístico.

[...] o conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, não raro susceptível de ser confundido com aquele, mas realmente dotado de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente com o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa.

[...] o narrador é, de facto, uma invenção do autor; responsável, de um ponto de vista genético, pelo narrador, o narrador pode projetar sobre ele certas atitudes ideológicas, éticas, culturais etc., que perfilha, o que não quer dizer que o faça de forma directa e linear, mas eventualmente cultivando estratégias ajustadas à representação artística dessas atitudes: ironia, aproximação parcial, construção de um alter ego, etc (REIS; LOPES, 2007, p.257-258).

Entidade fictícia. Autor textual. Invenção do autor. Definições precisas e claras no mundo das artes, mas uma caixa de marimbondos no mundo do jornalismo. Embarcamos aqui em um universo de reflexão que encontra ressalvas e rejeições várias de estudiosos da comunicação. Entretanto, é impossível deixar de meter a mão na cumbuca, ou melhor, na caixa de marimbondos.

Avancemos.

Vamos à cumbuca.

Vamos, então, dialogar com alguns dos aspectos relevantes das estratégias narrativas adotadas no conjunto de reportagens selecionadas¹⁹.

¹⁹ Textos completos no Anexo 1 (DVD com as reportagens de TV e de Rádio) e no Anexo 2 (com reportagens de jornal, revista e multimídia)

- ✓ **Um fio que puxa um fio, que puxa outro fio...**
- ✓ **[Cooperação conturbada e Os seixos da discórdia** (revista Piauí), por Bernardo Esteves]

Cooperação conturbada é um título que leva à ambiguidade. Ahã?! Do que se trata? É uma narrativa que traz os bastidores da elaboração da Wikipédia. O narrador, sob a batuta de Bernardo Esteves, articula um conjunto de historietas a partir de personagens-chave que atuam na construção desse formato virtual de enciclopédia. A reportagem inicia, transportando o leitor para o cenário do mundo virtual com uma cena emblemática da usuária Nice poa:

A usuária que se identifica como Nice poa editou pela última vez um artigo da Wikipédia numa noite de setembro do ano passado. Em uma hora e meia ela fez dezesseis intervenções, dando preferência a verbetes sobre cidades gaúchas. Organizou links internos, padronizou subtítulos e removeu um bloco de texto que não citava nenhuma fonte. Antes de desconectar, incluiu um aviso num verbete: “Esta página precisa ser reciclada de acordo com o livro de estilo. Sinta-se livre para editá-la para que esta possa atingir um nível de qualidade superior.” Ainda voltou à enciclopédia online uma última vez, mas não editou nenhum artigo. Apenas apagou mensagens deixadas por outros usuários em sua página de discussão.

[...]

Com 153.641 intervenções desde abril de 2006, Nice poa é quem mais editou artigos da Wikipédia em português. Na sua página de usuária, ela se apresentava: “Meu nome é Eunice. Nasci, cresci e moro em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Sou formada em artes plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, de São Paulo, onde morei alguns anos.”

O repórter Bernardo Esteves dá pistas sobre a forma de condução da narrativa:

Na reportagem sobre a Wikipédia, eu tenho uma sucessão de quadros e personagens que compõem uma narrativa. Primeiro, entra a Nice, depois tem os dados gerais, histórias da enciclopédia. Ou seja, eu lanço o tema com a Nice, dou o contexto e vou preparando o terreno para a segunda metade da reportagem quando a coisa esquenta. Tem a trama das brigas,

das fraudes e da repressão às fraudes e do clima de insegurança das pessoas que se sentem vítimas de bullying. [...]

Para entrar no mundo dos editores e administradores da Wikipédia, Bernardo Esteves criou um usuário Pinguim2011²⁰, que tornou possível uma experimentação e percepção do cenário e das tramas da Wikipédia de uma forma distinta da observação institucionalizada de um repórter. Pinguim2011 [o usuário] transitou, fez contatos, apurou, conversou, abriu portas. Pinguim2011 narrou os bastidores. Vejamos alguns trechos:

Nice reconheceu que seu comportamento nas discussões não era lá um modelo de fleuma. Ao se deparar com o que julgava ser um desaforo, defendia-se com vigor.

[...]

Ofendido, RafaAzevedo pediu aos administradores do projeto que punissem Nice por “violação gravíssima das normas de conduta”, “acusações infames” e “disseminação de desconfiança”.

[...]

Cada editor pode construir uma página de usuário, mas não precisa declarar a sua identidade verdadeira. Alguns revelam ali algo da sua vida fora da internet.

[...]

Na Wikipédia não importa quem você é, só o que você faz.

[...]

Restringir a edição de verbetes é uma medida extrema que poucos usuários têm a permissão para tomar. Ela é facultada a editores considerados merecedores da confiança da comunidade: os administradores, eleitos por sua folha corrida de intervenções pertinentes e rigorosas. Eles podem também apagar artigos e bloquear usuários.

[...]

A Wikipédia foi construída a partir de um punhado de princípios editoriais inegociáveis. Ela deve abrigar apenas informações de caráter enciclopédico, e está a critério da comunidade de editores determinar o que se encaixa nessa definição.

²⁰ Esta não foi uma decisão de estratégia de apuração, como ressalta o repórter na entrevista (ver Apêndice 1). Bernardo Esteves já estava mergulhado no tema da Wikipédia por conta da sua pesquisa de doutorado.

Com uma narrativa, prioritariamente, em terceira pessoa em onisciência intrusa²¹ (o narrador sabe tudo o que está acontecendo e comenta os acontecimentos), a reportagem tem um ritmo crescente de tensão, seguindo o compasso das tramas internas da história. Como pano de fundo, um vasto volume de dados que dá uma macro dimensão do tema.

Interessante observar como são articulados os parágrafos: o ritmo de tensão é ditado pelos aspectos das relações humanas que fazem a Wikipédia acontecer; já o encadear da história é não linear, quase como se o texto fosse se ramificando em rede. Uma trama entre subjetividades e objetividades percorre toda a narrativa, cujo fecho aponta para uma ideia “em construção”:

Enciclopédias tomam tempo e esforço. A Encyclopédie levou mais de duas décadas para ficar pronta. Os onze anos de idade da Wikipédia não devem servir de álibi para justificar fragilidades do conteúdo. Mas ajudam a relativizar o que talvez sejam percalços da juventude. Juliana Bastos Marques recomendou encará-la como um projeto de longa duração ainda em construção. “É bobagem esse desespero para consertar tudo, a Wikipédia não precisa ser acabada amanhã”, disse. “Faz parte da ideia dela não ter fim.”

A reportagem **Os seixos da discórdia**, também sob a batuta de Bernardo Esteves, é uma narrativa que escava pontos de vistas antagônicos em torno de um embate teórico-arqueológico sobre os caminhos da ocupação das Américas.

²¹ Na tipologia de Friedman temos alguns dos seguintes tipos de narradores: Onisciente intruso (sabe de tudo que ocorre na narrativa, pode inclusive estabelecer breves comentários); Onisciente neutro (também sabe de tudo que ocorre, mas evita tecer qualquer comentário); Narrador testemunha (narrativa em primeira pessoa, mas que vive os acontecimentos como personagem secundária); Narrador protagonista (também em primeira pessoa, sem traço de onisciência, com narrativa de um centro fixo do personagem central); Onisciência seletiva múltipla (predomínio da cena, o narrador transita na mente dos vários personagens); Onisciência seletiva (similar à anterior, mas com um personagem); Modo dramático (ausência de estados mentais, narrativa com informações limitadas sobre o que fazem e o que dizem os personagens, delega ao leitor a dedução dos significados da narrativa).

A reportagem começa com uma cena e, posteriormente, conduz o leitor para um conjunto de personagens cujo cenário principal é a Serra da Capivara:

O arqueólogo francês Antoine Lourdeau escavava um sítio na Serra da Capivara, no sul do Piauí, quando se deparou com um seixo grande. Só conseguia ver uma face da pedra. Tinha tamanho e formato ideais para ser empunhada pela mão de um adulto. Suspeitou que tivesse sido transformada para ser usada como ferramenta, talvez para produzir um gume. Pegou um pincel e uma colher de pedreiro para desenterrar o objeto delicadamente. Pouco a pouco, revelou o outro lado do seixo onde, de fato, havia várias lascas retiradas. Lourdeau não teve dúvida. “Era um instrumento maravilhoso, um trabalho muito fino”, contou. “Ganhei o dia.”
[...]

Bernardo Esteves relembra o processo de construção do texto:

Durante a apuração, vou tendo insights sobre como vou escrever. Fico aflito quando eu não os tenho. Talvez esse seja o texto que eu gosto mais, dos que já fiz para a *Piauí*. Ele reúne algumas características do que eu penso ser esse jornalismo de fôlego na cobertura de ciências. [...] Havia ali um marco narrativo legal. Ao mesmo tempo, fiquei angustiado para escrever. Eu tinha que partir de um raciocínio e chegar a outro. Juntar as duas pontas. Na construção de uma matéria como essa, eu acho muito importante a abertura e o fechamento. São as balizas. [...] É difícil construir uma história com uma controversa, com tantos elementos. A ordem de apresentação das coisas é complicada, o pano de fundo é a história da arqueologia da ocupação das Américas.

Dentre os principais aspectos das estratégias narrativas, dois elementos são singulares para reflexão. Todos os personagens do texto pertencem a um mesmo “universo”: são pesquisadores, são arqueólogos. Comungam de um mesmo léxico. Entretanto, para além da hegemonia aparente, surgem os pontos em disputa na reportagem. Há a narrativa de uma questão paradigmática na arqueologia: dois modelos de ocupação em disputa:

Aquela tinha sido a grande avenida pela qual os grupos de caçadores-coletores vindos da Ásia adentraram o continente, quem sabe no encalço de grandes mamíferos. Pelo jeito, tinham

sido eles os primeiros americanos, e esse modelo de ocupação foi chamado de “Clovis First”.

[...]

Desenterradas em centenas de localidades, as pontas de Clóvis viraram objeto de admiração nos Estados Unidos, onde movimentam um mundo paralelo de revistas, excursões, mostras e oficinas de pedra lascada. As peças mais raras podem ser negociadas por dezenas de milhares de dólares. Elas se tornaram um mito fundador da cultura da inovação: a tecnologia das pontas de Clóvis teria sido a primeira invenção americana, propôs o arqueólogo David Meltzer no livro *First Peoples in a New World*, sem tradução para o português.

[...]

No fim de uma temporada de escavação, Niède mandou carvões para que fossem datados por um laboratório francês. Não acreditou quando recebeu os resultados pelo correio: a amostra tinha 26 mil anos. Ligou imediatamente para a França com a intenção de passar um pito na pesquisadora responsável: “você misturaram minhas amostras. Na América, não tem nada dessa idade!” Do outro lado da linha, veio a resposta: “pois retorne e amplie sua escavação, porque é carvão seu.” Niède voltou a campo e constatou que a colega tinha razão. O mundo ficou conhecendo o Boqueirão da Pedra Furada em 1986, por um artigo da revista *Nature* em que se sustentava que os humanos já estavam no Piauí há 32 mil anos.

O narrador assume a posição de um conferencista mediador do imbróglgio teórico-conceitual. A narrativa caminha da Serra da Capivara (PI-BR) à cidade de Clóvis (Novo México-EUA), articulando o percurso das trajetórias das pesquisas em ambos os casos. O fecho da reportagem traz uma provocação epistemológica:

Encerrando a fala em Santa Fé, Tom Dillehay, o descobridor de Monte Verde e algoz de Clóvis, pediu licença para uma digressão. Defendeu a descolonização do conhecimento científico e recomendou que seus colegas abrissem a cabeça para novas possibilidades. Cobrou dos críticos que dessem lastro às suas observações e projetou na tela a declaração que o colega Stuart Fiedel dera sobre o estudo franco-brasileiro. “Que tipo de macaco produz um sítio arqueológico?”, questionou. “Espero que os jovens estudiosos do povoamento antigo não precisem ouvir o mesmo tipo de bobajada. Eu saúdo a nova geração de pesquisadores.”

- ✓ **Nas profundezas da vida e do mundo rural**
- ✓ **[As parteiras do campo e Nelson da Rabeca** (programa Globo Rural, TV Globo), por **César Dassie**]

As parteiras do campo é uma narrativa de singular articulação da polifonia e do tempo. Do tempo da vida vivida que não se submete ao tempo da urgência das informações. Ao se propor buscar significados de um ofício primevo no ambiente rural do século XXI, a reportagem foi conduzida com paciência incomum no mundo do jornalismo. A pauta, nascida da inquietação e obstinação do repórter César Dassie, ficou em gestação por anos. Ele não arredou o pé de mediar seu próprio olhar para o universo de mulheres cujos “rostos que estão presentes no exato momento em que a luz se manifesta”.

Ao longo da reportagem, Dassie traz para o telespectador um mosaico de vozes e de sentidos, explicitando a polifonia e a polissemia. As parteiras assumem o protagonismo da narrativa, não só porque dominam a cena nos 32 minutos da reportagem, mas porque também coube a elas mesmas dar sentido e significado do seu ofício. Um ofício que nos transporta para a simplicidade primeva, na qual a parteira não escolheu sua profissão. Ela recebeu a incumbência por um chamado ancestral ou divino. Muitas são filhas e netas de parteiras. Dão continuidade a uma tradição. No mosaico de vidas e experiências, as vozes de cada uma:

— Minha avó era parteira. Minha mãe era parteira
[...]

— Eu fico tão contente quando chega um pai. Olha já vai nascer, vim buscar a senhora. Espera aí que a bolsa já tá pronta.
[...]

— A parteira, ela não é só parteira. A parteira é um médico, a parteira é uma advogada, a parteira é um juiz, a parteira é uma delegada.

[...]

— Eu já tenho menino com mais de 50 anos, que eu peguei.

[...]

— Se o cabra disser que nota o menino nascendo por onde fez, por onde não fez, sabe que ele por ali, mas não vê nada. Porque ele vem tomando conta de tudo. Quanto ele termina de sair, pis, pronto. Está do mesmo jeito. É como uma pedra, se o senhor jogar dentro dessa água aí. Se jogar uma pedra, ela se abre naquele minuto, naquele minuto se fecha. É a mesma coisa. Não tem diferença.

[...]

— Oi, de todos bichos eu faço parto.

[...]

— Eu tenho o maior orgulho quando vem aquele bebê na minha mão.

[...]

— É um encontro. A parteira tem aquele encontro com a criança.

A polifonia e a polissemia saltam aos olhos também quando observamos a tessitura de falas e visões de mundo que trazem o universo das parteiras para a complexidade e dilemas do mundo contemporâneo. Profissionais da saúde (médicos) e gestores públicos (secretários de saúde) explicitam a necessidade de compreender as transformações necessárias pelas quais o ofício passou nos últimos tempos. Desde a necessária adoção de cuidados elementares de higiene aos procedimentos mais formais (como anotar as informações básicas sobre o recém-nascido – peso, tamanho, o registro do pezinho), a reportagem identifica que o trabalho das parteiras no campo é “uma necessidade e uma tradição”, como esclarece a Secretária de Saúde de Caruaru.

Outro campo rico em sentidos e significações é a articulação que o repórter faz com as poéticas leituras que a arte proporciona. Três momentos são exemplares dessa articulação. Nos dois primeiros, artistas locais – uma dupla de repentistas e um artesão – protagonizam cenas nas quais eles interpretam o

ofício das parteiras. Tanto os repentistas em Olinda, quanto o artesão no distrito de Alto do Moura dão suas contribuições à narrativa. Os músicos atenderam ao convite do repórter e, com instrumentos em punho, trataram de improvisar suas compreensões sobre as parteiras. A cantoria é o alinhave que abre todos os blocos da reportagem.

Em outro trecho, o artesão Luiz Antônio aceita o desafio de fazer uma escultura sobre a cena do nascimento. Hábil e minucioso, busca, nos recônditos da sua memória afetiva, o momento do parto e presenteia o telespectador com sua primeira escultura de uma parteira. A obra de arte, esculpida ao longo de cinco dias, é uma peça poética e estética que expõe o olhar de Luiz Antônio sobre o universo das parteiras. Uma cama, toalhas, tesoura, o candeeiro, o penico e a criança que vem ao mundo pelas mãos da parteira. “Aquilo que está na mente da gente, a gente pensa e faz, né?”, filosofa o artista fazendo referência à vivência que teve como filho de uma parteira.

O olhar mediado pela arte ainda pode ser visto com a seleção de imagens registradas pela fotógrafa Bia Fioretti. Sua presença na narrativa estabelece pontos de conexão daquelas mulheres dos rincões do sertão pernambucano com outras parteiras mundo afora – México, Argentina... Os rostos e histórias que a fotógrafa registra comungam da compreensão do ofício como sacerdócio e apresentam as distinções que ela captou entre as brasileiras e as estrangeiras.

As conexões estabelecidas pelo repórter com estes três personagens da narrativa não só estão imbuídas de polissemia, mas trazem para o telespectador linguagens outras que ampliam o olhar sobre o tema. A música, a escultura e a fotografia dão sentidos outros ao ofício das parteiras. Também se percebe

nestes três momentos, o gesto solidário da narrativa. O repórter conecta-se a outros narradores para entrelaçar olhares complementares.

Outro campo de leitura relevante da narrativa desta reportagem é a cadência do tempo. Necessário era que um parto fosse registrado. O imprevisto da vida quis cantarolar com a equipe de reportagem como o imprevisto dos repentistas. César Dassie conta:

[...] nessa primeira viagem não nasceu nenhum bebê[...]. Voltamos para São Paulo e ficamos em contato com as parteiras. [...] A cada dois ou três dias eu ligava: “e aí, vai nascer?” [...] Aí Dona Caetana falou assim: “olha vai ser daqui a duas semanas, pode vir!!” Viajamos. Seguimos os cálculos dela. Bem, enquanto a gente esperava o parto, fizemos outra reportagem. Mas a parteira errou o cálculo [...]. Continuamos de prontidão, esperando um parto acontecer. De repente, altas horas da noite, a Dona Zezé nos liga e avisa. “Vai nascer um bebê, vem correndo!”. A equipe saiu na correria, mas não deu tempo. Quando chegamos o bebê já tinha nascido. Só deu para fazer a imagem do corte do cordão umbilical. Continuamos na espera. Aí pintou a história de outra grávida que entrou em trabalho de parto [Antônia Almeida de Lima]. [...] Foram quase 8 horas e a gente esperando, acompanhando. Enquanto a gente esperava, a Dona Zezé nos deu umas favas de feijão pra debulhar. Ficamos horas debulhando feijão até o bebê nascer.

Dona Zezé cumpre o ritual do seu ofício. Traz Jean Lucas ao mundo. A mãe, exausta, agradece:

— Obrigada!

Fim da reportagem.

Já quando nos detemos em **Nelson da Rabeca**, temos outro campo de significações das estratégias narrativas articuladas sob a batuta de César Dassie. Como com uma lupa, o repórter aproxima-se da maestria de um rabequeiro, outrora cortador de cana, agora artista. Da lida dura na roça, Nelson carrega experiência, memória e o precioso facão.

— Cortava cana com esse facão. Agora estou na rabeca com ele, fazendo rabeca. [...] Tá curtinho, mas ainda tá bom. [...] Foi

encurtando, porque eu fui fazendo rabeca e ainda gasta mais que cortando cana.

A intuição é o que guia o olhar autodidata do luthier. O repórter indaga:

— Seu Nelson, o senhor tem alguma medida para fazer a rabeca?

— Tem não. A medida é assim na mão. O comprimento, dois palmos e um pouquinho. Às vezes, é menos de dois palmos. E a largura um palmo e uma polegada. [...] É tudo a olho.

O intuitivo conhecimento de Nelson ganha envergadura quando alinhavado com olhar de musicistas, pesquisadores, estudiosos da cultura popular. É a tessitura de múltiplas vozes.

— Eu acho que Seu Nelson da Rabeca é um dos músicos mais importantes que Alagoas já deu para o Brasil.

[...]

— O jeito do Seu Nelson também tocar é muito dele. Ele se inspirou no violino [...], mas ele buscou a anatomia do corpo dele, corcundo do corte mesmo, para poder adequar aquele instrumento.

O “diálogos de saberes”, como definiu César Dassie, funde-se em uma cena de intensa musicalidade. Nelson, em Alagoas, toca *Silence*, uma composição sua aplaudida pela crítica. No mesmo tom, no estúdio da Rede Globo em São Paulo, o professor Luiz Henrique Fiaminghi toca *Silence*, também com uma rabeca feita por Nelson, mas já envernizada, cordas novas... A música expande os sentidos todos. Na síntese dos dois momentos alinhavados pela narrativa, Nelson agiganta-se, mas mantém rústica simplicidade e quase desfaz de si, do seu “eu” compositor:

— No meu ver é uma coisinha muito fraca, mas quem é professor, quem estudou, acha uma coisa difícil e acha bom.

A música, na reportagem, é também trilha para um passado sem saudades. Enquanto entoa uma cantiga de lida nos canaviais, Dona Benedita,

esposa de Nelson, prepara o almoço. Ela entra em cena, mostra mais uma faceta da vida do rabequeiro e deixa sua marca de narradora.

— Essa música eu cantava quando eu estava trabalhando cortando cana. Eita vida triste. Agora essa vida aqui é boa. [...] Oxente, sentindo o cheiro da comida. Do corte de cana, o besouro morde. Óia, é uma vida aperreada. Mas essa vida é boa. [...] Vida de artista é a vida melhor que tem.

César Dassie lembra:

A mulher dele foi também uma surpresa. Ela tem uma força, é engraçada, é dramática, é comunicativa. [...] Ela é uma dessas pessoas que tem prazer em contar sua história. Não é só o prazer da alegria, mas também da tristeza, não é? É isso que eu chamo de caminhada da reportagem. A gente caminha junto com os personagens.

- ✓ **No ritmo da vida, no tom das personagens**
- ✓ **[Crônica de uma morte à toa e Fóssil à deriva (O Estado de S. Paulo), por Christian Carvalho Cruz]**

Crônica de uma morte à toa já no título enuncia intertextualidade com a obra de Gabriel Garcia Marques. O abre da reportagem:

No dia em que se tornaria estatística de trânsito, Adriano da Fonseca Pereira, de 20 anos, acordou mais agitado que de costume, às 6 e meia da manhã. Se sonhou, não comentou. Sentado à pequena mesa redonda da sala, de costas para a máquina de costura da mãe e de cara para a parede, engoliu o pãozinho com manteiga de todos os dias e tomou chá com açúcar. Nunca gostou de café. Sua figura alta e esguia enchia o "ovo"- minúsculo e mal ventilado apartamento do Conjunto Habitacional Haia do Carrão, ex-favela, ex-Projeto Cingapura, periferia da zona leste paulistana. Em menos de dez horas, Adriano estará morto, jogado no asfalto, o tronco voltado para o meio-fio, as pernas finas retorcidas para trás e os olhos abertos, vítima de mais um atropelamento em São Paulo.

Em **Crônica de uma morte anunciada**²², a obra começa:

No dia em que o matariam, Santiago Nasar levantou-se às 5h30 da manhã para esperar o navio em que chegava o bispo. Tinha sonhado que atravessava um bosque de grandes figueiras onde caía uma chuva branda, e por instantes foi feliz no sono, mas ao acordar sentiu-se todo borrado de caca de pássaros. "Sonhava sempre com árvores", disse-me a mãe, Plácida Linero, recordando vinte e sete anos depois os pormenores daquela segunda-feira ingrata.

Nesta reportagem, o narrador tem o poder do vaticínio. Conduz o leitor com o dom de quem maneja o futuro, mas tece também fragmentos do passado. Uma morte meramente estatística para a Companhia de Engenharia de Tráfego (CET) ganha nome, idade, gosto, rotinas, sonhos, vontades e, até mesmo, uma prestação das Casas Bahia. Se Adriano não mais vive, o narrador trata de humanizar a estatística: "não gosta de café", "só pensava em estrepar seu novo xodó". Poderia ter sido apenas uma breve notícia, coisas do *hard news*. Entretanto, o repórter foi além e se propôs a reconstruir o derradeiro dia de uma pessoa comum, de uma morte banalizada pelas estatísticas. Aquele ajudante de sapateiro, torcedor do São Paulo, surdo-mudo, protagoniza suas últimas horas em uma metrópole desumana. Christian Carvalho Cruz lembra:

[...] a notícia saiu pequena: um rapaz foi atropelado na faixa de pedestre, e o cara com um carrão fugiu. Todo mundo já sabe, já saiu no jornal esta história, como é que eu vou contar isso? Eu quero contar o último dia dele e um pouco quem era essa pessoa que morreu de graça, do nada e não teve um pinga de solidariedade de quem o atropelou. [...] Eu queria saber o dia dele, como é o dia de uma pessoa que vai morrer de repente. Não é alguém que está doente. O que me interessava era o último dia de uma pessoa que não está destinada a morrer.

²² MÁRQUES, Gabriel García. **Crônica de uma morte anunciada**. 12ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 1981.

Tecnicamente são as 24 horas finais de Adriano. Quase 1800 palavras para percorrer um dia que tem início com uma manhã, aparentemente, comum, até o desfecho trágico. O narrador nos lança num crescente de tensão dos acontecimentos e seus desdobramentos, numa mistura de planos temporais como em analepse.

Um protagonista. Um antagonista. No caminho dos dois: um taxista que sonhou ser policial. Advogados. Uma família em luto e um irmão inconformado com a injustiça. Não fosse a vida tão plena de sentidos, o último dia de vida de Adriano poderia ser ficção. Romance policial talvez. O cotidiano, captado pelo intuitivo olhar do repórter nos detalhes, transcende na narrativa. Diante da incompreensão do drama, o desfecho do texto capta os sentidos da rotina banalizada que as estatísticas insistem apenas em quantificar. É vaticínio: “Farol que abre, farol que fecha, vidas que seguem a pé. Amanhã 20 delas serão atropeladas em São Paulo.”

Se nos detivermos em **Fóssil à deriva**, o narrador, sob a batuta de Christian Carvalho Cruz, também nos conduz para sobreposições de planos temporais e fisga o leitor para algo talvez mágico. “Entretanto foi assim que sucedeu” é a frase guia para a história. Tem relação de intertextualidade com a expressão secular “era uma vez”, comumente usada em diversas culturas, nas mais variadas línguas para introduzir as crianças no mundo de uma narrativa²³. E entramos em um mundo quase surreal da vida de um singelo personagem:

Entretanto, foi assim que sucedeu. Vinha o pantaneiro por aquele sertãozão de Deus-abençoe, mato fechado e fresco, depois de desbarrancar do calor da estrada de terra para a beira

²³ Por exemplo, o **Oxford English Dictionary** esclarece que a expressão na língua inglesa, *Once upon a time...*, tem sido usada desde de, pelo menos, 1380. A expressão em outras línguas: *Il était une fois...*, *C’era una volta...*, *Érase/Había una vez...*

do riacho. Vinha de sola nua, porque é assim que desde criança ele gosta de andar. Andar para nada, só andar. A água dava no joelho, e o pantaneiro pôde entrar e ficar de pé lá no meio, só de calção, lançando a linhada aos lambaris. Em estreiteza, o ribeirão que chamam de Engenho D'Água, faz tempo assedentado por causa da estiagem, media uns cinco metros. Adiante e às costas, o leito cuspiu as pedras lisas para os raios do sol alumiar. Seu menino de 16 anos nadava ali longinquo, num pedaço mais fundo. E Nina, a mestiça de pastor belga com qualquer coisa, descansava na margem. Saíram de casa às 6 horas e ainda não passava das 9.

O narrador fica impregnado do “modo de ser, mo'dizer”²⁴ de um homem que pensa em voz alta, sem muito atinar para as racionalidades da vida. Na narrativa vamos nos espantando com o pantaneiro. Dentre suas pequenas preciosas filosofias de vida, ele diz:

Borrachudo é bom. Sacudo a árvore onde eles ficam só para levar picada. Porque depois tenho no que pensar – a coceira – enquanto não chega o dia de ir andar no mato outra vez.

Esse homem, quase personagem de um caso, é o protagonista de uma possível grande descoberta histórica: um batelão, encontrado num riacho nas redondezas da pequena Porto Feliz, quiçá com uns dois séculos de vida. Entretanto, o narrador quer mesmo é nos mostrar as singelezas todas do pantaneiro, que inclusive já avistou espírito de bandeirante nas andanças da vida:

O pantaneiro estava a andar de novo com seu menino e a Nina, dessa vez ladeando um canavial pertinho de um braço do Tietê. Quando subiu a encosta e alcançou a picada, deu de cara com ele, a 20 metros de distância: um homem de 1,80 m, barba longa e escura, chapéu, bota, bacamarte e gibão. Se olharam por não mais que dez segundos. “Até que ele pinçou assim para as esquerdas e desapareceu no meio da cana.” Foi até lá com a cachorra, que não farejou nada nem encontrou pegadas. O pantaneiro desgosta de detalhar o caso, mas acha que há de ter união entre os dois acontecimentos - o batelão que ele viu primeiro e o bandeirante que ele viu sozinho.

²⁴ Para usar uma expressão cara à professora Cremilda Medina, usada no título da sua tese de doutorado em Ciências da Comunicação, defendida na ECA/USP em 1986.

Um caso que virou reportagem? Ou uma reportagem em forma de caso?

- ✓ **Síntese de grandes histórias**
- ✓ **[Taxistas: histórias dos bastidores da vida e Vivência de olhos vendados (rádio CBN), por Fabíola Cidral]**

Em **Taxistas: histórias dos bastidores da vida** o ouvinte é, logo de início, levado para dentro de um carro. Os recursos sonoros do ambiente urbano: ruas, buzinas, portas de que se abrem, que se fecham, linguagem em códigos. Intertextualidade. A reportagem começa:

— Táxi, táxi... Tá livre?
 — QA 39, 588, primeiro....
 [...]
 — Positivo...
 — ... Fica na altura do 700 da Avenida Sapopemba
 [...]

A narradora convida o ouvinte para uma viagem:

— Quando um taxista pega um passageiro, ele só sabe duas coisas: o local de partida e o destino. É no intervalo entre esses dois pontos que começa essa história.

Um mosaico de historietas sintéticas. Taxistas de várias cidades do Brasil são personagens e narradores de suas experiências cotidianas. Separadas por blocos temáticos, com aventuras engraçadas, emocionantes. Experiências de violência, confidências... Uma narradora, sob a batuta de Fabíola Cidral, articula as histórias. Age como uma testemunha, quase invisível, de cada momento

narrado. Expõe, nos fragmentos das vozes protagonistas, os valores e as visões de mundo daqueles profissionais pinçados na costura da edição das falas.

Fabíola Cidral ressalta a edição como ponto-chave da reportagem:

[...] essa foi a primeira reportagem nesse nível que eu fiz. Reduzir “grandes histórias” para “pequenas histórias”. Reduzir é um sacrifício. Acho que eu passei umas duas semanas mergulhada, trabalhando umas 12 horas por dia. Enxugando. Reduzindo. Com cada história, eu fazia o seguinte: ouvia, reduzia. Ouvia, reduzia. Assim: tinha 15min, eu enxugava para 9min. Depois, ouvia novamente, reduzia para 5min. Ia assim até chegar ao tempo necessário. [...] Ali, aprendi que era possível contar uma história com a mínima interferência minha, que o mais importante era sempre o personagem. Claro, tem sempre interferência, um dedo meu. Na seleção, nos cortes. Eu defini quais histórias, defini o que ficou nas falas finais de cada um. Mas isso passa por uma percepção, por um entendimento.

Já na reportagem **Vivência de olhos vendados**, o protagonismo está nas próprias repórteres. Aqui, Fabíola Cidral e Pétria Chaves vão em um mergulho experimental, ensaístico rumo à uma vivência terapêutica. Sentir na própria pele e narrar na cadência dos acontecimentos. São narradoras e personagens. A apuração feita com “microfone aberto”, gravando a sequência das experiências, é reveladora. Antes do início da reportagem, em estúdio, as repórteres, em diálogo, dão as pistas da vivência que seria narrada na sequência:

— Nesses meses todos de programa, a gente sempre teve o olho no olho, não é Pétria? Isso dá credibilidade, dá confiança. No caso do doutor Mohamed Basi, a gente vai ter que confiar nele e conhecê-lo por outros sentidos a não ser o olhar... E criar uma imagem dele.

— Fabíola, é tudo muito novo. Nós vamos passar por uma situação muito semelhante a dos ouvintes, que geralmente nos ouvem, mas não nos veem. É isso que a gente vai experimentar hoje. Vamos nos colocar um pouco nessa posição de quem não vê....

Mohamed Basi chega. Elas já estão vendadas. Já estão vivendo o início da experimentação do processo terapêutico.

— Olá!

— Olá. Prazer! Muito estranho conhecer assim uma pessoa de olhos vendados? Mas olha, são os primeiros cinco ou dez minutos... aí depois vocês acabam se adaptando...

— Mas para quê serve? Porque estamos vendadas?

— Nós somos completamente dependentes do visual. Cinquenta por cento da nossa córtex é visual, quando você limita a função dessa estrutura visual, nós temos outras referências internas. Elas é que são evocadas. É uma forma de experimentar a realidade com seus outros sentidos...

A reportagem inteira tem cerca de 18min. Uma experiência de quase sete horas de vivência do processo terapêutico, depois condensada em pouco mais que um quarto de hora. Aqui também é possível perceber a forte presença do trabalho de edição na construção da narrativa. Os recursos sonoros, captados do ambiente, são a trilha para conduzir o ouvinte.

A equipe sai do estúdio, segue para um carro, percorre ruas... Vai até um sítio. Lá, a amplitude sonora ao ar livre fica sensível ao ouvidos atentos. Os detalhes compõem a narrativa: passos largos na grama, vozes ofegantes, micro fragmentos de silêncios, talheres, degustar alimentos, meditar. Evocar lembranças, refletir... A vivência das repórteres é narrada *pari passu* aos acontecimentos. O ouvinte é convidado a “estar junto” na pequena experimentação terapêutica. “Viver o presente, perceber o que acontece dentro de cada um”, é que o sugere Mohamed Basi.

A reportagem faz parte do conceito editorial do programa *Caminhos Alternativos*, como ressalta Fabíola Cidral:

A vivência é uma parte do conceito editorial do programa. A gente quer experimentar as terapias, as propostas. Sentir. [...] Então, se a gente viver as propostas, a experiência é real. [...] Nessa reportagem [...], a gente narra conforme as coisas vão

acontecendo... Entra aí a experiência. Quando estamos gravando, eu vou sacando os momentos, vou falando coisas que vão me dar os pontos de cortes das reportagens. Vou percebendo quando termina uma parte da história e quando começa outra. Isso facilita a edição. A gente vai editando ao vivo. Outra questão importante é tentar descrever ao máximo o lugar onde estamos. Também a gente grava os barulhos todos.

Aqui, temos em destaque duas narradoras ensimesmadas. É a vivência das repórteres que conduz toda a narrativa num encontro de percepções da experimentação, num diálogo de cada uma consigo mesma, com fragmentos de monólogos interiores. O intimismo da vivência é que marca o tom da narrativa e das narradoras.

✓ **Múltiplas camadas, múltiplas linguagens**

- ✓ [A nova bolha e Quer que eu desenhe? (TAB UOL), por Juliana Carpanezi]

As reportagens **A nova bolha** e **Quer que eu desenhe?** têm conceitos visuais distintos e estabelecem estratégias narrativas também distintas. O ambiente multimídia é permeado por camadas narrativas que se sobrepõem. Textos, fotos, vídeos, HQs, interação são os canais pelos quais a narrativa é construída.

Uma constatação e uma pergunta no início da reportagem indicam o caminho da construção da narrativa:

A sua internet não é igual à de todo mundo: ela leva até você conteúdo personalizado. Mas será que essa "bolha" sabe mesmo o que você quer e do que realmente precisa?

A metáfora visual da bolha, para simbolizar o que é o algoritmo, percorre todo o designer da reportagem, no qual o internauta visualiza mutações das bolhas ao toque do mouse. A repórter Juliana Carpaneiz mobiliza vários narradores, mas o destaque são as marcas explicativas da narrativa, com mesclas de brincadeiras e ironias.

O primeiro vídeo, logo na cena inicial, apresenta sinais de intertextualidade com um ditado popular: “diga-me onde clicas e te direi quem és”. Com um tom jovial e de interação com o internauta, um tema árido e técnico vira uma brincadeira, como é possível perceber por este trecho do roteiro do vídeo:

VÍDEO	AUDIO/OFF
Pegadas de sapatos (de detetive) e patinhas de gatos deixam marcas na tela.	Quando você navega na internet, deixa rastros – mesmo sem nem saber.
Navegador aparece, busca “Gatos fofos” no Google.	Por exemplo, quando você faz uma busca no Google...
Na sequência, curte um gato no Facebook.	... ou curte alguma coisa no Facebook.
Continua no navegador. Um cookie cai, se posiciona no meio do navegador e fica girando.	Você também deixa rastros quando visita algum site que instala cookies no seu computador.
Cookie explode	Não, não é isso...
Passa pela tela uma infinidade de zeros e uns	O cookie é um arquívio bem simples. Ele serve para identificar que aquele computador já visitou aquela página

As vozes da reportagem, especialistas vários do mundo da tecnologia, fazem coro com o tom de alerta dado na reportagem.

A cientista da computação Jennifer Golbeck define a existência das bolhas virtuais como preocupante. "Desconhecemos toda a

informação existente no ambiente virtual e não sabemos como ela é filtrada", afirma Golbeck, diretora do laboratório de interação entre humanos e computadores da Universidade de Maryland. "Uma coisa é o Google usar dados para nos indicar a melhor pizza. Outra é ninguém nos contratar porque um algoritmo definiu que não somos confiáveis", completa.

Para tornar o tema mais palpável ao internauta, uma HQ cria situações imaginárias de uma vida controlada por algoritmos. Na HQ, o personagem central é um garçom. A cena inicial: num restaurante, um casal prepara-se para fazer o pedido:

— Vou de espaguete mesmo. E você?
 — Costela ao barbecue com cerveja preta para acomp...
 [Entra o garçom]
 — Nada disso!! Aqui está: frango grelhado, arroz integral e saladinha só com um fiozinho de azeite. Força homem! O regime está funcionando, não desista agora.

Caminhando para o final da reportagem, há uma sequência de sete minivídeos, no formato narrativo de tutoriais, ensinando o internauta a reduzir os efeitos das bolhas no seu mundo virtual. E, mais adiante, outro alerta:

"O usuário pode acabar cercado por um contexto de informação específico e nem perceber isso. Os algoritmos não são programados para dar uma visão geral do mundo, mas sim para aumentar o tempo de permanência e o lucro dos sites", afirma o advogado Ronaldo Lemos, especialista em tecnologia. "A bolha funciona como um anteparo, deixando o sujeito mais engessado dentro de suas próprias crenças", completa Cristiano Nabuco, psicólogo especializado em transtornos da internet.

A reportagem **Quer que eu desenhe?**, já na sua abertura, convida o internauta para a percepção de várias linguagens: curtos frames acelerados trazem o título da reportagem sendo escrito de diversas formas: na tela de um smartphone; com uma máquina de escrever; em um quadro-negro; na areia, com um graveto; em um caderno, com um grafite. É a primeira pista do hibridismo de linguagens que permeia o texto, para tratar de uma forma bem contemporânea

de comunicação: os emojis. Na abertura da reportagem, o uso da nova linguagem visual, intercalada no texto:

O jovem de 17 anos preso em Nova York pode até dizer que foi brincadeira. Mas a polícia não achou graça nas "ameaças terroristas" que, segundo a imprensa local, fizeram as autoridades temerem pela própria segurança. A mensagem aterrorizante, que intimidou a corporação, não foi falada, gritada ou escrita. Foi desenhada. Com emojis. No Facebook. A reação a uma sequência

como foi uma batida na casa do rapaz, onde os policiais encontraram uma arma e drogas.

A repórter Juliana Carpanezi assume a condição de uma narradora em experimentação com o texto, que articula vozes de especialistas e faz tentativas de conexão entre os códigos do emoji e os códigos verbais da língua portuguesa. Ao longo da reportagem, pequenos trechos deixam de ser “escritos” para serem “desenhados”. Experimenta aqui. Experimenta acolá. A repórter lembra:

No caso dessa reportagem, era importante usar o emoji no texto. A ideia era deixar a coisa mais simpática. Era como uma camada a mais de informação. Para escrever isso, não foi fácil. A gente tem que pensar no tipo certo de emoji. Fui fazendo o texto e usando códigos para a designer inserir cada um deles.

Enquanto brinca com o texto, a narradora articula as vozes que pontuam a importância desses ícones:

Quem analisa a tendência não acredita que ela deixará a comunicação humana mais pobre. "Uma regra sobre a língua é que ela sempre muda – e essa mudança não nos deixa burros. Os emojis oferecem atalhos, mas não ficamos mais preguiçosos por isso. Brincar com a língua e tentar se comunicar é algo que deixa as relações vibrantes", afirma Tyler Schnoebelen, linguista e fundador da empresa Idibon, especializada em análise de textos digitais.

[...]

Assim, a nova linguagem deve simplesmente somar-se à escrita em algumas situações. "Cada forma de comunicação tem sua validade e complexidade, dependendo dos grupos sociais, do contexto e das necessidades", define Eugênio Trivinho, coordenador da pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP. Ele aponta dois usos muito diferentes para os emojis: agilizar uma conversa entre amigos ou servir de

ferramenta para amenizar uma discussão profissional. Afinal, quem nunca?

Na leveza que o tema permite, a narradora testa a mistura de linguagens e conversa, constantemente, com o internauta. “Se você”, “Imagine você”, “Já parou pra pensar que...”. Uma das camadas de informação, por exemplo, é o vídeo de quase 3min para falar sobre as origens do emoji e seus mecanismos de funcionamento. O vídeo começa com a repórter imitando um abre do Globo Repórter:

— Emojis. O que são? De onde veem? É o que você vai descobrir hoje”

✓ **As chaves dos silêncios mais profundos**

- ✓ [Quando meninos são fichados como terroristas e Como um passarinho, da série Filhos do Brasil (revista Brasileiros), por Luiza Villaméa]

Quando meninos são fichados como terroristas e Como um passarinho são duas reportagens que seguem similar estratégias narrativas. Nascidas de um mesmo impulso, compõem uma série elaborada ao longo de um ano. Ambas têm, como grande cenário histórico, a experiência e a memória de crianças que viveram o drama da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Documentos de acervos e lembranças são os fios que articulam a tessitura dessas narrativas.

Com o foco nas crianças, personagens que não costumam ser sujeitos nessa temática, os dois textos escavinham acervos e memórias. **Quando**

meninos são fichados como terroristas é o texto que abre a série. Uma foto de 1970, que registra um grupo de guerrilheiros prestes a embarcar em um Boeing 707 da Varig rumo a Argel, é a imagem que conduz à narrativa. Ali, além de quatro dezenas de presos políticos, quatro crianças compõem a cena, feita pelos próprios militares. Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel. Hoje adultos. Outrora fichados pelo DEOPS como elementos subversivos. A reportagem começa:

A ficha de Ernesto Carlos Nascimento nos arquivos do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS), em São Paulo, não deixa dúvidas: o “elemento” é subversivo. Informações detalhadas sobre suas ações terroristas podem ser obtidas nas pastas 30Z-160-9633 e 30Z-160-9636. Junto com Zuleide, Luis Carlos e Samuel, Ernesto foi banido do país por decreto do general-presidente Emílio Garrastazu Médici, em junho de 1970. O decreto teve como base o Ato Institucional número 13, que permitia “banir do território nacional o brasileiro que, comprovadamente, se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional”. Ocorre que Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel são as quatro crianças da fotografia da página anterior, tirada na Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro, minutos antes de serem embarcadas em um Boeing 707 da Varig rumo a Argel, capital da Argélia. Ernesto, o mais novo, tinha apenas 2 anos e 3 meses. Samuel, o mais velho, completaria 9 anos dali a quatro meses. Os 40 adultos que aparecem na imagem são presos políticos do regime militar instaurado no país entre 1964 e 1985, que deixou, pelo menos, 357 mortos e desaparecidos, além de tratar meninos como terroristas. Na fotografia, a pessoa mais conhecida é o jornalista Fernando Gabeira, que está de camisa branca, ao lado de Samuel. Para as crianças, quem mais importava era a avó, a costureira Tercina Dias de Oliveira.

A narradora desconstrói verdades construídas pelos documentos do DEOPS. Entre reprodução das fichas e fotos recuperadas pela repórter, o leitor é convidado a mergulhar nas memórias dos personagens da reportagem. Muito além do cenário de conflitos políticos-ideológicos, Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel recuperam lembranças, como esta:

Com pouca noção do que se passava no entorno, Zuleide, Luis Carlos e Samuel tinham na área de treinamento uma rotina de criança que não frequenta escola nem convive com outros garotos. Brincavam nas proximidades da casa de pau-a-pique, pegavam frutas no pé, tomavam banho de rio e lidavam com os muitos animais que Tercina levou para o sítio. Lá, havia criação de porcos e galinhas, mas Zuleide se lembra em especial de um gatinho e do pé de laranja-lima próximo à porta da cozinha.

Num misto de narrativa histórica, salpicada por elementos do que poderia ser mera fantasia – a história do punhal dourado –, a narradora, habilidosa no alinhar de muitos planos temporais, propicia que as memórias dos personagens ganhem um lugar de destaque na história recente do país, entre passado e presente, memória e documento.

Quando mergulhamos no texto **Como um passarinho**, Luiza Villaméa também mobiliza uma narradora minuciosa e investigadora. Mas assume um papel quase maternal, como quem compartilha lembranças com alguém que, junto com ela em afeto, busca compreender o passado. O texto é uma caixa de guardados preciosos. A cada parágrafo, uma foto, uma história que puxa outra história a compor um quebra-cabeças da vida vivida. A jovem Joana, filha de Gustavo Schiller, é a personagem central da história. A reportagem começa:

Joana estava com quase quatro anos quando explicou para a mãe de uma amiguinha por que não tinha pai: “ele estava na janela. Passou um passarinho voando. Ele voou atrás do passarinho”. Enquanto vasculha o passado em uma caixa de fotografias, Joana Rocha Schiller, 29 anos, escuta entre surpresa e emocionada o relato de sua mãe, Lúcia. “Engraçado, não me lembro de ter inventado essa história”, diz Joana. “Mas eu era muito pequena.” Ela era ainda menor quando perdeu o pai no Rio de Janeiro. Tinha um ano e oito meses. Pouco depois, mudou-se para Porto Alegre, cidade da família materna, onde mora até hoje. Com a distância e o decorrer do tempo, os vínculos com a família paterna ficaram cada vez mais tênues. Joana, no entanto, tem uma imensa curiosidade sobre tudo o que diz respeito ao pai, Gustavo Buarque Schiller, e aos movimentos de resistência ao regime militar. De vez em quando, ela encontra uma nova peça para o quebra-cabeça que vem montando há tempos com a história do pai.

Sobrepondo vários planos temporais, tal qual uma caixa de guardados organizados não cronologicamente, memórias vão e vêm no texto. A narrativa é içada por uma foto ou por um documento. Não é difícil compreender essa estratégia, já que a autora, Luiza Villaméa, estabelece com os arquivos uma relação de escuta visceral. Ela conta:

Quando eu comecei a fazer esse levantamento de informações, o Almirante Júlio de Sá Bierrembach, que foi do Superior Tribunal Militar, me permitiu o acesso a muita coisa. Eu tinha cópia de todos os boletins escolares do Gustavo, documentos de consultas médicas, desde pediatra. Eu sempre me senti em dívida com essa menina, porque eu queria muito entregar para ela essas coisas, esses documentos todos sobre o pai dela. Ela tem muita curiosidade sobre o pai, tem necessidade de reconstituir essa história.

[...]

Em geral, eu manipulo o documento durante o processo de escrever. Porque é inspirador. Quando começo a escrever, passo a ter um outro olhar para o assunto. Às vezes, no momento em que a gente pega um documento, dá para notar detalhes, uma contradição... É possível perceber alguma coisa nova. Por isso, gosto de ter as coisas assim ao meu lado. Geralmente, tenho as cópias dos documentos todas impressas.

✓ **No bordado dos sons**

- ✓ **[Essas crianças tão especiais** (rádio Cultura) e **Cantoria dos idosos** (rádio Brasil Atual), por Marilu Cabañas]

Espanto, estranhamento, conflito, confronto, sinceridade, acolhimento e transformação. **Essas crianças tão especiais** é uma reportagem que apresenta uma narrativa fragmentada, heterogênea. Construída em quatro blocos, com uma estrutura marcadamente em pingue-pongue, na qual a narradora é uma maestrina invisível de vozes no cenário de uma escola que experimenta a inclusão de crianças com necessidades. A sedução da narrativa ocorre,

especialmente, nos dois primeiros blocos, por meio das vozes das crianças (no primeiro) e dos professores (no segundo). No caldeirão dos conflitos, estão inclusive as repórteres. Dentre as crianças especiais, uma se destaca ao cantar *Quase sem querer*, de Renato Russo. Na voz do menino Rafael, a letra, por vezes, quase incompreensível, indica o terreno no qual o ouvinte vai mergulhar.

*Tenho andado distraído, impaciente e indeciso.
E ainda estou confuso./Só que agora é diferente:
Estou tão tranquilo / E tão contente.
Quantas chances desperdicei / Quando o que eu mais queria
Era provar pra todo o mundo / Que eu não precisava
Provar nada pra ninguém.
[...]*

Renato Russo e Rafael estão juntos. Marilu Cabañas relembra:

Ele cantou sozinho. Eu não pedi. Achei surpreendente e vi que dava para editar e ficar interessante para o ouvinte. Acho que o Rafael deu o tom da reportagem. [...] Eu não sabia como lidar. Fui na intuição, e ele se abriu comigo, cantou.

Embalados pela música, a narrativa segue na perspectiva das crianças, sem verniz, expondo os conflitos cotidianos da educação inclusiva.

No bloco seguinte, com os professores, a plenitude do diálogo ocorre na entrevista com a professora Rosa Maria. Um fragmento de um *strip-tease* da alma²⁵. Pressionada, a professora, se desnuda em reflexões e silêncios:

— A gente tem limites. Às vezes, eu perco mesmo a paciência.
[...]

²⁵ Em **Entrevista, o diálogo possível**, Cremilda Medina recorre a Edgar Morin para nos trazer uma classificação das formas de entrevistas nas ciências sociais. Entre elas está a “Neoconfissão” que pode ser definida: “alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social. Tal entrevista traz em si toda sua ambivalência: toda confissão pode ser considerada com um *strip-tease* da alma” (MEDINA, 2001, 4ª edição, 2ª impressão, p.15).

A pressão impulsionada pelas repórteres, depois resulta em uma escuta transformadora. Marilu Cabañas conta:

Depois a gente foi apurar, entender a situação. A gente foi conversar com a professora, que estava preocupada e sofrendo com aquela experiência nova na escola. Nós fomos ouvi-la, e ela fez um desabafo. Quando a gente levou a fala da professora [Rosa] para uma especialista, ela disse: “Marilu, ela está pedindo socorro. Ela não está aguentando”.

A narrativa problematiza. A especialista, psicóloga Joana Garfunkel, ressalta a relevância da entrevista:

— A entrevista de vocês com a Rosa foi muito importante para o nosso trabalho. Foi uma coincidência muito feliz. Teve efeitos terapêuticos. A partir dessa entrevista, a gente conseguiu ver, localizar uma demanda de trabalho.

Nos dois derradeiros blocos da reportagem, a narrativa perde fôlego. As vozes institucionalizadas de gestores públicos e de especialistas, ainda que com tom problematizador, não têm o encanto do encontro e da transformação. O narrador, aqui, alinhava pequenas e sutis ironias, inclusive com as repórteres.

Seguindo um caminho estrutural oposto, a narrativa de **Cantoria dos idosos** é deleite, passeio e encontro. A narradora, criada sob a batuta de Marilu Cabañas, assume o papel de uma ouvinte atenta, um quê de terapeuta, cuidadosa. Chega quase sorradeira e, por afeto, conduz o ouvinte:

*Va', pensiero, sull'ali dorate.
Va', ti posa sui clivi, sui coll,
Ove olezzano tepide e molli
L'aure dolci del suolo natal!
Del giordano le rive saluta,
Di sionne le torri atterrate.
O mia patria, sì bella e perduta!
O membranza sì cara e fatal²⁶*

²⁶ *Va Pensiero*, trecho da ópera Nabuco, de Giuseppe Verdi/1842.

A música é o alinhavo que costura as vozes dos personagens, um grupo de idosos que se reúne regularmente no Parque da Água Branca, em São Paulo. Por meio do gesto inspirador da arte (MEDINA, 2003) – música e poesia –, a reportagem estabelece vínculos. O Parque é o cenário do encontro. E a narradora descreve o ambiente:

— Em torno de uma grande mesa redonda, cercada de árvores, galinhas, galos e saguis, o prazer de compartilhar a música...

O encontro rotineiro do Grupo do Milênio ganha uma síntese de peculiar afetuosidade. A narradora segue em tom de convite aos ouvintes, como se desejasse transportar cada um para um dia no Parque:

— Os frequentadores do Parque vão se aproximando devagar... São atraídos pela música e brindados pelas experiências compartilhadas que passam pela própria história literária do Brasil.

A reportagem recria o clima de um papo de amigos, despretensioso, que em roda fazem um círculo imaginário das suas experiências de vida. Dentro do círculo o hoje, o agora. Fora do círculo, os saltos temporais para as lembranças, para o passado. Uma fotografia nas mãos de Flora Guimarães de Carvalho convida o ouvinte à imaginação. Ela descreve:

— Essa fotografia já tem quatro mortos, aqui. Olha aqui... Esse aqui já morreu, esse aqui... Agora essa turma é tudo mais novo. Acima de 80 anos, mais ou menos...

A profusão de vozes e experiências no microcosmos daquele encontro nos remete à coletividade, compartilhada num raro espaço de São Paulo. As sonoras das músicas constroem os vínculos com os subtemas da reportagem: o encontro de gerações, o erotismo, as dores, as lembranças. Lembranças como a de Salomão, que tem o Água Branca como o quintal da sua casa:

— Eu venho aqui há 81 anos. Quando eu tinha 1 ano, minha mãe me trazia [...] Quando tinha feira de produtos agrários, tinha bois, vacas... Eles ordenhavam vacas às sete e meia da manhã. Eles ordenhavam diretamente na jarra da minha mãe, ela colocava na minha mamadeira. Eu tomava leite in natura, tirado aqui no parque.

Afetuosidade é o caminho que conduz a reportagem. Um respiro de vida e alegria. A narradora tem mãos terapêuticas. Ou seriam ouvidos terapêuticos?

✓ **O silêncio do olhar e o sorriso que salva**

- ✓ **[Quase o peso de um passarinho e Quase o peso de um passarinho – dois anos depois** (Caminhos&Parcerias, TV Cultura), por Neide Duarte]

Quase o peso de um passarinho tem, como primeira cena, a imagem que nos conduz para dentro da história, um plano aberto com o portão de um cemitério, e a voz da repórter, em *off*, anuncia:

— A cruz marca o caminho do sertão.

Entramos em São José da Tapera, na vida árida de crianças condenadas pela desnutrição. Para contar esta história, a narrativa articula um conjunto de quatro tipos de vozes: a ONG Visão Mundial, o poder público (posto de saúde e prefeitura), as mães e as crianças, que não expressam palavras, mas dizem, ao longo da reportagem, com seus olhares de profundidade infinita. Cosme, Damião, Maria José, Denilson, Janeide, Moisés, Erivaldo e Rogério. Oito crianças que, ao lado de suas mães, assumem o protagonismo da tragédia da fome crônica no sertão de Alagoas.

As crianças não dizem palavra alguma. Expressam no olhar a incompletude de suas frágeis vidas. De tanto querer ouvi-las, a repórter vai ao encontro mais profundo com o menino Rogério. Naquele momento de releitura da realidade, ela o poetiza. A sina de Rogério emerge na repórter:

Fui menino de zóio grande. Miúdo pro tempo que eu tinha. Aqueles bracinho fino, as canelinha fina. Menino de pouco corpo, nascido na grandeza daquele deserto nordestino.

[...]

Nós pouco se mexia. Era minha irmã Maria José mais eu, sentados no chão de cimento. Ela com mais de 3 anos também não dava passo, nem dizia palavra. Mas sabia chorar, mais sentido do que eu.

[...]

Aquela lonjura, aquela largura, aquela secura das planta, aquela secura da terra, aquela secura da garganta. Eu via os boi passando triste e os meus zóio pegava aquela tristeza também.

[...]

Pensava em água: água que caía no chão, água que escorria em mim, água que vinha do céu. E toda a água do mundo num chegava pro gosto que eu tinha.

[...]

Eu também tinha minhas vergonha. Ser sempre o da precisão. Sempre no seco das coisas. Sem alívio que chegasse. E tanta gente passava, vinha dizer, Ah... voz doce de minha mãe. Tudo pra me salvar da fome que eu tinha. Eu sabia.

Rogério, aqui narrador em fluxo de consciência, fala de sonhos, medos, futuro, ressignifica o silêncio que seus olhos não conseguiram conter. A repórter Neide Duarte relembra:

Aquele texto eu fiz lá. Eu fiz lá, que é essa coisa de estar impregnada, foi um dos textos que eu fiz no carro andando... Fiz porque o menino não falava, então eu queria dar alguma voz para aquele menino, queria. Aí pensei no José Dumont [que fez a voz de Rogério na narração dos trechos], enfim, era alguma coisa, porque eu olhava naquele menino, e eu queria dizer não só as coisas, não só o hoje daquele menino, não só os que ele sentia naquele momento, mas como ele fosse adulto, como ele fosse jovem, o que ia ser a vida dele. Era tudo o que eu via ali percorrendo o sertão... Eu estava impregnada, parece que aquele menino estava dentro de mim. Parece que eu estava sentindo o que ele estava sentindo, entendeu? Era essa a sensação que eu tinha. Por isso que eu escrevi lá. Se fosse depois, eu iria perder. É como se fosse o pensamento do

menino. O olhar, tudo o que a gente viveu com ele, aquela carinha dele.

A reportagem tem a missão de dar rosto, identidade e histórias aos números. O fato: município com o menor IDH do país e a mais alta taxa de mortalidade infantil no Brasil, em 1999. Na esteira do fato, o trabalho de uma ONG. No cerne do drama, as crianças, cujas vidas são apenas uma remota possibilidade. Entre os dados concretos, a objetividade dos números, os diagnósticos e prognósticos de gestores públicos e ONG, as vozes das mães carregam a impotência. Quando a repórter conversa com Josefa:

- Quantos filhos a senhora teve?
- Tive 11.
- E morreu algum?
- Morreram dois.
- Morreram de quê?
- De precisão, de fraqueza, não tinha condições de criar, né? Um tinha 1 ano. Faz 6 meses.
- Ele pesava quanto?
- Dois quilos. Nasceu com 2 kg e não passou de 2 kg, não senhora. Nunca aumentou.

A segunda reportagem, **Quase o peso de um passarinho – dois anos depois**, é um desses raros momentos no jornalismo. Poder retornar. A narrativa funde passado e presente. O ontem aparece em cenas e falas, como em *flash back* e imagens em P&B. O presente é o reencontro da repórter com as crianças e as mães. **Dois anos depois** revisita São José da Tapera diante de novos fatos: a taxa de mortalidade reduziu drasticamente, mas o problema persiste. Cosme e Damião morreram. Janeide, Erinaldo e Rogério sobreviveram. A multi-mistura tirou-os das trágicas estatísticas.

O reencontro com as crianças revela saudade. Uma narrativa afetuosa. A repórter infantiliza sua voz em cenas do reencontro com Rogério, Janeide. A voz, em *off* de Neide Duarte, trata de nos reaproximar de Rogério:

Voltar dois anos depois. Encontrar outra vez aquele menino moreno. O mesmo caminho, o mesmo chão de terra, a mesma casa, a mesma cisterna. Rogério já caminha entre as palmas. Corre no terreiro. E está sempre sorrindo. Engordou 5 quilos nesses últimos dois anos, mas ainda é um menino desnutrido. Precisaria incluir proteína na sua alimentação. Rogério é um menino pequeno e magro pra sua idade. Aos 4 anos ainda não fala, mas sabe dar e receber afeto.

As crianças sobreviveram. Entretanto, o futuro é apenas uma possibilidade. A reportagem caminha para o fim sem pretensão alguma de respostas definitivas, mas a narrativa, permeada pelo encontro com o outro, capta um derradeiro momento. O médico Geraldo Pinto, no Posto de Saúde, cuida da criança, mas diz que é preciso também olhar para a mãe.

— Aqui é o seguinte: é uma questão de trabalhar a mãe, melhorar a condição da mãe, dela se alimentar, porque ela tendo condições de se alimentar, ela estando em melhor condição, ela vai ter condição de sustentar a criança.

E a narrativa nos leva, brevemente, para a mãe. A repórter, em *off*, narra:

E talvez porque nunca lhe disseram, ou porque nunca pensaram pra ela tantos cuidados, essa mulher de 33 anos, analfabeta, mãe de 9 filhos chorou. Alcançada pelo olhar de um médico que olha pra ela.

- ✓ **A complexidade de múltiplas vozes**
- ✓ [Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão (Estadão, multimídia) e Crack: a geografia do vício (Estadão, impresso), por Ricardo Brandt

Uma grande reportagem, um mosaico de fontes que apontam diversas leituras de um problema de magnitude imensurável. O especial multimídia **Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão** já no título indica que a narrativa vai tatear a realidade, sem a pretensão de atingir uma suposta precisão. O repórter Ricardo Brandt mobiliza um narrador clássico do jornalismo que, na maior parte do texto, age com onisciência neutra. Entretanto, ao articular as vozes da vivência do crack, isto é, dos usuários e dos familiares, o narrador se permite uma maior aproximação dos personagens que desejam, na maior parte das vezes, o anonimato do nome fictício.

É das vozes anônimas, das tragédias de muitas vidas, das dores de quem se perdeu de si, que está toda a força da reportagem. Na abertura, um sumário do que teremos pela frente:

"A raspa da canela do capeta." Assim era conhecido o crack quando surgiu em São Paulo, na periferia da zona leste. Era fim dos anos 1980 e o Brasil vivia os desafios da redemocratização, após 20 anos de ditadura militar. Subproduto sujo e barato da cocaína, a droga que deve seu nome aos estalos que emite ao ser queimada logo se tornou o prazer e a praga dos excluídos, de farrapos humanos que pouco importavam à sociedade e, consequentemente, ao poder público.

Passados mais de 20 anos, esse cenário mudou: hoje, o crack está presente em todos os cantos do Estado. Dos grandes centros urbanos, migrou para cidades pequenas e afastadas, antigos rincões do sossego. Também escalou a pirâmide social e chegou às mansões. Com a mesma rapidez com que corrompe e danifica o organismo, virou a principal droga ilícita tanto em municípios pobres e pouco desenvolvidos quanto em regiões de economia aquecida, estâncias turísticas, balneários, paraísos litorâneos e na roça.

A reportagem esquadrinha o estado de São Paulo ao percorrer quase 7mil quilômetros e ir à realidade dos usuários de crack em 13 cidades, com distintas características. Dividida em 9 capítulos, a narrativa é um mergulho denso de informações, dados, diagnósticos e questionamentos.

É, principalmente, um sopro de voz dos usuários. Na síntese de algumas falas, a reportagem capta um aspecto emblemático do problema, o prazer do consumo:

— Não pode dar o primeiro beijo. Deu o primeiro beijo acabou com a vida do cara.

[...]

— A droga é a coisa mais gostosa que tem, senão ninguém usava.

[...]

— Pra mim, era melhor que orgasmo, vou falar a verdade.

[...]

— O mais difícil é eu ligar comigo mesmo. Eu tenho que me conhecer. Porque o problema não é a droga. O problema sou eu.

O narrador se coloca numa posição de articulador das problematizações apontadas na apuração. Há ou não uma epidemia? Problematizações! Vozes.

Sei que esse tema – se tem ou não epidemia – passou a ser usado quase como uma queda de braço. O que posso afirmar é que o problema é grave e o país tem cada vez mais buscado instrumentos, recursos e meios para enfrentá-lo (Vitore Maximiano, Secretário nacional de Políticas sobre Drogas).

O crack provoca vício imediato? Problematizações! Vozes.

A gente sabe que a droga não é boa ou má. O que pode ser boa ou má é a maneira como você se relaciona com ela. A maior prova disso é o álcool – a grande maioria dos usuários não é dependente e usa de forma controlada. Isso é válido para drogas ilícitas (Dartiu Xavier da Silveira, médico psiquiatra do Programa de Orientação e Assistência a Dependentes/Unifesp).

[...]

Hoje nosso problema no Brasil é mais grave no álcool. Mas o crack vem entrando de forma galopante no interior de São Paulo. [...] Um dependente de álcool geralmente tem problemas no âmbito da família, com esposa, filho, mas ainda está trabalhando. Quando a gente pega um dependente de crack, ele já está envolvido com o tráfico, já está furtando, ocasionalmente roubando. A maioria, além da dependência, tem um transtorno psicótico associado ou um transtorno de humor (psicóloga Janice Megid, psicóloga, diretora de uma clínica de desintoxicação, Botucatu).

Quais são os tratamentos? Internação é a solução? Problematizações!

Vozes.

A grande maioria vê ainda na internação a salvação. E não é isso que a gente tem verificado. Muito pelo contrário. A gente toma muito cuidado com a internação... (Talita Valle, coordenadora do núcleo de saúde mental de Ibitinga)

Quando a gente começou, acreditava que teria, no máximo, de dez a 15 pacientes intensivos e de seis a oito ambulatoriais por dia. Mas, em pouco tempo, a gente tem uma média de 35 pacientes intensivos, que são atendidos todos os dias, 30 semi-intensivos e em torno de 200 ambulatoriais por mês (José Roberto Ottoboni, coordenador do Caps de Garça e dono de uma comunidade terapêutica em Vera Cruz).

A interatividade é outro elemento instigante da reportagem. Explorando ao máximo o ambiente multimídia, a narrativa incorpora mapas, artigos científicos, infográficos, gráficos, vídeos, videoclipes. São camadas e camadas de informações, com uma costura distinta de uma reportagem elaborada para uma mídia só, seja ela impressa, TV ou rádio. Ricardo Brandt comenta:

Como é uma reportagem multimídia, tem vários aspectos: o texto, a roteirização, a navegação, as imagens, os vídeos. Eu também fiz a roteirização do documentário. [...] Como tinha muita coisa, mais de 50 fontes, eu tinha que buscar um equilíbrio: quem eu já usei em qual capítulo. Quem é que ia falar. Quem aparece em qual capítulo. Isso foi sendo ajustado.

Eu vou digitando o texto com as marcações: aqui entra um vídeo (marco quem é, qual o trecho). Marco a entrada de fotos. Fiz uma separação “F” é foto e “V” é vídeo. Tudo que eu ia colocar no capítulo. Tem também os infográficos e os hiperlinks. Tudo a gente tem que planejar para dar o equilíbrio de cada capítulo. Cada ideia de capítulo tinha uma pasta com todo o levantamento de informações: os estudos, quem falava sobre aquele assunto. Os hiperlinks não estavam planejados inicialmente. Depois, a gente pensou: por que não colocar todas as referências, documentos ali no texto para o leitor clicar? É uma bibliografia real, navegável, de acesso direto. [...] Reforça o sentido de ser um WebDoc. A gente tem links para documentos, estudos, para música, para o acervo histórico do próprio jornal.

- ✓ **Ah, mundo! Vasto e irônico mundo...**
- ✓ **[O fruto proibido** (revista Alfa) e **O escritor e seu duplo** (Valor Econômico), por Tom Cardoso]

O narrador da reportagem **Fruto proibido** não esconde as artimanhas do texto. Logo no título, uma pista intertextual. Na sequência, a linha-fina avisa o que virá:

Em 1968, uma menina do interior seduziu um importante líder da esquerda. Ela era, na verdade, uma espiã da ditadura conhecida pelo codinome Maçã Dourada. Ele era José Dirceu. ALFA encontrou a personagem central dessa história.

Um narrador irônico, com talento para investigação, é quem conduz a narrativa. A reportagem mescla duas histórias em planos complementares: um romance juvenil entre uma personagem “quase lendária” e um dos principais líderes do movimento estudantil em meio à ditadura militar no Brasil, em 1968; e a busca do repórter rumo à protagonista da história, “a menina do interior”.

No enredo do romance, no final dos anos 1960, o narrador apresenta o galã, uma mocinha e uma trama policialesca.

[...] Dirceu, mineiro de Passa Quatro, passava o rodo geral. Sua fama de pegador espalhou-se rapidamente pela Rua Maria Antonia – as meninas o chamavam de “Alain Delon dos Pobres”, e seus pares, jocosamente, (ninguém usava aquela franja impunemente), de “Ronnie Von das Massas”. Tudo caminhava bem, até Dirceu provar o fruto proibido, ou melhor, cair nas garras da “Maçã Dourada”, o codinome de Heloísa Helena Guimarães, a espiã que o DOPS, um dos órgãos a repressão da ditadura infiltrara no berço do movimento estudantil, que seduzira rapidamente o galã vermelho [...]

A reportagem segue entre uma tentativa de esclarecer o real papel da jovem Heloísa no passado e encontrá-la hoje. Personagens vários que conviveram com ela, que experimentaram aquele efervescente período na Rua Maria Antônia são as principais vozes do texto.

Em paralelo às tramas do passado, o repórter chega à pequena cidade de Casa Branca, no interior de São Paulo. O repórter narra:

Toco a campainha. Quem atende é uma moça loira, beirando os 25 anos. É a filha de Heloísa. Pergunto sobre a dona da casa. Com óculos escuros, camisa azul, calça branca, batom, cabelo preso por uma trança – e as unhas pintadas de vermelho – surge, Zelena. O diálogo é franco e direto:

- Pois não, o que deseja?
- Heloisa Helena Magalhães?
- Sim, sou eu.
- A Maçã Dourada?
- Não tenho nada a dizer sobre isso.

A narrativa é conduzida em tom de suspense e ironia. Helena troca poucas palavras com o repórter. Foi uma espiã? Não confirma. Não desmente. Avisa que vai escrever um livro para contar a sua versão dos fatos. O romance entre José Dirceu e Heloisa virou paródia da música Jardineira pela turma da Maria Antônia:

Mas ô Dirceu / Por que estás tão triste / Mas o que foi que te aconteceu? / Foi a Heloisa que dedou a turma / Fez bilhetinhos / E a turma prendeu.

No ritmo musical e de gozação, o narrador encerra a reportagem com uma dica sobre a trilha que Heloisa tocava hoje [2012] para o ex-namorado:

Apesar de você / Amanhã há de ser outro dia / Ainda pago pra ver / O jardim florescer / Qual você não queria / Você vai amargar / Vendo o dia raiar / Sem lhe pedir licença...

Em **O Escritor e seu duplo**, o narrador, sob a batuta de Tom Cardoso, também brinca, ironiza, faz gozações. Mas sua principal maestria é tratar o texto como um pequeno palco de construção de personagens. Logo na abertura da reportagem, brinca com o leitor, como se aquela história estivesse sendo narrada em um cenário improvável:

O pânico tomou conta do repórter. Ele havia entrado no apartamento errado. Por certo, a diarista, imersa nos seus afazeres, contribuíra para a gafe, autorizando a entrada do estranho. Ali dificilmente moraria João Ubaldo Ribeiro. As duas estantes da sala, de frente ao sofá, estavam abarrotadas de pelo menos 30 miniaturas de heróis e vilões de HQs, do Coringa ao Surfista Prateado, da Mulher Maravilha ao Lanterna Verde. O romancista e cronista baiano, autor de "Viva o Povo Brasileiro", clássico da literatura brasileira, agraciado com o Prêmio Camões, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), teria sido acometido, aos 73 anos, por uma espécie de síndrome de Peter Pan? E o que fazia aquele retrato de Elvis Presley apoiado em Conan, o Bárbaro? Não há registros de seu entusiasmo pelo rock americano dos anos 50. "A foto de Elvis foi um presente dado a Berenice, minha mulher." A voz, de trovão, de preto velho baiano, vinda do alto da escada, que liga o primeiro ao segundo andar do apartamento, era inconfundível. De bermuda, camisa xadrez e chinelo de couro, surge Ubaldo. O arquétipo do homem nascido em Itaparica, pelo menos, estava preservado.

O mal-entendido é desfeito rapidamente. Não há chance de Ubaldo levar as miniaturas para os chás da tarde na ABL.

O perfil do escritor João Ubaldo Ribeiro é traçado sob um tripé: Ubaldo não sabe dizer não. Ubaldo está cansado de responder sempre as mesmas perguntas. Ubaldo não é um, são dois: o Grande Ubaldo e o Pequeno Ubaldo. Nesta tríade, o narrador leva o leitor a ter elementos para enxergar as facetas do único personagem entrevistado na reportagem.

O narrador é um alter ego do repórter que, pleno de admiração pelo escritor, pinça sínteses conceituais da relação do escritor e seu processo de criação:

Mas Ubaldo não é de dizer não. Nunca foi. O que explica a demora para concluir o novo romance, prometido, há anos, à editora Objetiva. Além de acatar o pedido do coadjuvante do romance, que exigiu virar protagonista, insurreição que obrigou o escritor a começar tudo de novo, ele tem que suportar as aporrinhações do dia a dia.

[...]

São duas personalidades convivendo, nem sempre de forma harmônica, numa mesma pessoa: o Grande Ubaldo e o Pequeno Ubaldo. O primeiro é disciplinado, educado e cordial. O segundo, hedonista, indolente e irascível.

[...]

Ironia do destino, o tom de cansaço que acompanha os passos de Ubaldo pelo apartamento onde ele recebe o repórter, pode ser compreendido como um sinal de despedida. Possivelmente, Tom Cardoso foi um dos derradeiros repórteres a entrevistar pessoalmente o escritor²⁷. “Com certo ar de tédio”. “Cada vez mais recluso”. “O escritor sobe vagarosamente a escada que liga o primeiro ao segundo andar do apartamento.” A narrativa desenha o ritmo de Ubaldo. Caminhando para o final do texto, o narrador brinca com o próprio repórter:

Antes da despedida, vamos à cozinha para mais um café. Há um pote de jaca, fruta muito apreciada pelos baianos, na mesa. O repórter faz a última indagação: “Você gosta de jaca mole ou de jaca dura”? Ubaldo abre um grande sorriso. “De jaca dura”, diz. “Está aí uma pergunta que nunca me fizeram.”

2.2 – Eles, os narradores

Primeira pessoa. Terceira pessoa. Mutante. Invisível. Próximo. Afastado. Acima. Ao lado. Adiante. Atrás. Solidário. Generoso. Paciente. Problemizador.

²⁷ O encontro do jornalista Tom Cardoso com João Ubaldo aconteceu no dia 13 de dezembro de 2013. A reportagem foi publicada na primeira semana de fev/2014 e o escritor faleceu em 18 de julho/2014.

Mediador. Ensimesmado. Ordeiro. Irônico. Autoritário. Imperioso. Banhado de. Impregnado de. Com suas próprias vestes ou com as vestes de outrem: uma criança; um taxista; uma parteira; um internauta; um historiador; um terapeuta; um pesquisador; um musicista; um contador de causos... Mais, mais e muito mais. Eis as múltiplas possibilidades da composição dos narradores na reportagem.

Como afirmamos no início da Parte II desta tese (pág. 58), “contar uma história é uma forma de ressignificar o tempo, o espaço e os sujeitos/personagens. É o narrador quem conta, conduz, guia, alinhava palavras e acontecimentos.” Para além de um olhar reducionista e permeado pela “gramática normativa” (MEDINA, 2003, 2006) da narrativa jornalística, é possível, sim, identificar – como vimos ao longo das leituras culturais das reportagens aqui observadas – que há sujeitos distintos mobilizados na narrativa de uma reportagem.

Há profundas heterogeneidades nesse processo: daquilo que é uma experiência mais radical, digamos, como um narrador rio; um narrador-defunto; um narrador-bicho tal qual apresentamos nas reportagens-encantamento; àquilo que poderíamos, convencionalmente, denominar como narradores clássicos, especialmente aquele que se posiciona em terceira pessoa e procura um distanciamento do que é narrado.

Exceto nas experiências mais radicais, os repórteres-autores com os quais dialogamos para esta tese não costumam identificar em suas experiências narrativas o que estamos denominando “deslocamento do sujeito” para elaborar

a tessitura da narrativa. As percepções dos repórteres sobre esse processo são distintas:

Vamos ao que dizem:

Eu nunca refleti muito sobre isso. Esse deslocamento do sujeito para narrar. Talvez não seja tão diferente em cada matéria. Nunca fiz algo parecido com o exemplo da Cremilda, como você disse que é escrever, por exemplo, na perspectiva do rio São Francisco. Acho que é importante mostrar condições nas quais as conclusões científicas são obtidas. É importante mostrar as condições em que os fatos jornalísticos são obtidos. Isso, por exemplo, justifica, em alguns casos, a primeira pessoa. A priori, eu tento evitar. (Bernardo Esteves)

[...] o repórter [durante a edição] tem que se transportar de novo para o lugar onde estava. Ele esteve presente naquela história, interferiu, estabeleceu uma relação com as pessoas. Então, é necessário recuperar o clima da história que você está contando para estabelecer um ritmo dessa narrativa. [...] Quando tudo estiver montado, eu pergunto para o César que esteve apurando: [...] “A reportagem conseguiu reconstruir a história que a gente foi buscar e que a gente presenciou?” Acho que essa é a questão: a presença. A reportagem precisa trazer para o telespectador a presença da história [...]. (César Dassie)

Se a gente tem uma boa história, o mínimo que podemos fazer é contá-la como ela merece. O repórter tem o privilégio de estar lá [...]. Por isso, minha obrigação é deixar a narrativa tão rica quanto foi a experiência para mim. [...] O leitor não vai estar lá. Eu tive o privilégio de ouvir e ver estas coisas. Então tenho que contar do jeito que capte um pouco a riqueza toda que eu senti lá. (Christian Carvalho Cruz)

Sobre o narrador, acho que acontece um deslocamento no seguinte sentido, eu vou para a perspectiva das pessoas que estão na reportagem. Na Amazônia, conto a história na perspectiva deles. Dos *freegans*, o olhar deles para o mundo. Eu vou para o lado de quem está contando a história, mas também vou para o lado de quem vai ouvir a história. Acho que eu transito entre esses dois lados. Tanto na hora da apuração, quanto da edição. (Fabiola Cidral)

Quando escrevo, sou essa pessoa que está com o leitor. Não penso em alguém especificamente. Mas acho que essa postura está relacionada com a cobertura de tecnologia. Quando eu

comecei, era superdifícil. Eu não entendia de BIT, de RAM. Então, procuro escrever para a pessoa que eu era quando eu lia e não entendia, sabe? (Juliana Carpanez)

Eu consigo perceber que constituo esse sujeito narrador, mas isso não é planejado. Não é algo delineado com antecedência para ser executado. A coisa acontece. O processo conduz a esse tipo de narrativa. Não é elaborado de forma racional. (Luiza Villaméa)

As palavras que vou usar no texto têm que combinar com toda atmosfera, com todo, com tudo o que eu estava vivenciando. A construção do texto é uma coisa assim: eu fico cabisbaixa, preciso ter aquele momento para poder escrever e deixar vir as coisas que eu vivenciei. (Marilu Cabañas)

Foi o único programa que eu fiz isso [Quase o peso de um passarinho]. Mas fiz por conta daquele menino [Rogério]. Sei lá, hoje não sei se eu faria da mesma forma. [...]. Foi a única vez que fiz essa experiência de narrador assim tão diferente. [...] Eu estava impregnada, parece que aquele menino estava dentro de mim. Parece que eu estava sentindo o que ele estava sentindo, entendeu? Era essa a sensação que eu tinha. Por isso que eu escrevi lá. Se fosse depois, eu ia perder. É como se fosse o pensamento do menino. O olhar, tudo o que a gente viveu com ele, aquela carinha dele. (Neide Duarte)

Conscientemente, eu não faço esse deslocamento para narrar. Talvez sim, mas não é consciente. Essa área com a qual eu trabalho é muito monitorada juridicamente. Eu falo sobre política, faço denúncias. Eu preciso de documentação e preciso ter um distanciamento. [...] Claro que existe uma bagagem subjetiva do repórter para ele saber olhar o todo. A sua bagagem conta na hora de você entender um problema como esse. Você tem que oferecer o todo para o leitor. Para ele olhar o quadro inteiro. (Ricardo Brandt)

Eu já entrei como primeira pessoa em reportagens, narrei, assim, em primeira pessoa, mas não me lembro de ter experimentado um narrador tão diferente. (Tom Cardoso)

A tessitura do presente – como a elaboração de reportagens, por exemplo – corresponde a um esforço de produção simbólica que rompe com a concepção positivista de objetividade: “A distância que existe

entre a realidade objetiva e a representação dessa realidade é percorrida pelo esforço da interpretação” (MEDINA, 2008, p.30). Nessa perspectiva, a produção simbólica decorrente do jornalismo ressignifica o acontecimento e abre portas para uma leitura complexa da realidade. Também é nessa perspectiva que a noção de narrador, ou seja, do sujeito que narra, é um lugar fronteiro imbricado de complexidade.

Narrar é reelaborar a realidade. Na reportagem reelaboramos a realidade com as palavras (escritas, faladas...) com as imagens (em fotografia, em movimento...). Interessante observarmos uma reflexão do pesquisador Boris Kossoy, quando ele nos alerta para o fato que de a fotografia corresponde a uma segunda realidade. “A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível” (KOSSOY, 2014, p.172). É oportuno fazer conexões.

A realidade reelaborada – por exemplo, nas reportagens – é resultante de estratégias arquitetadas para fazer conexões temporais, espaciais e articular vozes/visões de mundo dos personagens/fontes entrevistadas. Como nos sugere Monica Martinez²⁸:

Não estamos resgatando uma realidade estanque no passado. Estamos reelaborando-a. Em vez de verdade absoluta, versões, Com seus questionamentos, o autor da história de vida é parte integrante da narrativa, o que pode aflorar um verdadeiro diálogo de sujeitos [...] No jogo entre resgate e revisão de memórias, o que está sendo construída uma nova versão daquela realidade. (MARTINEZ, 2008, p.268-269)

²⁸ Na obra **Jornada do Herói**, decorrente de sua pesquisa de doutorado, a pesquisadora Monica Martinez trata de um método de estruturação de narrativas cruzando a mitologia (na perspectiva de Joseph Campbell) e a psicologia (na perspectiva de Carl Gustav Jung) para a construção de narrativas biográficas e perfis.

Vale fazer uma breve conexão com Ricoeur, quando ele aponta que “uma lista de fatos sem vínculos entre si não é uma narrativa” (RICOEUR, 2010, p. 245). A narrativa imprime uma organização espacial e temporal aos acontecimentos, estabelecendo hierarquias. E, novamente recorrendo à Ricoeur, “o mundo narrado é o mundo do personagem e é narrado pelo narrador” (p. 152), pois “o ponto de vista [ou foco narrativo] responde à questão: de onde vemos o que é mostrado pelo fato de ser narrado? E, assim, de onde se fala? A voz responde à questão: quem fala aqui?” (p. 172).

O sujeito que narra ganha vida na narrativa. O autor, que assina a reportagem, existe para além da narrativa. Entretanto, o *ethos* hegemônico que sustenta a prática jornalística tradicionalmente cria barreiras para que seja possível identificar efetivamente a existência da separação que existe entre autor e narrador. Na literatura, no campo das artes, o autor ciente da sua *episteme* sabe claramente que ele elabora um sujeito outro para narrar suas histórias. No jornalismo, ainda tateamos a compreensão dessa questão.

Parte III

Os autores, o eu dotado de institucionalidade

3.1 – O autor jornalista: sujeito real e empírico

Quem é o autor no jornalismo? Se mesclarmos as noções de autoria propostas por Medina com a definição de Reis e Lopes, vamos caminhar no sentido de compreender este sujeito como um agente cultural, produtor de sentidos, que atua, cotidianamente, na reelaboração das realidades observadas.

Para Medina, o jornalista:

[...] como privilegiado leitor da cultura, uma vez que transita na primeira realidade, observa o mundo à sua volta e capta depoimentos dos protagonistas sociais, ouve relatos e reúne declarações do universo conceitual (informações especializadas, opiniões e interpretações), assume, nessas mediações, uma responsabilidade autoral que permeia qualquer editoria. Ao produzir sentidos – e é isso que o jornalista faz –, ele está falando de certa cultura, com os protagonistas culturais localizados²⁹ (MEDINA, 2006, p.81).

Ao mesmo tempo, para Reis e Lopes, o autor é:

[...] a entidade materialmente responsável pelo texto narrativo, sujeito de uma atividade literária³⁰ a partir da qual se configura um universo diegético com suas personagens, acções, coordenadas temporais etc. A condição do autor conectiona-se estreitamente com as várias incidências que atingem a autoria: nos planos estético-cultural, ético, moral, jurídico e econômico-social, a autoria compreende direitos e deveres, ao mesmo tempo que atribui uma autoridade projectada sobre o receptor (REIS; LOPES, 2007, p.39).

Esse sujeito, que é um leitor cultural, é também dotado de direitos e deveres, tem um lugar social demarcado por sua formação profissional e age socialmente também em sintonia com o veículo de comunicação para o qual

²⁹ Grifos meus.

³⁰ Reis e Lopes sempre fazem referência ao ambiente literário nas suas definições, entretanto, podemos trazê-las para o campo jornalístico.

trabalha (a sintonia não significa ausência de conflitos, mas a permanente necessidade de mediação). A identidade social do jornalista transita no cruzamento de dois planos: 1) de um conjunto de normas e valores tacitamente aceitos e apreendidos na sua formação profissional³¹; 2) de um conjunto de concepções formuladas, intuitivamente, na prática cotidiana da profissão, nas quais se detectam os traços de visão de mundo e concepção de jornalismo que cada autor carrega consigo.

O autor, o sujeito formal e real, tem nome, sobrenome, identidade profissional. O autor está diretamente ligado ao exercício de um ofício. É ele quem determina o ponto de partida da narrativa jornalística. Ao pensar em uma pauta e sugeri-la para o chefe, o jornalista dá início à elaboração da narrativa. É o momento embrionário da narrativa, mas o narrador ainda não está, efetivamente, configurado neste momento.

Durante todas as etapas da apuração (pesquisa, produção, observação e entrevistas), o sujeito que age e elabora é o jornalista/autor. Este autor, *a priori*, define seu *modus operandi* e estabelece as relações com os acontecimentos e com os sujeitos dos acontecimentos permeado por um papel social do qual se espera um determinado comportamento profissional.

Quando vamos aos diálogos estabelecidos com os repórteres autores com os quais dialogamos para esta tese é possível identificar vários aspectos do *modus operandi* em cada profissional. Pinçamos em trechos das entrevistas,

³¹ Importante destacar a tese de doutorado de Carlos Eduardo Sandano Santos, **Para além do código digital: discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade**, 2014, discute o status epistemológico do jornalismo e os valores culturais sociais nos quais o exercício profissional está envolto. Caminha para “descrever o jornalismo como uma ação comunicativa virtuosa, realizada por mediadores epistemologicamente qualificados e responsáveis, que visa o endossamento democrático e a afirmação de solidariedade nas relações humanas”.

reflexões que nos indicam questões do traquejo profissional, da relação do repórter com a profissão, das formas de condução das etapas de trabalho para a elaboração de uma reportagem:

Muitas vezes, lá no campo [na apuração], eu penso em algo para abrir a matéria, isso aqui vai ficar no meio, aquilo lá vai encerrar... Aí quando voltamos para a redação: “e se as coisas não funcionaram como a gente imaginou?” Na apuração, estamos – de certa forma – envolvidos com a pessoa, com a história ou com a situação que se criou ali. Um sorriso, uma risada, um choro... Mas quando voltamos para a redação, a gente pode perceber que a coisa ficou exagerada ou que vai expor demais a pessoa, ou que não funcionou mesmo. (César Dassie)

A edição em rádio é um bordado. O ponto que eu vou dar, o colorido, tem que deixar bonito. Minha mãe dizia que o direito e o avesso têm que ser quase iguais para você ver qual é a boa bordadeira. Então, o avesso era o Grupo, é a matéria bruta, é a vida. Se tudo isso é tão bonito, tenho que deixar também o bordado ser bonito. Também penso em cores. (Marilu Cabañas)

Eu fui ser jornalista por causa da escrita, não foi por causa de furo, por causa de carreira. Percebi isso muito tempo depois, fazendo análise. Gosto de estar com as pessoas. Eu quero escrever melhor, então preciso de tempo para escrever melhor, [...] O jeito de escrever também traz a postura diante da própria profissão, é minha postura de vida, é uma das coisas mais importantes da minha vida. Eu gostaria até que não fosse, gostaria que não tivesse esse peso, mas tem. Tudo gira muito em torno disso. (Christian Carvalho Cruz)

Naquele momento, meu interesse era para a tese, mas eu já estava com “dois chapéus”, digamos, o de pesquisador e o de jornalista. Eu já havia tentando emplacar essa pauta na revista, mas o gancho só veio quando estava conversando com alguns wikipedistas e fiquei sabendo que a Nice poa havia desistido de fazer intervenções na enciclopédia. Aí eu sabia que tinha uma história nas mãos, precisava falar com ela. A pauta foi aprovada [para a reportagem Cooperação conturbada]. A apuração para esta reportagem foi muito misturada. (Bernardo Esteves)

A forma como a gente faz o programa [Caminhos Alternativos] é difícil. Foi um processo que me fez enxergar muito a forma como eu ajo no mundo, minhas atitudes, e elas me incomodaram. Numa apuração desse tipo, com microfone solto, eu vi como é a Fabíola jornalista, o quanto vou empurrando a pessoa na parede

com as minhas perguntas. O quanto sou incisiva. No começo era mais complicado, hoje em dia está mais tranquilo. Isso vem da busca pelo caminho, né? (Fabiola Cidral)

Depois que a pauta é aprovada, tudo continua sendo muito conversado. A gente senta todo mundo junto. É importante. Eu estudei em escola construtivista e acho que estou vivendo uma experiência [no TAB UOL] construtivista, sabe? Com essa coisa de trocar ideias o tempo todo. (Juliana Carpaneaz)

Fui pegando fios e puxando. Eu ia todos os dias para o Arquivo Público do Estado. Elegi o caso dos netos da Tercina para começar. Fui procurar mais sobre a história da Tercina. Aí alguém te conta uma coisa, outra pessoa, outra. Eu sabia da existência da foto, mas na hora que listei esse caso, não me lembrava dela. Quando eu comecei a levantar o material, pesquisar, pensei: as crianças estão na foto e ninguém nunca prestou atenção. A foto foi feita pela repressão. Todo mundo já viu e foi publicada inúmeras vezes. (Luiza Villaméa)

Na primeira reportagem, **Quase o peso de um passarinho**, o produtor [do programa Caminhos&Parcerias] foi comprar a água de coco para dar para ao menino. Você viu o jeito que ele grudou, bebeu aquele copo? Quando ele dá aquele sorrisinho é de matar, não é? Só em seguida nós falamos com a médica. Ela disse: "se ele sorrir está salvo. Quando a criança sorrir, ela está salva!". Foi depois que demos água de coco para ele, que a médica comentou. Eu pensei: "não acredito!!". Aí você já vê a edição... Imagina o trecho editado na reportagem. (Neide Duarte)

Sempre íamos o fotógrafo, o motorista e eu. O fotógrafo e eu descíamos juntos. Não vou disfarçado, e o fotógrafo chega com a câmera abaixada. Em uma das situações, a gente chegou numa biqueira, o pessoal se assustou. Era uma viela, na favela. Aí eu falei: "calma, não vamos mostrar imagem de ninguém, só quero saber como é a situação aqui na cidade, quem está vendendo...". (Ricardo Brandt)

Fui cruzando as informações. Não cheguei direto nela. Na lista de amigos [do Facebook], fui perguntando e tal. Até que soube que era uma pessoa que morava em Casa Branca. Não falei com ela. Fui direto para a cidade. Fui com uma fotógrafa [...] Chegamos à casa, tocamos a campainha e quem abriu foi a filha dela. Aí ela apareceu, mas não quis me dar entrevista. A reportagem foi construída, então, nesse clima. (Tom Cardoso)

Os jornalistas (autores) vão ao encontro do acontecimento demarcados pela sua identidade profissional. O encontro com o outro tem início mediante uma clara formalização do lugar e do papel social, nos quais um dos interlocutores (o jornalista) está envolto. A experiência e vivência da apuração das informações é permeada pela institucionalidade que se espera de um jornalista. Ao mesmo tempo, no processo de edição essa mesma institucionalidade deixa suas marcas. Podemos recorrer a Erving Goffman para compreender alguns dos aspectos que perpassam o lugar formal do autor/repórter no jornalismo:

A sociedade está organizada tendo por base o princípio de que qualquer indivíduo que possua certas características sociais tem o direito moral de esperar que os outros o valorizem e o tratem de maneira adequada. (GOFFMAN, 1985, p.20)

Assim,

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser.” (GOFFMAN, 1985, p.25)

3.2 – Entre a autonomia e o “apagamento”

No jornalismo, autor e narrador estão envolvidos em conflituosas tramas conceituais, quando não raro passam por um processo de “apagamento”. O jornalismo, historicamente, recusa até mesmo a autonomia da autoria no texto, quando encarcera o jornalista em um

narrador de 3ª pessoa, disciplinado em manuais de redação. Imagine, então, admitir que a “narrativa da vida real” possa ser elaborada por um sujeito “criado” pelo autor? Se não há a autonomia da autoria, o jornalista é apenas aquele que redige “narrativas enclausuradas”, conforme analisa Fernando Resende:

[...] porque partem [os jornalistas] do princípio de que sua construção [a narrativa] depende exclusivamente de normas/regras previamente estabelecidas que, uma vez aplicadas ao texto jornalístico, são capazes de explicar os acontecimentos do mundo. Um dos princípios epistemológicos do jornalismo ancora-se no fato de ser este o lugar do discurso pautado pela verdade (RESENDE, 2002, p.42).

É possível perceber que as normatizações sedimentadas como verdades na prática jornalística não só promovem um embaçamento do olhar do repórter, mas também atam o processo de elaboração do texto. Se o jornalista aceitar, tacitamente, que o seu lugar profissional é o do simples relato objetivo dos fatos, ele estará abrindo mão de ser um sujeito partícipe da construção cotidiana das narrativas da contemporaneidade. Esse problema está, frequentemente, colocado nas rotinas profissionais, como verifica o pesquisador Rogério Christofolletti na sua tese de doutorado. Ao investigar a questão da objetividade e da autoria na reportagem, ele diz:

Na maioria dos produtos jornalísticos oferecidos ao público, existe uma tentativa deliberada de calar os sujeitos que reportam em detrimento de uma suposta possibilidade de os fatos falarem por eles mesmos. Nas redações, nos estúdios, e nas ruas, o repórter deve desaparecer em nome da notícia (CHRISTOFOLETTI, 2004, p.165).

Mas também alerta que fazer desaparecer a autoria no jornalismo é impossível, posto que:

A comunicação, e em especial o Jornalismo, envolve sujeitos que consomem informações e sujeitos que as produzem e as disseminam. Por mais que se tente, não é possível fazer desaparecer os sujeitos dessa equação. Por natureza, a atividade é humana e não pode prescindir dos elos que a compõem. A cada tentativa de matar o autor, mais o estilo se firma como um eco da voz do criador. Não só na literatura, mas também no jornalismo (CHRISTOFOLETTI, 2004, p.173).

A partir da premissa de Christofolletti, é possível caminhar no sentido oposto a um conjunto de valores e práticas que, hegemonicamente, está alicerçado nas rotinas profissionais jornalísticas. **Eis a possibilidade de um *ethos*: compreender o jornalismo como uma forma de mediação social, cujas narrativas estejam abertas à pluralidade, à polifonia, à dialogia, à experimentação, portanto, à complexidade.**

O jornalista, dotado de autoria, é um sujeito que se deixa tocar pelos fatos e que se coloca na perspectiva de elaborar sujeitos outros aos quais cabe a arte da tessitura do presente, da narrativa do presente. Exige-se uma postura complexa do jornalista, como ressalta Cremilda Medina:

[...] a reportagem, na sua estilística interpretativa, articula [...] entrevistas conceituais com o protagonismo e o contexto sociocultural numa narrativa autoral que põe em movimento a aventura humana. O resgate da cena viva exige a criação de um narrador que dramatize o que se passa à sua volta. Para isso o autor da narrativa é um ser aberto aos demais códigos da experiência social que observa (MEDINA, 2008, p.98).

A postura complexa, um olhar amplo sobre a vida é citado como uma necessidade também pela pesquisadora Monica Martinez:

[...] os comunicadores sociais envolvidos na produção de biografias, perfis e grandes reportagens precisam transcender o mero domínio dos aspectos técnicos da profissão. Uma vez que a sua missão é a de captar fatos e seus desdobramentos, eles necessitam de amplo conhecimento sobre a vida. (MARTINEZ, 2008, pág 39)

Cremilda Medina reitera a importância da desobstrução dos sentidos para que o jornalista seja capaz de uma narrativa fértil. Uma narrativa provocativa, inquietante, problematizadora da realidade? Sim! Com uma postura epistemológica que promova o rompimento com reducionismo, com as padronizações e os superficialismos.

Ou melhor,

o que efetivamente sinaliza a busca autoral é a narrativa dos afetos. Descobrir-se afeto ao seu tempo. Perceber a dimensão identitária de estar afeto ao outro, embora existam conflitos e diferenças que são inerentes à convivência. (MEDINA, 2006, pág 77).

Pois,

A plenitude dos cinco sentidos no repórter afeto ao acontecimento lhe dá condições para ensaiar uma compreensão da dinâmica do caos em seus múltiplos códigos. Jornalistas que narram tanto o cotidiano quanto o evento extraordinário são convidados a fertilizar o texto verbal com notas não-verbais. (MEDINA, 2008, pág 107)

Parte IV

O *ethos* do narrador no jornalismo

Rio Tramandaí, Rio Grande do Sul. Dia de passeio. O barqueiro carrega apenas uma família alegre. Pai e mãe querem mostrar as belezas do rio para a sua pequenina. E, ali, no balanço suave do barco, a pequena Ana Flávia pede inquieta:

— Xixi.

A mãe, prontamente, toma a única decisão possível. Desce a calcinha da menina. O pai segue observador.

De repente, um susto. Zás!!! Uma tainha voa para dentro do barco, escorrega casco afora e passa por baixo das perninhas da pequena.

Um chororô imediato. Colo. O abraço protetor da mãe, também assustada.

O pai, zeloso, para salvar a cria de tamanho monstro, mais que depressa salta rumo à tainha. Agarra o peixe com força e nem pestaneja, arremessa-o de volta ao rio.

Incrédulo, embasbacado e até furioso, o barqueiro vê seu jantar aparecer e desaparecer um átimo de segundos.

Só lhe resta, tocar o barco.

A história é real. A mãe é Cremilda Medina. O pai é Sinval. A menina é a primogênita do casal, tem hoje quase 50 anos. As memórias idílicas da família são um precioso instrumento para a professora provocar seus alunos. De tempos em tempos a história era contada em sala de aula e os pupilos na ECA/USP instigados ao seguinte desafio:

— *Narrem novamente esta história. Escolham um foco narrativo: vocês podem contar o episódio na perspectiva do barqueiro, do barco, do peixe, da menina, da mãe, do pai, do rio. Escolham!!*

É uma pequena faceta do laboratório epistemológico/pedagógico ao qual somos içados quando a sala de aula ou as redações jornalísticas podem se transformar em oficinas ensaísticas, articulando teoria e prática, com a percepção de que ser repórter é ter consciência dos limites dos domínios das técnicas; é estar atento aos riscos éticos; é assumir a estética autoral nas mediações sociais. (MEDINA, 2014, p.16)

Se desejamos compreender e experimentar as tessituras que envolvem o autor e o narrador no jornalismo/na reportagem, é necessário que alcemos voos emancipatórios permeados por atos epistemológicos complexos.

Propomos então, um derradeiro desafio de Cremilda Medina, antes de tatearmos um breve desfecho com provocações e interrogantes:

A criação de narradores, uma vez que estes não se confundem com o autor, responde ao impulso dialógico, e não ao autoritarismo monológico. As cenas que compõem a dramaturgia narrativa nascem da percepção viva de quem foi ao mundo e não se fechou na couraça dos que não viram, não cheiraram, não tocaram, não ouviram nem degustaram – aqueles relatos preconceituosos sabem de antemão o que vão descrever. [...] A forma de narrar não baixa do céu de graça, mas a graça de sentir profundamente o mundo e o outro, em movimento, encurta os caminhos nunca dantes navegados. A dor permanece na razão direta da disciplina solidária. (MEDINA, 2003, p.143)

✓ Entre provocações e interrogantes

Quais seriam as relações que podemos pontuar para caminhar no sentido de alinhar elementos que compõem o *ethos* do narrador no jornalismo?

A tradição teórico-conceitual e deontológica na qual o jornalismo está preponderantemente envolta, de proposição cartesiana, explicativa, monocausal e asséptica nos conduz a uma pretensão de narrar com distanciamento, com uma pressuposta neutralidade e com primazia de objetividade. Ancorado na postura epistemológica hegemônica, as técnicas profissionais que moldam as narrativas pouco contribuem para que repórteres sejam instigados à autonomia, capazes de assumirem a condição de autores e experimentarem todas as potencialidades da construção de narradores na elaboração de reportagens.

A mudança de foco narrativo é um dos elementos que pode enriquecer o conhecimento do real no campo da reportagem. É uma atitude de descentralização da autoria no caminho rumo ao outro; é uma atitude de democratização das possíveis leituras de mundo que a reportagem proporciona, enquanto uma privilegiada forma de narrativa da contemporaneidade.

- ✓ O jornalismo teme explorar a descentralização do foco narrativo/ponto de vista e a democratização de vozes?

O narrador em terceira pessoa e distanciado corresponde a uma postura epistemológica tradicional no campo do jornalismo, alicerçado numa posição positivista e racionalista com a pretensa possibilidade de controle daquilo que se

narra. Entretanto, mesmo o narrador em terceira pessoa pode banhar-se das incertezas, das problematizações que contemporaneidade provoca em cada um de nós.

- ✓ Autores “afetos à” cena viva da realidade, ao outro e às incompletudes do humano ser potencializam narradores de maior complexidade?

O “deslocamento de sujeito” experimentado pelo repórter-autor para narrar está na *episteme* do ato narrativo. Impossível evitá-lo, ignorá-lo. O autor pode caminhar por trilhas experimentais ou tradicionais. Pode tatear novos caminhos. É no encontro com o outro, na observação atenta, sutil e minuciosa das realidades encontradas que o autor abre-se para a disponibilidade de elaborar/constituir narradores. Entretanto, cabe alertar que o deslocamento de sujeito no ato narrativo não é *per si* garantia de uma narrativa complexa, solidária, compreensiva, generosa, problematizadora. Os sujeitos mobilizados pelo autor para narrar podem ser autoritários, incisivos, professorais, arrogantes...

- ✓ Uma trilha possível seria a confluência da problematização de uma postura epistemológica complexa; com uma postura de autonomia autoral do repórter; com um deixar-se levar pelos intuitivos signos da relação?

Provocações e interrogantes.

Pistas de uma busca que seguirá para além desta tese. Que outros autores, narradores, narrativas e pesquisadores continuem essa história.

Referências

Livros, teses, dissertações e artigos

- ALMEIDA, Lara Monique O. **Eugênia Brandão**: A primeira repórter do Brasil. [Trabalho de Conclusão de Curso/livro-biografia]. Guaratinguetá/SP: Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 2007.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofônico**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 6ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BARTHES, Roland [et al.]. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BATISTA, Cicélia Pincer. **Um cipóal de sentidos**: comunicação, experiência e as possibilidades de assinatura coletiva na narrativa jornalística. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2014.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. [Obras escolhidas; vol 1]
- BUBER, Martin. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. 10ª ed., 5ª reimpressão, São Paulo: Centauro, 2013.
- BORGES, Jorge Luis. **Esse ofício do verso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. Campinas: Unicamp, 1995.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. 13ª ed., Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.
- CARRARO, Renata; LEMOS, Jaqueline. **Uma repórter imersa em realidades múltiplas** (*Une reporter en immersion dans des réalités multiples*). Texto

apresentado ao "Colloque International 'En Immersion' - expériences, pratiques et représentations de l'immersion em sciences sociales, journalisme et littérature". Institut d'Études Politiques, Université de Rennes 1, Rennes-France, 2013.

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho de. **Foco narrativo e fluxo de consciência:** questões da teoria literária. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CASATTI, Denise. **Viagem ao outro:** um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: ECA/USP, 2006.

CHIARIONI, Bruno Teixeira. **Sublime olhar:** memória e experiência na narrativa do Profissão Repórter. São Paulo: Editae Cultural, 2014.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **A medida do olhar:** objetividade a autoria na reportagem. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2004.

CRIADO, Alex. **A oralidade como elemento construtor da grande-reportagem.** [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2006.

CRUZ, Christian Carvalho. **Entretanto, foi assim que aconteceu:** quando a notícia é só o começo de uma boa história. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2011.

DANTAS, Audálio. **Tempo de reportagem.** São Paulo, Leya, 2012.

DOMÈNECH, Josep M. Català. **A forma do real.** São Paulo: Summus, 2011.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade.** 6ª ed., São Paulo: Perspectiva, 2011.

ESSENFELDER, Renato. **O editor e seus labirintos:** reflexos da crise de paradigmas do jornal impresso. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2012.

GOULD, Stephen Jay. **Seta do tempo, ciclo do tempo:** mito e metáfora na descoberta do tempo geológico. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos – Estética:** Literatura e Pintura, Música e Cinema. [Vol, III]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FRIEDMAN, Norman. **O ponto de visa na ficção:** desenvolvimento de um conceito crítico. [Tradução de Fábio Fonseca de Melo]. In: Revista da USP, nº 53, p.166-182. São Paulo: USP, março/maio 2002.

- GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 5ª ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2014.
- KÜNSCH, Dimas Antonio. **Maus pensamentos - Os mistérios do mundo e a reportagem jornalística**. São Paulo: Annablume, 2000.
- _____. **O eixo da incompreensão: a guerra contra o Iraque nas revistas semanais de informação**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2004.
- LAGE, Nilson. **A reportagem - teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio Janeiro: Record, 2001.
- LE GOFF, Jacques. História. In: Enciclopédia Einaudi, **Memória-História**. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- LEITE, Maria Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 11ª ed., São Paulo: Ática, 2007.
- LEMOS, Jaqueline. Os brasileiros da revista Brasileiros: pluralidade e singularidade narradas em reportagens. In: Revista **Extraprensa** (USP), v. 01, p. 865-873, 2010.
- _____. Jornalista: um narrador nas tessituras do contemporâneo. In: DIAS, Luciene Oliveira; FARIAS, Salvio Juliano Peixoto (orgs.). **Estudos Contemporâneos em Jornalismo (Coletânea 2)**. Goiânia: UFG/FIC, 2014
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª ed., São Paulo: Manole, 2009.
- LLOSA, Mario Vargas. **Cartas a um jovem escritor: toda vida merece um livro**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.
- MARQUÉS, Gabriel García. **Crônica de uma morte anunciada**. 12ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1989.

- MARSIGLIA, Ivan. **A poeira dos outros**: um repórter na casa da morte e mais 19 histórias. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2103.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações** - comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.
- MARTINEZ, Monica. **Jornada do Herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.
- _____. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação** (Online), v. 16, p. 75-90, 2015.
- MARTINEZ, Monica; PASSOS, M. Y. R. S.; CORREIA, E. L. Entre fato e ficção: personagens compostos versus fraude em jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, p. 238-250, 2015.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- _____. **Entrevista**: o diálogo possível. 4ª ed., São Paulo: Ática, 2001.
- _____. **A arte de tecer o presente**: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.
- _____. **O signo da relação**: comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Ciência e Jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- _____. **Atravessagem** – reflexos e reflexões na memória de repórter. São Paulo: Summus, 2014.
- MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. **A arte de tecer o presente**: jornalismo interpretativo. São Paulo: Média, 1973.
- MEDINA, Sinval. A literatura na era da incerteza. In: **Do hemisfério sol – o discurso fragmentalista da Ciência**. Medina, Cremilda; Greco, Milton (orgs). São Paulo: ECA/CJE/CNPq, 1993.
- _____. Ficção, reportagem e historiografia: narrativas em diálogo. In: **Jornalismo e Literatura**: Aventuras da Memória. MOURA, Dione Oliveira [et alli] (orgs). Centro de Estudos de

Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho/Faculdade de Comunicação da UnB, 2014.

MODERNELL, Renato. **A notícia como fábula: realidade e ficção se confundem na mídia.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie: Summus, 2012.

MORIN, Edgar. **Introdução ao Pensamento Complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

MORIN, Edgar. **O método 5: a humanidade da humanidade – a identidade humana.** Porto Alegre: Sulina, 2007.

O'DONNELL, Julia. **De olho na rua: a cidade de João do Rio** [edição digital] Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de Narratologia.** Coimbra: Edições Almedina, 2007.

RESENDE, Fernando. **O olhar às avessas: a lógica do texto jornalístico.** [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2002.

RESENDE, Fernando. **O Jornalismo e suas Narrativas: as Brechas do Discurso e as Possibilidades do Encontro.** Revista Galáxia (Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica – PUC/SP). São Paulo, n. 18, p.31-43, dez. 2009.

RESTRPO, Luis Carlos. **O direito à ternura.** Petrópolis: Vozes, 1998.

REIMÃO, Sandra. **Livros e televisão: correlações.** Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. [vol 1]

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. [vol 2]

RICOUER, Paul. **Tempo e Narrativa: o tempo narrado.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. [vol 3]

RIO, João do. **As religiões no Rio.** Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

- ROVIDA, Mara Ferreira. **Jornalismo em Trânsito: o diálogo social solidário no espaço urbano**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2014.
- SANDANO SANTOS, Carlos Eduardo. **Para além do código digital: discussões epistemológicas para a prática jornalística na contemporaneidade**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 9ª ed., Porto: Afrontamento, 1997.
- VARGAS, Raul Hernando Osorio. **A reportagem literária no limiar do século 21**. [Dissertação de Mestrado]. São Paulo: ECA/USP, 1998.
- _____. **O lugar da fala na pesquisa da reportagensaio: o homem das areias, um flagrante do diálogo oratura-escritura**. [Tese de Doutorado]. São Paulo: ECA/USP, 2003.
- VILAS BOAS, Sergio. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- VOGLER, Chistopher. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Reportagens

- BRANDT, Ricardo. Crack – A geografia da droga, um desafio sem dimensão, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: 01 de jun. 2010. [multimídia]
- _____. Crack – A geografia do vício, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: Caderno Metrópole, 02-04 de jun. 2014. [jornal]
- CABAÑAS, Marilu. Essas crianças tão especiais, **Atenção Brasil**, Cultura, São Paulo: out. de 2004. [rádio]
- _____. Cantoria dos idosos, **Brasil Atual**, São Paulo: 11 de jun. de 2013. [rádio]
- CARPANEZ, Juliana. A nova bolha, **TAB UOL**, UOL, São Paulo: 24 de nov. de 2014. [multimídia]

- _____. Quer que eu desenhe?, **TAB UOL**, UOL, São Paulo: 02 de fev. de 2015. [multimídia]
- CARDOSO, Tom. O fruto proibido, **Alfa**, São Paulo: p.100-105, dez. 2012. [revista]
- _____. O escritor e seu duplo, **Valor Econômico**, Valor&Fim de Semana, São Paulo: p.20-23, de 07-09 de fev. 2014. [jornal]
- CIDRAL, Fabíola. Taxistas: Histórias dos bastidores da vida, **Rádio CBN**, Jornal da CBN, São Paulo: 06-10 de out. de 2006. [rádio]
- CIDRAL, Fabíola; CHAVES, Pétria. Vivência de olhos vendados, **Rádio CBN**, Caminhos Alternativos, São Paulo: 7 de mar. de 2009. [rádio]
- CRUZ, Christian Carvalho. Crônica de uma morte à toa, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo; Caderno Aliás, p.J8, 6 de set. 2009. [jornal]
- _____. Fóssil à deriva, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: Caderno Aliás, p.J8, 19 de set. 2010. [jornal]
- DANTAS, Audálio. Povo caranguejo, **Realidade**, São Paulo: p.102-111, mar. 1970. [revista]
- DASSIE, César. As parteiras do campo, **Globo Rural**, TV Globo, São Paulo: 20 de set. de 2009. [TV]
- _____. Nelson da Rabeca, **Globo Rural**, TV Globo, São Paulo: 21 de nov. de 2010. [TV]
- DUARTE, Neide. Quase o peso de um passarinho, **Caminhos&Parcerias**, TV Cultura, São Paulo: 01 de jan. de 2000. [TV]
- _____. Quase o peso de um passarinho – dois anos depois, **Caminhos&Parcerias**, TV Cultura, São Paulo: 09 de dez. de 2001. [TV]
- ESTEVES, Bernardo. Cooperação conturbada, **Piauí**, Rio de Janeiro: p.42-47, jul. 2012. [revista]
- _____. Os seixos da discórdia, **Piauí**, Rio de Janeiro: p.32-37, jan. 2014. [revista]
- ISHI, Angelo. Memórias póstumas de um estudante da Medicina, **Jornal do Campus**, São Paulo: p.07, 14 de set. 1987. [jornal]
- MARSIGLIA, Ivan. Sou suçuarana, **O Estado de S. Paulo**, São Paulo: Caderno Aliás, p.J8, 20 de set. 2009. [jornal]

MEDINA, Cremilda. Sonhos e frustrações do Velho Chico, **Jornal da USP**, São Paulo: p.10-11, semana de 17 a 23 de nov. 2003. [jornal]

VILLAMÉA, Luiza. Quando meninos são fichados como terroristas, **Brasileiros**, São Paulo: p.54-65, mar. 2013. [revista]

_____. Como um passarinho, **Brasileiros**, São Paulo: p.66-75, mai. 2013. [revista]

Apêndice

Apêndice 1

Entrevistas com repórteres (textos editados)

1 Bernardo Esteves³². Jornalista, formado pela Universidade Federal de Minas Gerais em 1999. Tem mestrado (2005) em engenharia e sistemas de computação, pela UFRJ, com a dissertação *Ciência na imprensa brasileira no pós-guerra: o caso do suplemento Ciência para Todos (1948-1953)*. Tem doutorado (2014), pela mesma instituição, com a tese *As controvérsias da ciência na Wikipédia em Português: o caso do aquecimento global*. Desde a graduação, trabalha com a cobertura de ciências. Começou a vida profissional como estagiário da revista *Ciência Hoje*, editada pela Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência – SBPC, na sucursal em MG. Também foi repórter da revista *Superinteressante*. Em 2000, transferiu-se para o Rio de Janeiro para ser editor da *Ciência Hoje On-Line*. É autor de *Domingo é dia de ciência* (2006), publicado pela Azougue. No final de 2010, passou a ser repórter da revista *Piauí*.

As reportagens / revista:

1.1 Cooperação conturbada, de Bernardo Esteves, reportagem publicada na revista *Piauí*, edição de julho de 2012, páginas 42 até 47. Tem um total de 38.237 caracteres com espaço, ilustração de Roberto Negreiro e 19 fontes aparecem no texto. Trata dos bastidores do funcionamento da Wikipédia. Como são criados os verbetes/artigos, como é o sistema de edição? Quem são estas pessoas e quais seus interesses? Ao buscar estas repostas, o autor revela toda a dinâmica de funcionamento e disputas de poder na maior enciclopédia colaborativa virtual do mundo. O texto foi editado por Mario Sergio Conti.

1.2 Os seixos da discórdia, de Bernardo Esteves, reportagem publicada na revista *Piauí*, edição de janeiro de 2014, páginas 32 até 37. Tem um total de 44.965 caracteres com espaço, ilustração de Lorenzo Dotti e 11 fontes aparecem no texto. Trata do embate teórico sobre a presença humana nas Américas. O ponto de partida da reportagem são os novos dados investigados por pesquisadores da Serra da Capivara, PI/Brasil. O texto foi editado por João Moreira Sales.

³² Entrevista concedida à autora da pesquisa em 1 de junho de 2015, na cidade do Rio de Janeiro.

Bernardo Esteves

Sou mineiro de Belo Horizonte. A gente assinava um jornal local, O Tempo, e a Folha de S.Paulo. Enfim, mais ou menos dos 15 anos em diante, pensei em jornalismo. Tinha a questão da obrigatoriedade do diploma, senão eu teria preferido estudar história ou ciências sociais. Fiz graduação na UFMG, em 1999. Fui parar no jornalismo científico de forma meio casual. Pintou uma oportunidade de estágio na sucursal mineira da Ciência Hoje. Eu estava na faculdade. Na realidade, era um esquema de freela. Comecei a escrever sobre ciência, geralmente era sobre pesquisas que estavam sendo feitas na UFMG mesmo.

Terminei a faculdade e fui fazer o Curso Abril de Jornalismo em São Paulo. Era o boom do jornalismo online, a bolha, e houve um aproveitamento grande da turma de trainees. Me chamaram para ficar na Superinteressante, como repórter. Eu fiquei um tempo e logo recebi um convite para editar o site da Ciência Hoje. O site ia ser criado por meio de uma parceria com o UOL. Aceitei e fui morar no Rio de Janeiro. De lá para cá, fiz o mestrado e acabei de defender o doutorado, pela UFRJ. No final de 2010, enquanto fazia o doutorado, entrei na revista Piauí.

Para quem acompanha o noticiário científico, já ouviu falar da Serra da Capivara. Desde os anos 1980, é uma história que se reinventa. Antes de fazer a reportagem, eu ainda não tinha ido lá, mas sabia que ali teria uma história boa para se contar, com a pegada da Piauí. Enfim, por uma controversa, dar voz aos múltiplos lados, com as visões divergentes e um pano de fundo riquíssimo – as formações geológicas alucinantes, as pinturas rupestres. Sobretudo, o que me interessava era a controversa científica, que é um tema muito rico de pesquisa. Quando está todo mundo de acordo, ninguém questiona nada, as afirmações científicas atravessam o espaço sem atrito. Agora, quando discordam, os cientistas se obrigam a rever os pressupostos, a rever as bases do conhecimento.

A Serra da Capivara é um caso notório. Há pesquisadores falando: tem gente aqui há 30 mil anos. Niède Guidon exagera, fala em mais de 50 mil anos (Isso até não ajuda. Penso que se ela fosse mais modesta, teria mais aceitação). Mas enfim, a tese mais divulgada é que os humanos chegaram à América há 15 mil anos. Então, como pode ter gente na Serra da Capivara há 30 mil anos ou 50 mil anos? Eu sabia que ali havia um burburinho. É um tipo de história que interessa ao jornalismo que a

gente faz na Piauí, com ambiente, com ação. Não é um jornalismo de conclusões. É um jornalismo de processo, de procedimentos, de tentar mostrar quais são os alicerces do conhecimento. Eu sabia que tinha uma história boa, só que não tinha um gancho. Fiquei alimentando a ideia. Em abril ou maio de 2013, foi publicado um artigo no Journal of Archaeological Science, uma prestigiada revista de arqueologia dos Estados Unidos. A imprensa repercutiu o fato. A escola norte-americana de arqueologia é o foco maior de resistência a essas ideias. Eu falei: “essa é a hora, agora justifica, a gente tem um gancho.” Aí eu lancei a ideia em uma reunião de pauta. Conteí um pouco a história. Acho que o João Moreira Salles estava presente nessa reunião, e ele brincou: “se é no Piauí, a gente tem a obrigação moral de cobrir.”

Com a pauta aprovada, a gente vai puxando os fios. O trabalho de apuração durou uns três meses. Obviamente, Niède Guidon é um nome central dessa controversa. Fui atrás dos autores do estudo. Procurei a Christelle Lahaye, que também me recomendou falar com Eric Boëda. Aí fui montando o mapa da apuração. Me indicaram falar com Antoine Lourdeau, que, naquele momento, era professor na Universidade Federal de Pernambuco. Marquei então a viagem para a Serra da Capivara e planejei uma escala em Recife. Fui montando esse quebra-cabeça, fazendo entrevistas. Nesse momento, das entrevistas, fiquei sabendo que iria ter um evento (em outubro/2013) – a Conferência Odisseia Paleoamericana, em Santa Fé, nos EUA, que acabou se mostrando uma peça central para a reportagem. Foi casual. Se eu tivesse começado a apuração um mês depois, não daria tempo de ir. Era viagem internacional, tive que convencer o editor, eu quis ir com o visto de jornalista... Enfim... Mas a conferência reuniu os especialistas das Américas e os principais focos de resistência à ideia de uma ocupação na região superior a 15 mil anos.

Se formos atrás da série históricas de matérias sobre Serra da Capivara, sempre é citada a controversa, mas esses caras não costumam ter voz. Então, isso é algo de novo em relação às matérias anteriores. Também não havia reportagens tão extensas, com tantos detalhes, como a que publicamos. A ida à Conferência foi ótima. Presenciei muitas cenas que relato. Encontrei muita gente, muitos papos, aí os fios vão se puxando. A gente lê um artigo, descobre que tem outro. Lê um livro, descobre que tem relatórios.

A apuração começou com as leituras, mas ela teve dois grandes núcleos, nos quais concentrei boa parte do esforço - a viagem à Serra da Capivara, em setembro;

e a viagem para os Estados Unidos, em outubro. Comecei a escrever no final de novembro. A gente editou a matéria no começo de dezembro, que é um mês curto na redação, porque temos recesso. A revista vai para as bancas na primeira semana no mês, mas a edição de janeiro está fechada em 20 de dezembro.

Durante a apuração, vou tendo insights sobre como vou escrever. Fico aflito quando eu não os tenho. Talvez esse seja o texto que eu gosto mais, dos que já fiz para a Piauí. Ele reúne algumas características do que eu penso ser esse jornalismo de fôlego na cobertura de ciências. Eu lia isso em outras revistas como a New Yorker ou o New York Times e me empolgava. Então, ficava pensando: a gente tem histórias muito boas. A da Serra da Capivara era assim. Havia ali um marco narrativo legal. Ao mesmo tempo, fiquei angustiado para escrever. Eu tinha que partir de um raciocínio e chegar a outro. Juntar as duas pontas. Na construção de uma matéria como essa, eu acho muito importante a abertura e o fechamento. São as balizas. A abertura não estava muito clara. Na época, eu não tinha muita certeza que a abertura era aquela, mas acho que está legal. É uma entrada mais suave do que eu gostaria. A cena do Antoine escavando... aí vai puxando o fio. Eu reconstruí a cena, a partir do que ele me contou, porque as escavações são em julho.

É difícil construir uma história com uma controversa, com tantos elementos. A ordem de apresentação das coisas é complicada, o pano de fundo é a história da arqueologia da ocupação das Américas. Daria para pensar como se fosse um documentário, entraria uma voz em off falando: “há quinze mil anos...”. Mas hoje estou bem satisfeito com a abertura. Quando estou pensando no que vou escrever, converso com os colegas, em casa – minha mulher é jornalista também. Quando alguém pergunta sobre o que estou escrevendo, é um tipo de ocasião legal para elaborar. Eu começo a ter insights, sobretudo para saber o que tem que vir antes do que, entendeu? Esse tipo de conversa informal funciona como um balão de ensaio.

Durante as conferências nos EUA, eu soube que aquela seria a cena de fechamento. O encerramento da conferência do Tom Dillehay, quando ele falou que saúda os novos pesquisadores e explicitou a quebra de paradigmas de forma mais apropriada, me deu o fecho da reportagem. Desde o começo, eu sabia que o tema da reportagem está inserido em um terreno pantanoso. Lá em Santa Fé, eu tive muito subsídio para contar essa história. Eu não queria ser eu, repórter a entrar com a questão da quebra de paradigma. Aí a fala do Dillehay me deu isso. Então pude

falar “quebra de paradigma é um conceito de filosofia da ciência e tal”. A cena da mulher que leva um sapato de neném para ele assinar. Na apuração, eu sabia que essa cena era importante. Geralmente, eu só escrevo quando termino a apuração, mas toda essa parte com o Dillehay, eu fiz logo que voltei para o hotel. Era um pedaço pequeno da reportagem, mas foi o único trecho que escrevi antes.

Quando vou escrever, faço um plano do texto, a mão – com caneta e papel. É algo bem detalhado. Gosto de pensar em uma reportagem como essa tal qual um documentário. Qual ordem apresentar os personagens; como crescer a tensão; a sequência dos blocos. Isso ajuda a construir a história. E, durante a escrita, eu mesmo vou revendo esse plano do texto, vou mexendo. Essa matéria foi editada pelo próprio João Moreira Sales. Ele recomendou mudar um pouco algumas coisas. Ele aponta: “isso aqui acho que devia estar antes.” Aí eu retrabalho o texto. A mão na massa é minha.

Eu vejo o que a história está pedindo, na verdade. Não é legal ficar povoando demais a matéria de personagens. A gente vai avaliando, essa pessoa tem que estar ali ou não? Lá em Santa Fé, por exemplo, eu conversei com muitos outros pesquisadores que não foram parar na reportagem. A questão é: o que foi dito vai fazer a história andar para frente? Tem também o tamanho da matéria. Esse texto tem uns 45 mil toques. Ele estava maior. Precisei enxugar. Às vezes, em uma situação assim, cai um personagem.

De certa maneira, essa ideia [da reportagem Cooperação conturbada] é fruto da leitura do texto “A função do autor”, do Foucault, que eu li ainda na graduação. Me deu consciência de que o que a gente enxerga como autoria é uma coisa histórica e, nos tempos atuais, a gente vive uma mudança de configuração na forma como se enxerga o autor. Eu tinha um interesse no tema e fiquei pensando: “puxa, talvez, a Wikipédia”...Comecei a comprar livros sobre isso, ler sobre isso. Estava pensando em um projeto de doutorado. Tentei fazer um recorte que se aproximasse do meu interesse pela ciência, porque eu já tenho leituras, fontes e conhecimentos sólidos. Ao mesmo tempo, eu estava em diálogo próximo com um colega de graduação, Carlos Frederico d’Andréa, que hoje é professor de comunicação da UFMG. Fizemos juntos o projeto de fim de curso na graduação, que era uma revista eletrônica. Ele foi estudar a Wikipédia no doutorado – começou uns dois anos antes de mim.

Começamos a ter um diálogo muito intenso, fizemos um artigo juntos... Enfim, a fagulha acendeu aí. Nesse artigo, tentamos entender a construção dos artigos na Wikipédia sobre o surto de gripe suína [2009]. Como a Wikipédia dialogava com o jornalismo, com a informação científica? O artigo acadêmico foi publicado em 2011.

Segui com o meu doutorado, mas focando no material da Wikipédia sobre o aquecimento global. Eu estava tocando minha pesquisa, lendo horrores sobre Wikipédia e comecei a perceber as tramas, as brigas entre os editores, administradores... Depois saiu uma reportagem no UOL sobre a maior editora de artigos da Wikipédia em português, Nice poa. Também criei um usuário, Pinguim2011, para poder escrever na Wikipédia. Naquele momento, meu interesse era para a tese, mas eu já estava com “dois chapéus”, digamos, o de pesquisador e o de jornalista. Eu já havia tentando emplacar essa pauta na revista, mas o gancho só veio quando estava conversando com alguns wikipedistas e fiquei sabendo que a Nice poa havia desistido de fazer intervenções na enciclopédia. Aí eu sabia que tinha uma história nas mãos, precisava falar com ela. A pauta foi aprovada.

A apuração para esta reportagem foi muito misturada. Eu tinha arquivos da pasta doutorado e da pasta Piauí. Tem uma construção prévia de uma base de dados sobre a Wikipédia, arquivos, links, com divisão temática sobre vários assuntos relacionados à Wikipédia - queixa sobre administradores, gap de gênero etc. Quando eu parti para a reportagem, já tinha uma base bem consolidada de informação.

Eu acho assombroso o modo de funcionamento, a vida, o universo paralelo dos editores da Wikipédia. Então, comecei a moldar essas histórias de interesse jornalístico, que eram as brigas, quem são esses caras. É espantoso a energia, o tempo e o grau de envolvimento emocional que as pessoas investem naquilo. Fui entrando naquele universo, isso foi me apresentando pessoas. Eu já conhecia o trabalho de uma professora de história da UFRJ, Juliana Bastos Marques. Ela fez uma oficina para que seus alunos melhorassem os artigos sobre a história de Roma Antiga na enciclopédia.

Eu tentei muito para conseguir conversar com a Nice poa. Ela estava refratária, ressabiada. Eu precisei de um trabalho de convencimento. Antes mesmo de falar com ela, já sabia que era a história para abrir a reportagem. Era o fio para puxar: a principal contribuidora da Wikipédia desistiu. Por quê? Quero entender o que é que está acontecendo, quero mostrar como é que funciona. Ela concordou em

falar comigo. Fui a Porto Alegre, mas ela só aceitou que publicássemos seu nome de wikipedista. Tenho dois pontos altos da apuração para essa reportagem: a ida a Porto Alegre e o encontro dos wikipedistas no Rio.

Durante a apuração, eu ia identificando, aqui e ali, as histórias. Tinha o Fábio Azevedo, um doutor em matemática, professor. Era de Porto Alegre, aproveitei para falar com ele também. Soube de uma reunião dos wikipedistas de São Paulo. Fui lá para conversar com a Jurema, que tinha o arranca-rabo com o RafaAzevedo, uma pessoas com contribuições incríveis para a enciclopédia. Tentei muito falar com ele, mas ele não me deu retorno. Para essa apuração, usei várias formas para contatar as pessoas: e-mail, Facebook, os canais dos usuários da enciclopédia.

Nessa ida a São Paulo, resolvi ir a Bauru também, pois o Heitor Carvalho Jorge, um estudante de jornalismo, fez a ponte para eu conversar com Ruy Pugliese, que é Alexandre Montilha. Aliás, para os leitores em geral, isso não é nada, mas, para os wikipedistas, foi um furo. Tem gente que até hoje fala assim: “Bernardo Esteves, o cara que revelou a identidade do Ruy Pugliese.”

Na reportagem sobre a Wikipédia, eu tenho uma sucessão de quadros e personagens que compõem uma narrativa. Primeiro, entra a Nice, depois tem os dados gerais, histórias da enciclopédia. Ou seja, eu lanço o tema com a Nice, dou o contexto e vou preparando o terreno para a segunda metade da reportagem quando a coisa esquentar. Tem a trama das brigas, das fraudes e da repressão às fraudes e do clima de insegurança das pessoas que se sentem vítimas de bullying.

Num primeiro momento, eu pensei em fechar a reportagem com o Carlos Frederico d’Andréa. Como já comentei, ele também é um estudioso da Wikipédia. Enfim... Mas quando eu estava fechando o texto, revendo todas as minhas anotações, eu vi a fala da Juliana. Aí, pensei: “é, é isso.” Na hora da entrevista com ela, não tive esse estalo. Mas depois, quando voltei às anotações, eu pensei: “opa, pepita de ouro.”

Geralmente, para esse tipo de reportagem eu fico de 10 a 15 dias escrevendo. Na hora de escrever, eu fecho todas as outras comportas. Só escrevo. Aliás, a gente vai para casa, porque aqui na redação da revista é muito dispersivo.

O João Moreira Salles costuma dizer que história tem o tamanho que ela tem que ter. Mas, claro, se a gente passa meses mergulhado naquilo, às vezes, a gente tem sobra. Em muitos casos, eu usei meu blog para publicar “extras” das matérias.

Às vezes, eram blocos de reportagem que cheguei a escrever, mas que eu mesmo cortei ou que foi cortado na edição.

Eu nunca refleti muito sobre isso. Esse deslocamento do sujeito para narrar. Talvez não seja tão diferente em cada matéria. Nunca fiz algo parecido com o exemplo da Cremilda, como você disse que é escrever, por exemplo, na perspectiva do rio São Francisco. Acho que é importante mostrar condições nas quais as conclusões científicas são obtidas. É importante mostrar as condições em que os fatos jornalísticos são obtidos. Isso, por exemplo, justifica, em alguns casos, a primeira pessoa. A priori, eu tento evitar. Mas é inevitável, em alguns casos. Em algumas situações, a fala do entrevistado fica impessoal, uma frase atravessando o vazio assim. Se for necessário para sabermos a situação de uma resposta dada por um entrevistado, tudo bem. Mas meu esforço inicial é não me colocar nas reportagens.

Os recursos narrativos são usados quando a história pede. Descrever, falar sobre a comida que um personagem está comendo, a roupa que ele está vestindo... Se isso faz a história caminhar. Da mesma forma, eu me coloco quando isso faz a história caminhar. Volto à metáfora de documentário: mostrar bastidores, a equipe iluminando e tal. A gente só mostra isso para dar ao leitor mais armas para ele julgar o contexto do enunciado. Então, são essas marcas de enunciação que eu gosto de tornar visível. Não estou falando aqui por todos os colegas da revista, mas é o meu princípio.

2 César Augusto Furlan Dassie [César Dassie]³³. Jornalista, formado pela

Metodista de Piracicaba (Unimep), em 1994. Defendeu sua dissertação de mestrado pela Universidade Metodista de São Paulo, em 1998, com o tema *Eu, jornalista rural*, com a análise da edição histórica de 10 anos da revista Globo Rural. Iniciou sua carreira no interior de São Paulo como assessor de imprensa. Passou pela redação de algumas revistas segmentadas na área rural e, desde 2000, integra a equipe do *Globo Rural*, programa da *TV Globo*. As edições dominicais do programa, às 8h, geralmente são encerradas com uma reportagem especial, de maior duração (superior a 15min).

As reportagens / TV:

2.1 As parteiras do campo, de César Dassie. Reportagem especial exibida no dia 20 de setembro de 2009, no *Globo Rural*, TV Globo. Tem um total de 33min. Para a apuração do material bruto, a equipe do repórter César Dassie viajou duas vezes para Pernambuco. Ao todo, eles conversaram com umas 45 pessoas e gravaram mais de 10 horas de material bruto. Ficha técnica: Jorge dos Santos (Imagens), Wilson Berzuini e Epitácio Araújo (Áudio externo), Djalma Albuquerque (Arte), Orlando Daniel (Edição de Imagens), César Dassie (Reportagem) César Dassie e Luccas Battaglin (Edição).

2.2 Nelson da Rabeca, de César Dassie. Reportagem especial exibida no dia 21 de novembro de 2010, no *Globo Rural*, TV Globo. Tem um total de 16min e nove pessoas entrevistadas. Para a apuração do material bruto, a equipe do repórter César Dassie viajou para Alagoas. Ficha técnica: Fernando Passarelli (Produção), Francisco Maffezoli Jr. (Imagens), Eduardo Rodrigues (Som externo), Djalma Albuquerque (Arte), Orlando Daniel (Edição de Imagens), César Dassie (Reportagem e Edição).

³³ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 28 de março e 13 de junho de 2014 e, na cidade de São Paulo.

César Dassie

As pautas no Globo Rural, como em toda redação, nascem de diversas formas. O programa sempre teve um tratamento de muito respeito com o telespectador. Então, muitas coisas do Globo Rural saem de sugestões dos telespectadores. A gente tem que estar aberto para isso. Ao mesmo tempo, pode surgir uma pauta, porque a gente viajou para fazer um determinado assunto e descobriu outro ou porque leu alguma reportagem e pega algo nas entrelinhas.

O programa é rural (não é só agropecuário), então existe um universo inteiro do mundo rural a ser abordado. Assim como quem lida com a cidade, ou o urbano, deveria também olhar para o universo inteiro da vida na cidade. A gente tem a vida no campo que envolve saúde, educação, a dança, a moradia, meio ambiente... Enfim, a gente procura falar da vida como um todo.

No programa, trabalhamos com dois equipamentos de gravação. Então, ele chega de uma viagem, sai para outra. Chega de uma viagem, sai para outra. As viagens têm que render... mas, ao mesmo tempo que existe a pressão normal de uma redação, é possível conversar para investir com calma em uma pauta. Isso eu acho que é bacana. Na viagem, não só é o repórter que conhece o lugar. O Globo Rural zela também para que o telespectador conheça esse lugar.

A gente se preocupa também em fazer as entrevistas em lugares abertos para mostrar onde a gente está: olha, tem montanha aqui, não tem montanha, é uma cidade muito pequena... Sei lá, tentamos dar um conforto para o telespectador se localizar, senão vamos sempre falar só da “lagarta que comeu o milho”. O mais importante é que quem está contando a história para nós, são as pessoas, os agricultores. Então, se é a lagarta que está comendo o milho, o que isso repercute na vida das pessoas? Se é o filho que conseguiu ir para a escola, como é que isso melhorou lá na frente? Se chegou luz na sua casa, como era antes? Ou então vamos à casa de quem não tem luz: era assim que seu fulano vivia e quem sabe um dia vai chegar luz aqui neste outro também.

Bom, a reportagem das parteiras surgiu assim: eu vi uma matéria da Neide Duarte na época [2004] em que ela estava na TV Cultura. Gostei do tema e fiquei uns cinco anos tentando desenvolver a matéria. Comecei a apurar alguma coisa aqui, outra ali. Na verdade, fui meio egoísta, porque não queria passar essa pauta para ninguém. Eu falei: “quero fazer!”. Aí comecei aos poucos levantando material,

informações, mas minhas viagens sempre já tinham uma matéria principal pautada. E o tempo foi passando. Até que chegou um dia, meu chefe falou: “você vai viajar, não sei para onde ainda”. Eu falei: “eu já sei para onde! Posso começar a produzir?” Ele disse: “pode!” Foi aí que, efetivamente, eu liguei para as parteiras... Enfim, comecei a levantar de verdade o material.

Liguei para agendar. “Olha a viagem deve sair daqui a tantos dias (não me lembro de exatamente quanto tempo era). É um bom momento? Elas disseram: “é bacana, porque vai ser lua cheia”. E aí você começa a descobrir, vai conversando com um, conversa com outro tal. Mas eu tinha pouca coisa em mãos: “olha vai ser lua cheia”, “tem parteira em Caruaru”... E fomos.

Fizemos uma primeira viagem para Pernambuco. Trabalhamos em Recife e em Olinda onde tem uma ONG [Cais do Parto] que lida com parteiras. A presidente da ONG, Suely Carvalho, foi quem me levou às várias outras parteiras. Mas, assim como o parto é inesperado, a vida também nos prega algumas peças, né? A gente chegou. Íamos fazer um ritual da ONG com as mães. E, um pouco antes, chegou uma mãe já em trabalho de parto. Tivemos que parar tudo o que estava programado. A Suely foi fazer o parto. Ela era a parteira mais experiente, já tinha feito uns cinco mil partos e nenhum tinha dado errado. Mas neste dia... o bebê morreu. Isso está relatado na matéria, mas a gente optou por não mostrar nem o parto, nem a mãe, nem o pai. Fizemos tudo que uma reportagem exige: hospital (depois o bebê foi socorrido no hospital), IML... tudo.

Então, a Suely, que ia nos guiar, não foi mais. Ela falou: “olha, eu não vou acompanhar mais e acho que não sei nem como fazer agora”. Ela não ia mais conseguir ficar com a gente. Compreendi e falei: “você vai seguir a sua vida, a gente vai seguir a nossa”. E fomos atrás das outras parteiras... Mas aquilo ficou na memória, imagina né? A menina iria se chamar Julia. Toda vez agora que ouço alguém chamar Julia, eu me lembro da Julia que não viveu.

Bem, aí seguimos para Caruaru, que é uma área imensa de agricultura. Lá, a gente conheceu várias parteiras. Fomos gravando várias entrevistas, mas nessa primeira viagem não nasceu nenhum bebê, mesmo sendo lua cheia (risos). Voltamos para São Paulo e ficamos em contato com as parteiras. Eu ligava toda semana para a Dona Caetana e algumas outras que ficamos em contato.

A cada dois ou três dias, eu ligava: “e aí, vai nascer?” Eu tinha feito um perfil de uma agricultora que estava prestes a ter o bebê [Josefa Maria da Conceição]. Aí Dona Caetana falou assim: “olha vai ser daqui a duas semanas, pode vir!!” Viajamos.

Seguimos os cálculos dela. Bem, mas enquanto a gente esperava o parto, fizemos outra reportagem. E, todo dia, eu ligava antes de sair. Eu ligava na hora do almoço. Ligava à noite. Uma semana. A gente estava esperando e aí ia ser muito bacana fazer o parto da Josefa, porque ela queria também que a gente fizesse. E tinha toda a história dela no campo, do trabalho, da família. Mas a parteira errou o cálculo, e o bebê da Josefa só foi nascer depois que voltamos de lá.

Continuamos de prontidão, esperando um parto acontecer. De repente, altas horas da noite, a Dona Zezé nos liga e avisa. “Vai nascer um bebê, vem correndo!”. A equipe saiu na correria, mas não deu tempo. Quando chegamos, o bebê já tinha nascido. Só deu para fazer a imagem do corte do cordão umbilical. Continuamos na espera. Aí pintou a história de outra grávida que entrou em trabalho de parto [Antônia Almeida de Lima]. Não havíamos gravado nada com ela, mas tinha tudo a ver. Era uma artesã do Alto do Moura, justamente onde fica a casa de parto da dona Zezé. E aí a gente tinha uma história... Conseguimos o parto de uma mãe que a gente não tinha o perfil, mas era o que estava valendo também, afinal a reportagem era sobre as parteiras. A gente queria pegar o começo, meio e fim de uma agricultora grávida, mas não deu. Acompanhamos todo trabalho de parto da Antônia. Foram quase 8 horas e a gente esperando, acompanhando. Enquanto a gente esperava, a Dona Zezé nos deu umas favas de feijão pra debulhar. Ficamos horas debulhando feijão até o bebê nascer.

A escolha dos repentistas foi assim: a gente queria um cenário de Olinda, já que é um lugar histórico. Seria um cenário do alto para mostrar que era um pouco de mar, de construção, de arquitetura. Subimos numa das igrejas e tinha os repentistas lá. Foi totalmente ao acaso. Perguntei para eles: “você faz um repente sobre parteira, parto, nascimento, área rural?” “É pra já”, eles disseram. Os caras começaram a cantar, e ligamos o equipamento para gravar. E aí, a gente falou, “nossa, acho que vai dar para usar!”. Parece que foi encomendado, mas foi ao acaso. Eles estavam lá para agradar turistas, e a gente estava, nesse cenário, com a Suely para contar um pouco da ONG. São essas coisas que a reportagem também tem. Você tem que se deixar levar. Você está ali, o cara compõe o ambiente. Ele é nordestino, repentista, nordeste tem repentista... Então, assim, você tem um elemento a mais para poder trabalhar com a matéria.

Coincidentemente, quando a gente chegou a Caruaru ia ter um encontro das parteiras. E eu pensei: “não posso perder esta mulherada toda”. Se eu não tenho condições de contar a história de todas elas, quero, ao menos, ouvir um pouquinho de cada uma. Então, olhei para o cinegrafista e falei: “a gente vai ter um trabalho imenso, mas eu vou ouvir uma a uma”. Nessa hora, a equipe quase pirou. “Como é que você vai ouvir 40 mulheres, né?” Aí eu botava lá no banquinho e pedia: “Conta um pouco da sua história”. Como começou? Que sensação que você tem quando vê o menino vindo para o mundo?” Fui conversando com cada uma delas. E cada uma foi contando do seu jeito. “Ah, eu peguei”... “Faço parto de cabra e de crianças”, “A primeira vez que eu fiz, eu tinha treze anos”, “Ah, foi por acaso que peguei um menino.”

Na hora da edição, você vai pensar naquelas falas todas... Quando uma das parteiras fala: “eu faço parto de cabra e de gente”, acho que aí tem uma mistura de informação, de curiosidade e de emoção ao mesmo tempo. É preciso captar esses trechos e costurar com o restante da reportagem. Foi algo que ela disse de uma forma tão natural. Achei fundamental dar a seguinte ideia na reportagem: a coisa é assim tão animal, no sentido de instinto, que a mulher pega tanto um cabrito quanto um bebê, não é?

Foram umas 45 pessoas diferentes falando na reportagem. A escolha das falas depende do que a gente tem na reportagem inteira. É preciso contar uma história, não dá para ficar repetitivo. Então, a gente vai pegando uma coisa aqui, outra ali. A Dona Zezé, por exemplo, peguei também a risada dela. Era uma coisa singular. No meio da entrevista, ela ia soltando umas gargalhadas... E isso fala muito sobre a personalidade dela. Em certo momento da reportagem, tem a Dona Biró definindo o que é o parto. Não foi fácil fazer essa escolha. Elas têm a sabedoria, mas a definição não estava clara. Mas a televisão permite esta sinceridade. Muitas vezes, a explicação dela não é a perfeita, mas foi espontânea. É como alguém te contar uma história ao vivo. Tem o olhar, o gesto, a voz trêmula, o respiro, um silêncio. Isso faz parte da narrativa também. Cada uma delas fala de um jeito, então é preciso saber captar e costurar isso. A fala de cada personagem não serve para costurar o meu texto. Acho que é o contrário. O meu texto tem que costurar a história, não é? Não

sou eu que vou definir o que você vai falar. O que eu estou dizendo reforça o que você é, quem você é, o que você faz. Eu acho que é uma costura um pouco invertida.

Estabelecer o diálogo não é uma coisa fácil. Olha só, estou falando de uma equipe de TV. Você chega com o carro, câmera, microfone, três ou quatro pessoas – a equipe básica: motorista, cinegrafista, operador de áudio e o repórter. Você chega ao lugar com o carro, com um aparato tecnológico... Muitas vezes essas pessoas só andaram de jegue até hoje. Então, logo de cara a gente interfere no ambiente.

Chegamos, conversamos com as pessoas. É bom nem conversar sobre o assunto da gravação, senão depois o pessoal fala: “poxa, eu já te contei isso, vou contar de novo agora”. É interessante captar a pessoa contando a história pela primeira vez, de uma forma mais aberta. Mas antes da gravação da entrevista, vamos falar do café, se tem um cafezinho, se tem um bolo... Fala da água, das coisas que têm na propriedade. Sei lá, a gente começa a estabelecer uma relação. É o início do “diálogo possível”, que a professora Cremilda fala. A ideia é estabelecer um diálogo, antes que ele se torne um produto, antes de ele se tornar a reportagem. Tentamos deixar a reportagem o mais natural possível. A estratégia é: “vamos bater um papo? Vamos ter uma conversa?”. Assim como a gente estava conversando ali embaixo da árvore. E aí a gente tenta fazer uma conversa e não uma entrevista. Eu acho que isso faz a diferença. E as pessoas entendem. Por mais que não entendam de televisão, entendem de conversa, de pessoas. Aí quando elas se desligam do aparato tecnológico, a coisa flui.

Quando voltamos para a redação, é outra coisa. Primeiro é necessário decupar tudo que foi feito. Só depois da decupagem é que vamos poder contar a história. Muitas vezes, lá no campo, eu penso em algo para abrir a matéria, isso aqui vai ficar no meio, aquilo lá vai encerrar... Aí quando voltamos para a redação: “e se as coisas não funcionaram como a gente imaginou? Na apuração, estamos – de certa forma – envolvidos com a pessoa, com a história ou com a situação que se criou ali. Um sorriso, uma risada, um choro... Mas quando voltamos para a redação, a gente pode perceber que a coisa ficou exagerada ou que vai expor demais a pessoa, ou que não funcionou mesmo. “Não vai ser legal contar a história do jeito que eu pensei”. Na redação, vivemos dois momentos: a decupagem, que é algo braçal; e o momento da costura. A costura do meu texto com as histórias que trouxemos do campo.

Aí o repórter tem que se transportar de novo para o lugar onde estava. Ele esteve presente naquela história, interferiu, estabeleceu uma relação com as pessoas. Então, é necessário recuperar o clima da história que você está contando para estabelecer um ritmo dessa narrativa. Se é um clima feliz, se é um clima mais triste ou se é mais técnico. E nesse conjunto todo de elementos, vamos nos perguntando: “aqui cabe o quê? Um repentista? Uma música? Quais são os momentos da história?”. É na etapa da ilha de edição que a gente vai realmente montar aquela colcha de retalhos. É outro trabalho braçal: editar. Quando tudo estiver montado, eu pergunto para o César que esteve apurando: “como está o material? Está longo? Está cansativo?” “A reportagem conseguiu reconstruir a história que a gente foi buscar e que a gente presenciou?” Acho que essa é a questão: a presença. A reportagem precisa trazer para o telespectador a presença da história, o que presenciamos em campo.

Existe um aspecto curioso nesta reportagem. Era uma matéria sobre um universo feminino, que foi feita só por homens. Repórter, cinegrafista (imagina conseguir convencer uma parteira e uma mãe deixarem um cinegrafista entrar na sala de parto). O operador de áudio, o motorista, o editor de imagens, o editor de texto, o cara que fez a arte barriguiinha, passando cada hora que uma parteira falava. Todos que trabalharam na reportagem eram homens. É um olhar masculino para este universo feminino. Talvez tenham ficado coisas de fora... Mas tentamos entrar nesse mundo. Porque a gravidez é algo tão... Tem tudo para dar errado, né? E, ao mesmo tempo, tudo para dar certo. São tantos detalhes, do começo ao fim, que você fala: “não, não vai dar certo esse negócio”!! São tantos elementos... é o embrião, é a contração, é o bebê, é o cordão que pode enrolar... Enfim, um mundo de coisas ali... que só por Deus (risadas).

*A gente sabia que tinha um cara que fazia rabeca, que é um instrumento rústico. Ele era alguém já mais ou menos conhecido e muito simples. Aí, na apuração, as coisas começam a engrandecer, digamos assim. A gente descobriu que tinha um documentário sobre o **Nelson da Rabeca**, que havia pesquisadores levantando a história desse personagem. Para contar a história, a gente precisou do apoio de quem reconhece esse luthier. Então, a partir daí, você tem um personagem*

interessante, o aval de estudiosos, de outros músicos. E o mais importante no caso do Globo Rural, o personagem tinha ligação com o campo. Ele foi cortador de cana.

A gente se depara com o diálogo de saberes com muita frequência no campo. Com o Nelson da Rabeca, isso ficou muito forte. Muitas vezes, o repórter vai querendo uma resposta pronta, querendo conclusões. Um personagem desses tem repertório próprio e nem tenho que ficar elaborando muitas perguntas. Durante a gravação da entrevista, eu falo: ahã, ahã... É proposital, para deixar o personagem mais solto. É como se eu falasse: “olha, eu estou prestando atenção, eu estou prestando atenção no que você está dizendo.”

A partir do momento que começamos a perguntar e o entrevistado tem o prazer de contar a história, a gente percebe se a entrevista vai render. Não é uma questão de empatia comigo. É empatia da pessoa com sua própria história. É o jeito que ela olha, é o sotaque, é o gesto ou é uma mão calejada. Enfim, o entrevistado precisa comprar a ideia do diálogo.

O Globo Rural caminha com o personagem. Vamos dizer que a gente faz as entrevistas picadas. Se eu estou na varanda, eu vou falar da casa dele, das conquistas que ocorreram. Com seu Nelson, por exemplo, eu tinha que falar da vida de cortador de cana. Então, vamos ao canavial. Lá a gente conversa sobre como era o trabalho, como era o facão. Se a mão dele era calejada, se ele saía muito sujo dali. Quando eu estou com ele fazendo a rabeca, aí entra a relação dele com aquele instrumento.

Nessa reportagem, ficamos uns quatro dias em Alagoas. Como disse, eu já sabia um pouco da história dele, mas algumas coisas foram surpresa. E a equipe não conhecia nenhum dos lugares onde gravamos, então, a gente tem que ir tomando decisões no momento em que as coisas estão sendo feitas. Por exemplo, o baú que a gente mostra. O baú cheio de rabecas é um tesouro que ele tem. Eu não sabia disso, quando vi, pensei: “opa, aqui tem uma cena”.

A mulher dele foi também uma surpresa. Ela tem uma força, é engraçada, é dramática, é comunicativa. Foi totalmente inesperado. Aí, é preciso tomar decisões: “podemos incomodar mais um pouco, para vocês contarem a história de vocês?”. Gravar a cena dela cozinhando. Ela é uma dessas pessoas que tem prazer em contar sua história. Não é só o prazer da alegria, mas também da tristeza, não é? É isso que eu chamo de caminhada da reportagem. A gente caminha junto com os

personagens. Para ajudar na costura de todos esses elementos, a gente tem o off, a passagem e a sonora. O off é quando eu estou narrando sem aparecer. A sonora é a entrevista. E a passagem é quando eu estou passando uma informação, aparecendo.

Quando chamamos o músico para tocar no nosso estúdio, tivemos outra surpresa. Ele trouxe as rabecas envernizadas, com cordas novas e superapropriadas. Quando ele tirou o primeiro acorde ali, nossa! Foi um momento que deu para ver a amplitude do potencial da reportagem. Nós fundimos as duas cenas: o seu Nelson lá em Alagoas, tocando a música dele: Silence; e o músico aqui em São Paulo, no estúdio, tocando no mesmo tom, com uma rabeca do seu Nelson. A junção do rústico e do erudito fez crescer ainda mais a história do seu Nelson.

É na edição que a gente vai estruturar a história. É como se fosse um prédio. A história pode começar a olhar o prédio do alto, já mostra a imponência dele, tantos andares etc. Ou você pode contar ele por baixo, olha o alicerce é assim, coisa e tal. Eu costumo dizer que no Globo Rural a gente tem um privilégio de poder ter a história do começo ao fim, desde a produção até a edição. Em TV, geralmente estas etapas são compartimentalizadas. No Globo Rural, o repórter está o tempo todo presente, do início ao fim. Ao mesmo tempo, a equipe dá muitos palpites. Temos que conversar muito.

Uma preocupação que temos no programa é procurar histórias paralelas, de gente que já foi tocado por aquela história que a gente vai contar. Na reportagem sobre as parteiras, tem a fotógrafa, tem os repentistas... Com o seu Nelson, têm os pesquisadores, os músicos eruditos. Eu imagino o seguinte: a história que estou contando é um rio, mas a gente precisa olhar para o entorno. Então, a gente sai do rio, sobe um pouquinho ali, segue, sobe outro tanto mais para frente. O entorno vai depender do que o próprio rio estabeleceu de contatos, não é? E a história vai crescendo.

A contação de história é uma construção, é aquilo que eu já falei: tijolinho a tijolinho. Mas a gente precisa tomar cuidado para não carregar nas tintas, digamos assim. A gente busca dar mais destaque para os trechos nos quais a história pulsa mais forte. Mas a gente espera não carregar a ponto de virar uma imprensa marrom. As escolhas são para fazer a história fluir ou para dar um colorido diferente.

3 Christian Carvalho Cruz³⁴. Jornalista, formado pela Pontifícia Universidade

Católica de São Paulo (PUC/SP), em 1996. No final do primeiro ano da faculdade, começou a trabalhar com rádio escuta na *Rádio Trianon*. Foi *trainee* da *Folha de S. Paulo* durante oito meses. Seguiu para a *LM Comunicações*, uma pequena editora de revistas segmentadas. No último ano da faculdade, foi fazer o Curso Abril e, posteriormente, foi contratado pela revista *Placar*. Ainda na editora Abril, passou pelas redações da *Boa Forma*, da *Quatro Rodas* e da *Playboy*. Também trabalhou na *IstoÉ Dinheiro*. Desde 2009, é repórter do *Aliás* – suplemento semanal do jornal *O Estado de S. Paulo*. É autor de *Entretanto, foi assim que aconteceu – quando a notícia é só o começo de uma boa história*, uma coletânea de suas reportagens publicadas pela Arquipélago Editorial, em 2011.

As reportagens / Jornal:

3.1 Crônica de uma morte à toa, de Christian Carvalho Cruz, publicada no suplemento *Aliás*, página J8, na seção Arremate, jornal *O Estado de S. Paulo*, no domingo, 6 de setembro de 2009. Trata-se de um texto que narra o último dia de uma pessoa que morreu atropelada nas ruas de São Paulo. O texto tem inspiração em Gabriel Garcia Marques. A reportagem ocupa uma página inteira, tem um total 10.348 caracteres com espaço e quatro fotos. Oito pessoas foram ouvidas na apuração.

3.2 Fóssil à deriva, de Christian Carvalho Cruz, publicada no suplemento *Aliás*, página J8, na seção Arremate, jornal *O Estado de S. Paulo*, no domingo, 19 de setembro de 2010. Trata-se de um texto que narra a história de um frentista de um posto de gasolina no interior de São Paulo que descobriu, enquanto pescava, uma preciosidade histórica – um batelão – enterrado às margens de um rio. A reportagem ocupa uma página inteira, tem um total 10.151 caracteres com espaço e três imagens. Sete pessoas foram ouvidas na apuração.

³⁴ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 21 de abril de 2014 na cidade de São Paulo.

Christian Carvalho Cruz

No suplemento Aliás, a gente lida com noticiário da semana. É um caderno que faz a revisão da semana. Então, a gente lê os jornais, principalmente o Estadão, tentando identificar uma coisa que saiu pequena e tem capacidade para ser maior ou um jeito diferente de contar uma história. Estamos sempre em reunião de pauta, porque as coisas vão acontecendo ao longo da semana, a gente vai mudando, vai mudando... Não dá para fazer texto de gaveta, porque relemos a semana.

A reportagem **Crônica de uma morte à toa** é uma homenagem ao Gabriel Garcia Marques. Sou leitor dele, adoro, e acho que é o cara que faz os melhores começos com texto. Não dá para deixar de ler. Isso é muito impressionante para mim. Bom, a notícia saiu pequena: um rapaz foi atropelado na faixa de pedestre, e o cara com um carrão fugiu. Todo mundo já sabe, já saiu no jornal esta história, como é que eu vou contar isso? Eu quero contar o último dia dele e um pouco quem era essa pessoa que morreu de graça, do nada e não teve um pinga de solidariedade de quem o atropelou.

Aí eu fui atrás. Apuração jornalística: delegacia, B.O, pega endereço, telefone tudo e cheguei lá na casa, até a família. Eu queria saber o dia dele, como é o dia de uma pessoa que vai morrer de repente. Não é alguém que está doente. O que me interessava era o último dia de uma pessoa que não está destinada a morrer. A família me recebeu. Todos estavam muito revoltados, o irmão estava muito revoltado. Eles moravam num Cingapura, um espaço muito degradado. Cheguei com o carro do jornal e falei com umas crianças: "onde é a casa do menino atropelado e tal?" "Ah, eu levo você lá". Uma menina me levou. A porta estava aberta, eles estavam assistindo televisão. Eu bati, me identifiquei, como sempre. Eventualmente me desculpo, falo: "desculpa, sei que vocês estão num momento difícil, mas é que eu queria saber um pouco mais". O rapaz já tinha sido enterrado. A minha abordagem é muito sincera, como eu estou sentindo, não finjo nada. Eu vou lá e eu estou sentindo um pouco da dor deles também. Fico imaginando: "como é que é você vai acordar no dia seguinte, e seu filho não vai estar lá? Morreu assim, desse jeito absurdo". Não quero explorar nada. Também não fico exagerando, nem "futucando" demais. Eu quero o que eles me dão. Eu conduzo um pouquinho, faço poucas perguntas, muito poucas, ouço muito. Então, eu estou para ouvir o que eles têm para dizer. Aí, no meio, eu vou botando as minhas perguntas: "ah, mas como que foi naquele dia? Que horas ele acordou? O que ele tomou de café? Onde ele sentou?" Aí eles me mostraram. "Ficou virado para onde? Para lá, para cá? E depois, onde ele estava?

Tem a história da camisa do São Paulo, o abraço do irmão. Uma das irmãs veio trazer o boleto da câmera fotográfica. Essas coisas me pegam, eu fico espantado. Ela me contou: "olha, ele fez até um seguro, na parcela, ele tinha um seguro para o caso de desemprego, caso de morte e tal". É o choque da ironia. Eu tomo nota dessas coisas assim, que vão me chocando. É com sinceridade, por isso que eu digo, não sei se fica estampado na minha cara que estou me compadecendo, e as pessoas ficam à vontade comigo para ir contando.

*A reportagem **Fóssil à Deriva** era uma matéria pequena, que tinha saído na versão online do Estadão e também saiu no papel. Era um texto do José Maria Tomazela, que é de Sorocaba. É um repórter muito bom para identificar histórias assim, mas nunca dão espaço para ele fazer direito. Quando eu li, fiquei intrigado: "quem é o cara que descobriu o batelão?" Aí sugeri a pauta. No Aliás, acho que temos a sorte de ter bons chefes que bancam este tipo de coisa. Eu já tive chefe ruim de olhar e falar: "não, você vai fazer uma página inteira disso? De um anônimo que descobriu um batelão?". Bem, comecei via Prefeitura de Porto Feliz. Liguei na assessoria de imprensa, e eles me levaram ao rapaz, que é frentista de um posto de gasolina. Sentei com ele. Fiquei um dia inteiro na cidade. Fiquei algumas horas entrevistando o Sidnei. Depois, falei com o prefeito e outras pessoas. Fui ver o batelão, que estava em um braço de um rio, aguardando ir alguém da USP analisar. Falei com um cara que ia conduzir os estudos. Depois que voltei de lá, apurei algumas coisas por telefone. Geralmente, as reportagens demandam muita pesquisa. Eu leio bastante antes. Antigamente, minha programação era assim: se eu só vou começar a apurar na terça, então segunda é dia de Dedoc. Eu ficava lá lendo, lendo, xerocando, anotando. Agora, com a internet, a pesquisa é virtual. Na reportagem sobre o batelão, precisei pesquisar a história dos bandeirantes, fui atrás de obras de Sérgio Buarque de Holanda.*

O ofício de escrever é muito solitário e dói, dói muito, sempre, sempre. É porque o objetivo final sempre é fazer o leitor me acompanhar até o final. É nisso que eu penso: como é que eu vou fazer para esse cara ler a primeira linha do que estou escrevendo, chegar até o final e não me largar no meio? Fico com a sensação de que se ele me largar no meio vai ser a minha derrota monumental. E quanto maior

o texto, mais difícil. São muitas variáveis que influenciam nessa dor: o tamanho; o dia (tem dia que você está bem, tem dia que você não está); o próprio personagem, quando um personagem não se entrega, não se abre, é muito difícil. Eu não quero segurar o leitor só no texto, eu quero dar informação, e ela tem que ser passada de um jeito legal. O primeiro de tudo é a informação, depois o texto. Por isso eu apuro muito, muito. É obsessivo.

Apurar, entrevistar é uma maravilha, eu adoro. Fui uma criança tímida, muito fechada, mas hoje é muito tranquilo eu estar com um entrevistado de quem eu quero saber da vida. Essa é a parte mais gostosa. Eu sempre vou quase “vazio” para esses encontros. Estou interessado realmente nessas pessoas, quero saber o que elas têm para contar, não é só o meu interesse jornalístico. É o meu interesse de vida, real e sincero. Como eu estou vazio, me deixo encher pela história dessas pessoas, me deixo contaminar. Acho que é daí que eu vou tirar o jeito de escrever. Mas é sair dali e começa: “bom, agora como é que eu vou botar tudo isso aqui para alguém que vai me ler”. Aí começa a dor e a solidão. Elas aparecem no processo da escrita, não é no encontro. O encontro é fascinante para mim.

Não é só o que eu estou vendo, é o que eu estou sentindo. Como é que aquelas informações, histórias, vivências impactam em mim? O que isso tem a ver comigo? Como é que isso me transforma? É a partir disso que eu consigo tirar força, sei lá, criatividade, para contar a história para os outros. Eu não uso gravador, acho muito mecânico e também inibe um pouco a pessoa. Quero ficar com a impressão que eu vou tendo ao longo da conversa. Se estou com um gravador, tenho uma segurança que objetiva demais a coisa. Eu quero subjetivar. Nessa hora é muito mais sentimento do que razão. Como é que eu me senti lá diante desse cara, o que ele me contou, o que eu vi, o que eu cheirei, o que eu ouvi ou até as ironias... Tudo da história, fica tudo.... Eu junto tudo isso e fica lá no estômago. Depois que eu apurei, tem um período que preciso ficar gestando a coisa, sabe? Eu volto muito cheio de informação e sentimentos. Tudo misturado.

Aí vem a maior fonte de angústia: como é que eu vou começar o texto? Tenho que saber como é que vou começar este negócio. Escrevo linearmente e preciso da primeira frase ou pelo menos do primeiro parágrafo ou de uma ideia do que vai ser. Eventualmente, até faço o roteiro bem simples – que quase nunca eu sigo, mas me dá segurança. Acho que o próprio texto vai me levando. O que eu preciso é do

começo. É o que consome uns 70% da minha energia. Porque é o que vai dar o tom, né? É a história, é a situação que eu encontrei que vai conduzir a minha narrativa.

As conexões nascem conforme estou escrevendo. Eu penso melhor escrevendo, meu raciocínio funciona assim. Conforme vou escrevendo, sei como quero terminar, aí eu deixo lá assim no fundo, só uma palavra. Ou eu anoto. Pego um bloco, sempre tenho um papelzinho no criado mudo. Eu escrevo na sexta-feira, sempre sextas, porque o Aliás fecha nesse dia. Dificilmente consigo escrever antes, porque durante a quinta eu estou apurando ainda. Terça, quarta e quinta eu apuro. O mais provável é quarta e quinta. Sexta é só para escrever, dar um telefonema ou outro para detalhes. Assim, é muito comum de chegar sexta de manhã e eu não saber como eu vou escrever. Às vezes, quinta à noite me dá uma coisa, aí eu anoto num bloquinho, boto no bolso e vou para a redação. Ou é na hora do banho, sexta-feira de manhã, estou pensando como é que vou abrir a reportagem. Aquilo tudo está dentro de mim, está cozinhando... Depois que tenho isso resolvido, gasto tempo também pensando no arremate do texto. Claro que tem todo um trabalho de ir levando o leitor, juntando parágrafo por parágrafo, de costura, mas é no final que ele vai falar: "porra, o que eu li aqui? Eu vou guardar para ver se eu leio depois novamente; ou se eu recomendo para alguém; ou se eu passo para alguém ler".

Quando repórteres novos me pedem para ler seus textos, o que eu mais falo é: "mas cadê você aqui?" "Cadê a autoria?" "O que você sentiu fazendo isso?" "Como você sentiu encontrando essa pessoa?". Acho que tem a ver com a minha postura diante da profissão. Eu fui ser jornalista por causa da escrita, não foi por causa de furo, por causa de carreira. Percebi isso muito tempo depois, fazendo análise. Gosto de estar com as pessoas. Eu quero escrever melhor, então preciso de tempo para escrever melhor, preciso apurar mais para escrever melhor, preciso descansar para escrever melhor. Não fico brigando por capa. Eu vou brigar para poder escrever de um jeito que eu acho que vai ser mais interessante para o leitor.

O jeito de escrever também traz a postura diante da própria profissão, é minha postura de vida, é uma das coisas mais importantes da minha vida. Eu gostaria até que não fosse, gostaria que não tivesse esse peso, mas tem. Tudo gira muito em torno disso. O Humberto Werneck fala: "para quem você escreve? Ah, eu escrevo para mim. Sou um leitor exigente, Então, se o que eu escrevo me agrada tem grande chance de agradar outros leitores". Penso que o leitor vai ler e no final quero que ele

sinta vontade de guardar, mostrar para alguém. Eu fazia isso, sempre fiz isso, quando ainda não era jornalista. Até hoje sou assim. A gente sabe que, na realidade, está escrevendo para alguém. Tem o compromisso com tudo aquilo que a gente apurou, mas tem muito de mim ali. O leitor vai sentir: o repórter foi lá, viu assim e está contando isso para mim.

Se a gente tem uma boa história, o mínimo que podemos fazer é contá-la como ela merece. O repórter tem o privilégio de estar lá ouvindo em primeira mão. Isso é muito mais rico do que qualquer jeito que eu vou conseguir passar para quem vai ler depois, em segunda mão. Por isso, minha obrigação é deixar a narrativa tão rica quanto foi a experiência para mim. É isso que vai me guiando também. O leitor não vai estar lá. Eu tive o privilégio de ouvir e ver estas coisas. Então tenho que contar do jeito que capte um pouco a riqueza toda que eu senti lá.

*Por exemplo, o Sidnei [o frentista que descobriu o batelão – reportagem **Fóssil à deriva**] é um cara fascinante. Muito, muito simples. Foi contando as coisas assim numa boa, de um jeito simples. Falou sobre o dia que ele viu o fantasma de um bandeirante, do mesmo jeito que falou que gosta de ser picado por borrachudo, e falou sobre o chamado que ouvia para desenterrar o batelão. Ele foi contando assim. Como eu não gravo, às vezes, tomo nota pelo fim, inverte a ordem. Mas a sonoridade e a essência da fala são mantidas. Eu uso aspas com muita parcimônia, porque é muito fácil de empobrecer o texto, quando ela é mal usada. No jornalismo diário, a aspa é uma muleta que o repórter acha que dá segurança.*

Eu preciso da realidade para chegar à escrita. Nunca escrevi nada de ficção até hoje e acho que nem sou capaz. O que me move na profissão é a escrita. Eu encaro esses encontros e a escrita como a minha vida. Não é separado. O leitor não estava lá, ele não ouviu exatamente do jeito que eu ouvi, não sentiu o cheiro que eu senti, não viu o que eu vi, essa é toda a dificuldade. O jeito, a maneira como vou contar são fragmentos. Com eles, é possível o leitor estar o mais perto possível do que foi a realidade. Com esses fragmentos, eu consigo mostrar uma maneira mais próxima do real: quem é essa pessoa, o que eu tenho a ver com ela, como é que a história dela me bateu.

Eu fotografo também. Fotografo com filme, porque não gosto muito de digital. Revelo meus filmes em casa, tenho um laboratório, um banheirinho. Com a ajuda da minha terapeuta, e toda aquela alquimia do Jung, me dei conta de que o processo é idêntico: escrever uma matéria e trazer para luz uma fotografia que eu tenha feito. Acho que vou fotografar para ir aos lugares. Gosto de ir aos lugares. É também um pouco uma desculpa para ir viver a vida, para estar com as pessoas, para ver o que elas pensam, o que elas sabem, como elas vivem. A fotografia é também um pouco disso. Aí eu volto com aquele monte de coisa e preciso ter um momento ali no escuro, que é um momento antes da revelação.

A fotografia é isso, uma hora eu tenho que estar totalmente no escuro para revelar o filme. Estou sem ver nada mesmo. Você tem que botar o filme na espiral, sem enxergar nada, contando com a possibilidade de dar errado. Depende do químico que você coloca, da quantidade, da maneira como agita, se é mais forte, se é mais devagar, do tempo, tudo isso vai influenciar no resultado final. No texto tem tudo isso também. Esse momento no escuro, de perdição total. Não sei para onde vou, o que é que eu vou fazer, se é que eu vou conseguir trazer alguma coisa à tona daquilo tudo. E aí, depois de passar esse tempo no escuro, o texto vai surgindo com todas as influências possíveis e com as variáveis que eu comentei.

4 Fabíola Cidral³⁵. Jornalista, formada pela UniSantos (Universidade Católica de Santos), em 1999. Sua relação com jornalismo tem a influência da vó Emília, que narrava histórias da família originária da Espanha. Quando foi escolher uma profissão, jornalismo era algo certo. Aos 20 anos, terminando a faculdade, entrou em um estúdio de rádio pela primeira vez. Trabalhou na rádio Litoral FM (Santos). A vida profissional, em São Paulo, incluiu a passagem por jornais de bairro e pela rádio USP. Iniciou na CBN em 2000, como redatora. Desde 2008, é uma das apresentadoras e repórter do programa *Caminhos Alternativos*, exibido aos sábados das 9h às 10h, em parceria com Pétria Chaves. Também é âncora do CBN/SP.

As reportagens / Rádio:

4.1 Taxistas: Histórias dos bastidores da vida, de Fabíola Cidral e equipe, reportagem especial em série exibida em cinco dias, a partir dia 6 de outubro de 2006, Rádio CBN. Tem um total de 24min35s, somando todos os dias da série. Mais de uma centena de taxistas foram ouvidos, entretanto nem todos ganharam espaço na reportagem. Ganhou o Prêmio CNT (Confederação Nacional de Transportes) de Reportagem em 2006. Tem apuração em São Paulo (Fabíola Cidral), Rio de Janeiro (Silvana Maciel), Belo Horizonte (Rafael Gomes), Vitória (Alexandra Viana), Curitiba (Lenise Kleink) e Porto Alegre (Jocimar Farina). Tem sonorização de Claudio Antônio e edição de Fabíola Cidral.

4.2 Vivência de olhos vendados, de Fabíola Cidral e Pétria Chaves, reportagem especial exibida no programa do dia 07 de março de 2009, no programa *Caminhos Alternativos*, Rádio CBN. Tem total de 18min, inserida no programa com um total de 57min27s. É uma experiência de vivência das repórteres/apresentadoras (Fabíola Cidral e Pétria Chaves). Elas foram vendadas no início da reportagem, passaram mais de 6 horas nessa situação, acompanhadas de uma terceira jornalista (Fernanda Campagnucci). Sonorização: Cláudio Antônio.

³⁵ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 04 de maio de 2015 na cidade de São Paulo.

Fabíola Cidral

Não sei exatamente quando resolvi ser jornalista, mas talvez a pessoa que tenha sido mais responsável por isso tenha sido minha vó Emília. Na minha infância, eu passava as tardes com ela, enquanto minha mãe trabalhava. Eu sou de Santos, eu moro em São Paulo há 15 anos. Eu ficava deitada na cama, e ela me contava histórias. Mas não eram contos de fadas, histórias fictícias. Eram as história da família. Meus bisavós são espanhóis, e ela nasceu no Brasil. Mas ela me contava a chegada deles aqui, os dramas, as festas – eles eram muito festeiros. Comecei a me apaixonar por histórias reais. Minha avó me despertou para isso. O jornalismo nada mais é do que contar histórias, não é? É isso que me encanta, histórias de pessoas, de vida, sempre foi o que mais me apaixonou no jornalismo. Então, acho que esse foi meu maior portal para o jornalismo. Quando eu tive que escolher uma faculdade, não pensava: “o que eu vou fazer?” Sempre me vi como jornalista desde pequena.

Fiz a UniSantos e comecei a trabalhar já no primeiro ano da faculdade. Primeiro em um jornal de bairro, depois em um jornal maior em Santos. Na faculdade, comecei a gostar muito de rádio. Quando eu saí da faculdade, elaborei um projeto de um programa de rádio e de TV e saí apresentando nas rádios em Santos. A Rádio Litoral FM aceitou meu projeto. Era um programa jornalístico feminino, chamado Atraente. Foi então minha estreia no rádio. Quando eu entrei no ar a primeira vez, foi paixão.

Vim para São Paulo e o meu sonho era trabalhar na CBN, mas comecei em um jornal de bairro. Depois, mandei um e-mail para o Heródoto Barbeiro. E, para a minha surpresa, ele respondeu. Levei meu currículo, conversei com ele. Assim que eu saí da CBN, me ligaram para cobrir as férias de alguém na madrugada. Fiz um teste, mas nem fiquei na madrugada cobrindo férias. Já entrei como redatora. Isso foi em 2000. Depois, fui para a reportagem. Quis ser âncora. Fui crescendo. Durante alguns anos, em paralelo à CBN, trabalhei também na rádio USP.

O programa **Caminhos Alternativos** tem uma história muito bacana. Em 2008, começou a trabalhar, lá na CBN, a Pétria Chaves, que apresenta o programa comigo. A gente começou a conversar. Ela tinha uma angústia muito grande com esse jornalismo rasteiro, destruidor... A gente pensou que seria legal ter um programa no qual a gente pudesse encontrar uma vida melhor. Juntas elaboramos a proposta do programa. A nossa diretora gostou. Fizemos o piloto e logo lançamos o **Caminhos Alternativos**, que fala sobre todos os aspectos da vida, economia, esporte, saúde,

alimentação com busca de alternativas para o que a gente vive em São Paulo. Apresentamos nossas vivências no programa.

A série dos taxistas foi uma pauta sugerida pela minha diretora. Ela queria algo especial que a gente pudesse concorrer no prêmio CNT (Confederação Nacional dos Transportes). Propôs que fosse uma série de reportagens e disse: “pode criar o que você quiser.” Pensei: “que desafio, não é? Pô, taxistas são as histórias de vida. Vou trazer nessa reportagem as narrativas que os taxistas têm para contar, porque eles são os maiores ouvidores de histórias”. Peguei meu gravadorzinho e saí em busca de boas histórias. Foi divertidíssimo fazer isso, eu passava tardes e tardes com taxistas, entrando nos táxis, com o gravador solto. E como a gente queria uma reportagem nacional, pedimos para repórteres do Rio de Janeiro, de Porto Alegre e de Vitória para apurarem histórias também. Eles gravaram o material e me mandaram.

Com todo o material, eram centenas de histórias, eu pensei: “e para editar tudo isso?” Aí comecei a ouvir tudo. Pensei que o mais legal seria eu ter a menor interferência possível. Deixá-los contar suas próprias histórias, emendando uma na outra. Separei por temas: saúde, segurança, amor, casos engraçados, solidariedade... Mas o problema do rádio é o tempo. A série teria cinco reportagens de 5min cada. Bem, em média, cada história que eu apurei tinha uns 20min, mas as histórias selecionadas iam entrar com 1 min, às vezes menos. Então acho que esse foi o grande aprendizado para mim. O trabalho de edição minucioso, cortando vírgulas, junto com o técnico. A gente ia juntando pedacinhos, para que a história não perdesse o sentido. Essa foi a minha grande descoberta na reportagem de rádio. Vi que era possível fazer isso sem o repórter colocar um texto seu.

Ao mesmo tempo, tenho um sonoplasta, Cláudio Antônio, que fez comigo a série. Ele é incrível. Ficamos pensando juntos como seria a sonorização, que a gente pudesse separar as histórias com efeitos sonoros sem que eu colocasse off. Aí foi que ele propôs: “vamos colocar a batida da porta do carro?” Uma história entra. Outra sai. Essa foi a solução para emendar as histórias. Claro que, às vezes, entra um off meu, mas a ideia principal era não ter. A abertura também foi pensada para levar o ouvinte para dentro do veículo. Começa: “Táxi! Táxi!”. A proposta era fazer a reportagem como se a gente estivesse vivenciando as histórias. Acho que deu certo assim.

Selecionar é uma coisa que é muito difícil. A gente sofre por cada história que corta. Fui selecionando o que considerava mais interessante para o público, para que ficasse mais rico, diversificado. Por exemplo, apuramos diversas histórias de parto no carro. Mas é preciso escolher uma. Tinha que ter coisas engraçadas, porque tem uma coisa de entretenimento, emoção, graça. No rádio, isso é muito forte.

Não sei exatamente quantas horas de material bruto eu tinha [na série dos taxistas]. Mas essa foi a primeira reportagem nesse nível que eu fiz. Reduzir “grandes histórias” para “pequenas histórias”. Reduzir é um sacrifício. Acho que eu passei umas duas semanas mergulhada, trabalhando umas 12 horas por dia. Enxugando. Reduzindo. Com cada história, eu fazia o seguinte: ouvia, reduzia. Ouvia, reduzia. Assim: tinha 15min, eu enxugava para 9min. Depois, ouvia novamente, reduzia para 5min. Ia assim até chegar ao tempo necessário.

Por isso falo que esta reportagem foi um divisor de águas na minha carreira. Ali, aprendi que era possível contar uma história com a mínima interferência minha, que o mais importante era sempre o personagem. Claro, tem sempre interferência, um dedo meu. Na seleção, nos cortes. Eu defini quais histórias, defini o que ficou nas falas finais de cada um. Mas isso passa por uma percepção, por um entendimento.

Bom, depois no Caminhos Alternativos, a gente vai no caminho oposto, porque tem a coisa da vivência nossa, da Pétria e minha em cada programa. É o conceito do Caminhos. Lá a gente nem tem roteiro. A reportagem Vivência de olhos vendados, começamos a gravar cedo. Devia ser umas 10h da manhã, quando o terapeuta veio buscar a gente na rádio. Ficamos umas seis ou sete horas com o gravador ligado direto, pegando toda a experiência. No final, a reportagem ocupa uns 18 minutos dentro do programa. É uma espécie de documentário dentro do programa.

A Vivência é uma parte do conceito editorial do programa. A gente quer experimentar as terapias, as propostas. Sentir. Sou uma pessoa muito cética. Então se a gente viver as propostas, a experiência é real. Nossa primeira entrevista no programa, em 2008, foi com o Heródoto Barbeiro. Ele é budista. Encerramos com uma fala dele: “não acreditem em nada do que eu digo, experimentem”. Então, esse é o nosso mote. “Essa é a minha experiência, e qual é a sua?”

Nós temos um baita trabalho de edição. Nessa reportagem do Caminhos, a gente narra conforme as coisas vão acontecendo, vamos narrando a vivência... Entra aí a experiência. Quando estamos gravando, eu vou sacando os momentos, vou

falando coisas que vão me dar os pontos de cortes das reportagens. Vou percebendo quando termina uma parte da história e quando começa outra. Isso facilita a edição. A gente vai editando ao vivo. Outra questão importante é tentar descrever ao máximo o lugar onde estamos. A gente grava os barulhos todos. Por exemplo, no programa a gente dá muitas receitas. Então, tem o barulho do liquidificador, da batedeira. Entende? A gente está sempre ligada no que pode ser um som de transição, de corte.

A reportagem começa com nós duas sendo vendadas, depois vamos para o carro. Aí já tem barulho do carro. Seguimos pela estrada... Quando chegamos ao sítio, tem pássaros, tem amplitude sonora. No almoço, tem barulho dos talheres. Na hora da meditação, tem o silêncio. Captar ao máximo o som ambiente faz com o que o ouvinte mergulhe naquele universo. Isso eu aprendi na BBC, em Londres. Eles são impressionantes. Eu fico muito irritada quando vejo fazerem uma reportagem sobre manifestação, sem o som da manifestação. Vai falar sobre o metrô e não tem o som do metrô. Sei que não dá para manter esse padrão sempre, porque isso exige tempo e dedicação.

A reportagem Vivência de olhos vendados teve uns dois dias de trabalho de edição. Isso, fora o tempo de pauta, pré-produção. Como estaríamos as duas vendadas, tivemos a companhia da jornalista Fernanda Campagnucci. Mas costumamos estar sozinhas mesmo. A gente nem conhecia a cara do entrevistado. Fizemos questão de pesquisar sobre ele, mas não ver nenhuma imagem. Nós falamos logo no início que estaríamos vivendo algo parecido com o que o ouvinte vive ao nos ouvir. Ou seja, não ver nada. A reportagem foi um grande sucesso. Os ouvintes se sentiram contemplados. Foi muito legal. Teve gente que ligou, escreveu contando que ficou deitado, também de olhos fechando durante a reportagem para poder sentir o que a gente estava vivendo.

Eu penso todo momento no ouvinte. Muitas vezes, é até uma coisa mercadológica. Tenho uma preocupação nesse sentido sabe? Mas quando estou vivendo uma emoção na reportagem, aquilo é real, eu não estou fazendo teatro para o ouvinte. Não vou relatar tudo o que eu senti no ar, mas o que me toca e acho relevante no momento da edição, fica na reportagem. Isso não é para agradá-los, mas penso no que atinge mais pessoas. Na Vivência dos olhos vendados, a Petra

ficou muito mal depois, mas eu fiquei super bem. Foi uma terapia muito forte, e a gente se jogou no escuro. Não dava para desistir no meio da apuração, sabe?

Sobre o narrador, acho que acontece um deslocamento no seguinte sentido, eu vou para a perspectiva das pessoas que estão na reportagem. Na Amazônia, conto a história na perspectiva deles. Dos freegans, o olhar deles para o mundo. Eu vou para o lado de quem está contando a história, mas também vou para o lado de quem vai ouvir a história. Acho que eu transito entre esses dois lados. Tanto na hora da apuração, quanto da edição. Por exemplo, eu quero ser aquele ribeirinho que está contando a história. Não posso esquecer esse sentimento para que a reportagem seja real e viva no momento de edição. Eu tenho que ter vivido aquela experiência “de estar junto”, para saber o que é realmente importante na edição.

Ao mesmo tempo, eu tenho que ser uma ouvinte, que vai entender a história desse ribeirinho, por exemplo. Acho que eu tenho que me deslocar para esses dois caminhos. Talvez, talvez o equilíbrio disso seja a Fabíola profissional, a jornalista. Acho que busco fazer o equilíbrio entre o ouvinte e o personagem, entende? No rádio, tem uma parte do trabalho que é muito solitário. Quando eu digo que é muito solitário é porque na TV, por exemplo, a gente tem olhares que se complementam na narrativa: o repórter, o cinegrafista, muitas vezes o assistente ajuda muito.

Eu sempre edito sozinha, depois que a matéria está fechada, pronta, editada, eu dou para o Cláudio Antônio sonorizar. A gente conversa, falo sobre o que pensei, mas gosto de liberar. Falo: “quero que você ouça umas dez vezes e viaje na reportagem”. Depois a gente chega junto a um consenso. A reportagem dos olhos vendados foi ele quem fez. Mas no Caminhos Alternativos é mais fácil porque a gente sonoriza só com som ambiente.

Uma parte do Caminhos Alternativos é sempre ao vivo. E uma das nossas prioridades é não fazer nada por telefone. É política editorial: olho no olho. Isso faz total diferença. Entrevista por telefone só se a fonte for essencial e ela estiver fora do país ou muito distante mesmo. Ou quando é alguém que a gente tem muita proximidade, que a gente conhece bem. Mas a gente traz o prefeito aqui para uma entrevista de 10min. O olho no olho é fundamental. Claro, num programa diário, na

pauleira, é impossível trazer todas as fontes das reportagens para dentro do estúdio. Mas no Caminhos é uma prática nossa.

A forma como a gente faz o programa é difícil. Foi um processo que me fez enxergar muito a forma como eu ajo no mundo, minhas atitudes, e elas me incomodaram. Numa apuração desse tipo, com microfone solto, eu vi como é a Fabíola jornalista, o quanto vou empurrando a pessoa na parede com as minhas perguntas. O quanto sou incisiva. No começo era mais complicado, hoje em dia está mais tranquilo. Isso vem da busca pelo caminho, né? A gente tem consciência de que quer aprender com o ouvinte.

Nós duas e os ouvintes estamos juntos. A nossa presença nas reportagens não é uma coisa do ego. “Olha como somos interessantes!!” Nada disso. A gente deixa claro nossos problemas, os sofrimentos. Por exemplo, fazer meditação. A gente nunca vai fazer uma meditação e fala assim: “nossa que delícia!” Não, meditar é um inferno, você vai encontrar seus monstros. Então, a gente deixa claro essas realidades. Sempre colocamos sob essa perspectiva, porque não é fácil viver bem e fazer escolhas saudáveis a todo o momento. Por isso, acho que o nosso ouvinte está sempre muito junto.

5 Juliana Carpane³⁶. Jornalista, formada pela Universidade Metodista de

São Paulo, em 2002. Na época de escolher uma profissão, ficou muito indecisa. Pensou em artes plásticas, em nutrição... Mas a opção pelo jornalismo ocorreu porque gostava de ler e escrever. Nos primeiros anos da vida profissional, passou pelo *Diário do Grande ABC*, pela revista *Trip* e deu aulas de inglês. Começou a cobrir a área de tecnologia na B2B Magazine. Em 2004, foi para a *Folha online* e, em 2006, para o *G1*. Desde 2010, está no *UOL*. Era editora de tecnologia do portal, quando foi convidada a compor a equipe que elabora o *TAB UOL*, uma revista multimídia de reportagens que produz um conteúdo extenso e de fôlego no ambiente web. A primeira reportagem do projeto foi ao ar em 13 de outubro de 2014. As reportagens são publicadas às segundas-feiras.

As reportagens / Multimídia - internet:

5.1 A nova bolha, de Juliana Carpane³⁶, reportagem multimídia, TAB UOL #7, foi publicada na web no dia 24 de novembro/2014. Tem 7.894 caracteres de texto (sem contar roteiros e outros elementos). A reportagem trata dos algoritmos, como eles agem no nosso cotidiano. Tem interatividade, HQs, fotos, jogos etc. Foram entrevistadas nove pessoas. A equipe que assina a reportagem é: Juliana Carpane³⁶ (Texto); Rafael Salinema (Ilustração HQ); Bruno Galan (Animação); Adriano Delgado (Vídeo) e edição de Daniel Tozzi.

5.2 Quer que eu desenhe?, de Juliana Carpane³⁶, reportagem multimídia, TAB UOL #17, foi publicada na web no dia 02 de fevereiro de 2015. Tem 9.350 caracteres de texto (sem contar roteiros e outros elementos). Foram entrevistadas seis pessoas. A reportagem trata do uso dos emojis como forma de expressão no mundo contemporâneo. Tem interatividade, vídeo, jogos e uso constante dos emojis ao longo do texto. A equipe que assina a reportagem é: Juliana Carpane³⁶ (Texto); Denise Saito (Design); Bruno Pedersoli e Ugo Soares (Vídeo) e edição de Daniel Tozzi.

³⁶ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 08 de maio de 2015 na cidade de São Paulo.

Juliana Carpaneze

Eu me formei em 2002, na Metodista. Minha mãe é professora de literatura, então sempre li muito, adoro ler. Antes da faculdade, fui morar na Inglaterra, aí eu escrevia muita carta, e as pessoas adoravam. Eu fazia relatos do que acontecia lá. Bem, eu voltei e sempre fui muito indecisa sobre carreira. Pensei em artes plásticas, pensei em nutrição, mas decidi pelo jornalismo. Não era uma paixão, mas deu certo. Quando eu me formei, entrei no curso Abril e pensei: “minha vida está feita. Depois do curso serei contratada e vou para uma revista de comportamento.” Era o meu sonho. Mas estava rolando uma crise, eles não contrataram. Eu já tinha trabalhado no Diário do Grande ABC. Fiz diversos freelas, na Abril mesmo, na Trip. Dei aulas de inglês... Em 2003, comecei a trabalhar com tecnologia, quando fui para a B2B Magazine, onde fiquei até 2004. Aí me chamaram para a Folha. Foi quando começaram a tratar a tecnologia de um jeito mais humano. Depois fui por um tempo para o G1. Desde 2010, estou no UOL.

O TAB UOL é uma proposta nova, uma alternativa de produção de conteúdo de fôlego na internet, mais aprofundado. Eu sou editora de tecnologia do UOL. Eles pegaram algumas pessoas da redação e montaram uma equipe em 2014. Nós até mudamos de andar. Deixamos de fazer o que fazíamos e começamos esse projeto novo. É uma coisa maravilhosa. Nós somos em quatro repórteres, tem freelas também, dois webmasters exclusivos para o TAB, quatro designers e duas pessoas para os vídeos. Além disso, toda a estrutura de códigos das reportagens é feita fora, por empresa terceirizada. E tem o Daniel Tozzi, que é editor e coordena tudo isso. Ele tem a visão da pauta, do design e da tecnologia.

A gente tem duas longas reuniões por semana: segundas e terças. A equipe conversa sobre todas as sugestões de pautas. Todos mesmo, não só os repórteres. É para dar pitacos mesmo, sabe? A gente fica horas conversando. Então, acho que estou vivendo uma “sociedade utópica” no jornalismo. Eu estou em redações desde 2000 e nunca vivi uma experiência como esta.

A pauta da reportagem da bolha foi pensada quando a equipe ainda estava sendo montada. O Tozzi é superexigente, supercrítico. Então, na reunião, ele propôs falarmos de algoritmo, como a nossa vida é regida por algoritmos. Mas é um tema

terrível. Eu não escolhi fazer esta reportagem, não me apaixonei por ela logo de cara. Agora eu gosto muito do resultado.

Depois que a pauta é aprovada, tudo continua sendo muito conversado. A gente senta todo mundo junto. É importante. Eu estudei em escola construtivista e acho que estou vivendo uma experiência construtivista, sabe? Com essa coisa de trocar ideias o tempo todo. Por exemplo, agora estou começando a trabalhar em uma pauta sobre linchamento virtual. Hoje é uma sexta, vou ficar o dia inteiro pesquisando. Na segunda, quando tivermos nossa reunião, vou apresentar para a equipe toda a ideia detalhada: o que pretendo fazer, como, a forma, as possíveis fontes, os extras – jogos, interação, vídeos etc. Daí, começa a discussão. Ficamos umas duas horas em cada pauta, sabe?

No caso da reportagem sobre a bolha, trabalhamos a estrutura em tópicos. Mas a gente vai mudando. Agora temos tentado fazer algo mais contínuo, para não dar a ideia de um conjunto de mini reportagens. Bem, mas a gente tinha o seguinte desafio: não podemos fazer uma reportagem desse porte e ser bobo, tipo: “olha, o algoritmo é um conjunto de regras...”. Tenho que partir do princípio que o leitor já sabe a definição ou tenho que explicar de um jeito diferente.

No caso da bolha, o vídeo aborda o que é o algoritmo. O designer e eu ficamos conversando para pensar o vídeo. A gente fez o roteiro, na realidade, fiz o off do que a gente ia contar. Acho que demorou umas duas semanas para fazer. A reportagem tem também a HQ do Raphael Salimena. A ideia era: como seria se o algoritmo mandasse na sua vida off line? Então, pensamos no garçom. Todas as etapas são absurdamente conversadas entre todo mundo.

O desafio era tornar agradável, palpável, fácil, interessante, algo tão frio e sem cara. As pessoas podem não saber o que é algoritmo, mas ele está na nossa vida. Se eu disser que no Facebook você poderia receber 1500 coisas, mas recebe só 300. Que eles estão selecionando, com base na sua navegação. Ah, isso vai despertar o leitor. Isso é a tecnologia relacionada com comportamento. Os tópicos que a gente precisava abordar na reportagem eram: a internet que está cada vez mais personalizada, como isso é feito e porquê?; a internet pode mimar e pode atrapalhar; tem as questões sobre privacidade.

Eu faço uma pré-apuração – pesquisas em livros, outros veículos de comunicação – e vou colocando tudo no papel, as coisas que vou lendo e tal. Daí, a gente parte para as entrevistas. Nessa reportagem, tem onze entrevistados, mas faço uma crítica: acho que tem poucos personagens. Com o texto pronto, a gente passa

para o Tozzi. Ele mexe. Depois, todo mundo lê. Cada um dá seus pitacos. Vamos experimentando. Entre a pauta aprovada e o término da elaboração, incluindo o designer, a gente demora umas quatro semanas. Depois tem toda a parte mais tecnológica, a que é feita pela empresa terceirizada. Depois, a gente faz testes para ver como vai ficar online. Aí libera para publicar. Temos uma nova reportagem por semana. Sempre às segundas. Uma coisa que eu também acho muito legal é aquela bio que colocamos no final de todas as reportagens. É sempre algo relacionado com o tema da reportagem.

Um dos aspectos deste tipo de reportagem é a interatividade. O texto aborda alguma coisa, e a gente busca uma forma de mostrar aquilo. São os “extras” da reportagem. Podem ser jogos, testes, vídeos, HQs... Enfim, são outras formas de abordar o tema, buscando a participação do leitor. E só funciona com a participação mesmo.

A reportagem do emoji nasceu assim: eu estava de plantão no UOL, faço isso uma vez por mês. Então eu vi uma capa da revista New Yorker com um emoji. Em outro momento, vi uma notícia que falava: “coração é eleita a ‘palavra’ do ano.” No caso, era o coração na forma de desenho emoji, tá? Aí pensei, “meu, esse negócio é muito grande”. Juntei as duas coisas... Acho que essa é uma pauta com desafios totalmente diferentes do algoritmo. Emoji é uma coisa supervisual, mas é babaca. O desafio era o contrário, porque todo mundo sabe o que é. A ideia inicial era mostrar que emoji poderia deixar o nosso vocabulário cada vez mais pobre. “O emoji está deixando a gente mais burro”, foi o caminho. Comecei a falar com algumas pessoas, e aí todos derrubavam essa ideia. Eu voltei para o Tozzi e falei: não é nada do que a gente estava pensando. Aí a gente repensou o foco, mas não era o caso de derrubar a matéria.

O desafio da reportagem sobre o emoji foi transformar algo fofo e meio bobo em algo relevante. Tipo assim: “você está aí usando essas carinhas, e elas fazem parte de uma coisa maior”. Mesmo com a hipótese inicial modificada, a gente precisava responder algumas questões: é uma nova forma de comunicação? Vai deixar a gente mais preguiçoso? Empobrece o nosso vocabulário? Por que é tão popular? Bem, fui pesquisando, achei umas fontes muito interessantes. Descobri aquela história do livro do Moby Dick. O trabalho de pré-apuração desta reportagem me rendeu 26 páginas de texto.

No caso dessa reportagem, era importante usar o emoji no texto. A ideia era deixar a coisa mais simpática. Era como uma camada a mais de informação. Para escrever isso, não foi fácil. A gente tem que pensar no tipo certo de emoji. Fui fazendo o texto e usando códigos para a designer inserir cada um deles.

O abre dessa reportagem do emoji tem uma história legal. O texto já estava pronto e começava falando da palavra do ano e tal. Era o abre. Fechei o texto. Era uma sexta à noite e eu ia entregar o texto na segunda. Daí, um colega da equipe falou: “você viu essa notícia?” Quando eu li a história do cara que foi preso porque usou um emoji, pensei: “Meu, esse é o abre. É um caso que traz o tema para a vida real”. Era perfeito. Aí passei mais um dia inteiro escrevendo, mudando a estrutura, refazendo o abre.

Esse vídeo nós fizemos juntos – eu pensei o que seria importante falar, e os meninos pensaram a estrutura, o roteiro. A gente ficou um dia inteiro no Parque Ibirapuera para gravar. Eu deixei a reportagem pronta e saí de férias. Eles finalizaram o vídeo sozinhos. Ficaram até alta madrugada trabalhando. Deu muito trabalho.

Gosto de fazer textos leves, com brincadeiras. É super de propósito. Tem uma coisa assim de conversar com o leitor. Sempre que eu puder, vou fazer uma piada. Mas escrever não é tranquilo. Eu costumo demorar uma semana para fazer meus textos do TAB UOL. Fico muito tempo. Antes de começar a escrever, a primeira coisa que eu faço é organizar tudo por tópicos. Vou separando tudo em grandes blocos de temas: as entrevistas, as informações. Planejo onde vai entrar fulano, falando o quê. Funciona como um roteiro da reportagem.

Eu preciso escrever de um jeito fácil de entender. É o meu desafio. No TAB UOL, a gente é estimulado a ter estilo, sabe? Cada repórter tem o seu. Como eu trabalhei muito para internet, os meus textos não tinham estilo. É aquela coisa: “o lançamento do Ipad” e tal. Eu não sou ligada ao universo acadêmico e não gosto quando a coisa fica inacessível. Eu leio se o cara está comigo, sabe? Essa é a minha postura de leitora também. O autor tem que estar comigo, não pode estar acima de mim. Sabe, aquela postura: “eu vou te explicar uma coisa, fulano.” Não, isso não!

Quando escrevo, sou essa pessoa que está com o leitor. Não penso em alguém especificamente. Mas acho que essa postura está relacionada com a cobertura de tecnologia. Quando eu comecei, era superdifícil. Eu não entendia de BIT, de RAM.

Então, procuro escrever para a pessoa que eu era quando eu lia e não entendia, sabe? Eu desço do salto mesmo. Quando a pessoa terminar de ler a matéria de algoritmo, gostaria que ela falasse: “Putz, olha meu, o Facebook filtra. Danado esse Facebook.” Minha meta de vida é ser muito boa, mas assim junto, sabe? Tem uma frase sobre o processo de escrever, um amigo me falou: “Eu detesto escrever, mas amo ter escrito.” No TAB UOL estou amando, mas o processo é sofrido. Quando estou escrevendo, estou morrendo um pouco.

6 Luiza Villaméa³⁷. Jornalista, formada pela Psicologia pela Universidade

Católica de Minas Gerais (atualmente PUC/MG), em 1980, e em jornalismo pela Cásper Líbero, em 1989. É mestre em História pela USP (2008), com a dissertação *Adhemar de Barros (1901-1969): a origem do 'rouba, mas faz'*. Aproximou-se do jornalismo ainda quando fazia psicologia, pois escrevia textos para revistas da área. Viveu alguns anos na Polônia e, de volta ao Brasil, começou a trabalhar na *Folha da Tarde* no final dos anos 1980. Depois, foi para a *Veja*, contratada para compor a equipe que se preparava para cobrir a Guerra do Golfo (conflito entre agosto de 1990 até fevereiro de 1991). Trabalhou na sucursal do jornal *O Globo* em São Paulo. Ficou por 16 anos na redação da revista *IstoÉ* e, desde o início de 2012, está na redação da revista *Brasileiros*.

As reportagens / Revista:

6.1 Quando meninos são fichados como terroristas, de Luiza Villaméa, reportagem publicada na revista *Brasileiros*, edição de março de 2013, páginas 54 até 65. Com um texto principal e um secundário sob o título ***As marcas da tortura não desaparecem jamais***. No total, as reportagens somam 26.958 caracteres com espaço e 11 imagens. Foram entrevistadas oito pessoas. Conta a história de quatro crianças fichadas, presas e banidas do Brasil na época da ditadura militar. Esta reportagem abre a série premiada ***Filhos do Brasil*** (Esso de Jornalismo em 2013, na categoria Regional Sudeste), que foi publicada ao longo de 2013. Texto e edição de Luiza Villaméa, fotos de Luiza Sigulem e Paula Giolito.

6.2 Como um passarinho, de Luiza Villaméa, publicada na revista *Brasileiros*, edição de maio de 2013, páginas 66 até 75. No total, a reportagem tem 24.736 caracteres com espaço e 13 imagens. Foram entrevistadas dez pessoas. Conta a história de Joana Schiller, filha do ex-guerrilheiro Gustavo Schiller que se suicidou em 1985. É a segunda reportagem da série premiada ***Filhos do Brasil***. Texto e edição de Luiza Villaméa, fotos de Ricardo Chaves.

³⁷ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 26 de junho de 2015 na cidade de São Paulo.

Luiza Villaméa

Eu cheguei ao jornalismo bem por acaso. Nasci em Dom Silvério, uma cidade do interior de Minas, e o jornalismo não estava no meu horizonte. Eu fiz psicologia na Universidade Católica de Minas [hoje PUC/MG]. Mas, logo no início da graduação, comecei a escrever coisas para os jornais da faculdade, depois já escrevia para revistas especializadas em psicologia, como a Rádice [revista de psicologia editada entre 1976 e 1981]. Fazia textos relacionados ao comportamento humano, a antipsiquiatria. Cheguei a entrevistar gente como Ronald David Laing. Logo que terminei o curso, ganhei uma bolsa de estudos para fazer mestrado na Universidade de Varsóvia. Fiquei na Polônia de 1981 até 1985. Eu ia fazer um mestrado no Instituto de Psicologia, mas acabei me transferindo para a Faculdade de Jornalismo e Ciências Políticas para fazer um doutorado direto, que não cheguei a concluir.

Quando eu retornei para o Brasil, vim para São Paulo e fui para Folha da Tarde. Meu editor lá era o Chico Lang. Um grande editor. Depois fui para a Veja, na equipe que eles estavam montando para cobrir a Guerra do Golfo. Em 1995, eu fui para O Globo, para sucursal do jornal aqui em São Paulo. Foi uma época ótima, tinha uns 35 jornalistas na equipe. Fiquei quase quatro anos lá. Depois, fiquei por quase 17 anos na IstoÉ. Fiz muita coisa legal, viajei esse Brasil inteiro, conheci esses grotões todos, cobrindo assuntos nacionais de maneira geral. Eu gosto muito de História, então a gente vai conduzindo as pautas para o que gosta, né? Enquanto eu estava na IstoÉ, fiz meu mestrado na USP, em História. Defendi em 2008 a dissertação sobre a origem do “rouba, mas faz”, do Adhemar de Barros. No início de 2012, vim para a revista Brasileiros.

Eu estava em casa, no comecinho de 2013, conversando com um amigo jornalista, tomando um vinho. Comentei que queria fazer uma série, para chegar ao final do ano e não ter apenas um monte de reportagens esparsas. Conversando, pensando alto... Aí eu disse, “já fiz centenas de reportagens sobre episódios da ditadura militar no Brasil, sobre os mais variados personagens, mas nunca pensei nas crianças afetadas.” Já se passaram mais de 20 anos desde que começamos a ter acesso aos arquivos aqui em São Paulo. Lembro quando Romeu Tuma mostrou esses arquivos que estava com a Polícia Federal e iam ser devolvidos ao Governo do Estado de São Paulo. Depois eles, efetivamente, foram abertos ao público. Era muito difícil falar com as pessoas. Elas estavam muito traumatizadas, tinham muito

medo. Durante todos esses anos, a imprensa já contou vários episódios. Mas nós, jornalistas, nos esquecemos do impacto da ditadura na vida das crianças e adolescentes. Os adultos sempre foram os principais protagonistas. Então, pensei: vou fazer sobre as crianças. Peguei um papel e fiz uma lista na hora mesmo. Eu me recordava de uns 14 casos. Os netos da Tercina, que foi a costureira da Lamarca... Fui listando, de memória mesmo. Liste o caso da Joana, que eu conhecia há muitos anos por causa da apuração que fiz para uma reportagem na IstoÉ, sobre o roubo do cofre do Adhemar de Barros.

Consegui bastante espaço na revista e condições para fazer uma apuração dessas. Fiquei um ano envolvida com essa série, mas fazendo um monte de outras matérias junto. Fui para a África nesse tempo. As reportagens não foram publicadas em sequência mensal. Eu demoro uns dias para escrever. Vou ler, reler, sou dispersa. Escrevo, levanto, volto... Mas o ideal seria escrever só a reportagem, sem nenhuma outra matéria junto.

Eu tinha os tais 14 casos daquela lista e comecei a olhar para a história de cada um. Fui pegando fios e puxando. Eu ia todos os dias para o Arquivo Público do Estado. Elegi o caso dos netos da Tercina para começar. Fui procurar mais sobre a história da Tercina. Aí alguém te conta uma coisa, outra pessoa, outra. Eu sabia da existência da foto, mas na hora que listei esse caso, não me lembrava dela. Quando eu comecei a levantar o material, pesquisar, pensei: as crianças estão na foto e ninguém nunca prestou atenção. A foto foi feita pela repressão. Todo mundo já viu e foi publicada inúmeras vezes. Não tive acesso às fotos deles por conta da Comissão da Verdade ou da Lei de Acesso à Informação. Aliás, a Lei facilita bastante, mas fui fazer pesquisa no Arquivo Público mesmo.

Como disse, são documentos que foram colocados à disposição do público em 1995. É o acervo do Deops, que fica no Arquivo Público do Estado de São Paulo. Só que é muito difícil pesquisar. São mais de 3,5 milhões de documentos, 1,5 milhão de fichas, quase 150 mil prontuários. Então, é muito complexo pesquisar esse material, achar as fichas, mas eu já estou mais habituada.

Como foi um fato passado há tantos anos, eles eram crianças ainda, os documentos são essenciais para reconstruir a história. O primeiro com que eu falei dessa reportagem foi o Ernesto. Uma pessoa ligada aos Direitos Humanos, que confia em mim, passou o telefone dele. Eu liguei, falei que queria uma entrevista e

tal. Ele ficou meio assim, mas marcou. Quis se encontrar comigo. Depois o Ernesto comentou que após aquele primeiro telefonema, ele saiu do trabalho foi para casa e dormiu nove horas seguidas. Então, é para você ter uma ideia da dificuldade de lidar com isso passadas tantas décadas. O Samuel é do interior do Rio de Janeiro. Não fiz a entrevista pessoalmente, falei por telefone. A Zuleide, quando viu a foto, teve uma crise de choro. Ela estava conversando comigo na redação da revista. Eles tinham muita curiosidade em saber mais sobre a história. Eles idolatram a Tercina, o pai e a mãe também. Nunca ninguém tinha mostrado as fichas do Deops para eles.

Depois que a reportagem foi publicada, que as fotos das fichas deles saíram, a Comissão da Verdade Estadual fez um Seminário, publicou os depoimentos das crianças, reproduziu as fotos. Foi um desdobramento da reportagem.

Nas entrevistas, eu vou procurando puxar os fios. Recuperar as histórias. No caso do Ernesto, por exemplo, ele e a Jovelina me contaram sobre o tal punhal dourado. A história já tinha sido relatada antes, mas não com esses detalhes. O Espinosa estava junto. Ele tem uma memória. Nas entrevistas para mim, os três falaram sobre o punhal dourado. Mas parecia uma fantasia, não? “Lamarca, o capitão da guerrilha, que larga o quartel cheio de armas para lutar do lado do povo, dá para um bebê um punhal dourado.” Mas no acervo, eu encontrei um documento, um ofício que foi redigido pela Terezinha Zerbini – eu reconheci a letra dela – que a Jovelina assinava e listava todas as coisas que estavam dentro da casa dela, quando ela foi presa. Dentre todas as coisas listadas, estava lá: um punhal dourado. Eu tenho cópia desse ofício.

Na época, levei o documento para a Terezinha Zerbini ver. A Jovelina também. Nenhuma das duas lembrava que tinham feito o ofício. Por isso, é importante pesquisar no arquivo, tem que cotejar sempre. Tem que cruzar as informações que circulam em livros, com documentos de época e com a entrevista. Daí, a gente faz um balanço, né? Não pode acreditar 100% em nenhuma dessas três coisas. Tudo pode ter equívocos. Pode ter algum tipo de distorção. O que tem de bobagem escrita em livros é uma coisa impressionante.

Tem que ter um olhar cuidadoso. Algumas pessoas vão lá ao Arquivo e não sabem pesquisar. Por exemplo, se pega um documento que alguém está entregando todo mundo. Aí falam: um delator. Vários jornalistas, inclusive, já falaram assim. Mas é preciso entender o documento, compreender o contexto. Primeiro, a pessoa estava

sob tortura. Segundo, se você vai analisar, na maioria dos casos, os nomes citados são de gente que já estava presa ou que estava fora do Brasil. Tem que entender que os interrogadores escreviam o que queriam. Enfim, tem que cotejar.

Quando é esse tipo de reportagem, em geral, eu trabalho muito com material de pesquisa: livros, documentação histórica. Isso leva meses. Em geral, leva meses para achar alguma coisa nova, interessante, às vezes a gente não acha.

Eu termino a reportagem com a história do punhal dourado, porque deu para apurar que aquilo aconteceu, que não era apenas algo criado entorno da mítica do Lamarca. A Jovelina e o Ernesto adoraram.

Quando a reportagem já estava paginada, faltavam dois dias para a revista ir para a gráfica, a gente ficou sabendo do suicídio do Carlos Alexandre. Ele tinha 39 anos, e quando era bebê foi preso pelo DEOPS. A morte já tinha sido divulgada na imprensa, a família estava muito tocada, mas pai topou falar comigo. O pai e o irmão. Não deu para apurar detalhes, mas achei que não dava para publicar a primeira reportagem sem fazer referência ao caso, que foi uma coisa muito triste.

A segunda reportagem da série, **Como um passarinho**, é sobre uma história que conheço há muitos anos. Em 1999, eu fiz uma grande reportagem para a IstoÉ sobre o roubo do cofre do Adhemar de Barros. Eu tinha muito material sobre isso. É uma coisa impressionante. Naquela época, o tio da Joana Schiller me deixou entrar na mansão, com a condição de não citar isso na matéria. Mas foi importante para eu conhecer o cenário e até compreender como era aquilo em 1969, no Rio de Janeiro. Ver aquela opulência toda. Então, comecei a lidar com a história do “Bicho” [Gustavo Buarque Schiller] na época da IstoÉ. Eu tive acesso a muita coisa naquela época. É uma história muito marcante.

Durante a campanha presidencial de 2010, eu passei uma temporada no Rio Grande do Sul, porque estava cobrindo a campanha da Dilma Rouseff. Então, foi a primeira vez que conversei com a Joana. Eu sabia da existência dela na época da reportagem para a IstoÉ, mas ela era uma menina ainda. Em 2010, quando eu estava em Porto Alegre, liguei para a Joana. Queria conhecê-la. Marcamos, tomamos um café. Foi uma coisa meio rápida, mas eu disse que um dia iria retomar a história do pai dela. Eu prometi fazer isso.

Quando eu comecei a fazer esse levantamento de informações, o Almirante Júlio de Sá Bierrembach, que foi do Superior Tribunal Militar, me permitiu o acesso a muita coisa. Eu tinha cópia de todos os boletins escolares do Gustavo, documentos de consultas médicas, desde pediatra. Eu sempre me senti em dívida com essa menina, porque eu queria muito entregar para ela essas coisas, esses documentos todos sobre o pai dela. Ela tem muita curiosidade sobre o pai, tem necessidade de reconstituir essa história.

Eu conhecia a história do Gustavo. Sabia que ele era uma pessoa muito interessante, muito acessível, muito sofisticada. A família toda era. O caso dele me impressionava bastante pela origem de classe. A reportagem da IstoÉ [publicada em 1999] foi uma coisa sobre a ação do roubo, uma coisa mais bruta mesmo. A reportagem para a Brasileiros toca em uma parte mais sensível. Lembro que o Ricardo Chaves, que é fotógrafo, chorou durante a entrevista que eu fiz com a Joana.

Eu consigo perceber que constituo esse sujeito narrador, mas isso não é planejado. Não é algo delineado com antecedência para ser executado. A coisa acontece. O processo conduz a esse tipo de narrativa. Não é elaborado de forma racional.

Geralmente, vou apurando, separando material. Na hora de escrever, começo pelo título. Na realidade, fico pensando no título. Pensar mesmo, não é escrever. Achar o título de alguma maneira ordena as informações na minha cabeça. Acho difícil fazer o título. Depois a reportagem vai saindo. É uma coisa muito simples. Não tenho um esqueminha da reportagem. Tento escrever de uma forma simples, para não ficar chato para a pessoa ler. O texto vai pedindo, vou escrevendo.

A abertura da matéria da Joana foi uma história que a Lúcia, a mãe dela, me contou durante a entrevista. Assim, depois de horas que estávamos conversando. Na hora, talvez eu nem tenha dado tanta importância. Depois falei: “é um bom jeito de eu contar isso.” Não queria falar que ele se jogou, porque é uma história, é muito chocante, não é? O fato de a Lúcia ser uma pessoa muito alegre, muito na boa, não ter envolvimento nenhum com a luta armada, talvez tenha sido até bom. Para a Joana, não ficou um peso. Claro que ela chora, se emociona e tal, mas ela quer saber a história do pai. Outras pessoas que eu entrevistei sentem muita culpa até hoje. O Galeno, por exemplo, até hoje fica muito chateado com isso. Ele fala assim: “eu tinha

que ter dado mais assistência, eu trabalhava, eu tinha duas filhas pequenas, mas tinha que ter dado mais assistência.”

Para fazer a reportagem, é preciso gostar de gente, tem que gostar de gente, gostar de história, gostar de ouvir as pessoas. Tem que saber ouvir estas pessoas e tem que gostar de compartilhar as histórias das pessoas, sejam elas boas ou ruins. Já entrevistei torturador, não significa que eu goste de torturador, mas é importante compartilhar, mostrar o que o ele tem a dizer, mesmo que você use de uma ironia.

Tudo tem uma história, personagens que são tão envolventes. Se a gente prestar atenção e entender a história, valorizar, dá para mostrar isso para outras pessoas. Reportagens que têm a ditadura militar como pano de fundo são fundamentais para esses personagens. Tem uma questão pessoal. Tem uma contribuição, pode ser uma coisa minúscula, mas é uma contribuição para história recente do país. É um pontinho. Mas foi um pontinho que, por exemplo, originou um seminário da Comissão da Verdade.

Eu trabalho em casa basicamente. Tenho uma mesa grande na qual espalho as coisas geralmente em pastas. Em geral, eu manipulo o documento durante o processo de escrever. Porque é inspirador. Quando começo a escrever, passo a ter um outro olhar para o assunto. Às vezes, no momento em que a gente pega um documento, dá para notar detalhes, uma contradição. É possível perceber alguma coisa nova. Por isso, gosto de ter as coisas assim ao meu lado. Geralmente, tenho as cópias dos documentos todas impressas.

Eu costumo gravar todas as entrevistas, mas não costumo desgravar. Eu ouço de novo trechos, às vezes, ouço tudo. Muita coisa passa despercebida na hora da entrevista. Por isso, acho o áudio muito bom. O tom de voz, os espaçamentos e é impressionante como as pessoas falam muitas coisas e que a gente nem sempre percebe na hora da entrevista. Se tenho a oportunidade de gravar, acho que facilita. Quando é para gravar com vídeo, acho que dificulta. Com o vídeo, a pessoa fica preocupada em como ela vai aparecer, dá uma travada assim, sabe? Embora exista uma atração pelo vídeo. É muito comum, nesse interiorzão do país, quando vou entrevistar, a pessoa pergunta: “Mas não vai filmar?”

Eu tenho algumas obsessões. Tenho que conferir tudo. Não posso deixar para um revisor fazer. Cuidar da grafia dos nomes. Acho um desrespeito não se preocupar com isso. Dados, datas. Cuidados para não machucar ninguém. Às vezes, o repórter morre na praia. Vejo tanta matéria interessante com erro brutal de dado histórico. Dá vontade de chorar.

Já fiz umas dezenas de experiências diferentes das formas de reproduzir os documentos. Teve um período que dava para pedir para escancelar. Hoje em dia o Arquivo Público não faz mais isso, eles não renovaram o edital. Achar as fotos dessas crianças me deu um trabalhão. Eu achei a pasta depois de tempos. Estavam nos envelopes, as fotinhas. Dentro de um saquinho de papel celofane. Eu fotografei os documentos. Na época, usei minha máquina superpesada. Doía, ficar horas ali fotografando. Depois, tive que ir à acupuntura.

Eu vou ao Arquivo há muitos anos. Normalmente, fotografo tudo o que eu vou achando. Não costumo organizar o material a cada ida. Não sou muito organizada, por isso perco tempo, às vezes, procurando as coisas que eu tenho. Mas é assim, acho mais prático fotografar. Agora estou com uma G15 da Cânon. É ótima, levinha. Eu faço as fotos com altíssima resolução. Já tentei fazer esse tipo de pesquisa só anotando. Mas não funciona, por causa dos tais detalhes. Depois, quando a gente vê a imagem do documento, fala assim: “opa, mas aqui esse fulano que está assinando aqui é o mesmo que assinou aquele outro lá.”

7 Marilu Cabañas³⁸. Jornalista, formada pela UniSantos (Universidade Católica

de Santos), em 1983. Desde a infância, é apaixonada por histórias e por investigação. Quando menina, brincava de detetive e criava narrativas para personagens que ela observava pelas ruas. Começou a ler jornal por conta a família para a qual sua mãe trabalhava. Era uma família com hábito de leitura, cujas filhas estudavam na USP. A casa da patroa era um reduto de pessoas que resistiram à ditadura militar. Começou a trabalhar como repórter (jornalista provisionada) na *Rádio Guarujá Paulista AM* antes mesmo de iniciar a faculdade. Lá ficou por cinco anos. Aos 21 anos, já formada e em São Paulo, passou a ser repórter da *Rádio Bandeirantes*. Passou dois anos no *SBT*. Durante 16 anos, foi repórter do programa *Atenção Brasil*, da *Rádio Cultura de SP*. Desde 2012, é repórter especial da *Rádio Brasil Atual*.

As reportagens / Rádio:

7.1 *Essas crianças tão especiais*, de Marilu Cabañas. Reportagem exibida em série em outubro 2004, no programa *Atenção Brasil*, Rádio Cultura. Tem um total de 49min39s. A reportagem, feita em parceria com Luiza Fecarrotta, trata da inclusão de crianças autistas em salas de aulas convencionais, aborda o tema a partir da perspectiva das crianças autistas, dos seus colegas de sala, dos professores, do poder público e de estudiosos. Equipe: Apuração e sonorização: Marilu Cabañas e Luiza Fecarrotta. Técnico em edição: Cido Tavares.

7.2 *Cantoria dos idosos*, de Marilu Cabañas. Reportagem exibida em 11 de junho de 2013, *Rádio Brasil Atual*. Tem um total de 10min. Para a apuração do material bruto, a repórter ficou cerca de 1h30min gravando entrevistas com um grupo de idosos chamado Amigos do Milênio, que se reúne todos os dias no Parque da Água Branca, zona Oeste da cidade de São Paulo, para cantar. Foram entrevistadas treze pessoas. Equipe: Apuração e sonorização: Marilu Cabañas. Técnico em edição: Emerson Ramos.

³⁸ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 16 de abril de 2014 e 22 de junho de 2015 na cidade de São Paulo.

Marilu Cabañas

Eu caminhava no Parque da Água Branca. Saio para andar pelas ruas do meu bairro e quando dava um tempinho eu ia para o Parque. Eu estava passando e vi alguém cantando, com um violão, falei assim: "nossa, que interessante..." Acho que eles ficam das 10h até uma da tarde no Espaço de Leitura. Fiquei parada. Adoro música e fiquei ali. Aí o Renato, que estava no violão, falou assim: "chega aqui, você tem jeito que sabe cantar". Eu falei: "eu sei apreciar a cantoria, mas cantar? E ele: "não, você sabe cantar sim, senta aí..." Ele errou, não sou boa cantora, mas fiquei lá conversando com o grupo. "Vocês se reúnem sempre?" Fiquei fuçando a história, mas com ar de curiosa somente. Até que chegou um ponto que eu falei: "ah, sou repórter e queria fazer uma matéria com vocês, posso?". "Pode, claro! Vamos combinar um dia." "Você ligue para mim, porque eu que aviso todos", disse a Flora, que é "chefe" do grupo. Foi o que eu fiz. Combinei tudo, ela juntou a turma. O que eu queria era acompanhar um encontro deles. Cheguei lá: eu e meu gravador.

O material que eu apurei era denso. Muitas histórias. Várias músicas gravadas com eles. Então, se é uma coisa densa, é preciso sentar, parar para pensar: como vou fazer esse negócio aqui. No caso dessa reportagem, fui fazendo a decupagem aos poucos. Fui fazendo enquanto ia tocando as coisas do dia a dia. Uma matéria produzida desse jeito não se faz de um dia para o outro. É impossível. No material bruto, eu tinha muitas músicas – trechos – porque era a base da trilha. Ao mesmo tempo, o pessoal falava muito. Eu os deixava falar, tem que deixar.

A gente não pode jogar fora um ouro desses. Para mim, isso é ouro. Aquelas sonoras, aquela vivência, aquela poesia toda que eles estavam passando, eu não podia jogar fora. Não pode ser assim: "ah, vamos correr!" Sabe aquela coisa da correria? Não! Calma! Eu faço outro jornalismo – até faço o dia a dia, temos que fazer. Mas eu não faço só isso. Eu falo que bom jornalismo é bom diretor. O bom diretor é o cara que batalha com o repórter, que ganha a direção para as coisas que a gente propõe. É o cara que segura a peteca. Eu já tive ótimos diretores, o Colibri [Rádio Brasil Atual], o Zé Paulo [na época da Rádio Bandeirantes].

Nessa reportagem, eu queria falar do encontro humano, sabe? Ali no Grupo tem pessoas milionárias junto com o cara que é morador de rua. Então, é essa coisa da mistura de classes sociais, de temperamento, de vidas... E como a música

consegue reunir, em torno dela, pessoas tão diferentes. Por isso, eu coloquei trechos das brincadeiras entre eles, das reclamações. O Renato falou: “eu sou muito chato, eu brigo muito”. Ele é meio ranzinza, fica enchendo. Mas tem a coisa da amizade ali. O que a gente vê hoje em dia é tanta correria, é tudo tão corrido. A vida passa tão rápido. E achei que o Grupo era um momento de respiro, sabe? Nossa, estou respirando. Estou vivendo. Acho que isso é vida. Então, eu quis levar isso para o ouvinte: “olha, nessa correria, presta atenção que pode ter um momento desses de vida, de beleza, de poesia, não é?”

E aquelas histórias todas, nossa!! Que histórias de vida, não é? Aquele senhor de quase noventa anos, o Wilson, foi super erótico quando ele declamou uma poesia em homenagem a esposa... Os seres humanos que estavam ali acho que eram ouro. Acho que eles me passaram esta riqueza. Me inspiraram para eu tentar narrar o máximo possível o que eles eram ali: a questão humana nessa cidade de correria. O que tem valor na vida.

Eles se reúnem também para contar as histórias de vidas deles. O Wilson falou da vida dele, da mulher com que casou... Aí alguém chegou perto de mim e disse: “pergunta para ela a história dela...” Ele estava se referindo à Amélia. Entendeu? Eles se preocupam um com a vida do outro, com a história do outro. Fui conversar com a Amélia. Ela falou que o Grupo e o Parque são uma terapia. Ela expressou muito bem o que é a dor e a doença, então destaquei a história dela. É uma realidade naquela faixa etária. São pessoas que estão com 80, 90 anos. Lógico que eu não ia ficar falando de doença com todo mundo. Mas a Amélia resolveu falar. O que ela fala é uma lição que a gente toma.

Eu escolho tudo, decupo e começo a pensar, principalmente no abre da matéria. Preciso saber o que é que vai abrir, porque isso é que vai determinar o resto. No caso dessa reportagem, quando eu ouvi aquele homem cantar Va Pensiero [trecho da ópera Nabuco, de Verdi] me deu emoção, me arrepiou. Se deu em mim vai dar no ouvinte, entendeu? O que me tocou mais? Foi o Va Pensiero. É uma música erudita, sei lá... Se eu optasse pela música brasileira, seria esperado. Um chorinho, Pixinguinha... Mas uma ópera numa rodinha no meio de um Parque? É difícil, concorda? Eu falei: “Vou abrir com isso aí, uma ópera”. E chama mesmo a

atenção, tanto que o italiano parou. Ele foi correr no parque e parou para ouvir a ópera. Aí eu vou emendando, vou costurando.

A voz do Alberto Luciano, que é morador de rua, também é poderosa. Mas eu quis deixar ele de surpresa, quis dar um certo suspense. Ele fecha a matéria. Pensei assim, o Va Pensiero me arrepiou. Já ele [Alberto] me espantou. Quando eu o ouvi, falei: "Nossa, que voz!!". E ele fecha a matéria com o Carinhoso, do Pixinguinha. O abre é com Verdi e o fecho com Pixinguinha.

Depois que eu encontro o abre da matéria, aí fica tudo mais fácil. No caso dessa reportagem, não fiquei martelando, porque segui a emoção que eu senti lá no Parque. Aí fui definir as sonoras, depois é cortar e editar... cortar... até chegar ao que a gente quer. Uma reportagem de 10 minutos é contra a tendência das coisas rápidas. Mas tem que ser. A ideia era uma coisa mais reflexiva, mais jornal de domingo, mais suplemento. Acho que tem que ter isso no rádio. Além da notícia curta, porque não ter também a longa? Desde que bem bordada, você não percebe o tempo passando.

A edição em rádio é um bordado. O ponto que eu vou dar, o colorido, tem que deixar bonito. Minha mãe dizia que o direito e o avesso têm que ser quase iguais para você ver qual é a boa bordadeira. Então, o avesso era o Grupo, é a matéria bruta, é a vida. Se tudo isso é tão bonito, tenho que deixar também o bordado ser bonito. Também penso em cores. Uma vez, um professor falou que uma reportagem minha parecia um filme. A gente estava em uma oficina de imprensa no Maranhão. Achei interessante. Às vezes, tenho a impressão que é um quadro. Sabe, em outra encarnação, eu, na verdade, queria ser a Beatriz Milhazes. Gosto muito de artes plásticas, mas não sei nada de desenho, nada. Mas, no rádio, eu penso: "puxa, será que dá para ser colorido? Acho que dá", O colorido é a música, qual é a palavra que eu vou usar. Preciso escolher as palavras certas – do meu texto –, colocar a pessoa certa, na hora certa, com a música certa, entendeu?

É a tal da costura, não é? E precisa ser tudo muito harmônico, porque esta matéria é longa para o padrão das rádios. Acho muito discutível isso dos padrões. Eu sou chata, porque não vou ficar ali nos 20 segundos. Se eu tiver uma boa sonora mais longa, vou usar. Porque não? Outro dia fiz uma reportagem com uma enfermeira que tem familiares presos. A forma como ela falou, o que ela expressou, eu pensei: "não vou precisar nem editar a matéria". Eu nunca peguei uma sonora na minha vida

como a dessa mulher. Ela sintetizou a questão da prisão, das barbaridades, da tortura, do que sofre uma família.

As palavras que vou usar no texto têm que combinar com toda atmosfera, com todo, com tudo o que eu estava vivenciando. A construção do texto é uma coisa assim: eu fico cabisbaixa, preciso ter aquele momento para poder escrever e deixar vir as coisas que eu vivenciei.

O Grupo se identificou muito com a reportagem. Isso o Renato me falou. Depois que a matéria foi ao ar, eu fiz oito cópias, tudo bonitinho, para entregar para eles. Aí o Renato me ligou: "puxa a gente nunca teve alguém que tivesse feito uma matéria que mostrasse o que a gente é mesmo". "Para gente, esta matéria traduz, a sua matéria que traduziu o que é o Grupo do Milênio." Olha, eu nunca volto para ouvir as minhas reportagens. Não gosto. Mas essa é uma matéria que eu sempre ouço. Rolou uma empatia, ficamos amigos.

Quem me passou essa pauta [**Essas crianças tão especiais**] foi o diretor de jornalismo da rádio Cultura, João Batista Torres Rocha. Ele era professor de jornalismo da PUC de São Paulo e tinha uma aluna, também nossa estagiária [Luiza Fecarotta], que fazia um trabalho sobre esse tema. Foi uma série. Tem uma coisa que me marcou naquela apuração e que não aparece na reportagem. Nós tínhamos marcado de ir até a escola, mas no dia agendado não deu. Remarcamos. Aí entrei na sala, e a professora me apresentou: "esta é a repórter Marilu Cabañas, da Rádio Cultura, ela está querendo fazer um trabalho, entrevistar vocês. Gostaria que vocês ajudassem." Aí levanta um menino e diz: "Eu não vou ajudar ninguém!" Eu pensei, meu Deus! E agora?

Ele tinha ficado magoado. Eu combinei de ir um dia. Não fui. Quando eu apareci, ele não queria mais saber da história. Então, tive que me explicar para ele, falar da minha história, da rádio. Aí ele relaxou e topou conversar. Mas foi muito interessante, não é? Aí a gente vê a sinceridade, não é? O mesmo menino que não queria ajudar é o que também canta toda a música do Renato Russo. Ele cantou sozinho. Eu não pedi. Achei surpreendente e vi que dava para editar e ficar interessante para o ouvinte. Acho que o Rafael deu o tom da reportagem. Eu não sabia como lidar. Fui na intuição e ele se abriu comigo, cantou. Ele me fez pensar, mas demorou muito, eu não imaginava o quanto, mas mexeu.

A ideia da reportagem era falar sobre a inclusão nas escolas, a aflição dos pais, os conflitos. Na realidade, a gente focou na experiência da Escola Municipal Olavo Pezzotti, na Vila Madalena, porque tinha uma diretora aberta e professores extremamente envolvidos. A gente precisou tomar muito cuidado. Estávamos lidando com depoimento de crianças. Mas, na realidade, as crianças é que são a alma da série, não é? A ideia inicial era uma coisa bem burocrática, mas quando a gente chegou à escola repensou a forma de abordar. Não dava para ficar uma coisa acadêmica.

Eu me lembro que uma das crianças fala de uma situação de agressividade de uma professora. Na hora, a Luiza e eu ficamos horrorizadas. Depois, a gente foi apurar, entender a situação. A gente foi conversar com a professora, que estava preocupada e sofrendo com aquela experiência nova na escola. Nós fomos ouvi-la, e ela fez um desabafo. Quando a gente levou a fala da professora [Rosa] para uma especialista, ela disse: “Marilu, ela está pedindo socorro, ela não está aguentando”. Olha foi muito emocionante. A professora foi muito sincera. Reconheceu que havia perdido a paciência. Eu acho que ali, naquela reportagem, a sinceridade estava sempre presente. Aquele tema era totalmente desconhecido para mim. A Luiza já tinha algum convívio. Então, fomos orientadas a buscar entender as falas dessas crianças. Tem um menino que fala da importância desse contato. Ele diz: “eu vou ser pai, se acontecer comigo, eu já sei como lidar”. Olha que maturidade! Ao mesmo tempo, a gente precisava falar com as outras partes da questão. Uma pessoa na prefeitura. Era uma coisa mais oficial mesmo, de cobrança. Outra coisa importante foi o retorno que a psicóloga deu para a professora.

Antes dessa experiência, eu já havia feito entrevistas com pessoas com outros tipos de deficiência. Poucas vezes. Me lembro de uma situação que eu queria incluir a entrevista com um gago, mas eu editei a gagueira. Na realidade, isso gerou uma discussão na redação. Como lidar com essa situação? Aí, eu fui editando para limpar a fala dele. Hoje eu acho isso absurdo. Mas, na época, quando isso aconteceu, lá no final dos anos 1980, eu fiz. Acho que a gente não tinha a percepção que somos diferentes, não é?

8 Neide Duarte³⁹. Jornalista, formada pela FAAP (Fundação Armando Álvares

Penteado), em 1974. Ao mesmo tempo em que fazia jornalismo, também cursava teatro na mesma instituição. Encantou-se com o clima da redação de um jornal, quando visitou as instalações da *Folha de S.Paulo*, ainda meninota. Em 1974, começou a trabalhar na *TV Tupi*. De 1976 até final de 1979, ficou na redação da *Folha de S.Paulo*. Em 1980, entrou para a *TV Globo*. Teve uma rápida passagem pelo *SBT* e logo retornou à *TV Globo*. Em 1998, foi para a TV Cultura para conduzir o programa *Caminhos e Parcerias*, que ficou no ar até 2005. Retornou à TV Globo, em 2005, como repórter especial.

As reportagens / TV:

8.1 Quase o peso de um passarinho, Caminhos&Parcerias, TV Cultura. Exibido no dia 01 de janeiro de 2000, tem um total de 28min27s.

Ao todo, Neide Duarte conversou com 11 adultos e mostrou a história de oito crianças. Este programa foi um dos vencedores do Prêmio Vladimir Herzog/2000. Direção, Roteiro, Texto e Reportagem: Neide Duarte; Imagens: Valdir Rodrigues; Auxiliar de Câmera: Flávio Ferreira; Áudio: Alcides Almeida; Edição: Maria Emília Celestino; Núcleo de Documentários: Mario Borgneth.

8.2 Quase o peso de um passarinho – dois anos depois, Caminhos&Parcerias, TV Cultura. Exibido no dia 09 de dezembro de

2001, tem um total de 26min55s. Dois anos depois, a equipe do programa retorna à cidade de São José da Tapera, que já havia melhorado os índices de mortalidade infantil, mas ainda enfrentava o problema. O programa traz apuração deste segundo momento, mas retoma as cenas gravadas no primeiro episódio. Neide Duarte faz novas entrevistas com as mesmas pessoas. O segundo programa conquistou o Prêmio Barbosa Lima Sobrinho/IV Prêmio Imprensa Embratel. Direção, Roteiro, Texto e Reportagem: Neide Duarte; Imagens: Valdir Rodrigues; Áudio: Sebastião Avelino; Edição: Maria Emília Celestino.

³⁹ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 24 de abril de 2015 na cidade de São Paulo.

Neide Duarte

*A **Folha de S.Paulo** sempre foi uma referência na minha vida. Meu pai era comerciante. Ele assinava o jornal, comentava as notícias. O jornal era um objeto importante dentro de casa. Depois, quando eu estava no colégio, fizeram uma excursão para a **Folha de S.Paulo**. Aquilo foi uma coisa determinante, porque era a questão do cheiro, o cheiro da tinta no papel. Também subimos até a redação. Vi a Helena Silveira e vi aquela redação toda escura, aquele clima de filme de detetive. Eu fiquei louca com aquilo. Enfim, fiquei encantada com o cenário e o cheiro. Cheiro é emoção, sempre é emoção. Então, isso é que eu busco até hoje fazer nas reportagens. É uma linguagem direta. Não tem interferência, é a emoção. Não é aquela coisa do tipo "Ah, vou comover, vai chorar...". Não!! É uma compreensão mais profunda das coisas. Eu não acredito nesse jornalismo que fala: "eu vou encher de números".*

Eu fiz teatro junto com o curso de jornalismo na FAAP. Foi um privilégio. Fiz dança, expressão corporal. Então, fiquei muito em dúvida, se eu fazia teatro ou se eu seguia o jornalismo. Eu fiz umas peças, atuei, enquanto começava no jornalismo. Passei pelo Diário Popular, pela TV Tupi e entrei na Folha em 1976. Depois, em 1980, fui para a TV Globo. Fiquei também um tempinho no SBT. Em 1998, recebi o convite para fazer o Caminhos e Parcerias na TV Cultura. A ideia do programa era falar de comunidades, de experiências de ONGs pelo Brasil. Na realidade, eu queria trabalhar com documentários em artes plásticas, mas fui. Foi um grande privilégio. A TV Cultura era um lugar maravilhoso para trabalhar, mas chega uma hora que eles não têm mais dinheiro. Então, era uma batalha da equipe. A gente ia atrás e falava: "vamos fazer, vamos fazer".

Essa pauta surgiu com uma matéria que tinha saído na Folha de S.Paulo falando de São José da Tapera, que tinha o menor IDH do Brasil, naquele momento, em 1999. Era o menor IDH e com o maior índice de mortalidade infantil do país. Era brutal, coisa de um país em guerra civil. O programa buscava encontrar uma situação de dificuldade e que tivesse alguém realizando algum tipo de trabalho. Lá, havia a ONG Visão Mundial fazendo a multi-mistura para combater a desnutrição infantil. Daí, a produção entrou em contato com a ONG e fomos. Eu considero este programa o ponto alto do Caminhos e Parcerias. Foi o máximo que a gente atingiu. Em uma só viagem, fizemos mais dois outros programas. Em Iranduba (PE), sobre as cisternas e

outro, em Poço Redondo (SE), sobre alfabetização de adultos e crianças, com escolas rurais muito pequenas.

No programa, havia uma busca sempre de contextualizar. Eu acho que a história é fundamental, a história do lugar, a história das pessoas, de onde elas vêm... Sabe, são ligações que é só dentro da cabeça de cada um que vai acontecer. Até hoje, mesmo fazendo o dia a dia, a história é importante. Depois, eu nem uso, mas eu sei aquela história... São coisas que você vai agregando ao longo da sua vida, não é?

Por exemplo, fui fazer uma matéria sobre os cem anos do genocídio do povo armênio. Na igreja apostólica armênia, eu perguntei: "por que é apostólica? Ah, porque a gente se baseou em dois apóstolos, São Judas Tadeu e São Bartolomeu". Olhei para São Judas Tadeu e falei: "mas por que São Judas Tadeu tem só o começo da lança, ele tem só um pedacinho". Ele falou: "ah, é porque São Judas Tadeu saiu de Jerusalém levando esta lança que espetou o coração de Jesus quando ele estava pregado na cruz. Ele guardou e só podia atravessar com isso escondido. Não podia levar a lança inteira, senão descobririam quem era ele. Então, ele levou aquilo na bolsa e foi até a Armênia. Essa lança é uma relíquia para os armênios, estava enterrada na capital da Armênia." Olha quanta história? Eu não usei nada disso na reportagem, mas não é legal saber estas coisas? Eu acho sensacional.

A equipe era o câmera, o iluminador, o operador de áudio, o produtor e eu. Tínhamos a câmera principal, e eu levava a minha, uma mini-DV, que eu usava também para gravar. A ideia era que eu aparecesse caminhando, gravando e tal. Com aquela camerazinha era o máximo, eu via algo e gravava. Muitas vezes, eu vou fazendo o texto assim, sabe? Eu vejo uma imagem... e falo: "olha que legal, eu posso dizer isso, isso e isso daqui". E faço anotações em um bloquinho. Aí eu corro também para falar com o cinegrafista: "olha eu quero dizer tal coisa, então eu acho que era legal fazer isso aqui com isso, isso e isso". Aí ele vai ter outra ideia também. "Ah, é isso que você dizer? Então, eu vou pensar outra coisa aqui". Assim, vai ter a minha ideia e a dele, isso super enriquece. Ele tem um outro olhar, experiente, profissional.

É difícil escrever se eu não vejo uma imagem. É quase uma coisa só. O profissional da câmera é ele. Às vezes, eu peço coisas, mas o câmera diz: "não, acho

que não vai ficar legal assim". Aí a gente conversa. Fazemos das duas formas e decidimos depois. Nesse tipo de reportagem, documentário, não dá para sair com nada pronto. É só o endereço, quem é, informações essenciais. Quando a gente chega ao lugar é que as coisas começam a acontecer. O que a pessoa fala, o jeito que ela fala e tudo o que está em torno, não é? Então, a gente tem que estar livre. O importante é a rua. Se você olhar, vai ver coisas. Nossa!

Uma vez que eu fui para o Maranhão, falar sobre as quebradeiras de coco. Aí tinha uma senhorinha vindo assim cansada, com mais de 70 anos. É um trabalho muito pesado, elas entram no meio da mata, com aquele cesto. Fui conversar... e ela parou. O que ela falou era um poema, era um texto do Guimarães Rosa assim, prontinho, prontinho... Na hora que você ouve aquilo, na hora, eu já começo a pensar no meu texto. Eu escrevo muito quando estou no lugar, boa parte do texto. A base, escrevo lá mesmo, no carro... Vou vendo a paisagem e penso: "ah, é isso!". Tem o som, a música da fala das pessoas. Então, meu texto da reportagem sai pronto, nessas condições: de ficar ouvindo as pessoas, o carro. Vou anotando tudo em cadernetas. Escrevo sobre o cheiro. Tudo vai casando.

*Na primeira reportagem, **Quase o peso de um passarinho**, o produtor foi comprar a água de coco para dar para o menino. Você viu o jeito que ele grudou, bebeu aquele copo? Quando ele dá aquele sorrisinho é de matar, não é? Só em seguida, nós falamos com a médica. Ela disse: "se ele sorrir está salvo. Quando a criança sorrir, ela está salva!". Foi depois que demos água de coco para ele, que a médica comentou. Eu pensei: "não acredito!!". Aí você já vê a edição... Imagina o trecho editado na reportagem.*

Durante a apuração, a gente vive situações que nem pode colocar na reportagem. Não dá para expor as pessoas. Não vai trazer bem nenhum para ninguém. Ali, a gente encontrou uma realidade de pessoas que tinham outro contato com a morte, com a vida. Se o filho morre, põe a vela na mão da criança e pronto. A vida tinha outro valor. Por isso, o caixão branco pendurado, no armazém, junto com enxadas, cordas...

Onde quer que eu vá, eu fico encantada. É a primeira coisa. Fico assim, querendo entender, querendo aprender como é. Meu encantamento é pela pessoa.

Pelo ser humano. Uma das histórias que não entrou na reportagem foi um trecho da conversa com a família.

Ela falava: "ele não pode trabalhar, não pode trabalhar." Eu perguntei: "mas por que ele não pode trabalhar?" Ela: "porque ele engoliu um sapo". E ele simulava a cara de um sapo. Ela repetia: "ele não pode trabalhar, o sapo está parado." Ela acreditava, piamente, naquilo, e ele também.

Aquele texto eu fiz lá. Eu fiz lá, que é essa coisa de estar impregnada, foi um dos textos que eu fiz no carro andando... Fiz, porque o menino não falava, então eu queria dar alguma voz para aquele menino, queria. Aí pensei no José Dumont, enfim, era alguma coisa, porque eu olhava aquele menino, e eu queria dizer não só as coisas, não só o hoje daquele menino, não só o que ele sentia naquele momento, mas como se ele fosse adulto, como ele fosse jovem, o que ia ser a vida dele. Era tudo o que eu via ali, percorrendo o sertão... As crianças que iam para escola, mas não entendiam o que liam. Desenhavam as letras, mas não sabiam escrever ou ler. Foi o único programa que eu fiz isso. Mas fiz isso por conta daquele menino. Sei lá, hoje eu não sei se eu faria da mesma forma, mas foi o jeito que eu fiz naquela época. Foi a única vez que fiz essa experiência de narrador assim tão diferente.

Eu estava impregnada, parece que aquele menino estava dentro de mim. Parece que eu estava sentindo o que ele estava sentindo, entendeu? Era essa a sensação que eu tinha. Por isso que eu escrevi lá. Se fosse depois, eu iria perder. É como se fosse o pensamento do menino. Mas foi a única vez que fiz essa experiência assim tão diferente. O olhar, tudo o que a gente viveu com ele, aquela carinha dele. Você viu a carinha dele no começo, quando ele bebeu a água de coco? Depois a mãe ainda disse que ele nunca tinha bebido... naquele lugar cheio de coqueiro... É o melhor soro que tem para aquelas crianças.

Quando comecei a trabalhar na Folha, na geral, eu ia para rua, voltava e sentava. Tinha que escrever três laudas sobre os assuntos mais diversos e tudo muito sério. Quantas vezes eu ficava escrevendo poemas. Aí, se o chefe aparecesse, eu arrancava o poema e começava a matéria. Eu ficava escrevendo outras coisas, entendeu?

Tenho muito isso de me identificar com a pessoa que está contando uma coisa, de sentir meio o que ela está sentindo, sabe? É uma coisa me leva a escrever um outro texto que não é aquele texto tradicional de jornal. Na TV Cultura, deu para fazer isso. Por exemplo, aquela mulher do Maranhão [das quebradeiras de coco]. Eu queria falar como ela, com aquela música, aquela cadência... Claro que não sai igual, mas é uma influência.

Essa identificação me dá uma luz. Me mostra como pensam as pessoas ali. A partir dali, eu tenho que fazer minha reportagem. É o olhar delas. Não posso ir com o meu olhar, pensando nas coisas que eu acredito. As pessoas vão me mostrando o caminho das perguntas. De alguma forma, elas vão me dizendo, mas a gente tem que estar com os ouvidos muito atentos, muito atentos. É claro que eu sei o caminho que eu quero levar. Então, vou tentando levar para o meu caminho. Mas não faço uma conversa preliminar. Tira a espontaneidade. Eu não gosto de conversar nada antes. Só se o cara é um economista e precisa ter dados, aí eu falo antes, eu falo: "vou perguntar tal coisa." Mas mesmo com todo o aparato da TV, procuro falar sempre de um jeito natural. Aí a pessoa se solta, vê que é uma conversa.

*O nome **Quase o peso de um passarinho** é por causa da Janeide. Eu fiquei comovidíssima com a história dela. Na reportagem, não aparecem os detalhes de toda a história. A menina tinha a multi-mistura, mas estava emagrecendo. A moça da Visão Mundial estava desconfiada que a mãe estivesse privilegiando as outras duas filhas, que eram loirinhas. A ONG buscava padrinhos para ajudar as crianças. Depois do programa, a Janeide arrumou um padrinho, que deu para ela uma cama e dois cabritos. Aí, ela virou a rainha da casa, entende? Quando a gente voltou lá, para fazer o segundo programa, a mãe disse: "viu como ela está linda, fortinha? Ela é a única da casa que tem cama, os outros todos dormem em redes." A mãe passou a vê-la com outros olhos. Mas nada disso pode entrar assim na reportagem. Vira juízo de valor. Sei lá, não dá para você julgar as pessoas.*

No segundo programa, o momento em que o médico fala: "precisa cuidar da mãe". Ela começa a chorar. Nunca ninguém olhou para ela, entendeu? Está na vida para ter filho e acabou. Quando ela viu que o médico começou a prestar atenção nela, e ela falava: "é a mãe, não é? É a mãe, não é?" Tão pura, tão inteira, tentando entender aquela situação.

Foi maravilhoso poder voltar. Foi emocionante. Isso é tão raro no jornalismo. Foram quase dois anos depois, mas eles nos reconheciam. As mães, as crianças. Eu adoraria voltar numa série de lugares, uma série de personagens. Acho bárbaro isso. Mas é tão difícil, porque a gente vive essa síndrome da novidade, não é? Isso é péssimo. Tudo tem que ser novo – programas, séries, seriados. Histórias que mudam de uma temporada para outra. Muita, muita novidade. Aí a novidade vira uma bobagem.

Na época que eu trabalhei na TV Cultura, dava para deitar e rolar na trilha sonora. O importante era dar o crédito – compositor, intérprete... Hoje não dá mais para fazer isso. É preciso pagar uma fortuna para o ECAD por dois segundos de uma música. Eu ficava na minha casa, ia grudando nas paredes os papéis com a decupagem das imagens, olhava e ia pensando nas músicas. "não, acho que tem isso..." É um sonho poder trabalhar assim com essa liberdade.

Em campo, eu e o produtor também ficávamos ligados. Se alguém tocava, se cantava. Tem cantos lindos. Então, a gente ia agravando. Depois usava na reportagem. Enquanto eu decupo, normalmente, já escrevo algum texto. Vejo a imagem e aquilo já me inspira o texto. É um trabalho artesanal.

Eu não penso em quem vai assistir, quando estou trabalhando a reportagem. Eu penso na emoção. Eu não posso ter pretensão de achar que a pessoa vai entender tudo o que eu quis dizer. Cada pessoa pega uma coisa de acordo com seu repertório, com o momento dela. O veículo dessa ligação, acho que é sempre algum tipo de emoção. Eu não quero que sintam o que eu senti. Quero que sintam o que cada um vai sentir. E se eu não fizer aquilo daquele jeito eu morro, sabe? Não posso pensar numa coisa externa que está fora daqueles personagens, que está fora de mim. Vou mostrar o que eu vi e senti. Aquelas pessoas também vão mostrar junto comigo um pedaço daquele momento. Aquele momento daquela vida delas.

9 Ricardo Brandt⁴⁰. Jornalista, formado pela PUC-Campinas, em 1999. Se interessou pelo jornalismo muito antes de entrar na faculdade, quando meninote acompanhava o pai – radialista de futebol e apresentador de um programa sertanejo na Rádio Centenário de Araras. Nesses tempos, era técnico sonoplasta. A vida de repórter começou em um jornal de bairro chamado *Via Sul*, de Campinas, quando ainda estava na faculdade. Teve passagens pelo *Tribuna Liberal* e *Todo Dia*, ambos de Americana. No final de 1998, é contratado para a sucursal da *Folha de S. Paulo* em Campinas. Vem para São Paulo, em 2004, ainda pela Folha. Desde 2005, está no jornal *O Estado de S. Paulo*. É repórter da Editoria Nacional.

As reportagens / Multimídia e Jornal:

9.1 Crack - A geografia da droga, um desafio sem dimensão, de Ricardo Brandt, reportagem multimídia, portal *Estado de S. Paulo*, foi ao ar em 01 de junho/2014. O especial tem um conceito de um web-documentário, com um total de 118.824 caracteres de texto, dividido em 9 capítulos. Tem 41 fotos, 14 vídeos, 1 mapa, 19 infográficos e 20 hiperlinks. Demorou quatro meses de apuração/redação/planejamento multimídia. Equipe - Editor Executivo de Conteúdos Digitais (Luís Fernando Bovo); Diretor de Arte (Fabio Sales); Edição (Luciana Garbin); Reportagem (Ricardo Brandt); Fotos e vídeos (Robson Fernandjes); Edição e roteiro (Cecilia Cussioli); Edição (Everton Oliveira); Coordenação e edição (Eilipe Araújo); Edição (César Cuninghant); Desenvolvimento (Carol Rozendo e Fabio Sales) e Ilustrações (Farrell).

9.2 Crack: a geografia do vício, de Ricardo Brandt, reportagem publicada no Metrópole, jornal *Estado de S. Paulo*, edições dos dias 02, 03 e 04 de junho de 2014. É uma versão resumida do que é a reportagem multimídia de 01 de junho/2014. No impresso, a reportagem tem quase 32 mil caracteres com sete imagens (fotos e infográficos) e ocupou 3,5 páginas do jornal.

⁴⁰ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 20 de maio de 2015 na cidade de São Paulo.

Ricardo Brandt

Eu comecei a trabalhar em rádio com uns 12 anos, como técnico sonoplasta, em Araras. Na verdade, meu pai era radialista de futebol e tinha o principal programa sertanejo da cidade, o Compadre Enchadinha. Ele era uma figura super popular e me levou para o rádio. Meu pai foi jogador de futebol, virou radialista e era também funcionário público na prefeitura. Também tenho um grande amigo de Araras, Luis Fernando Bovo, que é uns anos mais velho e foi para Campinas fazer faculdade de jornalismo. Acho que essas são um pouco as minhas referências.

Eu me formei em jornalismo pela PUCCamp (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), em 1999. Minha primeira experiência em jornal foi ainda em Araras, quando eu acompanhava as sessões da Câmara e publicava uma coluna de notas. Já em Campinas, no período da faculdade, trabalhei em um jornal de bairro quinzenal chamado Via Sul. Depois fui para o Tribuna Liberal, de Sumaré, que é do lado de Campinas. Foi a minha primeira experiência em jornalismo diário. Em seguida, fui para o jornal Todo Dia, de Americana, que tinha uma super equipe. Foi uma experiência transformadora. Aí, no final de 1998, fui para a Folha, na sucursal de Campinas. Tudo isso eu ainda estava na faculdade. Em 2004, depois que a sucursal fechou, eu vim para a Folha em São Paulo. Depois, fui para no Estadão em 2005.

A pauta dessa reportagem surgiu assim: o Bovo tinha acabado de voltar de Ibitinga, no interior de São Paulo, ele me ligou e falou: "cara é surreal o que está rolando lá, atrás do cemitério é um bairro que ninguém vai, tem uma cracolândia. Só se fala nisso na cidade. Precisamos fazer um especial sobre o crack no interior". Isso foi no início de 2014. Como ele era o diretor-executivo do Portal Estadão, a proposta era fazermos um especial multimídia. Até aquele momento, a gente não tinha ideia do tamanho do projeto, nem dos custos, nada. Começamos assim. Fiz uma primeira triagem, averigui se a pauta iria render mesmo. Fiz levantamentos e tal.

Achei o estudo da Confederação Nacional dos Municípios [CNM] e da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Bom, fomos percebendo o tamanho da coisa. Liguei nos centros de referência de drogas de algumas cidades. Peguei a menor cidade de São Paulo, liguei. Nossa ideia era ficar três meses para produzir o especial. Fomos atrás de números do Ministério da Justiça. Levantamos um roteiro de cidades que são referências urbanas e que têm diferentes dinâmicas de estruturação das cracolândias. As biqueiras são diferentes, o problema tem contornos diferentes em

cada cidade. Foi preciso desenhar um cenário das clínicas, hospitais. Ver a estrutura que o Estado oferece e que as particulares oferecem. Com todo esse material inicial, fizemos um roteiro de apuração. Com a aprovação, aí começou a montagem específica da coisa.

A ideia, quando pensamos a reportagem no formato de multimídia, era criar o conceito de um WebDoc, um documentário, praticamente um livro. Eu nunca tinha feito algo assim. Nem o Estadão tinha feito nesse padrão. Claro, o jornal já tinha publicado multimídia, mas num outro conceito. A Folha já tinha publicado aquele especial sobre Belo Monte. A gente tinha a referência do Snow Fall, do New York Times e outros também. O desenho, a navegabilidade da matéria, foi pensado pelo Fábio Sales. A ideia do Bovo era ter tudo integrado, navegável e que fosse um produto que permanecesse no tempo.

Inicialmente, a gente se deu três meses, mas foram quatro na verdade. Então, o primeiro mês foi só para fazer levantamentos, ler todos os estudos, entender o problema. Nesse período, eu fiquei só trabalhando de casa com um telefone e um computador do jornal. Nas primeiras duas semanas, eu baixei arquivos, documentos... Depois priorizei só ler, saber quem eram as referências, não falar com ninguém ainda, entender o que era o problema. Aí a gente começa ver que existe um superlativo a ser evitado: endeusar posições, reforçar mitos, preconceitos. Existem pensamentos diferentes de como lidar com o crack.

Com uma visão mais ampla da coisa e olhando melhor o mapa da CNM, fomos definindo as cidades. Evitamos as maiores. Fui ligando. Em Garça, que é uma referência regional, cheguei a um psicólogo que faz um trabalho legal. Fomos montando um mapa para começar a viajar no final do segundo mês. Só aí, saio para a rua. Nessa fase, já estava meio que pensando o que eu queria contar, como iria ser a reportagem.

Nessa fase, é quando começo a fazer rabiscos de como dividir a reportagem. Existe o avanço do crack no interior, o dimensionamento. Existe a abordagem de saúde pública, a abordagem de polícia. Existem os caras que usam, a família... A reportagem vai nascendo. Como é um especial, as fontes que buscamos foram sempre referenciais. Eu sabia que o governo federal tem uma política para a questão, o governo estadual. Tem o pessoal da psicologia, da saúde, clínicas...

No segundo mês, então, eu começo a marcar as entrevistas, tudo preferencialmente para a partir da primeira semana do terceiro mês, que é quando eu saio para rua efetivamente. Fiz uma programação de onde visitaria. Além das treze cidades no interior, teve uma ida para Brasília. Eu tinha umas quatro semanas para viajar. Fiz uma divisão por lotes, ia para uma região, fazia duas ou três cidades – uns 1500 quilômetros – e voltava. Em todos os lugares, passei em unidades de saúde, consultei a polícia, visitei clínicas, famílias.

Há alguns anos, quando eu ainda trabalhava na Folha, passei uma madrugada na cracolândia, aqui em São Paulo. Então, esse é um ambiente que eu já conhecia. A boca do lixo sempre foi um lugar de circulação minha. Para esse especial, o que mudou foi a configuração, né? Cheguei a ler o estudo de uma antropóloga que abordava a diferença de configuração da cracolândia paulista com o interior. Nos Caps, também confirmaram que existe uma alteração no formato desses pontos de concentração de consumo.

É diferente de uma matéria de dia a dia, de correria. Como eu tive o tempo de um mês para ler, para estudar, quando eu tive contato efetivo com as fontes, eu já tinha claro o que queria saber, qual a importância dela nesse cenário. Não dava para desperdiçar tempo. Por exemplo, demorei umas três semanas para confirmar a entrevista com o Secretário Nacional. Ele me recebeu por duas horas, e eu não teria um segundo tempo. Então, tenho que ir com tudo muito claro.

Mesmo com as fontes que eu não precisava marcar horário, cheguei com a coisa bem estudada. A abordagem da matéria tinha muitas interfaces: saúde, segurança pública, gestão pública – estadual e federal –, academia. Acho que a rua, o pé no chão, deu liga, porque eu estabeleci essa ordem: primeiro estudar e depois partir para a imersão in loco, para construir a amarração com o empírico. Poderia ter sido o contrário, mas eu falei: “primeiro vou estudar o assunto, saber o que é, para ter uma visão geral”. Existe uma epidemia no interior? Sim? Não? Do ponto de vista da saúde pública, o termo epidemia não é correto, mas a gente sustenta na reportagem que sim porque é algo que está avançando muito rapidamente sem controle.

As biqueiras foram situações de tensão, mas eu gosto desse tipo de coisa. Eu gosto dessa vivência. O pessoal dos Caps, que recebe os usuários, tem uma boa

visão de onde são as biqueiras, como funciona, com quem falar. Eu sempre começava as visitas com as entrevistas nos Caps. Aí a gente descobre quem são os usuários, o pessoal fala sobre eles e tal. Foi assim que fiquei sabendo das “casas de ópio”, peguei endereço. Um cara avisou: “essa pode chegar numa boa, não tem problema”.

Nas biqueiras, eles sempre pedem dinheiro. Mas a gente estabeleceu: não pode dar dinheiro. Não pode. Não dá para legitimar, criar um precedente. Como é que você banca para o cara usar pedra? Quer a imagem do cara fumando? Sabe, eles não gostam. Daria para fazer a imagem roubada. A gente tinha de longe, do cara com a pedra, mas o nosso trabalho não era esse. Era chegar lá e fazer o cara contar o que ele sente, o que é a coisa toda.

Sempre íamos o fotógrafo, o motorista e eu. O fotógrafo e eu descíamos juntos. Não vou disfarçado, e o fotógrafo chega com a câmera abaixada. Em uma das situações, a gente chegou numa biqueira, o pessoal se assustou. Era uma viela, na favela. Aí eu falei: “calma, não vamos mostrar imagem de ninguém, só quero saber como é a situação aqui na cidade, quem está vendendo...”. O cara que cuidava da biqueira é quem estava conversando comigo. Aí, passado uns dez minutos, uns moleques que estavam na margem, do outro lado do rio, começaram a xingar, jogar limão. “Vão embora!” A gente acelerou o final da apuração e fomos embora.

Quando a biqueira é controlada por traficante, o problema nem é ter acesso, é atrapalhar o comércio. Eles não gostam, te expulsam, mandam embora. Mas a gente sempre chegava, descia do carro e falava na lata: “somos do Estadão, estamos fazendo matéria.” É melhor fazer assim, pode gerar uma tensão, mas também o nome do jornal impõe.

A gente não foi em todos os municípios, mas o nosso referencial foi legal. Deu para ver situações com diferentes configurações. Tem a menina do final da história, aquela com neném no colo e que mora na frente da biqueira. Tem o japonês, aquele senhor que parece ser um doce de pessoa, com filho de 40 anos viciado. Tem o moleque que fez 18 anos e ganhou um Gol de presente. Depois, ele foi para uma biqueira trocar o carro em cocaína. Tem o caminhoneiro que morava em Garça, com mulher, filho e casa. E, nos dias de folga, ele vai até outra cidade, compra pedra e vai fumar escondido.

Somente depois que eu termino toda apuração é que começo a escrever. Eu fui entregando os primeiros capítulos, sem ter finalizado os últimos. A editora vai lendo, vai enxugando. Como é uma reportagem multimídia, tem vários aspectos: o texto, a roteirização, a navegação, as imagens, os vídeos. Também fiz a roteirização do documentário. Como tinha muita coisa, mais de 50 fontes, eu tinha que buscar um equilíbrio: quem eu já usei em qual capítulo. Quem é que ia falar. Quem aparece em qual capítulo. Isso foi sendo ajustado.

Eu vou digitando o texto com as marcações: aqui entra um vídeo (marco quem é, qual o trecho). Marco a entrada de fotos. Fiz uma separação “F” é foto e “V” é vídeo. Tudo que eu ia colocar no capítulo. Tem também os infográficos e os hiperlinks. Tudo a gente tem que planejar para dar o equilíbrio de cada capítulo. Cada ideia de capítulo tinha uma pasta com todo o levantamento de informações: os estudos, quem falava sobre aquele assunto. Os hiperlinks não estavam planejados inicialmente. Depois a gente pensou: por que não colocar todas as referências, documentos ali no texto para o leitor clicar? É uma bibliografia real, navegável, de acesso direto. Não é aquela chatice de bibliografia no final. Reforça o sentido de ser um WebDoc. A gente tem links para documentos, estudos, para música, para o acervo histórico do próprio jornal.

Escrever é prazeroso, mas é sempre um parto. Eu sempre deixo para o final e gosto de mexer muito no texto. Tenho uma ideia e depois eu vou penteando. Quando comecei a escrever, tinha o seguinte planejamento: fazer um capítulo por dia. Quando eu sentei para escrever já tinha um chassi de documentos, de parágrafos pré-organizados. Eu fiquei trancado em um quarto de hotel, aqui em São Paulo. Eu acordava umas 10 horas, tomava o café da manhã, ia escrever e parava umas 3 horas da manhã. Levei umas duas semanas só escrevendo.

Conscientemente, eu não faço esse deslocamento para narrar. Talvez sim, mas não é consciente. Essa área com a qual eu trabalho é muito monitorada juridicamente. Eu falo sobre política, faço denúncias. Eu preciso de documentação e preciso ter um distanciamento. Não é literatura. Não é a minha opinião. Se você perguntar se eu tenho uma opinião sobre o crack, tenho. Claro que existe uma bagagem subjetiva do repórter para ele saber olhar o todo. A sua bagagem conta na hora de você entender um problema como esse. Você tem que oferecer o todo para o leitor. Para ele olhar o quadro inteiro. É nesse sentido que eu busco isenção. É uma luta diária do jornalismo. Nesta reportagem, a ideia foi tentar manter um distanciamento, mesmo que muitas histórias tenham me causado impacto.

10 Tom Cardoso⁴¹. Jornalista, formado pela FIAM, em 1998. Começou a atuar no jornalismo logo no começo da faculdade. A vida de repórter teve início na área de esportes, no *Jornal da Tarde*, em 1994. Ainda estagiário, foi para o *Estado*, no *Caderno 2*. É filho de um casal de jornalistas. É também neto e bisneto de jornalistas. Tem quatro livros publicados – *Sócrates* (Objetiva, 2014), *O cofre do Dr. Rui* (Civilização Brasileira, 2011), *Tarso de Castro – 75kg de músculos e fúria* (Planeta, 2005) e *O Marechal da vitória* (Girafa, 2005, em coautoria com Roberto Rockmann). Há quase uma década concilia projetos jornalísticos simultâneos – os livros e os diversos *freelas*. É colaborador do jornal *Valor Econômico*.

As reportagens / Jornal e Revista:

10.1 O fruto proibido, de Tom Cardoso, publicada na revista *Alfa*, edição de dezembro de 2012, páginas 100 até 105. No total foram ouvidas 7 pessoas na apuração. O texto tem um total de 12.880 caracteres com espaço. A reportagem traz a busca pelo encontro com uma personagem “quase lendária” do universo do movimento estudantil brasileiro no período da ditadura militar – a Maçã Dourada, uma jovem acusada de ser espiã da repressão infiltrada no movimento estudantil. Fotos: Acervo/Dedoc, Carlos Mamba e Rosa Gauditano.

10.2 O escritor e seu duplo, de Tom Cardoso, reportagem publicada no suplemento *Valor&Fim de Semana*, páginas 20 até 23, na seção *À mesa com o Valor*, jornal *Valor Econômico*, edição de sexta-feira e fim de semana – 7, 8 e 9 de fevereiro de 2014. O texto tem um total de 15.117 caracteres com espaço, uma caricatura de página inteira elaborada por Lula Palomanes e cinco fotos/acervo pessoal do escritor. Somente João Ubaldo foi entrevistado para este perfil.

⁴¹ Entrevista concedida à autora da pesquisa em 16 junho de 2015 na cidade de São Paulo.

Tom Cardoso

Sou de uma família de jornalistas. Meu pai é jornalista, meu avô e meu bisavô foram jornalistas. Meu pai, Jary Cardoso, trabalhou muito tempo no Estadão, na Folha, um pouco na imprensa alternativa. Hoje ele é editorialista do jornal A Tarde, em Salvador. Ele fez filosofia na USP, aí se engajou no movimento político, foi exilado no Chile. Ele e minha mãe se conheceram na USP. Ela fez ECA, estudou jornalismo, mas deixou o curso para casar e fugir com o meu pai para Chile.

Essas histórias todas são uma referência até hoje para mim. Eu fiz faculdade na Fiam, mas comecei no jornalismo muito cedo. Em 1994, eu entrei como estagiário no Estadão. Estava fazendo o primeiro ano da faculdade ainda. Me formei em 1998, mas o jornal é que foi a minha grande escola. Passei pela editoria de esportes do Jornal da Tarde, pelo Caderno 2, do Estadão. Trabalhei muito em redações, mas há mais de dez anos estou como freela. Faço reportagens para o Valor Econômico e algumas revistas. Também sou biógrafo. Já tenho três livros publicados. Eu faço mil coisas, desde os livros que eu gosto, até livros para empresas. Também já fui ghost writer.

A Alfa foi uma revista da Editora Abril, tinha o seguinte conceito: uma publicação para o novo homem moderno. Uma Playboy moderna, sem mulher pelada. Com muitas reportagens, perfis...Boas pautas. Eu era freela fixo na Abril quando eu propus essa pauta da Maçã Dourada. Eu havia entrevistado o Zé Dirceu, quando ele deixou de ser Ministro da Casa Civil, para a Playboy, uma entrevista grande, publicada em agosto de 2007. Tive três encontros com Zé Dirceu, e ele contou das namoradas da época estudantil, que era um conquistador, já presidente da UEE [União Estadual dos Estudantes/SP]. Ele namorou uma mulher, na época da Maria Antônia. Bom, ele contou rapidamente sobre essa história da Maçã Dourada, que era uma agente do Dops. Eu, então, fiquei com essa história na minha cabeça. Por onde anda a Maçã Dourada, a espiã que conquistou o Zé Dirceu?

Em 2012, houve uma mudança de editor na revista, ele me pediu uma matéria superbacana e tal. Aí sugeri a pauta: encontrar a Maçã Dourada. Avisei que precisaria de tempo, porque eu não tinha nenhuma referência ainda. Aí comecei. Encontrei umas primeiras pistas pelo Google mesmo. Falei com algumas pessoas. Bom, pensei assim: “ela chama Heloísa Helena Magalhães, sabe o que vou fazer?

Olhar no Facebook”. Achei uma lista de umas 20 pessoas. Eu tinha uma pista que ela morava em uma cidade do interior de São Paulo. Fui cruzando as informações. Não cheguei direto nela. Na lista de amigos, fui perguntando e tal. Até que soube que era uma pessoa que morava em Casa Branca. Não falei com ela. Fui direto para a cidade.

Fui com uma fotógrafa, uma colaboradora da Alfa. A cidade é bem pequenininha. Fomos até o Fórum, comecei a perguntar para as pessoas na rua. Aí uma senhora comentou que havia o boato de que a Heloísa tinha sido namorada do Zé Dirceu e me disse onde ela morava.

Eu conto todos os detalhes na reportagem. A ida até a cidade. Chegamos à casa, tocamos a campainha e quem abriu foi a filha dela. Aí ela apareceu, mas não quis me dar entrevista. A reportagem foi construída, então, nesse clima. Ela recusou dar entrevista, mas o charme está em tê-la encontrado. Chegamos a fazer foto dela, mas o texto foi publicado só com fotos antigas. Ela estava dentro de casa, então a Abril não quis publicar para evitar processo. Ela não quis dar entrevista, mas falou que “um dia iria publicar a verdadeira história”, que “estava escrevendo um livro”.

O que eu acho curioso nessa reportagem é que eu usei muito a internet para as pesquisas. Achei Heloísa nas redes sociais. Foi uma ferramenta de busca muito interessante. O livro que ela comentou que estava escrevendo ainda não apareceu. Sabe, ela é uma personagem que eu tenho curiosidade, se ela topasse falar e contar com mais detalhes essa história.

É uma reportagem que só se sustentaria se eu a achasse. Essa era a grande coisa. Depois da ida a Casa Branca, é que fui falar com as outras pessoas. Eu escrevi a reportagem com um certo suspense. Procurei fazer uma boa pesquisa também, não ter só uma história de detetive. Era importante contextualizar toda a história, como que era a Maria Antônia na época.

Eu quis buscar entrevistas para ter pontos de vistas – versões – da história. Tem gente do Dops, tem os ex-militantes, uma colega de trabalho. Tinha que ouvir esses lados todos, senão iria parecer apenas uma fantasia da cabeça do Zé Dirceu. Mas eu acho que a matéria nem é uma reportagem definitiva. Ficou um mistério no ar, porque ela não quis dar a entrevista. O charme está em tê-la encontrado, mas é uma história que ainda tem muito para decifrar. Ficou um suspense no ar. Eu queria voltar a falar com ela, fazer um novo texto.

No caso dessa reportagem, busquei contar a história dela por meio de terceiros. Ou seja, das fontes que fui ouvindo. Eu fiz uma seleção das pessoas que eu gostaria

de ouvir. Até tentei falar com o Zé Dirceu, mas não consegui, porque ele estava ali no turbilhão para ser preso. Tentei falar, mas ele não me deu retorno. Também sabia que essa colega de trabalho, que eram bem próximas na época, sabia do delegado do Dops, o pessoal que frequentava a Maria Antônia. Então, fui costurando a história com fontes de diferentes lugares. Até acho que ficou interessante ela não falar. Quando o texto tem um distanciamento da personagem principal é melhor. Se ela tivesse me dado uma longa entrevista, talvez a reportagem não teria ficado tão interessante, com tantas outras fontes, não é? Essa reportagem tem um pouco daquilo que o Gay Talese fez no texto “Frank Sinatra está resfriado.” Eu não consegui falar com um personagem, então tem que contar a história pelo olhar dos outros.

O abre da reportagem é sempre o maior problema. A abertura precisa chamar atenção e ter um fio condutor ali. Às vezes, eu fico umas duas horas para escrever a abertura. É o que dá mais trabalho. É dali que eu escolho o caminho que vou levar para o miolão. Bom, eu faço todas as entrevistas. Coloco tudo num arquivo, separo por subtítulos e imprimo. Em cima desse material, é que vou pensar o texto da reportagem. Algumas entrevistas eu gravo, outras não. Começo a escrever, depois, a partir da impressão desse arquivo. O corte que eu vou dar na história vem na hora que eu sento para escrever. Eu costumo brincar: é importante caprichar no abre e no final. Se eu fosse pensar em uma definição, acho assim: no abre e no fim do texto, eu tento chegar perto de um escritor. O meio da reportagem é a coisa do operário mesmo.

Eu gosto de fechar com uma coisa mais irônica, sabe? Eu pesquisei essa história da música no fecho da reportagem. Um dos meus entrevistados disse que eles fizeram uma música naquela época. Aí pensei: “se tem essa música, vou encontrar outra que seja uma metáfora um pouco da prisão do Zé Dirceu. Quer dizer, caminhos contrários. Naquela época, ela foi presa, depois virou personagem obscuro. Isso se inverteu. O Zé Dirceu se transformou em uma pessoa poderosa e está preso. Ela está vivendo a vida dela. Fica uma coisa meio que vingança. “Apesar de você, amanhã há de ser um novo dia, aí tem essa coisa, ainda pago para ver o jardim florescer...”

Eu sou colaborador do Valor Econômico desde a fundação do jornal. Quem criou essa seção “À mesa com o Valor” foi o Paulo Totti em 2009, que é um grande jornalista. Tem gente da própria redação e alguns colaboradores que fazem os perfis. São personalidades do cinema, literatura, esportes, música, política, economia. Geralmente, a seção tem como cenário um restaurante escolhido pelo entrevistado. Mas nesse caso, eu até levei uma bronca do editor, porque não fomos a um restaurante. O João Ubaldo não queria. Eu queria muito fazer um perfil do João Ubaldo. Foi uma pauta que eu sugeri. Insisti. Ele já estava muito cansado. Eu até acho que essa foi a última entrevista que ele deu pessoalmente para um jornalista, certamente, foi uma das últimas.

Ele não dava muitas entrevistas. Como ele gostava muito de computador, geralmente gravava os áudios das entrevistas e enviava por e-mail. Mas dessa vez, eu fiquei enchendo o saco. Expliquei para a assessora dele: é um À mesa com o Valor, precisa ter um clima. Ela falou: “O Ubaldo não vai querer sair para almoçar.” Bem, depois muitas negociações, foi na casa dele, só com um cafezinho. O ideal é sempre ter um almoço ou um jantar, mas a entrevista ficou tão legal que o editor permitiu.

O Ubaldo é um grande papo. Uma grande fonte, muito divertido. No dia da entrevista, ele estava meio cansado. Me lembro de ele descer a escada meio devagarinho assim. Pensei: “Pô, vou tomar o menor tempo possível desse cara.” Eu fiquei quase uma hora com ele. Então, foi nesse clima que aconteceu a entrevista. Ele reclamou muito que respondia sempre as mesmas perguntas. “Pô, já me fizeram essa pergunta umas 1300 vezes.” Como tinha dificuldade de dizer não e sempre atendia ao telefone, a vida dele estava virando um inferno. Então, eu brinco um pouco com essas situações todas ao longo do texto.

Ele era muito bom papo, falava muito bem, contava muito bem histórias. Eu sabia que o pouco tempo com ele, iria ser maravilhoso. E foi isso mesmo, deixei ele falar. Fui brincando sobre o fato de ele falar sobre os mesmos assuntos. E, como gosto dessa coisa de pensar um final diferente para a reportagem, aí entrou o negócio da jaca. Meu pai mora na Bahia, eu tenho uma ligação muito forte com a Bahia. E lá tem essa coisa de gostar de jaca dura ou de jaca mole. Por isso, fiz a pergunta sobre qual tipo ele gostava mais. O legal foi que ele disse: “taí uma pergunta que nunca me fizeram”. Ele gostou!!

Aí pensei: “vou fechar o texto com isso”. Logo que eu cheguei lá, percebi que daria para abrir com a história da estante cheia de bonecos do Super-homem, do

Batman... Foi uma coisa muito estranha. Fiquei uns dez minutos ali, olhando aquela prateleira, anotando tudo. Assim que ele desceu a escada, eu perguntei: “o que é isso, Ubaldo? O que isso está fazendo aqui?”. Aí ele conta a história do filho e tal. Quando terminamos a entrevista, eu já sabia que tinha o abre, com a cena da minha entrada no apartamento, e a história da jaca para fechar. Em alguns perfis, a gente tem que tirar leite de pedra. O desafio é maior, eu diria. Mas com o Ubaldo, qualquer coisa vira uma boa história. Ele é o próprio personagem.

O importante é sempre fazer a lição de casa. Aprendi isso meio na marra, porque já cometi gafes com entrevistados. Pesquisar antes de ir ao encontro da entrevista dá um respaldo maior. A gente conquista o personagem, ele até fica mais relaxado. Quando eu pesquisei sobre o Ubaldo, vi essa história do pequeno e do grande Ubaldo. Ele já havia contado isso. Então pensei que precisava explorar essas duas facetas.

O fato de ele não conseguir dizer não, nem para mim. Ele não estava confortável na entrevista, vi que não. Acho que é o temperamento um pouco do baiano, do homem cordial, aquela coisa toda de ser sempre simpático, não é? Depois, na hora de fazer as fotos, o Léo Pinheiro ficou uma meia hora com ele, pedindo poses... Eu não conseguia acreditar como ele tinha paciência para tudo aquilo. O pequeno Ubaldo, que é o mais tolerante, sempre ganhava do grande Ubaldo. É tão engraçado isso. Ele não tinha controle sobre seus próprios personagens. É coisa de romancista mesmo. O biógrafo tem toda uma coisa racional, ele vai na pesquisa. O romancista está sujeito a isso, porque é muito mais lúdico.

Esse texto tem uns 15 mil toques. Eu fico em média uns cinco dias escrevendo, mas sempre fazendo várias coisas ao mesmo tempo. Eu gosto de escrever. É um pouco sofrido, mas eu não tenho dificuldade. Não é sempre que a gente tem a sorte de entrevistar um João Ubaldo Ribeiro. Então, o trabalho fica maior para contar uma história, fazer daquilo algo palatável.

É, sempre procuro ver as coisas com humor. Claro que não podemos usar o humor sempre, mas é uma marca dos meus textos: usar sempre um tom de humor, às vezes uma ironia. Não sei explicar... talvez um jeito de escrever.

Eu já entrei como primeira pessoa em reportagens, narrei assim, em primeira pessoa, mas não me lembro de ter experimentado um narrador tão diferente. Hoje em dia a gente nem consegue mais contar histórias, né? Histórias longas. Imagine experimentar narrativas. Tudo é muito limitado. Na seção À mesa com o Valor, nós estamos impedidos de falar na primeira pessoa. Eu não posso escrever: “eu encontrei o João Ubaldo.” Mas eu posso usar: “o repórter encontrou João Ubaldo”. É da linha editorial da seção.

Anexos

Anexo 1

Reportagens de TV e de rádio (DVD)

As parteiras do campo (Globo Rural, TV Globo)

Nelson da Rabeca (Globo Rural, TV Globo)

César Dassie

Quase o peso de um passarinho (Caminhos&Parcerias, TV Cultura)

Quase o peso de um passarinho – dois anos depois (Caminhos&Parcerias, TV Cultura)

Neide Duarte

Taxistas: histórias dos bastidores da vida (rádio CBN)

Vivência de olhos vendados (rádio CBN)

Fabíola Cidral

Essas crianças tão especiais (rádio Cultura)

Cantoria dos idosos (rádio Brasil Atual)

Marilu Cabañas

Anexo 2

Reportagens de jornal, revista e *online*

Cooperação conturbada (revista Piauí)

Os seixos da discórdia (revista Piauí)

Bernardo Esteves

Crônica de uma morte à toa (O Estado de S. Paulo)

Fóssil à deriva (O Estado de S. Paulo)

Christian Carvalho Cruz

Quando meninos são fichados como terroristas (revista Brasileiros)

Como um passarinho (revista Brasileiros)

Luiza Villaméa

O fruto proibido (revista Alfa)

O escritor e seu duplo (Valor Econômico)

Tom Cardoso

A nova bolha (TAB UOL)

Quer que eu desenhe? (TAB UOL)

Juliana Carpaneaz

Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão

(Estadão Grandes Temas, multimídia)

Crack: a geografia do vício (O Estado de S. Paulo)

Ricardo Brandt

COOPERAÇÃO CONTURBADA

Quem são e por que brigam os editores da Wikipédia em português

BERNARDO ESTEVES

Do conteúdo dos artigos às regras de convívio, todas as decisões são negociadas entre os editores. A Wikipédia costuma ser lida como obra de referência, mas funciona também como rede social

Ausuária que se identifica como Nice poa editou pela última vez um artigo da Wikipédia numa noite de setembro do ano passado. Em uma hora e meia ela fez dezesseis intervenções, dando preferência a verbetes sobre cidades gaúchas. Organizou links internos, padronizou subtítulos e removeu um bloco de texto que não citava nenhuma fonte. Antes de desconectar, incluiu um aviso num verbete: "Esta página precisa ser reciclada de acordo com o livro de estilo. Sinta-se livre para editá-la para que esta possa atingir um nível de qualidade superior." Ainda voltou à enciclopédia online uma última vez, mas não editou nenhum artigo. Apenas apagou mensagens deixadas por outros usuários em sua página de discussão.

Com 153 641 intervenções desde abril de 2006, Nice poa é quem mais editou artigos da Wikipédia em português. Na sua página de usuário, ela se apresentava: "Meu nome é Eunice. Nasci, cresci e moro em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Sou formada em artes plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, de São Paulo, onde morei alguns anos."

Aos 63 anos, Nice tem cabelos curtos e a voz rouca. Ela gostava de editar na Wikipédia artigos sobre bairros, clubes, igrejas e estádios da capital gaúcha. Mexia também em verbetes de artes plásticas e cinema. Embora não trabalhasse, atravessava madrugadas no computador. Algumas de suas intervenções corrigiam erros de português e acrescentavam imagens. Passava um tempão agrupando artigos em categorias como "Praças de Porto Alegre", "Economia de São Paulo" ou "Símbolos da Espanha". "Eu era uma organizadora", disse Nice quando a entrevistamos num café no bairro Moinhos de Vento. "Deve ser coisa de mãe."

Nice se considera alvo do que chamou de *bullying* de um usuário da enciclopédia que se intitulava RafaAzevedo. "Ele não me dava folga, em qualquer página que eu mexesse, lá lá e desfazia", contou. "Era uma coisa horrível. Chegou o ponto em que eu disse: 'Sabe de uma coisa? Cansei. Não sou masoquista. Para mim, deu.'" Nice reconheceu que seu comportamento nas discussões não era lá um modelo de flegma. Ao se deparar com o que julgava ser um desafio, defendia-se com vigor. "Jamais agredi ninguém na Wikipédia antes de ser agredida primeiro", ressaltou.

A gota-d'água veio num debate sobre a legitimidade da inclusão de todos os historiadores nas listas de escritores – afinal, é na forma de livros que eles costumam

apresentar seus estudos. Convicta disso, Nice tratou de fazer valer o seu ponto de vista. RafaAzevedo discordava, e achou natural desfazer uma a uma as intervenções de Nice. Como acontece em divergências, a questão foi resolvida nas páginas de discussão que acompanham cada verbete e cada perfil de usuário. Nice reclamou de seu antagonista num desabafo a outro editor:

Ele reverteu tudo, como era esperado, impondo sua opinião pessoal apenas, e obviamente sem fundamento, e principalmente sem discussão. E, como sempre, ninguém se manifestou sobre a atitude persecutória que esta pessoa invejosa, despeitada e mau-caráter me faz. Mais uma vez a força bruta de alguém que se esconde no mundo virtual, a imposição da própria opinião, a empáfia e a certeza da impunidade deste senhor chorão, rei dos pedidos de bloqueio aos desafetos, venceu.

Ofendido, RafaAzevedo pediu aos administradores do projeto que punissem Nice poa por "violação gravíssima das normas de conduta", "acusações infames" e "disseminação de desconfiança". Julgado procedente o pedido, ela foi impedida de editar a Wikipédia por três dias. Manteve sua rotina de edição por pouco mais de um mês após a decisão. Depois, desistiu e se afastou do site.

O artigo "Botswana" da Wikipédia em português não parece diferente do verbete de outros países. Mas uma leitura mais atenta notará, já na introdução, a abundância de fontes citadas para justificar a grafia do nome do país ora com "w", ora com "u". Isso é indicio da prolixa negociação, na página de discussão do verbete, na qual os editores escreveram mais de 193 mil caracteres ao longo de três anos para decidir qual grafia deveria prevalecer.

Todas as decisões editoriais da Wikipédia são negociadas entre seus editores voluntários, que nada recebem por suas contribuições. Eles decidem o que pode ser incluído, o estilo e o conteúdo dos verbetes. E também as regras para o convívio dos editores, as punições para aqueles que as infringirem e quem são os usuários com a prerrogativa de aplicar sanções. A maioria das decisões é tomada por voto aberto, e há casos abundantes de fraude eleitoral comprovada. A Wikipédia costuma ser lida como obra de referência, mas funciona também como uma rede social.

Ainda que os artigos da Wikipédia possam ser alterados por qualquer um com acesso à internet, só 6% dos leitores

o fizeram alguma vez. Os usuários não precisam fazer cadastro e podem contribuir sem se identificar. Suas intervenções são registradas com seu endereço de IP, um número de vários dígitos que identifica os dispositivos conectados à internet. Ele permite rastrear o provedor e a localização de uma máquina na rede. Com autorização judicial, é possível investigar e descobrir em qual computador foi feita determinada edição. Mas o recurso à Justiça é trabalhoso, demanda tempo e dinheiro. Os editores podem também criar uma conta na Wikipédia e, nesse caso, passam a ter suas contribuições identificadas com um nome de usuário.

Cada editor pode construir uma página de usuário, mas não precisa declarar a sua identidade verdadeira. Alguns revelam ali algo da sua vida fora da internet. Em sua página, RafaAzevedo, o desafeto de Nice poa, disse poder contribuir com a Wikipédia em onze idiomas diferentes, inclusive russo, grego, latim e hebreu. No topo da página, incluiu uma declaração de princípios em que deplora a tolerância da enciclopédia com usuários novatos: "Parece que devemos passar a mão complacente na cabecinha dos mentecaptos que produzem o lixo que temos de limpar, como se isso fosse uma escola primária, um hospital de alienados, um centro da Cruz Vermelha, um consultório psicanalítico ou um parquinho de diversões."

Na Wikipédia não importa quem você é, só o que você faz. RafaAzevedo já fez mais de 100 mil intervenções e criou mais de mil artigos. Em junho, ampliou o artigo "Império Aquemênida", modificou verbetes sobre xintoísmo, mitologia grega e famílias reais europeias, além de intervir nos artigos de Leonel Brizola, Florestan Fernandes e Fátima Bernardes.

"Carlinhos Cachoeira morreu", mentiu um usuário, identificado pelo número de IP, no verbete sobre o contraventor que é protagonista da última Comissão Parlamentar de Inquérito aberta no Congresso. O senador Demóstenes Torres também foi alvo de má-fé. Um outro IP afirmou que ele fora considerado "o senador mais feio da história do país".

As edições mal-intencionadas são chamadas na Wikipédia de vandalismos. Elas são comuns nos artigos mais consultados, os de personalidades e acontecimentos de destaque. Há quem escreva palavões, inclua sequências sem sentido ou apague blocos de texto. O histórico de edições de um verbete registra intervenções pouco enciclopédicas, como a

incluída certa vez no artigo "Efeito estufa": "Adoro colocar as minhas mãos entre as pernas da Claudete."

Um usuário incluiu recentemente uma passagem no verbete da presidente Dilma Rousseff dizendo que ela é "uma mulher muito malandra, que por isso se tornou a 36ª presidente do Brasil". No mesmo minuto, a intervenção foi desfeita pelo Salebot, que vem a ser um software criado para fazer intervenções automáticas na Wikipédia. Combater o vandalismo é sua função. Ele é programado para monitorar as intervenções recentes e reverte-las caso encontre expressões suspeitas. Salebot já fez mais de 175 mil interferências em verbetes da Wikipédia lusófona.

Robôs como ele não são o único mecanismo usado no combate aos vandalismos. Muitas depredações são desfeitas por patrulheiros humanos, que monitoram edições recentes. O wikipedista tem também a possibilidade de vigiar um artigo de seu interesse. Nesse caso, ele é notificado sempre que o verbete selecionado passar por alguma alteração. O número de vigilantes de um artigo pode ser lido como um termômetro do interesse por aquela página. O artigo de Lula é vigiado por 170 usuários. O de Dilma Rousseff, por 112. O de José Serra, por 94. E o de Fernando Haddad, por menos de 30.

Em seu doutorado sobre a Wikipédia em português, defendido na Universidade Federal de Minas Gerais, o professor de jornalismo Carlos Frederico d'Andréa estudou algumas biografias de pessoas vivas. Notou que nem sempre os erros e vandalismos eram corrigidos de imediato, mesmo em artigos muito consultados. No artigo sobre Ronaldo Nazário, menções ofensivas ao peso do centroavante, ou ao episódio no qual foi visto na companhia de travestis, foram removidas com rapidez. Durante mais de três anos, no entanto, sua então esposa foi chamada de Milene Rodrigues, em vez de Domingues.

A intervenção que anunciou a morte prematura de Carlinhos Cachoeira foi desfeita – dois minutos depois de posta no ar – pelo usuário Viniciusmc, que em seguida protegeu o artigo por dois meses. Com isso, proibiu que IPs ou usuários com contas recém-criadas alterassem o verbete. O artigo de Luiz Inácio Lula da Silva está protegido por um ano. Entre milhares de outras, também têm edição restrita as páginas dedicadas a Silvio Santos, Ronaldinho Gaúcho, Karl Marx e Britney Spears, além de Aquecimento global, Coca-Cola, Rede Globo e Igreja Universal do Reino de Deus.

Restringir a edição de verbetes é uma medida extrema que poucos usuários têm a permissão para tomar. Ela é facultada a editores considerados merecedores da confiança da comunidade: os administradores, eleitos por sua folha corrida de intervenções pertinentes e rigorosas. Eles podem também apagar artigos e bloquear usuários. Tudo isso é feito de maneira a evitar que se crie uma casta de privilegiados: o acesso às ferramentas administrativas só pode ser usado para fazer valer as regras do projeto, e não confere a um usuário autoridade sobre os demais. "A percepção da maioria da comunidade é que não deveria existir hierarquia na Wikipédia", disse-me Lucas Teles, um estudante de medicina em Salvador, de 26 anos e administrador há três. "O ideal é que a palavra do administrador tenha o mesmo peso que a de um IP."

A expressão *enkyklios paideia* – "educação circular" – designava em grego a educação em geral, acadêmica ou não. Reunir todo o conhecimento disponível numa única obra é a ambição do projeto enciclopédico, que teve encarnações variadas em diferentes épocas e povos, pelo menos desde a *História Natural*, em 37 volumes, de Plínio, o Velho. A ideia de enciclopédia que perdura até hoje é tributária do projeto iluminista conduzido na França do século XVIII por Denis Diderot e Jean d'Alembert. A *Encyclopédie* inspirou a mais longeva de todas as iniciativas do tipo: a *Encyclopædia Britannica*, lançada em 1768 na Escócia e editada nos Estados Unidos desde o início do século passado.

A *Britannica* anunciou em março passado que, depois de 244 anos, deixaria de ser publicada na versão impressa. Ela continuaria a existir apenas na web. A Wikipédia, gratuita e mais abrangente, foi invariavelmente apontada na imprensa mundial como um dos fatores que leva-

ram ao fim de uma era. Um artigo na revista americana *Wired* defendeu que, na verdade, o golpe fatal na *Britannica* foi dado pela *Encarta*, a enciclopédia em CD-ROM que a Microsoft ofereceu aos compradores do Windows nos anos 90. Aos poucos, o computador substituiu a enciclopédia nas casas e no orçamento dos pais zelosos com a educação dos filhos.

No Brasil, há uma única enciclopédia em papel. É a *Barsa*, lançada em 1964 e comprada há doze anos pelo grupo espanhol Planeta. Foi lançada há poucos meses uma nova edição dela, com verbetes e ortografia atualizados. Com dezoito volumes e 135 mil artigos, ela custa pouco mais de 3 mil reais, e é comercializada por meio do sistema tradicional de venda de porta em porta. Seu público mudou. "Nossos compradores vêm da classe média emergente e adquirem a enciclopédia como objeto de desejo", disse Sandra Cabral, diretora de marketing da empresa que a publica. A *Barsa* espera vender 70 mil unidades neste ano, contando clientes individuais e institucionais – por não haver concorrência, a aquisição por governos municipais, estaduais e federal dispensa licitação.

Ao menos no discurso público, a Wikipédia não é vista como ameaça. Numa manhã recente, o presidente do grupo Barsa-Planeta, Mauricio Gregório, pediu que eu imaginasse uma criança com um trabalho de escola para fazer sobre a questão "Por que Plutão deixou de ser um planeta?". "Na Wikipédia pode acontecer de a pessoa que escreveu conhecer sobre o tema", ponderou. "Na *Barsa*, a informação é validada pelo professor Ronaldo Mourão. Como pai, o que você quer para educar seus filhos?"

A Wikipédia foi lançada no começo de 2001 por Jimmy Wales, um especialista em finanças, e pelo estudante de filosofia Larry Sanger. Um ano antes, Wales contratara Sanger para ser editor-chefe de um projeto

similar, a Nupedia, também concebida como uma obra de referência gratuita na web, só que feita por especialistas e com um rígido processo de revisão. Ao final de um ano, só doze verbetes foram concluídos.

Sanger foi então apresentado ao WikiWikiWeb, software que permitia que usuários modificassem e salvassem páginas da web. Seu nome era inspirado na palavra *wiki*, "rápido" na língua nativa do Havaí. O estudante e Wales resolveram testá-lo para construir uma enciclopédia colaborativa. Imaginaram que seria um projeto paralelo à Nupedia, mas o trabalho com a nova ferramenta mostrou-se mais ágil e dinâmico. Em menos de um mês, a Wikipédia atingiu seu primeiro milhão de artigos. Em um ano, eram quase 20 mil. A versão em inglês está prestes a atingir quatro milhões de verbetes.

A Wikipédia foi construída a partir de um punhado de princípios editoriais inegociáveis. Ela deve abrigar apenas informações de caráter enciclopédico, e está a critério da comunidade de editores determinar o que se encaixa nessa definição. Os artigos devem apresentar de forma neutra e equilibrada diferentes pontos de vista sobre uma mesma questão. Devem conter apenas informações verificáveis, ou seja, não há espaço para relatos de primeira mão ou opiniões. Só pode constar na Wikipédia o que já tiver sido dito em outras fontes – e desde que sejam consideradas confiáveis pela comunidade.

Ela é o sexto site mais visitado do mundo, atrás do Google, Facebook, YouTube, Yahoo e Baidu. Foi acessada por quase meio bilhão de usuários em maio, e teve 18 bilhões de páginas visualizadas em computadores e dispositivos móveis. Existem Wikipédias em 285 idiomas diferentes, das quais quarenta têm pelo menos 100 mil artigos. A edição em português está com quase 750 mil artigos e é a décima maior, atrás das versões em inglês, alemão, francês, holandês, italiano, polonês, espanhol, russo e japonês. Criada em maio de 2001, só dois meses depois apareceram os verbetes. O artigo inaugural foi "Planeta", editado mais de 700 vezes desde então.

A Wikipédia costuma ser demonizada devido ao uso indiscriminado em trabalhos escolares. O departamento de história do Middlebury College, nos Estados Unidos, proibiu que a enciclopédia fosse citada em provas e tarefas dos alunos. Estudantes não são os únicos a recorrer a ela. Um estudo com médicos recém-formados na Inglaterra mostrou que 70% deles usam a Wikipédia. Em 2010, a versão francesa da revista eletrônica *Slate* apontou semelhanças inequívocas entre passagens do último romance do escritor Michel Houellebecq e três verbetes da Wikipédia. No mês passado, um livro-texto de medicina que plagiava o verbe "HIV" da Wikipédia em inglês foi retirado do mercado na Índia.

Os jornalistas também recorremos à Wikipédia, nem sempre com os devidos cuidados. Quando o maestro francês Maurice

Jarre morreu, em março de 2009, um estudante irlandês decidiu fazer o que ele mais tarde chamou de um "experimento social": na biografia do maestro na enciclopédia, atribuiu-lhe uma frase fantasiosa: "Quando eu morrer, vai haver uma valsa final tocando na minha cabeça que apenas eu poderei ouvir." A frase foi lembrada no obituário de jornais respeitáveis como *The Guardian* e *The Independent*. Uma afirmação recorrente foi evocada na blogosfera para comentar o caso: "A Wikipédia é o melhor lugar para começar uma pesquisa e o pior para terminar."

A revista científica *Nature* fez um estudo no qual avaliou a precisão de 42 verbetes de ciência da Wikipédia em inglês e da tradicional *Encyclopædia Britannica*, produzida sob a chancela de especialistas. Houve quatro erros graves de cada lado. A *Britannica* teve pouco menos erros factuais que a Wikipédia (123 a 162). A enciclopédia eletrônica se saiu melhor em artigos como "Lipid" [Lípídeo] – seu verbe não tinha nenhum erro factual, contra três da *Britannica*. Publicado há mais de seis anos, o estudo da *Nature* continua sendo citadíssimo em discussões sobre o site. Desde então, o verbe "Lipid" foi modificado 1 750 vezes.

O escritor e artista James Bridle mandou imprimir há dois anos, em doze volumes encadernados em couro preto, as 12 mil versões do verbe "A Guerra do Iraque" publicadas entre dezembro de 2004 e novembro de 2009 na Wikipédia em inglês. Com a dúzia de livros, chamou a atenção para o caráter processual dos artigos, uma dimensão fácil de perder de perspectiva na leitura cotidiana. A informação é fugidia na Wikipédia, transitória como as verdades.

Para preservar a isenção dos artigos, a Wikipédia não veicula peças publicitárias. A maior parte da receita para custear seu funcionamento vem de doações coletivas. Em uma grande campanha, no fim do ano passado, mais de 1 milhão de voluntários doaram 20 milhões de dólares. Elas se destinaram à Wikimedia Foundation, organização sem fins lucrativos que Jimmy Wales criou para ser a responsável legal pela operação da enciclopédia e de projetos correlatos (há um dicionário, bancos de sons, imagens, livros e documentos, todos eles colaborativos).

A sede da Wikimedia Foundation, em São Francisco, concentra a maior parte de seus 138 funcionários. A fundação trabalha em parceria com os chamados "capítulos locais", iniciativas independentes que se alinham com seus postulados em diversos países. São cerca de 40 em todo o mundo. Por aqui, dezenas de voluntários se reúnem na Wikimedia Brasil, entidade que ainda não tem sede ou representação legal, mas realiza atividades na internet e fora dela para promover o conhecimento livre.

A Wikimedia Foundation tem dois funcionários recém-contratados no Brasil. A jornalista Oana Castro deve coordenar o escritório que a fundação pretende abrir

Etching
Xilogravura
Fotografia
Litogravura
Desenho
Serigrafia
Galeria de Gravura
Obras originais assinadas
compra on-line e presencial
www.galeriadegravura.com.br
Av. Paulista 2073, cjto. 2123
Tel. 11-2829 4890

aqui até o começo de 2013, que será o primeiro fora dos Estados Unidos. A ideia é promover o uso da Wikipédia e atrair novos contribuintes e apoio institucional.

A fundação está preocupada com a dificuldade da enciclopédia para renovar o seu corpo de editores. Na versão em português, o número de editores novatos – que fizeram ao menos dez intervenções – chegou a um pico de 506 em janeiro de 2008, mas vem caindo desde o fim do ano seguinte. Em maio passado 311 novatos se juntaram ao projeto. Se considerados os usuários que fizeram ao menos uma edição naquele mês, o número de wikipedistas era então de quase 4 700. Praticamente três quartos das edições são procedentes do Brasil, e 10% vêm de Portugal. Como em outras línguas, a Wikipédia lusófona é predominantemente masculina: só 7% dos usuários são mulheres.

Em maio, foi criado um verbete para a secretária municipal de Educação do Rio, Claudia Costin. O administrador Yanguas defendeu a sua eliminação chamando a atenção para o currículo nela exposto: “cv de política, bastante apologetico (e, neste ano eleitoral, bem conveniente).” Seu destino foi decidido pela comunidade. Por nove votos a zero, decidiu-se pela extinção do verbete. No mesmo mês, foram apagados ou fusionados outros 118 artigos, incluindo “Expressão algébrica não linear” (“A Wi-

kipédia não é um manual”), “História do bumerangue no Brasil” (“Pesquisa inédita sem fontes”) e “Fazer nas coxas” (“Artigo feito nas coxas”). Por outro lado, os wikipedistas decidiram manter os verbetes sobre o babalorixá Ivo de Xambá, a banda Orbe, o Movimento dos Atingidos por Barragens e outros 42 artigos.

Alguns verbetes sequer têm a chance de passar pelo crivo da comunidade. Se violar abertamente as normas da Wikipédia, um artigo pode ser indicado para eliminação sumária, ou quase. Ele passará pela apreciação de um administrador ou de um eliminador (categoria de usuários criada na Wikipédia em português e incorporada a outras versões). A maior parte das decisões sobre o que deve ou não entrar na enciclopédia é tomada por poucos usuários – 36 administradores e 23 eliminadores.

Numa enciclopédia colaborativa em que o limite do número e o tamanho dos artigos não são preocupações, traçar a linha de corte entre o que deve e não deve ser aceito está entre as tarefas que demandam mais tempo e energia dos usuários. A questão costuma ser descrita em termos de uma disputa entre “inclusionistas”, para quem toda forma de informação vale a pena, e “delecionistas”, que defendem rigor na seleção do que é enciclopédico.

Relatos de desencanto com o projeto frequentemente envolvem a criação malograda de um verbete por um

usuário novato. Registrado como Pinguim2011, criei um artigo sobre o físico Luiz Davidovich com seis frases e três referências. O artigo passou pelo crivo de notoriedade e verificação dos patrulheiros de novas páginas, mas ficou oito meses sem qualquer intervenção. Ninguém se interessou em expandi-lo.

A Wikimedia Foundation promoveu em março encontros com wikipedistas de São Paulo, Rio, Curitiba e Natal. O do Rio reuniu quase vinte usuários no 2º andar de uma livraria em Laranjeiras. Eles estavam na rodada inicial de apresentações quando a atenção de todos se voltou para um rapaz magrelo que chegou atrasado, vestindo chapéu branco e camiseta do Império da Praça Seca, escola de samba da quarta divisão do Carnaval carioca. Era o usuário Quintinense, um inclusionista folclórico, batizado em homenagem ao bairro Quintino Bocaiuva, na Zona Norte, de onde também veio o jogador Zico.

Na página de usuário que registrou na enciclopédia, ele disse se chamar Leandro Rocha, ter 23 anos (hoje são 26), estudar direito e contribuir com artigos sobre bairros, escolas de samba, futebol e política. “Sou contra deleções de páginas, penso que esta deve ser uma alternativa extrema para conteúdos claramente não enciclopédicos, ou que sejam VDA”, escreveu ele, referindo-se às violações de direito autoral.

Quintinense recorreu a um expediente repudiado pela comunidade: criou o que os usuários chamam de *sockpuppets*, ou fantoches, isto é, outras contas na Wikipédia usadas para participar de uma mesma discussão. Falando em nome de vários usuários, ele reforçava seu ponto de vista nas votações de páginas para eliminar. Ele está bloqueado por tempo indeterminado desde que foi descoberto, há três anos e meio. Mas muitos wikipedistas acham que ele ainda continua interferindo na enciclopédia, só não se sabe com qual identidade.

Leandro mora com os pais numa casa de muro alaranjado, a dois quarteirões de um ramal da Central do Brasil em Quintino. No seu quarto, o monitor preto do desktop exibia a lista de “Páginas a eliminar” da Wikipédia, à frente de outras cinco abas abertas em segundo plano. Ele me explicou que, durante um tempo, editava alternadamente com uma conta em seu computador, com acesso à banda larga, e como outro usuário na máquina do pai, no 2º andar, com linha discada. Por descuido, fez com uma conta uma intervenção que deveria ter sido feita em nome de outro usuário. Foi pego. Continuou criando contas, sendo flagrado e bloqueado, num ciclo sem fim. “Quando dá *game over* eu começo de novo”, resumiu, rindo. A Wikipédia tem uma página chamada “Fantoches de Quintinense”, que lista sessenta contas com as quais ele editou.

▶ MPB FM

FM 90,3

▶ MPB FM

**A RÁDIO QUE VOCÊ OUVI, AGORA
TAMBÉM É A RÁDIO QUE VOCÊ VÊ.**
PORQUE O OLHO FICA MUITO PRÓXIMO DO OUVIDO.

MPB FM, A PRIMEIRA RÁDIO BRASILEIRA COM PERFIL NO INSTAGRAM, A MAIOR REDE DE COMPARTILHAMENTO DE FOTOS DO MUNDO. SIGA O PERFIL **MPBFM**, CONFIRA IMAGENS DE BASTIDORES E PARTICIPE DAS NOSSAS PROMOÇÕES.

INSTRUÇÕES

BAIXE O APLICATIVO DO INSTAGRAM NO SEU CELULAR/TABLET

NO ÍCONE VÁ EM **“BUSCAR NO INSTAGRAM”**

EM SEGUIDA, EM **“NOMES E NOMES DE USUÁRIO”**

DIGITE **“MPBFM”** E CLIQUE EM **“BUSCAR”**

ENTRE NO NOSSO PERFIL E VÁ EM **“SEGUIR”**

"Conto até dez e... ele entra."

Leandro Rocha não passou por um grande dilema ao decidir usar fantoches. Estava cansado de ver o conluio de editores, em chats e no MSN, para decidir entre si a sorte de propostas para eliminação em votações pouco divulgadas. "Políticas importantes são decididas com dez, vinte votos", reclamou. Pareceu-lhe legítimo criar aliados para entrar na briga. "Meu interesse era só que houvesse justiça."

Um usuário me disse que a Wikipédia é mais divertida devido a Quintinense. Fábio Azevedo não compartilha esse ponto de vista. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ele é conhecido na Wikipédia como Lechatjaune. Azevedo acha que Leandro Rocha levou à Wikipédia lusófona um ambiente de descrédito e suspeição dos novatos. "Ele contribuiu para reduzir a confiança da comunidade na sua própria capacidade de se gerir e de confiar nas pessoas." Por causa de usuários como Quintinense, o direito ao voto foi restrito na Wikipédia em português. Só são usuários plenos aqueles com contas ativas há três meses e 300 edições no currículo.

Em paralelo à sofisticação crescente dos fantoches, desenvolveu-se uma estrutura de vigilância para identificá-los e puni-los. Alguns editores – os verificadores – têm acesso a uma ferramenta capaz de localizar o endereço de IP das intervenções feitas pelos usuários com contas registradas, de forma a flagrar o eventual uso de *sockpuppets*.

Alexandre Montilha, funcionário público de 27 anos, é conhecido na enciclopédia como Ruy Pugliesi, que segundo ele teria uma personalidade distinta da sua na vida real. "Ele é mais calmo do que eu e tem uma linguagem

um pouco mais rebuscada", disse Montilha, que mora em Bauru, no interior paulista. Como verificador, ele identificou dezenas de fantoches comandados por Leandro Rocha, o que lhe "dava uma sensação de dever cumprido, de estar livrando o projeto de algo nocivo".

Pugliesi, por sua vez, foi objeto de uma denúncia do usuário Sir Lestat de Lioncourt, que teve acesso aos registros das investigações que ele fizera. O denunciante notou que o funcionário de Bauru andava bem mais ativo que os outros verificadores e insinuou que poderia estar fazendo consultas não autorizadas. Um dos alvos seria o usuário jssx, que preferiu preservar sua identidade. Num e-mail, ele contou ter sido perseguido por Pugliesi e outros editores. Disse que, em consequência das verificações ilícitas, teve sua reputação arruinada na Wikipédia. "Tive que solicitar substituição do nome que usava com o intuito de 'limpar' um pouco o estrago feito na minha imagem", afirmou.

Ruy Pugliesi defendeu-se alegando que o pedido de verificação havia sido feito num e-mail por um ex-administrador da Wikipédia – um expediente lícito, segundo ele. Também contestou a legitimidade do acusador para ter acesso aos registros de verificação e assinalou que o antagonista estava mancomunado com outro operador de fantoches, que ele flagrara.

Depois desse episódio, a Wikipédia passou um ano e meio sem verificadores. A acusação foi levada ao Conselho de Arbitragem, a instância suprema de resolução de conflitos da enciclopédia. O Conselho está inativo e nunca se pronunciou sobre o caso, atitude que jssx taxou de "uma omissão repugnante". Em abril, foram promovidas eleições e a Wiki-

pédia em português voltou a ter verificadores. A novidade foi saudada como um sinal de recuperação por Lechatjaune, que era um dos cinco integrantes do Conselho. "Houve uma retomada na confiança", considerou. "Estamos juntando os cacos e olhando para a frente."

A Wikipédia pode ser vista como um experimento de política em tempo real, no qual alguns dos seus frequentadores se associam para defender seus pontos de vista e restringir a ação de quem tenha posições contrárias. É espantoso o tempo e o investimento emocional que centenas de usuários dedicam ao projeto. Discussões de bloqueio e pedidos de desoneração podem assumir dimensões titânicas. É possível ignorar a discussão política dos bastidores, mas não se pode escapar do alcance das decisões tomadas ali. Como lembrou Quintinense, citando uma frase que a Wikipédia atribui ao historiador inglês Arnold Toynbee, "o maior castigo para quem não gosta de política é ser governado por quem gosta".

Chegou a vez de Vinícius Siqueira falar no encontro de wikipedistas. Aos 19 anos, ele é um editor experiente e já foi administrador. Tem dedicado menos tempo ao projeto desde que começou a cursar medicina na Federal do Rio, no ano passado. Disse que era impossível exigir dos novatos que conhecessem todas as normas. "A Wikipédia tem mais regras que a Constituição de qualquer país", avaliou. "Seus princípios fundadores foram sobrepostos por uma burocracia stalinista."

O jargão legalista usado nas discussões entre editores evidencia o castelo bizantino de normas erguido pelos usuários. Quando foi solicitada a suspensão das permissões administrativas de Ruy Pugliesi, ele escreveu uma comprida defesa, e concluiu: "Um pedido de suspensão só pode ser aberto se estiver amparado no disposto em Wikipédia: Política de bloqueio#4 (Abuso da ferramenta de bloqueio por parte do administrador). Não há nada que o autorize, portanto. É ilegal, ilegítimo, irregular e representa única e exclusivamente uma vingança pessoal do usuário." O pedido foi indeferido.

É tentador enxergar na selva de regras da enciclopédia o reflexo de um pendur que brasileiros e portugueses teriam pela burocracia, cristalizado na imagem do "Estado cartorial" descrito pelo sociólogo Hélio Jaguaribe. Mas nas Wikipédias em outros idiomas parece que o cenário não é muito diferente. Falando de São Francisco pelo Skype, Barry Newstead, coordenador de desenvolvimento global da Wikimedia Foundation, disse não haver um indicador que permita comparar o volume de regras nas diferentes versões do projeto. Ele não enxerga no excesso de burocracia um traço distintivo da enciclopédia lusófona. "Eu ficaria surpreso que muitas versões tivessem mais regras do que a Wikipédia em inglês, que, por ser a maior, lida com uma gama mais ampla de questões e desafios."

O conhecimento das regras divide os wikipedistas novatos e experientes. Intervenções de boa-fé, mas que ignorem as normas do projeto, podem ser desfeitas sem discussão ou justificativa. Em casos de conflito, os veteranos frequentemente evocam as regras do projeto, às vezes na forma de siglas, e não raro levam a melhor.

Essa tensão está por trás de um ambiente percebido como hostil por vários editores novatos. O carioca Eduardo Feld, de 42 anos, vê a questão com tranquilidade. Numa conversa pelo Skype, ele comparou a chegada de um wikipedista à ambientação de um novato a uma academia de jiu-jitsu, esporte que ele pratica: "Você se torna amigo de todo mundo em uma semana? É rapidamente aceito como bom lutador? Não. Tem que provar que é bom. Enquanto isso, as pessoas vão te testando, tomam atitudes agressivas, questionam sua capacidade." Feld é juiz de direito no Tribunal de Justiça do Rio Grande do Norte. O cargo guarda algum paralelo com a sua posição na Wikipédia: como eliminador, recebeu da comunidade de procuração para apreciar os pedidos para apagar e restaurar artigos.

Ao contrário de Feld, o paulistano Heitor Carvalho Jorge, de 21 anos, queria ser administrador para combater vandalismos com mais agilidade. Por cinco vezes, postulou sua candidatura. Foi derrotado em todas. Heitor Jorge disse que não quer mais ser administrador. Com quase 40 mil edições em artigos no currículo, ele aprendeu a se valer do conhecimento das regras. "Sei onde posso mexer, com quem posso falar, e não sou o único", disse. "Todos os usuários mais velhos manipulam o sistema em favor do que querem."

Se um verbete for considerado de qualidade excelente e preencher uma série de requisitos formais, pode ser proposto para destaque – a comunidade decide por voto se aceita a candidatura. Um estudo mostrou que, nos artigos destacados, o número de intervenções e editores envolvidos é significativamente maior do que na média dos artigos. Na Wikipédia não vale o ditado segundo o qual muitos cozinheiros estragam o guisado.

Dentre os 461 artigos destacados na Wikipédia em português figuram quatro dedicadas à cantora canadense Avril Lavigne. O artigo dedicado a ela tem 378 referências bibliográficas. É estruturado em eatorze grandes tópicos e ilustrado por 23 imagens, três gráficos e uma tabela. Ele foi editado quase 6 mil vezes por mais de 1 100 editores. Já o verbete da cantora americana Nina Simone tem 251 palavras, uma foto e nenhuma referência. Foi alterado noventa vezes por 56 usuários.

Diferentemente de outros projetos enciclopédicos, a Wikipédia não segue um plano ou roteiro. Espelho da comunidade que a constrói, é um termômetro de suas preocupações. Dos 25 artigos mais editados do mês de maio, treze eram sobre futebol, seis sobre televisão e três sobre música. Havia ainda um artigo sobre ci-

nema, outro sobre arte e a biografia de um político, François Hollande, que acabara de ser eleito presidente da França.

Para fortalecer a enciclopédia em áreas que não atraem tanto interesse, a Wikimedia Foundation vem buscando a ajuda da comunidade acadêmica. Foi promovido, há poucos meses, um encontro num auditório do Instituto de Física da USP para apresentar o programa Wikipédia na Universidade. Everton Zanella Alvarenga, consultor da Wikimedia Foundation no Brasil para a área de educação, expôs o desafio de atrair novos editores com conhecimento especializado, tanto professores quanto alunos.

Também vem crescendo o envolvimento de pesquisadores brasileiros com a Wikipédia. No ano passado, a professora Juliana Bastos Marques ofereceu uma disciplina optativa aos alunos de história da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Durante o semestre, 25 alunos melhoraram verbetes sobre a história da Roma antiga. Antes do curso, o artigo "Romanização" tinha duas frases. Hoje, tem vinte parágrafos, organizados em sete tópicos e farta bibliografia.

Juliana Marques chamou a atenção para a visibilidade desses artigos. "Religião na Roma Antiga" – um verbete cujo tamanho aumentou doze vezes depois da disciplina – foi visitado 4 322 vezes em maio. "Antes, os alunos aprendiam na enciclopédia que os romanos copiavam os deuses gregos, que Zeus era o equivalente de Júpiter e acabou", disse ela. "Agora eles têm uma ideia um pouco mais adequada do assunto."

Animada com o resultado da experiência, a professora promove neste ano um curso de extensão sobre a Wikipédia e capacita os alunos a criar e editar artigos. No primeiro semestre, iniciativas similares também foram promovidas na USP, na Unesp e na UFRJ.

Mas a Wikipédia também encontra resistência em sua investida na academia. Ao atuar ali, os cientistas têm que deixar de fora suas credenciais profissionais. Títulos e publicações acadêmicas não conferem privilégios a um wikipedista. No encontro promovido na USP, a física Lia Queiroz do Amaral, professora do Instituto de Física da universidade desde 1974, pediu a palavra e criticou a falta de revisão editorial do projeto. "Essa história de qualquer um poder tirar e adicionar é um pouco perigosa", disse. Para ela, falta à Wikipédia um mecanismo que valorize "o conhecimento real, com critério". "A fonte do conhecimento tem que ser controlada", defendeu. "Tem que ter um aval, senão é o caos."

Como Jurema Oliveira está registrada na Wikipédia desde 2004, ela é considerada uma usuária jurássica, de tão antiga. Criou artigos de instituições e nomes conhecidos da cultura nacional, como Gilberto Gil, Jorge Amado e Academia Brasileira de Letras. Escreveu inúmeros verbetes sobre candomblé, religião que ajuda a

difundir na internet há mais de uma década. Também adotou a Nigéria na Wikipédia e elaborou dezenas de artigos sobre a política e a geografia do país africano. Ela tem 64 anos, trabalha como promotora de vendas num supermercado no bairro do Limão, em São Paulo, e criou mais de 2 mil artigos.

Ao longo de oito anos como editora, foi bloqueada uma única vez, em decorrência de um bate-boca justamente com Rafa Azevedo, com quem tinha um extenso contencioso. Numa discussão sobre a grafia correta da província francófona do Canadá (Quebec ou Quebeque?), Rafa Azevedo acusou-a de dizer uma "mentira deslavada". Jurema replicou: "Não sou sua mãe pra dizer mentiras deslavadas." Depois de uma animada apreciação do caso por editores, em que se ressaltou o longo histórico de beligerância entre os protagonistas, Jurema foi considerada passível de punição com base no parágrafo 1.3.1.3 da política de bloqueio: "Fazer ataques pessoais de modo sistemático."

Jurema disse ter se reconciliado com Rafa Azevedo após conhecê-lo pessoalmente no encontro de wikipedistas em São Paulo. "Quando você só tem contato com alguém através de um link, não faz ideia de quem é", explicou num café no Centro de São Paulo. Ela classificou assim o antigo desafio. "É um excelente editor. Uma pessoa muito inteligente." E completou: "É rabugenta." Numa foto do encontro na internet, os dois sorriem com copos de cerveja na mão. "Jurema e Rafael brindando à paz", lê-se na legenda.

No livro *O Iluminismo como Negócio*, o historiador americano Robert Darnton discutiu um relatório em que Diderot avaliou a feitura da *Encyclopédie*. Para o editor, a obra tinha sido prejudicada pela mediocridade e incompetência de muitos colaboradores. Os verbetes eram malfeitos e desiguais, e temas importantes haviam sido omitidos. "A *Encyclopédie* foi um sorvedouro", escreveu Diderot, "no qual esses perfeitos trapalhões lançaram desordenadamente uma infinidade de coisas mal digeridas, boas, más, detestáveis, verdadeiras, falsas, incertas, e sempre incoerentes e discordantes." Ao citar essa passagem em seu blog, o estudioso da Wikipédia Carlos Frederico d'Andréa assinalou a semelhança das críticas de Diderot com argumentos comuns entre os detratores da Wikipédia.

Enciclopédias tomam tempo e esforço. A *Encyclopédie* levou mais de duas décadas para ficar pronta. Os onze anos de idade da Wikipédia não devem servir de alibi para justificar fragilidades do conteúdo. Mas ajudam a relativizar o que talvez sejam percalços da juventude. Juliana Bastos Marques recomendou encará-la como um projeto de longa duração ainda em construção. "É bobagem esse desespero para consertar tudo, a Wikipédia não precisa ser acabada amanhã", disse. "Faz parte da ideia dela não ter fim." ☐

Itaú cultural

**CONHEÇA O LADO
FAMÍLIA DE UM MENINO
QUE PENSAVA EM TRAGÉDIAS,
ADULTÉRIOS, INCESTOS,
PERVERSÕES E OUTRAS
HISTÓRIAS CABELUDAS.**

Foto: Arquivo do Arquivo Família Rodrigues

Ocupação

**Nelson
Rodrigues**

Uma exposição que revela as origens, as histórias, a família e a trajetória de um dos maiores dramaturgos brasileiros que, aos 8 anos, já escrevia sobre adultérios que acabavam em mortes.

ATÉ 29 JULHO 2012 - ENTRADA FRANCA

estacionamento conveniado, com entrada pela rua Leôncio de Carvalho classificação livre
000 itaucultural itaucultural.org.br/ocupacao fone 11 2168.1777 atendimento@itaucultural.org.br
avenida paulista 149 são paulo sp 01311-000 (estação brigadeiro do metrô)

Itaú Cultural
ISO 9001
PROGRAMAÇÃO

Itaú Cultural
ISO 9001
PROGRAMAÇÃO

Ministério da Cultura

BRASIL
2012 ANO 5 SÃO PAULO

OS SEIXOS DA DISCÓ

O arqueólogo francês Antoine Lourdeau escavava um sítio na Serra da Capivara, no sul do Piauí, quando se deparou com um seixo grande. Só conseguia ver uma face da pedra. Tinha tamanho e formato ideais para ser empunhada pela mão de um adulto. Suspeitou que tivesse sido transformada para ser usada como ferramenta, talvez para produzir um gume. Pegou um pincel e uma colher de pedreiro para desenterrar o objeto delicadamente. Pouco a pouco, revelou o outro lado do seixo onde, de fato, havia várias lascas retiradas. Lourdeau não teve dúvida. "Era um instrumento maravilhoso, um trabalho muito fino", contou. "Ganhei o dia."

No inverno passado, o arqueólogo desenterrou centenas de pedras lascadas que lhe pareceram ferramentas usadas por homens pré-históricos que habitaram a região milhares de anos atrás. Deviam servir para cortar, raspar, cavar, trabalhar o couro ou a madeira. Muitos seixos tinham pedaços removidos em apenas uma face. Como os artefatos aproveitam parte da forma natural da pedra, nem sempre sua aparência é a que se espera de uma ferramenta. Para o arqueólogo, a identificação não é problemática. "Quando você vê uma peça dessas não tem dúvida nenhuma", disse Lourdeau.

Num restaurante próximo à praia de Boa Viagem, no Recife, o francês expli-

cou que a fratura da pedra lascada pelo homem segue sempre o mesmo princípio físico. "A natureza quebra blocos, já o homem tem um objetivo em vista quando faz um lascamento. Quando você vê a sequência das retiradas, é fácil saber se respondem a um objetivo definido. Se houver uma lógica de retiradas, pode descartar a questão natural."

Lourdeau é um homem magro de cabelos compridos que aparenta ter menos que seus 31 anos. Estudou na Universidade Paris X e se especializou no estudo das pedras lascadas na pré-história do Brasil. Foi treinado pelo francês Eric Boëda, especialista na matéria. Dez dias depois de defender sua tese de doutorado, prestava concurso para a Universidade Federal de Pernambuco, a UFPE. Passou e em 2011 se fixou ali perto, no bairro de Boa Viagem. Lourdeau vem participando das escavações promovidas por uma missão arqueológica franco-brasileira, sob o comando de Boëda. O grupo está dando continuidade aos trabalhos conduzidos pela brasileira Niède Guidon na Serra da Capivara desde os anos 70.

Lourdeau conduziu as escavações do sítio da Toca da Tira Peia, uma área escavada de 25 metros quadrados e 2,5 metros de profundidade. A densidade de achados arqueológicos não foi grande: entre 2008 a 2011, saíram dali apenas 113 peças interpretadas como artefatos indiscutíveis. Os

resultados começaram a ser publicados no ano passado no *Journal of Archaeological Science*, revista americana mais prestigiosa da área. O trabalho concluiu que alguns artefatos encontrados têm pelo menos 22 mil anos. Se o resultado for aceito pela comunidade de arqueólogos, será o mais antigo indício da presença humana no continente americano.

Somos todos forasteiros na América. Com exceção da Antártida, que permanece em grande medida uma terra inabitada, o continente americano foi o último a ser ocupado pelo *Homo sapiens* desde o surgimento da espécie na África, entre 200 mil e 150 mil anos atrás. Vestígios deixados pelos humanos antigos permitem rastrear seus movimentos à medida que se espalharam pelo Oriente Médio, e dali para a Europa e o sudeste da Ásia, de onde ganharam tanto a Oceania quanto a Sibéria e as Américas.

No momento em que os primeiros humanos conquistavam o mundo, o planeta atravessava um longo período glacial, durante o qual as temperaturas caíram e as geleiras avançaram nas regiões mais frias. O nível do mar estava mais de 100 metros abaixo do atual, o que fez surgir ilhas e mudou o contorno dos continentes. Não existia então o Estreito de Bering, a faixa de 90 quilômetros de mar que hoje separa o Alasca da Sibéria. A Eurásia e as Amé-

ricas formavam então uma extensão contínua de terra. Um caçador-coletores pré-histórico longo e bem-disposto que errasse pela Península Ibérica no final da última Era do Gelo poderia, se lhe conviesse, ir a pé até a Terra do Fogo.

Os cientistas estimam que a Beríngia, como foi chamada essa ponte terrestre entre América e Ásia, ficou emersa de 27 mil a 10 mil anos atrás. A maioria deles acredita que foi por ali que chegaram os primeiros americanos. Recentemente, a hipótese foi reforçada por estudos genéticos do DNA preservado em fósseis humanos. Essas pesquisas mostram parentesco entre as populações americanas nativas e os povos asiáticos. Pesquisadores que propõem outros modelos de povoamento – pelo Atlântico ou pelo Pacífico – geralmente são desacreditados pela comunidade. A hipótese mais aceita até alguns anos propunha que os primeiros grupos chegaram à América por volta de 15 mil anos atrás – o que é incompatível com humanos lascando pedra no Piauí há 22 mil anos.

A primeira autora do artigo publicado no *Journal of Archaeological Science* é a francesa Christelle Lahaye, uma física de 35 anos e cabelos curtos que se especializou na datação de sítios arqueológicos. O método mais comumente usado pelos pesquisadores é a datação por carbono-14, que determina a idade

RDIA

Arqueólogos não conseguem entrar em acordo sobre a ocupação da América

BERNARDO ESTEVES

de uma amostra calculando a quantidade desse tipo de átomo nela contida. No entanto, o carbono-14 só se aplica a material orgânico, como restos de lenha queimada, couro ou ossos fossilizados com colágeno preservado. Nada disso foi encontrado na Toca da Tira Peia.

O grupo recorreu então à datação por luminescência, especialidade de Lahaye na Universidade de Bordeaux 3. A técnica permite determinar a data da última exposição de um determinado material à luz — posto de outra forma, a época em que ele submergiu na terra. Lahaye explicou que as datações por carbono-14 têm menor margem de erro, mas nem sempre podem ser feitas, além de só serem confiáveis para materiais de até 50 mil anos. “A luminescência permite chegar a eventos que não seriam datáveis por outros métodos”, disse. “Mas nos casos de controvérsia, é importante combinar os dois métodos.”

Lahaye foi ao Piauí comandar a coleta das amostras e entender o contexto em que foram retiradas. Colhe-se material com uma espécie de tubo de pvc enfiado na parede da escavação; só será datado o que estiver no interior do tubo, ao abrigo da luz. A análise determina a idade não dos artefatos propriamente ditos, mas das camadas de sedimentos em que eles estavam enterrados.

Não foram as datações, no entanto, que motivaram as críticas que o trabalho rece-

beu assim que foi publicado. Quando noticiou a publicação do artigo, a revista *Science News* deu voz a dois arqueólogos descrentes dos resultados. Um deles disse que as pedras lascadas poderiam ser fruto da queda natural dos seixos. O norte-americano Stuart Fiedel propôs outra possibilidade: macacos-prego ou outros primatas poderiam ter produzido as ferramentas.

No começo do século passado, uma violenta tempestade de verão provocou uma enchente na cidade de Folsom, no Novo México, sudoeste dos Estados Unidos. Ao revolver o solo, a chuva trouxe à superfície ossos de uma espécie extinta de bisão gigante, um dos grandes mamíferos abundantes nas Américas do Sul e do Norte até o fim da última glaciação. Em 1927, durante a escavação do local, surgiram duas costelas do animal ao lado de uma ponta de projétil de fina fabricação, tendo, na base, uma canaleta para possível encaixe numa lança.

O ferreiro que conduzia a escavação interrompeu o trabalho e telegrafou para arqueólogos de vários centros de pesquisa. Os especialistas, chegados dali a alguns dias, deram seu veredicto: o arranjo era um sinal inequívoco de que o bisão havia sido morto por caçadores. Aquele era o primeiro indício confiável de que havia humanos no continente americano em plena Era do Gelo.

Poucos anos depois, pontas de lança ainda maiores que as de Folsom, embora de manufatura menos sofisticada, apareceram na cidade de Clóvis, também no Novo México, desta vez junto a ossos de mamutes. Pontas de projéteis como aquelas começaram a ser encontradas em contexto parecido noutros sítios nos Estados Unidos. Aparentemente, as planícies centrais da América do Norte tinham sido ocupadas por grupos que caçavam animais de grande porte. Passaram a ser conhecidos como o povo de Clóvis.

Nos casos em que artefatos aparecem associados inequivocamente com fósseis, como as pontas de Folsom e Clóvis, sua idade pode ser determinada com a datação do material orgânico por carbono-14. Só em 1964, depois do estabelecimento do método, foi possível determinar com precisão a idade daquelas pontas: eram de 13 mil e 13 500 anos atrás.¹ Os cientistas acreditavam que, pouco antes disso, um grande corredor havia sido oportunamente aberto em meio às imensas geleiras que tomavam conta do território onde hoje está o Canadá. Aquela tinha sido a grande avenida pela qual os grupos de caçadores-coletores vindos da Ásia adentraram o continente, quem sabe no en-

calço de grandes mamíferos. Pelo jeito tinham sido eles os primeiros americanos, e esse modelo de ocupação foi chamado de “Clovis First”.

Desenterradas em centenas de localidades, as pontas de Clóvis viraram objeto de admiração nos Estados Unidos, onde movimentam um mundo paralelo de revistas, excursões, mostras e oficinas de pedra lascada. As peças mais raras podem ser negociadas por dezenas de milhares de dólares. Elas se tornaram um mito fundador da cultura da inovação: a tecnologia das pontas de Clóvis teria sido a primeira invenção americana, propôs o arqueólogo David Meltzer no livro *First Peoples in a New World*, sem tradução para o português.

Havia, contudo, um problema a ser enfrentado pelos defensores desse modelo de ocupação da América. As pontas de Clóvis foram encontradas num intervalo restrito no tempo e no espaço — o Panamá é o ponto mais ao sul em que apareceram. No entanto, em todo o resto do continente, até a Terra do Fogo, há indícios de presença humana quase contemporâneos à cultura Clóvis. Se esse povo chegou mesmo primeiro, foi bem ligeiro para se espalhar pelo território. Além disso, as ferramentas usadas pelos povos do sul pouco se pareciam com as da cultura do norte. O modelo não explicava tal diversidade tecnológi-

¹ O resultado das datações por carbono-14 é um número que precisa ser ajustado para corresponder à idade real do material. As datas mencionadas no texto já aparecem corrigidas.

SCOTT C. GREATSHOWDOWNS.COM

ca, nem a idade de sítios encontrados abaixo do Equador, mas isso não impediu que a teoria de Clóvis prosperasse.

A incredulidade com que alguns arqueólogos reagiram aos achados dos pesquisadores franco-brasileiros no Piauí ecoava uma forte resistência a resultados de escavações anteriores feitas na região. As supostas ferramentas de 22 mil anos da Toca da Tira Peia não eram os primeiros artefatos anteriores a Clóvis que apareciam na Serra da Capivara – nem os mais antigos.

O pivô da controvérsia é a arqueóloga paulista Niède Guidon, uma mulher de pouco mais de 1,50 metro e jeito de poucos amigos. Nascida em Jaú de pai francês e mãe brasileira, ela estudou história natural na Universidade de São Paulo e pré-história na Sorbonne, onde foi aluna de André Leroi-Gourhan e Annette Laming-Emperaire, figuras de proa da arqueologia francesa. Niède fará 81 anos em março. Está estabelecida desde os anos 90 em São Raimundo Nonato, cidade a 505 quilômetros de Teresina. Ela dirige ali a Fundação Museu do Homem Americano, responsável pela gestão do Parque Nacional Serra da Capivara. Mora numa casa construída junto à sede da fundação e trabalha numa varanda climatizada com paredes de vidro.

Numa entrevista em sua casa, Niède contou que soube da existência de um tesouro arqueológico no Piauí quando, em 1963, organizou uma exposição sobre pinturas rupestres no Museu Paulista, onde trabalhava. Foi abordada na ocasião por um visitante que queria falar com o responsável pela mostra. “Ele disse que perto da sua terra também havia umas pinturas de índios e me mostrou umas fotos”, disse a arqueóloga. “Vi que era algo completamente diferente.”

Demorou alguns anos até que Niède pudesse finalmente visitar as pinturas rupestres do Piauí. Nesse interim veio o golpe militar e ela decidiu partir para a França. Tornou-se pesquisadora do CNRS, o centro nacional de pesquisa da França, e mais tarde da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris. De passagem pelo Brasil numa viagem de campo, deu um jeito de visitar o Piauí, fotografou alguns sítios com pinturas e, com isso, conseguiu financiamento para estudar o local, a partir de 1973.

As pinturas pré-históricas são abundantes nos paredões de arenito da Serra da Capivara. Passa de mil o número de sítios com arte rupestre identificados na região. Diferentemente da arte pré-histórica europeia, praticada em cavernas como Altamira, na Espanha, ou Lascaux, na França, as pinturas do Piauí estão expostas ao ar livre. Representam tatus, emas, macacos, lagartos, mas também uma infinidade de figuras humanas, raras na arte rupestre da Europa. Há pessoas caçando, brincando, dançando, lutando, parindo, transando.

Como os pigmentos usados na arte rupestre do Piauí não eram feitos com material orgânico, não podem ter sua idade diretamente determinada. Datações indiretas de lascas de pintura encontradas em sítios arqueológicos indicam que elas se tornaram abundantes por volta de 10 mil anos atrás, mas podem ter surgido bem antes disso – algumas foram datadas na casa dos 20 mil anos. A arte rupestre de Chauvet, a mais antiga de que se tem notícia, tem cerca de 30 mil anos de idade.

Em 1978, Niède Guidon convenceu o governo francês a criar uma missão arqueológica para o estudo da pré-história do Piauí. A França promove, desde os tempos de Napoleão, escavações arqueológicas em vários cantos

do globo. Missões em dezenas de países são financiadas pelo Ministério das Relações Exteriores, que enxerga na arqueologia um instrumento da sua “diplomacia científica”.

Foi na primeira investida da missão que a pesquisadora descobriu o maior – e mais controverso – sítio arqueológico da Serra da Capivara: a Toca do Boqueirão da Pedra Furada, no sopé de um grande paredão de arenito de 70 metros de extensão, com quase 70 metros de altura, inclinado de forma a oferecer abrigo a quem estiver em sua base. O paredão está coberto de pinturas rupestres de fora a fora – mais de mil figuras individuais foram catalogadas. Eram um bom indicio de que o lugar havia sido muito visitado por grupos humanos no passado. Quando as escavações tiveram início, Niède encontrou pedras que pareciam ter sido lascadas por humanos e carvões que pareciam provenientes de fogueiras intencionais. “Eram fogueiras estruturadas, eles colocavam pedras e dentro delas faziam o fogo”, descreveu.

No fim de uma temporada de escavação, Niède mandou carvões para que fossem datados por um laboratório francês. Não acreditou quando recebeu os resultados pelo correio: a amostra tinha 26 mil anos. Ligou imediatamente para a França com a intenção de passar um pito na pesquisadora responsável: “Vocês misturaram minhas amostras. Na América não tem nada dessa idade!” Do outro lado da linha, veio a resposta: “Pois retorne e amplie sua escavação, porque é carvão seu.” Niède voltou a campo e constatou que a coleção tinha razão. O mundo ficou conhecendo o Boqueirão da Pedra Furada em 1986, por um artigo da revista *Nature* em que se sustentava que os humanos já estavam no Piauí há 32 mil anos.

Da passarela de madeira instalada para os turistas que vêm conhecer as pinturas rupestres, é possível ver o imenso volume escavado pelos pesquisadores no Boqueirão da Pedra Furada. Pelas contas de Niède, “são 60 metros por uns 15 de largura e 8 de profundidade”. O sítio foi escavado por dez anos, de 1978 a 1987. No final, o trabalho foi conduzido pelo italiano Fabio Parenti, aluno de doutorado de Niède na Sorbonne.

O objetivo de Parenti era provar que os artefatos não podiam ter sido produzidos pela ação da natureza. Seixos de quartzo – a matéria-prima das ferramentas – ocorrem naturalmente no topo da falésia que domina o boqueirão. Para os críticos, os gumes que lhes conferiam aspecto de artefatos não passavam de efeito fortuito produzido pela queda. Para descartar essa hipótese, o italiano fez uma análise de 2 mil seixos coletados na base da encosta e constatou que tinham um padrão diferente daquele verificado no material escavado no sítio arqueológico. Para ele, estes eram artefatos indiscutíveis.

Ao final das escavações, Parenti havia catalogado quase 600 objetos que teriam sido criados pela ação humana em épocas anteriores à cultura Clóvis. A sequên-

cia de datações do sítio, feita com restos de carvão, vai até o limite que pode ser medido por carbono-14, cerca de 50 mil anos atrás. Outras datações, além do horizonte possível de testar com esse método, fizeram Niède defender uma ocupação ainda mais antiga.

Caso os cientistas trabalhando no Piauí estivessem certos, havia humanos no Nordeste do Brasil dezenas de milhares de anos antes de os caçadores de grandes mamíferos se espalharem pela América do Norte. Nesse caso, a data de chegada dos primeiros americanos defendida pelo consenso da ciência arqueológica sofreria um profundo revés, e um modelo radicalmente diferente de povoamento das Américas teria que ser formulado. Niède sustenta a hipótese de uma ocupação vinda da África, pelo Atlântico Sul, aproveitando o mar mais baixo e uma corrente favorável. “Eles chegaram na altura do delta do Parnaíba”, afirmou. Por enquanto, poucos colegas dão crédito à hipótese.

Se a tese dos 50 mil anos é contestada por quase toda a comunidade arqueológica, o mesmo não é verdade para correntes que defendem uma presença humana nas Américas anterior a Clóvis. Evidências disso vinham surgindo desde o século XIX, mas sua frequência aumentou nos anos 1970.

No final daquela década, o norte-americano Tom Dillehay era professor da Universidade Austral de Chile, em Valdivia, quando chegaram às suas mãos um osso de mastodonte, artefatos de pedra e outros objetos. O material havia sido achado por lenhadores nas imediações de um riacho na região de Monte Verde, no sul do Chile, a 800 quilômetros de Santiago. Quando iniciou as escavações no local, Dillehay se deparou com um sítio arqueológico com uma gama impressionante de restos preservados. Havia artefatos de madeira, pedra, osso e marfim, restos orgânicos de frutas, raízes, sementes e algas marinhas, tufo de pelo, fezes fossilizadas e três pegadas com 13 centímetros de comprimento. Uma camada de turfa – matéria vegetal parcialmente decomposta – formada sobre o depósito isolou o material orgânico do oxigênio e poupou-o da degradação por bactérias.

Tamanha diversidade de materiais parecia ter sido reunida pela ação humana. Algumas das espécies vegetais encontradas só ocorriam a dezenas de quilômetros dali. Muitas das plantas identificadas ainda são usadas por índios locais como alimento ou remédio. Na interpretação de Dillehay, o lugar era provavelmente um acampamento de povos pré-históricos abandonado às pressas devido a uma enchente. A datação por carbono-14 mostrou que o material tinha em torno de 14 600 anos de idade.

Como não eram compatíveis com o modelo de Clóvis, os resultados do estudo, sintetizados num volume publicado em 1989, foram recebidos com ceticismo. Foi preciso aguardar quase uma década até que eles fossem aceitos de forma

mais ampla pela comunidade. O convencimento só veio em 1997, depois que o sítio foi inspecionado *in loco* – como nos tempos de Folsom – por uma comissão de doze arqueólogos que incluía antigos críticos do trabalho de Dillehay. Todos concordaram que o material atestava de forma inequívoca a presença humana em Monte Verde mais de 14 mil anos atrás. Quando noticiou o consenso inédito, anunciado numa coletiva para a imprensa, o *New York Times* afirmou que era uma experiência libertadora para a arqueologia, similar à quebra da barreira do som para a aviação.

Para um achado arqueológico ser aceito sem controvérsia, alguns pré-requisitos precisam ser preenchidos. É necessário ter sido achado num sítio com boas condições de preservação, sem sinais de perturbação causada pela ação humana ou processos naturais. Deve também ter uma datação confiável, que mostre a sucessão de camadas superpostas, da mais recente à mais antiga. Nada disso era muito problemático no Boqueirão da Pedra Furada. Os resultados não passaram, porém, num terceiro teste essencial para sua aceitação: os vestígios precisam ter sido indiscutivelmente produzidos pela ação humana. As ferramentas do Piauí estavam longe de ser aceitas como tal pelos pares de Niède Guidon e Fabio Parenti.

Alegações extraordinárias requerem provas extraordinárias, reza um dito popular entre os cientistas. Por isso, arqueólogos que afirmavam ter indícios da presença humana nas Américas muito antiga sempre foram sistematicamente desacreditados. Numa reportagem de 1990, a revista *Science* chamou de “polícia de Clóvis” os pesquisadores que defendiam o *status quo* sobre o povoamento do continente e refutavam em bloco os resultados que o contestassem.

No caso das disciplinas experimentais, um pesquisador que duvidar da alegação de um colega terá sempre a possibilidade de refazer o experimento em seu laboratório. Na arqueologia, porém, a replicação dos resultados é uma impossibilidade. As tabelas, fotos e desenhos dos artigos científicos nem sempre bastam para convencer os mais céticos, e em alguns casos a aceitação só vem depois que os colegas visitam o sítio contestado. Se eminentes arqueólogos não tivessem visto com os próprios olhos a ponta de lança encontrada entre as costelas do bisão em Folsom, talvez o achado fosse recebido com o mesmo ceticismo que agora se abatia sobre os defensores do novo modelo de ocupação do continente.

Foi com esse espírito que Niède Guidon organizou em 1993 um simpósio sobre o povoamento das Américas em São Raimundo Nonato e convidou colegas norte-americanos para conhecerem o Boqueirão da Pedra Furada. Dentre aqueles que aceitaram o convite estavam Tom Dillehay, David Meltzer e James Adovasio. Este último também tinha explorado

um sítio pré-Clóvis – Meadowcroft, no nordeste dos Estados Unidos, com vestígios humanos de até 20 mil anos –, contestado por colegas. A visita ao sítio e o exame dos artefatos não bastou para convencê-los. A inspeção foi relatada num artigo publicado na revista *Antiquity*, no qual duvidaram da origem antrópica dos carvões e afirmaram que não podiam aceitar a alegação de que os seixos lascados da Pedra Furada fossem artefatos.

Fabio Parenti assumiu um tom desgostoso quando comentou a visita numa conversa recente. Ele se decepcionou com o juízo ligeiro que colegas tarimbados emitiram sobre um trabalho de anos. “Eles foram superficiais”, disse, falando de Roma pelo Skype. “Não se pode julgar uma situação tão complicada com quatro ou cinco horas de observação.”

Niède Guidon, por sua vez, publicou na época uma réplica ao artigo de Meltzer, Adovasio e Dillehay, na qual taxou as críticas de falsas ou levinas. Mas nunca perdeu o sono por causa da reprovação dos colegas norte-americanos. Ela costuma dizer que sua prioridade não era desvendar quando o continente foi ocupado. “Vim ao Piauí por causa das pinturas rupestres. Não estava atrás do que é mais antigo.”

Quem procurá-la para se inteirar da história do povoamento das Américas concluirá que não há controvérsia; há apenas pesquisadores que teimam em não aceitar as evidências. Na sua leitura, mais do que um debate de interpretações, o que está em jogo é um choque entre a escola francesa de arqueologia, mais aberta a novas ideias, e a americana, incapaz de largar o osso de Clóvis – um modelo teórico que, para ela, sequer deveria ter sido levado a sério. Mais do que convencer os colegas do norte, a arqueóloga paulista está preocupada em consolidar o legado que vem construindo no sertão do Piauí nas últimas décadas.

Desde que se aposentou, Niède não é mais a coordenadora da missão arqueológica franco-brasileira no Piauí. Para assumir a condução dos trabalhos, ela convidou Eric Boëda, pesquisador do CNRS e professor da Universidade Paris X. Boëda organizou e escreveu livros sobre pedras lascadas. O último deles, lançado em setembro, é um tratado sobre a tecnologia dos objetos líticos cortantes na pré-história.

Boëda já dirigiu escavações na Europa, África e Ásia. Trabalhou na Síria por mais de vinte anos. No sítio de Umm el Tlel, numa estepe nas imediações do Eufrates, sua equipe fez uma escavação de 22 metros de profundidade, testemunha de mais de 1 milhão de anos de atividades do *Homo sapiens* e de seus ancestrais. Nas escavações de que toma parte na China, desde 1997, investiga as ferramentas usadas pelos primeiros humanos que povoaram o leste da Ásia. Notou que as matérias-primas e soluções técnicas eram muito diferentes das adotadas na África na mesma época.

Assim que foi apresentado às pedras lascadas do Piauí, o francês percebeu que não tinham qualquer semelhança com aquelas encontradas no resto das Américas. Por outro lado, guardavam parentesco com o tipo de tecnologia que ele tinha visto no leste da Ásia. Para ele, só quem desconhece as ferramentas de outros cantos do globo é capaz de contestar o caráter antrópico dos seixos lascados da Serra da Capivara. “Se as pedras que eu tinha na China eram humanas, não podia dizer que as do Piauí não eram.”

Aos 59 anos, Boëda é um homem baixo de longos cabelos pretos anelados e barba branca cheia. Falando de Paris pelo Skype, ele disse que, assim como no Piauí, as ferramentas encontradas na China eram feitas de seixos apenas parcialmente trabalhados. A produção do artefato começava já na seleção. “Você escolhe o seixo que tem a forma, o volume e a superfície ideais para fazer sua ferramenta, e depois talha apenas a parte que será a zona ativa”, explicou. “É como fazer uma escultura num bloco onde já houvesse a cabeça e as orelhas: seria preciso esculpir só o rosto.” Na pré-história da China, como na do Piauí, os seixos talhados desse jeito são a norma. Nesse aspecto, diferem das ferramentas feitas pelo povo de Clóvis e outras culturas: quando estes escolhiam uma pedra para fabricar um artefato, usavam como matéria-prima os subpro-

duto do lascamento – as sobras, que em seguida eram trabalhadas.

Boëda acredita que muitos colegas se recusam a aceitar a origem humana desses artefatos por não conhecê-los. Para os críticos, as ferramentas são aquilo que o francês chama de “objetos sem memória”, ou seja, que não fazem parte do repertório conceitual de quem os vê e nem evocam qualquer associação. “Se você só funcionar por analogia, dirá que não são humanos, pois não se parecem com nada que já tenha visto.” Boëda, que também tem formação em medicina, comparou a negação do caráter antrópico dos artefatos à situação de um médico que não sabe fazer um diagnóstico. “Se você não conhece a doença, vai dizer o quê? Que o cara não está doente? É exatamente isso que está acontecendo.”

AToca da Tira Peia, sítio analisado no último artigo da equipe franco-brasileira, foi batizada em homenagem a uma cobra encontrada durante a escavação – tira-peia é como a população local chama uma espécie de jararaca. Para chegar até lá, é preciso percorrer cerca de 10 quilômetros numa estrada de terra com trechos precários que sai do município de Coronel José Dias. Diferentemente de outros sítios da região, Tira Peia não fica no perímetro do Parque da Serra da Capivara.

O MAM fica no parque Ibirapuera e na internet também, visite nosso site.

mam.org.br

Use o leitor de QR Code do seu celular para acessar o site.

SCOTT C. GREATSHOWDOWNS.COM

A caminho do sítio, a geógrafa Gisele Daltrini Felice explicou que a região da Serra da Capivara fica no contato de duas estruturas geológicas distintas. A Toca da Tira Peia está localizada num maciço calcário, ambiente totalmente diferente das rochas areníticas do interior do parque. A Toca da Tira Peia também fica na base de um paredão rochoso, mas a falésia não é coberta pelos seixos abundantes no topo do Boqueirão da Pedra Furada. "Estamos a 15 quilômetros de distância em linha reta do lugar onde eles ocorrem naturalmente", disse Gisele. "Mas os críticos continuam dizendo levianamente que o material caiu lá do alto."

Gisele nasceu em Bragança Paulista, estudou geografia no Rio Grande do Sul e se apaixonou pela diversidade ambiental da Serra da Capivara quando conheceu a região nos anos 80. Mudou-se para o Piauí em 1995 e desde 1999 mora em São Raimundo Nonato, onde é professora da Universidade Federal do Vale do São Francisco. No mestrado, sob orientação de Niède Guidon, ela investigou a hipótese de os carvões encontrados no Boqueirão da Pedra Furada serem provenientes de incêndios naturais. Se fosse o caso, explicou ela, os carvões deveriam ser encontrados por uma grande extensão. Para verificar essa hipótese, Gisele abriu várias trincheiras na região do sítio, fora das áreas escavadas. Não achou sinais de incêndio.

Achou, por outro lado, carvões de origem humana que revelaram outro sítio, algumas dezenas de metros à frente do paredão rochoso, a céu aberto – o Vale da Pedra Furada. As escavações feitas ali renderam centenas de artefatos em camadas com idade de quase 25 mil anos – os resultados serão apresentados num artigo a ser publicado na revista *Antiquity*. Assim como a Toca da Tira Peia, com 22 mil anos, o Vale da Pedra Furada é mais um novo

sítio com indícios de ocupação anterior a Clóvis no Piauí. Nenhum deles, no entanto, confirmou até agora as datações mais antigas do Boqueirão da Pedra Furada.

De pé diante do buraco escavado na Toca da Tira Peia, vestindo um colete azul em que estava escrito ARQUEOLOGIA, Gisele disse que quem trabalha ali não tem a menor dúvida da antiguidade daqueles sítios. "A ocupação de 20 mil anos é muito tranquila", disse ela. "Queira ou não queira, Clóvis não é a cultura mais antiga nem a referência para a ocupação da América."

A descoberta de restos humanos com material orgânico datável poderia por fim à controvérsia sobre a antiguidade da presença humana no Piauí. No entanto, a acidez do solo arenítico, onde está a maioria dos sítios arqueológicos da Serra da Capivara, é imprópria à preservação dos fósseis. São raros os esqueletos humanos antigos encontrados na região. Um deles, batizado de Zuzu, selou a conciliação de Niède Guidon com um antigo crítico de seu trabalho, o bioantropólogo Walter Neves, da USP.

Neves é conhecido pela descrição de Luzia, um esqueleto humano bem preservado de 11 mil anos escavado nos anos 70 em Lagoa Santa, Minas Gerais, por Annette Laming-Emperaire, madrinha acadêmica de Niède. O pesquisador da USP mostrou que traços do esqueleto lembravam mais os das populações da África e da Oceania que os das populações do leste da Ásia, aparentados com os índios atuais. Neves propôs um modelo de duas ocupações separadas do continente por populações geneticamente distintas, ambas passando pela Beringia. Os primeiros seriam o povo de Luzia, que não deixaram descendentes. Os ancestrais de Clóvis e dos índios de hoje teriam vindo na segunda leva.

Falando por telefone de seu gabinete, em São Paulo, Neves contou que era incrédulo quanto à antiguidade do Boqueirão da Pedra Furada. Mudou de ideia quando conheceu os sítios e o material escavado na Serra da Capivara, a convite de Niède Guidon. "Me surpreendi muito com o que vi", admitiu. "Saí de lá 99% convencido de que se poderia mesmo ter uma datação muito antiga ali." Neves foi ao Piauí estudar Zuzu com o bioantropólogo Mark Hubbe, que tinha sido seu aluno de doutorado. Mostraram que é o mais velho esqueleto encontrado na região, com 11 mil anos. A análise reforçou a hipótese de Neves. "Os poucos esqueletos encontrados lá têm a mesma morfologia do povo de Luzia", disse.

O número de sítios com idade alegada anterior a Clóvis se conta às centenas. Na América do Sul, a lista inclui Taima Taima, na Venezuela, a Cueva Pikimachay, no Peru, o Cerro Tres Tetes, na Argentina, ou Santa Elina, no Mato Grosso, com artefatos datados em 25 mil anos. A maioria desses sítios continua contestada por boa parte da comunidade. Monte Verde ainda é o único sítio anterior a Clóvis amplamente aceito. Uma sondagem de 2012 com estudiosos do povoamento das Américas mostrou que só 10% deles contestam sua antiguidade. O consenso vale apenas para a data de 14 600 anos. Noutra área do sítio chileno, foram encontradas pedras lascadas e restos de fogueira com quase 40 mil anos de idade. Cioso da dificuldade para convencer os colegas de muito menos que isso, Tom Dillehay não se esforça para fazê-los aceitar essa data quase embaraçosa.

Se a questão da primazia de Clóvis parece superada, ainda falta encontrar um modelo para a ocupação do continente que se acomode aos novos fatos. O sítio reconhecido como o mais antigo das Américas agora fica no sul do continente, a 13 mil quilômetros do suposto ponto de entrada dos primeiros americanos. Para estar em Monte Verde há 14 mil anos entrando pela Beringia, os humanos precisariam ter chegado alguns milênios antes – já se falou em 16 mil ou 20 mil anos. Caso a presença humana no Piauí há mais de 20 mil anos seja amplamente aceita, será preciso recuar bem mais o momento da chegada.

Antoine Lourdeau, o professor francês de arqueologia da UFPE, torce para que a questão seja resolvida logo. Para ele, a fixação de muitos coágulos com a data do povoamento acaba por desviá-los das questões que realmente interessam. "O grande lance é tentar entender quem estava aqui, como viviam, como se deslocavam e qual era a relação desses povos com as sociedades que vieram depois", disse.

Em outubro último, estudiosos da ocupação das Américas se reuniram em Santa Fé, a capital do Novo México, a poucas centenas de quilômetros dos sítios históricos de Clóvis e Folsom. A conferência Odisseia Paleoamericana

foi realizada no centro municipal de convenções, um prédio baixo de adobe, como a maior parte do centro histórico da cidade. Durante três dias, o evento reuniu centenas de pesquisadores e estudantes, mas também arqueólogos amadores e amantes da pré-história (de chapéu e colete, alguns pareciam prontos a sair dali para uma escavação). Além das palestras, realizadas num auditório de pé-direito alto, o evento abrigou uma exposição de pontas de lança, lâminas e outros artefatos arqueológicos.

Em 1999, realizara-se no mesmo local outra grande conferência sobre o povoamento do continente. A antiguidade de Monte Verde havia sido reconhecida dois anos antes, mas o evento – intitulado "Clóvis e o que virá depois" – ainda foi realizado sob o signo do modelo teórico que prevalecera nas décadas anteriores. No intervalo de tempo que separa as duas conferências, contribuições importantes foram feitas ao entendimento do povoamento das Américas. Os arqueólogos sabem hoje mais do que sabiam há catorze anos. No entanto, têm menos convicção sobre como a ocupação de fato ocorreu. Numa conversa de corredor durante a conferência, o paulistano Mark Hubbe, que hoje é professor da Universidade Estadual de Ohio, disse que são quatro as questões centrais para entender a ocupação do continente: quem eram os primeiros povos a viver aqui, de onde vieram, quando chegaram e como viviam. "Já gastamos milhões em pesquisa e ainda não sabemos responder a nenhuma delas", disse.

Um dos organizadores da conferência de Santa Fé foi o geocientista Michael Waters, professor da Universidade do Texas A&M e diretor do Centro para o Estudo dos Primeiros Americanos. Recentemente, Waters liderou um grupo que encontrou uma ponta de projétil incrustada na costela de um mastodonte morto no estado de Washington há quase 14 mil anos, antes que o povo de Clóvis se espalhasse pela América do Norte. Waters é um homem alto que fala com forte sotaque texano. Numa entrevista no final do primeiro dia de conferência, disse que esta é uma época formidável para estudar a origem dos americanos. "Agora está tudo em aberto. Estamos livres do modelo Clovis First e podemos explorar novas ideias. Estamos vendo o fim de um paradigma."

Waters usava um termo consagrado por Thomas Kuhn em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, um livro influente de filosofia da ciência lançado em 1962. Nos termos propostos por Kuhn, estamos vivendo o momento em que o conjunto de pressupostos compartilhados pelos cientistas de uma disciplina – um paradigma – não dá mais conta de explicar o número cada vez maior de resultados discrepantes. "Um novo modelo tem que emergir", continuou Waters.

O norte-americano estava impressionado com a palestra que vira havia pouco do paleogeneticista Eske Willerslev, da Universidade de Copenhague. O di-

namarquês antecipou um resultado que publicaria no mês seguinte na *Nature*: a análise do genoma de um menino que viveu na Sibéria há 24 mil anos – o mais antigo DNA humano já sequenciado. O menino tinha parentesco genético com índios americanos atuais, mas também com povos da Europa. Isso indica que as populações nativas da América não são só descendentes de povos vindos do leste da Ásia, como os dados genéticos indicavam até então, mas também de outro grupo que saiu da Europa.

Waters aposta que o paradigma que substituirá Clóvis terá contribuições importantes da biologia molecular. “Uma hora as evidências genéticas e as evidências arqueológicas que tiramos da terra vão convergir, e quando isso acontecer teremos uma nova história.” Na avaliação do americano, o roteiro dessa história não parece passar pela Serra da Capivara. Quando lhe perguntei se ele estava a par dos resultados da equipe franco-brasileira, ele respondeu que conhecia o material da Pedra Furada. “Os seixos parecem ter se lascado naturalmente e não têm a aparência de artefatos feitos por humanos. O sítio foi bem escavado, mas não acho que vá resistir ao escrutínio científico.”

Na exposição de objetos arqueológicos realizada em paralelo à conferência, as pontas de Clóvis eram os itens com maior destaque. Algumas vinham apresentadas sobre leito de feltro ou veludo. Emoldurada numa vitrine, estava uma peça escura de obsidiana com 25 centímetros de comprimento. Havia sido escavada no estado de Washington e era apresentada como a maior ponta acanalada já encontrada.

Estavam expostos também quinze artefatos de quartzo encontrados recentemente no Vale da Pedra Furada, em camadas com até 23 mil anos de idade. Tinham sido trazidas por Eric Boëda, convidado pela organização para fazer uma palestra. O francês circulou na sala de exposição durante a conferência, pronto a atender a dúvidas dos visitantes. Estava pouco à vontade naquele ambiente. Parecia-lhe que os artefatos em exposição estavam sendo julgados apenas por seu valor estético. “Isso aqui está com cara de concurso de beleza”, praguejou.

Os seixos da Pedra Furada de fato chamavam menos a atenção dos visitantes do que as abundantes pontas de projéteis. Talvez porque a forma não evocasse imediatamente a função. Como legítimos objetos sem memória, alguns artefatos trazidos por Boëda dificilmente seriam reconhecidos como ferramenta por um olho destreinado. Nos artefatos muito antigos, observou o francês, se prestarmos atenção nas lâminas, conseguiremos enxergar facas, garfos, colheres e outros objetos. Perguntei se ele identificava uma ferramenta só de bater o olho. “É como se visse uma caneta num prato de macarrão”, respondeu, olhando-me por cima dos óculos de armação oval. “Você reconhece imediatamente.”

A palestra de Boëda foi incluída numa sessão de “arqueologia pré-Clóvis”, que reuniu outros resultados controversos. Nela, apresentou resultados da retomada da missão franco-brasileira no Piauí. Evitou considerações de geopolítica científica e se ateve aos detalhes técnicos, mostrando os critérios usados para classificar os objetos escavados e determinar se eram ou não de origem humana. Falou num inglês com sotaque muito carregado, pelo qual se desculpou ao final.

A língua não era a única adversidade. Boëda enfrentava também o estigma do Boqueirão da Pedra Furada, o famigerado sítio dos artefatos de 50 mil anos, que joga um manto de dúvida sobre qualquer outra alegação que venha dali. Segundo ouvi de um participante da conferência, quando algum pesquisador vinha apresentar trabalhos feitos na Serra da Capivara, era recebido com ceticismo, independentemente do que dissesse. “A reação era a mesma: ‘Lá vêm aqueles malucos do Piauí de novo.’” O caráter isolado das descobertas também incomodava os críticos: se havia ocupação humana há tanto tempo no Nordeste brasileiro, por que os achados arqueológicos estão concentrados naquela região?

Quando assumiu a direção da equipe franco-brasileira, Boëda tentou guarnecer os flancos pelos quais poderia ser atacado. Privilegiou a pesquisa em novos sítios, como a Toca da Tira Peia e o Vale da Pedra Furada – já são sete sítios com ocupação antiga no Piauí, pelo seu cálculo. O grupo voltou a publicar em inglês, em revistas lidas pelos arqueólogos norte-americanos. Boëda também cuidou de recrutar aliados estratégicos para montar uma equipe interdisciplinar. De Barcelona, trouxe Ignacio Clemente Conte, especialista na análise dos vestígios microscópicos deixados nas pedras lascadas. Sua análise confirmou que alguns artefatos foram usados para cortar carne e couro, trabalhar madeira, osso e outros materiais.

Enquanto tomava chope e comia hambúrguer ao final de um dia de congresso, Boëda contou que recrutou também o geólogo chileno Mario Pino, que havia trabalhado nas escavações de Monte Verde, para analisar a sedimentação dos novos sítios no Piauí. “Pino convenceu Tom Dillehay de que o material de fato tem origem humana”, contou.

Na manhã seguinte, Dillehay admitiu, num tom mais ponderado, que havia mudado de atitude em relação ao material do Piauí. “Olhando de novo para os sítios de Niède Guidon e do Eric, estou ficando mais convencido de que havia pessoas ali há 20 ou 25 mil anos”, disse ele. “A acumulação de dados através do tempo é bastante consistente.” Mas o americano ainda tem reticências com outros objetos de origem supostamente antrópica encontrados nas escavações. “Mais que os líticos, que são um foco importante da equipe franco-brasileira, o que me preocupa é a falta de detalhes sobre outras assinaturas da atividade humana, como fogueiras ou arranjos de

GRANDES EMBATES DO CINEMA VII

pedras. Já disse isso a Eric e seus colegas.” Como não há restos de pinturas rupestres no material arqueológico escavado pelo grupo, elas não servem para atestar a presença humana antiga naqueles sítios.

Dillehay é professor da Universidade Vanderbilt, no Tennessee. Alto e de bigode ralo, num faroeste ele faria o papel do caubói insolente. Em Santa Fé, apresentou resultados das escavações que vem fazendo no sítio de Huaca Prieta, no litoral norte do Peru. Ali, encontrou ferramentas que chamam a atenção pela simplicidade da técnica de transformação – Dillehay assinalou a semelhança com os artefatos encontrados em Monte Verde, no Piauí e no Mato Grosso. As datações apontam a presença humana em Huaca Prieta por volta de 14 mil anos atrás.

Onorte-americano Stuart Fiedel, general da brigada de Clóvis que havia criticado os resultados do grupo franco-brasileiro na reportagem da *Science News*, foi o último a falar no segundo dia da Odisseia Paleoamericana. Fiedel tem barba grisalha e calvície em progresso, e trabalha como arqueólogo numa empresa de consultoria ambiental. Está entre os 10% que rejeitam Monte Verde. Um colega o definiu como “um conservador puro – talvez o último –, que descarta completamente a possibilidade de Clóvis não corresponder ao primeiro povoamento americano”.

Fiedel criticou o que julga serem indícios precários de uma ocupação anterior a Clóvis, como fezes fossilizadas e pegadas de origem duvidosa. Notou que era o mesmo tipo de provas apresentadas por quem queria demonstrar a existência do mítico Pé Grande. Contestou detalhadamente as pegadas de Monte Verde. As marcas encontradas, segundo ele, só poderiam ter sido feitas por uma criança de

1 ano, mas não têm características compatíveis com pés dessa idade. Fiedel concluiu sua fala refutando veementemente essas evidências. Alguém da plateia gritou *Yeah!*, dando ao encontro de cientistas certo ar de arena esportiva.

Ao final da apresentação, perguntei a Fiedel se os resultados recentes nos novos sítios do Piauí não lhe pareciam mais robustos que os do passado. Ele retomou o argumento que já havia apresentado antes: “Os objetos podem ter sido feitos por macacos-prego que fazem ferramentas de pedra e vivem exatamente naquela área”, disse. Ao fim da entrevista, uma mulher que havia ficado até o final entregou-lhe um par de sapatos de bebê e pediu-lhe que autografasse a sola.

Na visão de Thomas Kuhn, um novo paradigma se impõe gradualmente à medida que vai sendo adotado por cada vez mais cientistas de um campo. Mas o paradigma anterior mantém uma minoria residual de adeptos e não chega a desaparecer totalmente. Em última instância, constatou Kuhn, um paradigma só é superado de vez quando morre o último de seus praticantes.

Encerrando a fala em Santa Fé, Tom Dillehay, o descobridor de Monte Verde e algoz de Clóvis, pediu licença para uma digressão. Defendeu a descolonização do conhecimento científico e recomendou que seus colegas abrissem a cabeça para novas possibilidades. Cobrou dos críticos que dessem lastro às suas observações e projetou na tela a declaração que o colega Stuart Fiedel dera sobre o estudo franco-brasileiro. “Que tipo de macaco produz um sítio arqueológico?”, questionou. “Espero que os jovens estudiosos do povoamento antigo não precisem ouvir o mesmo tipo de bobajada. Eu saúdo a nova geração de pesquisadores.”

O ÚLTIMO
DIA DE...Adriano da
Fonseca Pereira
Ajudante de sapateiro,
atropelado e morto
em São Paulo

DADOS SOMBRIOS

Todos os dias,
20 pessoas
são atropeladas
na maior
cidade do País

DADOS CAPENGAS

Os mortos chegam
a 670 por ano, mas
só entram na conta
os que perecem no
local do acidente

DADOS VERTIGINOSOS

Num impacto a
32 km/h, a chance
de o pedestre
morrer é de 5%.
A 64 km/h, 85%

Crônica de uma morte à toa

Para perder a vida no trânsito, você só precisa andar na linha

JOSE PATRICIO/ALF

A VÍTIMA
Adriano
com padrastrô
e a avó

O LOCAL

A faixa e o
farol vermelho
não ajudaramA TESTEMUNHA
Cunha seguiu
o atropelador
em fuga

JF DIBRIGIA/VE

O AUTOR
Melgar
não prestou
socorro

MARCIO VENICIO/OLYMPUS SP

Christian Carvalho Cruz

No dia em que se tornaria estatística de trânsito, Adriano da Fonseca Pereira, de 20 anos, acordou mais agitado que de costume, às 6 e meia da manhã. Se sonhou, não comentou. Sentado à pequena mesa redonda da sala, de costas para a máquina de costura da mãe e de cara para a parede, engolia o pãozinho com manteiga de todos os dias e tomou chá com açúcar. Nunca gostou de café. Sua figura alta e esguia encheia o "ovo", minúsculo e malventilado apartamento do Conjunto Habitacional Hala do Carrão, ex-favela, ex-Projeto Cingapura, periferia da zona leste paulistana.

Em menos de dez horas Adriano estará morto, jogado no asfalto, o tronco voltado para o meio-fio, as pernas finas retorcidas para trás e os olhos abertos, vítima de mais um atropelamento em São Paulo. Em 2008, informam os gráficos. Irios da Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), foram 7.602, mais de 20 por dia, quase 30% de todos os acidentes de trânsito registrados na cidade. As tabelas também marcam 670 pedestres mortos no período (2 por dia), mas o número pode ser maior. A CET conta apenas os que perecem no local, como Adriano, não os que se vão mais tarde, no hospital.

Já vestido com a mesma camisa verde-clara com a qual encontraria o fim, naquela manhã de sábado, 29 de agosto, Adriano só pensava em estreitar seu novo xodó: uma Kodak C1013E, 10 megapixel, recém-comprada no comércio Casas Bahia; nove parcelas de R\$ 97, incluindo o seguro de vida que encerra o débito automaticamente se o cliente morrer. Algo que ele certamente pagou pensando em já mais precisar, mas não teve chance de combinar isso com o produtor de eventos Fábio Melgar, de 29 anos. As 4h20 da madrugada do sábado para domingo, ao volante de um BMW 330i preta que roncava seu motor de 231 cavalos em altíssima velocidade segundo teste munhas,

Melgar ignorou o farol vermelho e surpreendeu Adriano numa faixa de pedestres da Avenida Itaquera, zona leste paulistana. Fugiu sem prestar socorro, sem querer saber o destino da camisa verde-clara que lhe espatifara o para-brisa antes de tombá-lo no asfalto, sem desconfiar que uma testemunha ocular do atropelamento o seguiria e entregaria seu paradeiro à polícia. Melgar vinha de uma festa de formatura.

Também, uma festa, mais à noite, no apartamento de um vizinho, onde poderia fotografar a valer, era outro motivo da agitação matinal de Adriano. Queria ir com a camisetinha de São Paulo, mas a mãe avisou que estava lavando e não sequearia a tempo. Ele não esboçou decepção. Tinha pressa de ir treinar cliques e enquadramentos com a câmera nova na sapataria do padrastrô, Luiz Carlos Rosa, onde trabalhava, como ajudante e recebia R\$ 50 em semanário. Tão logo esvaziou o copo de chá levantou e saiu, sinalizando que ia ajetar as coisas na sapataria, duas quadras acima.

"Ele estava tão feliz, meu Deus do céu", chora a mãe, Luzia da Fonseca, uma costureira e manicure sergipana de 57 anos, rosto vincado, que divide os seis filhos (de dois pais diferentes) pela cor: "Meus três brancos" e "Meus três pretos". Adriano, o caçula, além de "meu pretinho" era "meu mulatinho". Ficou surdo e mudo depois de pegar meningite aos 3 anos, suspeita Luzia. As 2h30

Amaro-Albaia, Cunha achou melhor ir dormir. Eram 4h20. Na Avenida Itaquera, cuminho de casa, assustou-se quando um vulco cinza lhe cortou pela direita, furando o farol vermelho. O BMW de Melgar ensaiava para, no semáforo fechado seguinte, fazer três destinos se cruzarem tragicamente. "De longe vi um suco de latinhas de alumínio subindo e se espalhando pelo chão. Ele estava fácil fácil a uns 150 km/h", descreve o taxista. "Não leve grilo, só um tranco e barulho de metal rolando", relata Egídio Dantas, que acabara de fechar o seu Bar e Lanchonete Irmãos Dantas, na frente do local do atropelamento. A família de Adriano não consegue entender o que ele fazia ali, distante 15 km de casa e ain-

da por cima recolhendo latas. "Meu nudinho era pobre mas muito luxuoso", diz Luzia. "Não era dele pegar fixo."

Se Melgar vinha mesmo a 150 km/h, coisa que a perícia oficial deve responder em 30 dias, Adriano não teve a mínima chance. A Curva de Ashton, um gráfico adotado mundialmente pelos departamentos e estúdios do trânsito, mostra que em um atropelamento a 32 km/h a probabilidade de o pedestre morrer é de 5%. No dobro da velocidade, 64 km/h (ou seja, menos da metade dos 150 km/h em questão), o índice de morte vai a 85%. Adriano, portanto, tampouco teve tempo de pensar em seu primeiro atropelamento, aos 7 anos, quando jogava bola na rua, perto demais de uma curva fechada. Nada sério, arranhões furdaceas, mas o motorista gente fina o levou ao hospital, comprou os remédios, o trouxe para casa e ainda voltou na semana seguinte para ver se estava tudo beleza.

Melgar, ao contrário, tentou escapulir. E talvez tivesse conseguido não fosse o taxista Cunha, um ex-guarda civil metropolitano que desde menino sonhava ser policial civil. "Presentei concurso pra carcereiro, agente, tudo, mas nunca passei." Ao ver Melgar "ovadir-se" para usar suas palavras de biter frustrado – "empreendi uma persecução" até vê-lo estacionar o BMW em frente de casa, no Jardim Brasília, de novo na zona leste, Cunha memorizou a placa, "dado-golfe-bravo-vinte-e-cinco-cinco-cinco", e chamou a polícia de verdade. "Me tratam como herói e não sei o quê", reclama. "Mas não tem culpa de herói não, cara! Fiz o que fiz para poder continuar vivo, não sem ter o que me envergo-

Candidato para o cargo de

DOMINGO, 30 DE AGOSTO

Livre por
R\$ 1.200

... O empresário Fábio Melgar, que dirigia um BMW, furou o farol vermelho em importante avenida da zona leste de São Paulo, atropelou e matou o jovem Adriano da Fonseca. O motorista não prestou socorro à vítima e foi liberado após pagar fiança.

nhar perante meus três filhos. Prefiro que me chamem de cidadão, falou?," dispara o taxista caraca, cara de bravo, sem tirar os óculos escuros de Kojak. A cidadania de Cunha possibilitou que Melgar fosse preso em flagrante em meio a um três-

O MOTORISTA FUGIU
SEM SABER O DESTINO
DO CORPO QUE LHE
ESTILHAÇARA O VIDRO

meio matinal. Ele agrediu um policial militar com uma cabeça e também com "palavras de menisco", segundo a peculiar linguagem dos boletins de ocorrência: "Seu negro, preto macaco, safado, corrupto, você é polícia porque não estudou e não perde por esperar". Indicação por homicídio culposo (sem intenção de matar) na direção de veículo automotor, fuga de

local de acidente, embriaguez ao volante e desacato (as penas máximas somadas dariam 11 anos de detenção), o empresário passou dez horas preso e foi embora depois de pagar fiança de R\$ 1.228,20. Vai responder ao processo em liberdade.

Em depoimento, disse que só tinha tomado "coquetéis não alcoólicos" – ele fez exame de sangue no IML, resultando em um três – e que se retirou "do stio dos fatos" porque sua namorada, sentada no banco de passageiro, estava suja de sangue e gritava desesperadamente. Na tarde seguinte, Melgar saiu da delegacia como se ainda estivesse arrumado para a festa: cumisea branca para dentro da calça cinza risca de giz e os cabelos castanhos com mechas louças penteadas para cima. A tresloucada eloquência parece ter ficado com seu pai, Douglas Melgar: "Ele tona unhas. Esse menino é bala na agulha. Isso foi um acidente", teria dito, segundo o jornal *Diário de S. Paulo*. Eram 16h do domingo, 30, e só dali a cinco horas o IML liberaria o corpo destruído de Adriano.

Ao mesmo tempo em que Melgar ganhava a rua, os Fonseca desmoronavam diante da TV: a Rede Globo noticiava o atropelamento e mostrava uma fotografia de Adriano criança, a da sua carteira de identidade. "Foi como um trem passando aqui na sala e destruindo tudo", comparou padrastrô, Luiz Carlos. Luzia precisou ser contida para não cair. Leandro arrebitou as portas espelhadas do guarda-roupa aos pontapés. A revolta aumentava na mesma proporção dos detalhes: "Esse playboy nem esquentou o xilindrô, riquinho dirigindo carrão, fugiu largando meu irmão lá, ba-teu em policial. Quando a PM baixa aqui no conjunto a gente fica plantinho pra não levar porrada, mesmo sem ter feito nada de errado", enervou-se Leandro. "Cuidado com a língua, menino", pediu Luzia. "Vou falar, sim, mãe, dane-se! A senhora dá lição? Posso abrir meu coração? Nem cachorro vira as costas pros outros desse jeito, tá ligado? Cachorro, mano, cachorro vai lá e cheira para ver se está vivo. Eu quero justiça."

O advogado José Beraldo, indicado à família pela TV Record, diz que tentará reverter o caso para homicídio doloso (em que se assume o risco de provocar uma morte), a fim de levar Melgar a júri popular. "Quem se embriaga e dirige um veículo a 150 km/h num via onde a velocidade máxima permitida é de 70 km/h deve ser julgado como criminoso comum, não como delinqüente de trânsito", opina Beraldo. "De fato o Código Brasileiro de Trânsito é brando ao tratar dos atropelamentos, cria a sensação de impunidade", afirma. A autoridade policial agiu corretamente, autuando o atropelador em homicídio culposo e concedendo a fiança prevista na lei.

Melgar não quis dar entrevista. Seu irmão e advogado, Douglas Pereira Melgar, disse que "ele está deprimido, sofrendo ameaças de morte, falando em suicídio, até voltou a morar com a mãe". Falou mais: "Esse fato só ganhou essa dimensão porque ele dirigia o BMW do sócio dele; se estivesse de Fusca não seria assim". Farol que abriu, farol que fecha, vidas que seguem a pé. Amanhã 20 delas serão atropeladas em São Paulo. •

Canoa exumada

TERÇA, 14 DE SETEMBRO

Resgatar espartilho barco de 300 anos em Porto Feliz

O ESTADO DE S. PAULO

A prefeitura de Porto Feliz, interior de São Paulo, retira de um afluente do Rio Tietê um possível batelão, embarcação usada por bandeirantes no século 18 para ir buscar ouro no Mato Grosso. Ela pode ter 300 anos e foi encontrada por um morador da cidade.

UMA COISA PRETENDIA DESPERTAR

A tora. Treze homens e um guindaste puxam o tronco de duas toneladas. E se for só uma piroga? Ou um cocho histórico?

Fóssil à deriva

Fantasma, diamantes e borrachudos no resgate de um batelão em Porto Feliz

CHRISTIAN CARVALHO CRUZ
PORTO FELIZ

Enquanto, foi assim que sucedeu. Vinha o Pantaneiro por aquele sertão de Deus-abençoado, matto fechado e fresco, depois de desbarancado do calordada estrada de terra para a beira do riacho. Vinha de sola nua, porque é assim que desde criança ele gosta de andar. Andar para nada, só andar. A água dava no joelho, e o Pantaneiro pode entrar e ficar de pé lá no meio, só de calção, lançando alinhada aos lambaris. Em estreiteira, orbeirado que chamam de Engenho D'Água, faz tempo assediado por causa da estiagem, media uns cinco metros. Adiante e às costas, o leito cuspiu as pedras lisas para os raios do sol alumiá. Seu menino de 16 anos na daga ali longinho, num pedaço mais fundo. E Nina, a mestiça de pastor belga com qual quer coisa, descansava na margem. Sairam de casa às 6 horas e ainda não passava das 9.

Nos antepassados bem que o Pantaneiro respirou o ar do pantanal. Vinte anos atrás, quando contava 18, quis experimentar coisa outra que não fosse a fumaça do corte da cana, onde estrou os 9. Foi chichirar bosta de vaca em latifúndio. Mas o apelido veio mesmo da mania de se meter no matto e andar, andar, andar até cansar. E então voltar para casa, satisfeito com o corpo doído e varado por borrachudo. "Borrachudo é bom. Sacudido a árvore onde eles ficam só para levar picada. Porque depois tenho no que pensar – a coceira – enquanto não chega o dia de ir andar no matto outra vez." Na certidão esse é o Sidnei Aparecido de Souza. Mas ele tem pouco de Sidnei e muito menos de Aparecido. Gaba silencioso, pele e compleição de touro baio, na sua Porto Feliz (SP) natal, ele é até a quarta série ali mesmo em Porto Feliz. Tivesse feito noutro canto essa história talvez não estivesse sendo contada.

Há mais de três séculos trepada numa colina na margem esquerda do Rio Tietê, a 117 km da capital, Porto Feliz era de onde par-

tiam os bandeirantes atrás do ouro de Cuiabá, no século 18. Viagem de semestre inteiro, Brasil adentro, feita em canoas imensas cavadas em tronco único de peroba ou simbáua: eram os batelões, com seus mais de 10 metros de comprimento, 1,5 de largura, 1 de profundidade e 0,70 de espessura. Chamadas monções, as expedições fluíam com 300 batelões e 3 mil homens deixavam felicidade avantajada na partida emaloranda na chegada, daí o Porto ser Feliz. Primeiro, gritava a festiva esperança de voltar rico. Depois, o contentamento de ter voltado vivo, apesar das corredeiras e dos ataques de índios ao longo dos 3.500 quilômetros de rios. Todo porto-felicense, até os dias 4^o de série, conhece e tem orgulho danado de passado tão grande que ajudou a empurrar as fronteiras do País. O desenho do batelão está no brasão do município e na logomarca da prefeitura, na qual se lê: "Nossa gente faz história".

Naquela domingão Engenho D'Água, porém, foi outra coisa que princípio estalou na mente do Pantaneiro quando ele avistou o matto e meio de tora perto de onde caiu a linha da. "Um cocho! Vou levar para a patroa plantar as plantas dela." A certeza se desmanchou assim que o Pantaneiro se aproximou e viu que, além do metro e meio aparente, tinha outro tanto dentro do barranco e mais um naco afundado no lodo do riacho. Pensou em batelão. Ele conhecia um, de ver nos livros, de tanto ouvir falar e, ora, de apreciar ao vivo e em cores. Afinal, o outro exemplar de batelão encontrado no Estado passou

anos exposto no antigo porto, hoje Parque das Monções, a oito quilômetros dali. Batelão de respeito: 18 metros de comprimento, achado numa fazenda da região nos anos 30. Forte que só vendo, o bicho aguentou muitas outras décadas ao relento, com crianças dentro posando para foto e namorados caniveteando corações. Parte dele chegou a ser exposta no Museu Paulista, da capital. E hoje, embora partido em dois, ele descansa no Museu das Monções, em Porto Feliz. Tem para lá de 200 anos.

Pois aquele pedaço de madeira velha delta-do na margem bem que parecia um batelão, pensou o Pantaneiro. "Ai não sei o que me deu. Me deu um negócio que me puxou três noites seguidas para lá. Eu ia de farolite, sozinho, escavar para tirar ele dali. Usava uma enxada de pegar minhocas. Não conseguia pensar noutra coisa, aquilo não saía de mim. Parecia um gamão." Regina, a patroa que por pouco não ganhou um cocho histórico, ficava tula toda vez que via o marido chegar em casa inundado de terra. "Deixa disso, homem. Batelão é coisa de livro de escola. Não existe mais, não. Você está endoiando com essa história." Os companheiros de truco e fritada de lambari (ele pescou 125 no domingão) diziam o mesmo. "Pirou." Nos dias seguintes, no posto de gasolina, o Pantaneiro só queria que desse o fim do expediente para tocar pro ribeirão. Mas a força do "chamado" aumentava na mesma medida que a dos braços do Pantaneiro minguava. Sozinho ele já mais daria conta de exumar o tronco. Con-

ARTEIRO DOMINGUEZ PAUL, 1954

Cartilha. Bom porto-felicense, o Pantaneiro conhecia os batelões de A Partida da Monção (1897), de Almeida Júnior. Eles estavam em todos os livros da escola

Assombrado. Ao Pantaneiro nada disse-

ram, dois meses antes de ele encavar o batelão enterrado no riacho. Em verdade, era um só. O Pantaneiro estava a andar de novo com seu menino e a Nina, dessa vez ladeando um canalal pertinho de um braço do Tietê. Quando subiu a encosta e alcançou a picada, deu de cara com ele, a 20 metros de distância: um homem de 1,80 m, barba longa e escura, chapéu, bota, bocamarte e gijão. Se olharam por não mais que dez segundos. "Até que ele pinçou assim para as esquerdas e dessa chorou no meio da cana." Foi até lá com a cachorra, que não farejou nada nem encontrou pegadas. O Pantaneiro desgostou de detalhar o caudoso, mas acha que há de ter unido entre os dois acontecimentos – o batelão que ele viu primeiro e o bandeirante que ele viu sozinho.

Agora menos angustiado, o Pantaneiro ainda não reencontrou com o batelão desde o dia em que o tiraram do Engenho D'Água e o mergulharam no Rio Avecuia, dentro do Centro de Educação Ambiental da prefeitura. Foi recomendação de um restaurador, para não se correr o risco de o barco ressecar e esfriar que nem paçoca. A zeladora do lugar, Lúcia Ferraz, deu para conversar com a embarcação. "Eu ficava sozinha o dia todo aqui. Depois que o batelão chegou se sempre tem gente. Por isso vou lá, falamos, o chamado de Vossa Excelência." Submerso, amarrado em um mourão e cercado de curimbabas grãos, o batelão não parece triste nem cansado. Diria o Pantaneiro que encontrou nova função. Sendo o Avecuia o manancial-mór da cidade, a gente de Porto Feliz, não bastasse fazer história, passou a bebê-la também.

Quando. meninos são fichados como TERRORISTAS

Presos com a avó e os pais, os brasileiros Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel conheceram os cárceres do regime militar, foram enquadrados como subversivos e banidos do País. O mais novo tinha 2 anos e 3 meses. O mais velho estava para completar 9 anos. A saga das quatro crianças é a primeira reportagem da série *Filhos do Brasil*, que a **Brasileiros** começa a apresentar nesta edição

por LUIZA VILLAMÉA

ERNESTO CARLOS NASCIMENTO

Chamado de Chezinho por conta do argentino Ernesto Che Guevara, o neto mais novo de Tercina tinha 2 anos e 3 meses quando posou para esta foto, pouco antes de decolar para o exílio. Seus pais, Jovelina e Manoel, continuaram presos em São Paulo. Lamarca deixou para ele um punhal dourado

REPRODUÇÃO: LUIZA VILLAMÉA, FUNDO DOURADO
ARGENTINO VISTO DO ESTADO DE SÃO PAULO

TERCINA DIAS DE OLIVEIRA

Banida do Brasil em junho de 1970, junto com outros 39 presos políticos trocados por um embaixador sequestrado pela guerrilha, a costureira Tercina integrava a VPR, organização clandestina liderada por Carlos Lamarca. Conhecida como Tia, estava com 55 anos quando deixou o País em companhia de quatro crianças, sendo três netos e um filho de criação

ZULEIDE APARECIDA DO NASCIMENTO

Tinha 4 anos e 10 meses quando foi banida do Brasil. Na fotografia, está no colo do ex-sargento Darcy Rodrigues, que ela conhecia da área de treinamento de guerrilha no Vale do Ribeira (SP). Com a avó, Luis Carlos e Samuel, Zuleide morou na casa de pau-a-pique que servia de fachada para a guerrilha

LUIS CARLOS MAX DO NASCIMENTO

Irmão de Zuleide, Luis Carlos estava com 6 anos e 7 meses na ocasião em que saiu do País classificado como subversivo. Demorou 42 anos para reencontrar a mãe, Maria, que se separara de um filho de criação de Tercina e, doente, deixara Zuleide e Luis Carlos aos cuidados da avó paterna

SAMUEL DIAS DE OLIVEIRA

Filho de criação de Tercina, fez o papel de neto na família fictícia instalada na entrada da área de treinamento de guerrilha. Tinha quase 9 anos quando foi banido e, sem documentos, ganhou o sobrenome de Tercina. Só conseguiu regularizar seus papéis em 1982. Agora, assina Samuel Ferreira

PARA BANIR OS MENINOS, O REGIME MILITAR OS

A ficha de Ernesto Carlos Nascimento nos arquivos do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (Deops), em São Paulo, não deixa dúvidas: o “elemento” é subversivo. Informações detalhadas sobre suas ações terroristas podem ser obtidas nas pastas 30Z-160-9633 e 30Z-160-9636. Junto com Zuleide, Luis Carlos e Samuel, Ernesto foi banido do País por decreto do general-presidente Emílio Garrastazu Médici, em junho de 1970. O decreto teve como base o Ato Institucional

número 13, que permitia “banir do território nacional o brasileiro que, comprovadamente, se tornar inconveniente, nocivo ou perigoso à segurança nacional”. Ocorre que Ernesto, Zuleide, Luis Carlos e Samuel são as quatro crianças da fotografia da página anterior, tirada na Base Aérea do Galeão, no Rio de Janeiro, minutos antes de serem embarcadas em um Boeing 707 da Varig rumo a Argel, capital da Argélia. Ernesto, o mais novo, tinha apenas 2 anos e 3 meses. Samuel, o mais velho, completaria 9 anos dali a quatro meses. Os 40 adultos que aparecem na imagem são presos

políticos do regime militar instaurado no País entre 1964 e 1985, que deixou pelo menos 357 mortos e desaparecidos, além de tratar meninos como terroristas. Na fotografia, a pessoa mais conhecida é o jornalista Fernando Gabeira, que está de camisa branca, ao lado de Samuel. Para as crianças, quem mais importava era a avó, a costureira Tercina Dias de Oliveira.

Tercina, a senhora de óculos da fotografia, marcou época na resistência à ditadura militar. Semianalfabeta, ela era simpatizante do Partido Comunista do Brasil desde meados dos anos 1940. Nascida em Barreiros

NASCIMENTO - Ernesto Carlos Dias do
"Menor"

50-E-3-1252

Nascido aos 4 de fevereiro
de 1968.-

NASCIMENTO-Ernesto Carlos do

50-Z-129-7700

menor- preso-
entregue mediante recibo
ao Bel. Renato de Paiva
Barbosa, do Gab. do D.F.-

29/6/70.-

NASCIMENTO - Ernesto Carlos do
"Menor"

FOT:30-Z-160-6989

Tem 2 anos de idade, e é
neto de TERCINA DIAS DE-
OLIVEIRA, e filho do Pai-
va, cujos pais se encon-
tram presos.

27/8/70.

"ELEMENTO SUBVERSIVO"

Fichas do Deops que remetem às pastas com informações sobre Ernesto. Em uma delas, aparece o codinome Paiva, adotado à época pelo pai do garoto

“Tenho esse vazio na vida. Ninguém sabe o que aconteceu comigo naqueles dias. SEI QUE VI MEU PAI NA TORTURA, MAS EU ERA MUITO PEQUENO”

Ernesto Carlos Nascimento

NASCIMENTO - Ernesto Carlos Dias do
"Menor"

FOT:30-Z-160-6649

Elemento que foi trocado
pelo o Embaixador Alemão
e que viajou para Arge-
lia.

8/7/70.

Nascimento- Ernesto Carlos do

30Z-160-9636

30Z-160-9633

Subversivo

(PE), casou-se pela primeira vez aos 14 anos, pressionada pela família. Seis meses depois, ficou viúva. Mais três casamentos e mais três vezes viúva, Tercina morava em Osasco (SP) quando um de seus filhos, Manoel Dias do Nascimento, começou a trabalhar ainda adolescente como operário. Incentivado pela mãe, Manoel também passou a atuar no sindicato dos metalúrgicos. Pouco depois, casou-se com a operária Jovelina Tonello. Em 1968, ele estava na linha de frente de uma greve que estremeceu Osasco e provocou pesada reação dos militares. Reprimido o movimento, Manoel não teve outra alternativa a não ser sair de circulação.

ENQUADROU COMO “PERIGOSOS À SEGURANÇA NACIONAL”

Na clandestinidade, aderiu à organização de luta armada Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

Mãe de quatro filhos legítimos e dois de criação, Tercina não demorou a seguir os passos de Manoel. Ao entrar para a VPR, levou as três crianças que viviam com ela – Zuleide, Luis Carlos e Samuel. Na ocasião, o capitão do Exército Carlos Lamarca, que desertara do 4º Regimento de Infantaria para incorporar-se à VPR, estava montando um centro de treinamento de guerrilha em uma área de mata fechada, incrustada na Serra do Azeite, no Vale do Ribeira, no sul do Estado de São Paulo. Mais velha que a maioria dos guerrilheiros, Tercina logo começou a ser chamada de Tia, e foi uma das primeiras pessoas a serem deslocadas para o Vale do Ribeira. “O Lamarca adorava a Tia. Eles tinham uma relação de mãe e filho”, lembra o ex-sargento Darcy Rodrigues, que deixou o Exército junto com Lamarca e coordenou uma das bases da área de treinamento.

No Vale do Ribeira, Tercina tinha dupla função. Com as crianças e o sapateiro José Lavecchia, formava uma família de fachada, instalada em uma casa de pau-a-pique na entrada da área de treinamento. “Se aparecesse algum estranho, eu tinha de correr até a casa de cima e puxar a cordinha que fazia subir um pano branco”, conta Samuel, que era filho adotivo de Tercina, mas fazia as vezes de neto na família de fachada. A casa de cima à qual Samuel se refere era uma construção camuflada na mata que servia como depósito de mantimentos e munição. Bem perto, havia uma cachoeira. Na casa, tinha até uma geladeira movida a gás, onde ficavam guardados medicamentos e soro antiofídico.

A outra função de Tercina era fabricar os uniformes usados nos treinamentos,

FOTO: LUIZA SIQUEIRA

NO VALE DO RIBEIRA, CRIANÇAS SERVIRAM DE

em uma oficina montada na mesma casa que servia como depósito. Para que as costuras resistissem à umidade da Mata Atlântica, ela usava sempre fios de nylon. As roupas eram similares às do Exército. “Mas tinham bolsos maiores, com prega macho-fêmea, que estufa e aumenta o volume”, diz o ex-sargento Darcy. “Nos bonés, de couro, ela pregava uma proteção para a nuca, que nem o Lamarca tinha visto quando serviu no Oriente Médio.” A diferença é que no Canal de Suez, onde Lamarca integrou as tropas de Paz da ONU em 1962, os soldados usavam o boné com protetor de pescoço para barrar a entrada de areia e evitar queimaduras de sol. Na mata, a ideia era poupar a nuca dos guerrilheiros das picadas de inseto.

Com pouca noção do que se passava no entorno, Zuleide, Luis Carlos e Samuel tinham na área de treinamento uma rotina de criança que não frequentava escola nem convivia com outros garotos. Brincavam nas proximidades da casa de pau-a-pique, pegavam frutas no pé, tomavam banho de rio e lidavam com os muitos animais que Tercina levou para o sítio. Lá, havia criação de porcos e galinhas, mas Zuleide se lembra em especial de um gatinho e do pé de laranja-lima próximo à porta da cozinha. “Tinha também o meu avô, que me punha nos ombros e andava comigo para baixo e para cima”, conta Zuleide, hoje secretária em um escritório de advocacia em São Paulo. Como ela, Samuel tem ótimas lembranças do “avô” Lavecchia, o senhor de cabelos brancos e camisa listrada bem no meio da fotografia dos presos políticos na abertura desta reportagem. “Ele me ensinou a andar a cavalo, a pegar pato, a fazer estilingue. Era muito bacana”, diz Samuel, que atualmente trabalha como operador de empilhadeira em São João de Meriti (RJ).

FOTO: JUIZA SOUZA

FACHADA PARA UMA ÁREA DE TREINAMENTO DA GUERRILHA

Na cidade vizinha de Duque de Caxias vive Luis Carlos, que é encanador industrial, e também não se esquece dos tempos do Vale do Ribeira. Analisando em retrospectiva, Luis Carlos acredita que tanto ele quanto Zuleide e Samuel sabiam que participavam de uma situação excepcional, mesmo sem ter consciência do contexto político. “A gente tinha noção do que podia falar, do que não podia. Sabia que não podia olhar pela janela quando transitava de um aparelho para outro”, diz, referindo-se às casas clandestinas usadas pelas organizações de luta armada. Filhos de um filho adoti-

guerrilheiros não frequentavam a casa de Tercina. Em geral, ficavam em duas bases rústicas montadas no meio da mata e às quais as crianças jamais tiveram acesso. Zuleide se recorda apenas de uma ocasião em que um dos guerrilheiros, Ariston Lucena, apareceu para se tratar de um corte de facão na perna. Nos meses em que moraram no Vale do Ribeira, Zuleide, Luis Carlos e Samuel também não se encontraram com Ernesto, que era chamado de Chezinho, em alusão ao líder guerrilheiro Ernesto Che Guevara. Neto de Tercina, filho de Jovelina e Manoel, aquele que esteve à frente da greve de Osas-

da manhã, para chegar no máximo às 5h30 no litoral. Imaginávamos que seria tranquilo”, diz Espinosa. Ele assumiu o volante de uma Rural Willys verde, simulando formar um casal com a integrante da VPR Ana Matilde Tenório da Motta, que ocupava o banco dianteiro de passageiro. Atrás, um outro casal – Lamarca e Jovelina Tonello, com o filho Ernesto no colo. Sem nenhum problema, eles passaram pelo pedágio e desceram a serra pela Rodovia Anchieta. A estrada estava vazia. Em seguida, pegaram a Rodovia Pedro Taques, que tinha pista única, com duas faixas e acostamento irregular. O dia não tinha amanhecido. De repente, depois de uma curva fechada, viram uma porção de luzes e viaturas estacionadas. Espinosa gelou. Conhecía a área dos tempos em que servira Exército e tivera de acampar à beira da Pedro Taques. Sabia que estava em uma região de lamaçal, difícil de escapar.

Jovelina, a mãe de Ernesto, não disse nenhuma palavra: “Só continuei a segurar o meu filho, enquanto jogavam luz de lanterna na cara de cada um de nós”. Espinosa desceu da Rural, enquanto um tenente examinava os documentos do carro, que estavam em nome de Eduardo Collen Leite, o Bacuri, também procurado pela repressão. Tentando aparentar tranquilidade, Espinosa disse que emprestara o carro de um amigo para deixar no litoral o tio doente, com problemas no pulmão. Explicou que o tio estava acompanhado pela mulher e pelo filho. Com jeitinho, falou da inconveniência de ser parado no meio da estrada. “É para a segurança de vocês mesmos, proteção contra bandidos e terroristas”, respondeu o tenente.

Ninguém sabe precisar quanto tempo durou a conversa entre Espinosa e o tenente. O fato é que pareceu uma eternidade. Todos imaginavam que,

“Lembro do Lamarca chegando da mata. ELE SENTAVA NO CHÃO DA COZINHA E TIRAVA AS BOTAS. Gostava de brincar com a minha avó”

Zuleide Aparecida do Nascimento

vo de Tercina, Luis Carlos e Zuleide eram criados pela avó paterna desde muito pequenos, quando os pais se separaram. Ambos se recordam de uma cena que se repetiu na área de treinamento e revela uma faceta jocosa, pouco conhecida de Carlos Lamarca. Depois de muitos dias na mata, o líder da VPR às vezes aparecia na casa de pau-a-pique, sentava no chão da cozinha, tirava as botas fedidas e provocava Tercina:

– Ei, Tia, quer toucinho para o seu feijão?

Com exceção de Lamarca e de sua companheira Iara Iavelberg, que passou uma temporada no Vale do Ribeira, os

co, Ernesto passou por diferentes aparelhos no período. Antes, quando não tinha nem 2 anos, também serviu de fachada para Lamarca.

Com a fotografia estampada em cartazes de terroristas procurados, Lamarca ainda não tinha feito a plástica que alterou de leve sua fisionomia. Precisava se deslocar de São Paulo para a cidade litorânea de Mongaguá, onde aconteceria um congresso clandestino da VPR. “O bebê fez parte do plano para levar Lamarca em segurança”, conta Antonio Roberto Espinosa, que integrava o comando da organização e também estava nos cartazes de procurados.

“Saímos de São Paulo às 4 horas

OS MENINOS FORAM PRESOS PELO CAPITÃO

durante uma possível blitz, a presença de uma criança no carro representaria dispensa rápida. “Eu tinha tirado um revólver do porta-luvas e escondido na cintura. Estava usando um pulôver fino, não sei como o tenente não notou”, afirma Ana Matilde ao lembrar o episódio. Durante a blitz, Jovelina percebeu quando Lamarca passou o braço por detrás do banco e engatilhou uma arma. Era uma metralhadora Ina 45. A mãe de Ernesto achou que todo mundo iria morrer. A sensação aumentou quando pediram para abrir o porta-malas. Espinosa, porém, tratou de mostrar que eram apenas cobertores, levantando ele mesmo alguns deles, sem deixar à mostra o armamento que havia debaixo.

“No final, o tenente nos liberou. Andei um quilômetro, no máximo. Veio uma curva. Depois, uma reta. Tive uma taquicardia”, relata Espinosa. “Nós nunca conversamos entre nós sobre isso. Só o Lamarca reclamou. Ficou puto de eu apresentá-lo como um tio doente.” Com Jovelina, o líder da VPR foi mais efusivo: “Lá na casa, Lamarca levantou o Ernesto para o alto e disse: ‘Esse menino salvou a minha vida. Não deixe ele sofrer nunca’”. Mais tarde, deu um punhal dourado para a família entregar a Ernesto quando o garoto crescesse.

O punhal dourado estava em um aparelho do bairro de Vila Formosa, em São Paulo, quando uma equipe da temida Operação Bandeirantes (Oban) chegou para prender Jovelina na tarde da segunda-feira 18 de maio de 1970. Horas antes, seu marido Manoel havia sido capturado ao cobrir um ponto, como eram chamados os encontros clandestinos entre integrantes dos grupos de resistência ao regime militar. No bolso, Manoel tinha uma multa de trânsito, com o endereço de Vila Formosa. Ainda naquela segunda-feira, a família se reencontrou na sede da Oban, que

havia sido instalada na rua Tutoia, na Vila Mariana, como lembra Jovelina:

— Trouxeram o Manoel com as mãos amarradas, arrastando o corpo pelo chão, apoiado nos cotovelos. O Ernesto desceu do meu colo, ficou passando a mão no rosto do Manoel e repetindo: “Não bate no meu paizinho”.

Levada em seguida para uma cela da Oban, Jovelina perdeu o contato com o filho. Dias depois, já nas dependências do Dops, foi retirada da cela e reunida ao marido em uma sala. Um torturador, que eles não sabem identificar, disse ao casal que não tinha filhos e queria adotar Ernesto. Diante das negativas

do casal, o torturador comentou que eles ficariam sem alternativa, pois até Tercina, a mãe de Manoel, estava presa. De fato, um mês antes de Jovelina, Tercina e seus três netos haviam caído nas garras da Oban.

Eles já não estavam mais no Vale do Ribeira quando os homens da Oban chegaram. Uma série de prisões em São Paulo havia colocado a segurança da área em risco. Convencido de que, mais dia menos dia, a repressão arrancaria na tortura informações sobre o local, Lamarca decidiu acabar com o esquema de fachada. Incorporou Lavecchia, que fazia o papel de avô, às bases de treinamento na mata. Ao

mesmo tempo, transferiu Tercina e as crianças para a cidade de Peruíbe, no litoral paulista. No começo, eles moraram em uma pensão chamada Samburá. Depois, a própria Tercina alugou uma casa de dois quartos na cidade, na qual chegou a hospedar Lamarca e Iara, que lá se reuniram com outros integrantes da VPR.

Uma madrugada, ela acordou com batidas na janela. Era Maria do Carmo Brito, do comando da VPR, que havia sido presa dois dias antes no Rio de Janeiro. Junto com Maria do Carmo, estava uma equipe da Oban chefiada pelo capitão Mauricio Lopes Lima, o

“Minha avó mandou a gente se vestir e não falar nada. A GENTE OBEDECEU. PERCEBI QUE ERA PRISÃO EM SÃO PAULO. Foi quando desabei”

Luis Carlos Max do Nascimento

mesmo que décadas depois seria reconhecido como um dos torturadores da presidenta Dilma Rousseff. Luis Carlos demorou para se dar conta do que estava acontecendo: “Minha avó mandou a gente se vestir e não falar nada. A gente era bem disciplinado, obedeceu. Percebi que era prisão em São Paulo. Foi quando desabei. Agarrei nela, mas eles me arrebatarem e arrastaram a minha avó.”

Em seguida, as três crianças foram levadas para um casarão, onde só tiveram contato com uma mulher. “Era um casarão de luxo, com móveis antigos. A senhora não tratou mal a gente, mas era seca, não tinha costume de lidar

MAURICIO, UM DOS TORTURADORES DE DILMA ROUSSEFF

com criança. E a gente tinha de ficar o tempo todo no quarto, não podia andar pela casa", diz Luis Carlos. Samuel se lembra de que eles foram levados para esse casarão de madrugada. Depois de dois ou três dias, as crianças foram separadas. Com 4 e 6 anos de idade, Zuleide e Luis Carlos foram levados para o que acreditam ser dependências do Juizado de Menores. "Eu tinha o cabelo comprido. Lembro quando fizeram uma trança e cortaram o meu cabelo. Também tiraram meu brinco de ouro, mas não me lembro de ter apanhado. O Samuel, coitado, apanhou que nem gente grande. Como ele era mais velho, tinha quase 9 anos, colocaram junto com infratores", diz Zuleide.

Como Zuleide e Luis Carlos, Samuel não sabe exatamente onde ficou: "Era uma espécie de reformatório, para menores com problemas. Só tinha pessoas más. Batiam muito. Para não deixar marcas, batiam na sola dos pés, com pedaços de madeira. Tentei fugir duas vezes, mas não consegui." Ernesto, o mais novo dos quatro, não se lembra de nada desse período: "Tenho esse vazio na minha vida. Um trauma. Ninguém sabe direito o que aconteceu comigo naqueles dias. Sei que vi meu pai na tortura, mas eu era muito pequeno. Tinha 2 anos". Em algum momento, ele foi levado para o mesmo lugar que Zuleide e Luis Carlos. Estavam juntos quando um comando guerrilheiro sequestrou no Rio o embaixador da Alemanha no Brasil, Ehrenfried Anton Theodor Ludwig Von Holleben.

A Seleção Brasileira de futebol disputava as quartas de final da Copa do Mundo de 1970, quando o governo Médici aceitou trocar o embaixador alemão por 40 presos políticos. Pela negociação, assim que os brasileiros desembarcassem na Argélia, o embaixador seria liberado no Rio. O nome de Tercina constava da relação de presos a

FOTO: LUIZA SIQUEIRA

O DOPS COLOCOU AS CRIANÇAS NA LISTA DE

serem trocados pelo embaixador, com direito a sair acompanhada pelos três netos que estavam em sua companhia no momento da prisão. Determinada como poucos, Tercina bateu o pé. Disse que só sairia do Brasil se fosse com os quatro netos. “Teve até companheiro tentando convencê-la a sair só com os três, pois ela estava atrasando as negociações. Havia o temor de que descobrissem o cativo do embaixador”, conta Jovelina, que se encontrava presa no Dops e também fez suas exigências: “Falei que só assinava a autorização para Ernesto sair do Brasil se eu visse o meu filho. Desde a prisão, um mês antes, eu não sabia dele.” Ficou chocada quando levaram o menino ao seu encontro. De esperto e falante, Ernesto havia se tornado um garoto retraído e calado, avesso ao contato com a própria mãe.

E foi assim, ainda com jeito de bebê, que Ernesto entrou para a lista de “elementos subversivos solicitados para resgate” que o delegado Alfeu Forte, do Dops, entregou para o coronel Erar Campos Vasconcelos, chefe da 2ª Seção do II Exército, em 15 de junho de 1970. No dia seguinte, acompanhado por Tercina, Zuleide, Samuel, Luis Carlos e outros oito presos políticos encarcerados em São Paulo, Ernesto foi entregue a um tenente-coronel e a um major, piloto e copiloto do avião bimotor C47-Douglas, prefixo 2056, da Força Aérea Brasileira, que voou para o Rio. Na Base Aérea do Galeão, o grupo se reuniu a outros 31 presos políticos e, depois de posar para a fotografia que entrou para a história recente do Brasil, embarcou para a Argélia.

Um mês depois, Tercina exilou-se com os quatro netos em Cuba. Ernesto continuou calado e arredio por muito tempo. Se aparecia alguma pessoa estranha em sua casa, corria e se escondia debaixo da cama. Mordia

FOTO: PAULA GOUITO

“ELEMENTOS SUBVERSIVOS SOLICITADOS PARA RESGATE”

quem tentava pegá-lo. “Eu também tinha pavor de polícia. A Damaris é quem ajudou nisso”, diz, referindo-se a Damaris Lucena, que também estava exilada em Cuba e é mãe de Ariston, o guerrilheiro ferido a facão no Vale do Ribeira. “Ela pediu a um policial que me entregasse um carrinho de plástico. Como os outros guardas de trânsito de Cuba, ele andava em uma Harley-Davidson enorme. Era antiga, mas linda. Ele me deu o carrinho e me colocou na moto. Daí em diante, eu achava que todo policial em cima de uma Harley-Davidson era meu amigo.”

Em Cuba, Tercina e os quatro netos

uma temporada na Baixada Fluminense, pediu à mãe de Samuel para criá-lo. “Foi a minha sorte. Eu ficava o tempo todo na rua ou em um cemitério da vizinhança. Se não fosse minha avó, teria virado traficante, teria morrido. Minha mãe era muito inocente, não sabia de nada que estava acontecendo no Brasil.” Quando voltou de Cuba, em 1982, Samuel procurou a família de sangue e assumiu o sobrenome Ferreira: “Quando a Tercina me levou, eu só era Samuel. Por isso, tinha ficado com o sobrenome dela nos documentos”.

Quatro anos depois, em 1986, assim que os netos terminaram os estudos, Ter-

criada com a avó desde os 5 meses de idade, não sentiu o mesmo impacto que Luis Carlos. “Perdi minha mãe no dia em que enterrei minha avó”, afirma, referindo-se a Tercina, que morreu de câncer aos 88 anos, em março de 2003.

Até completar 18 anos, Ernesto morou a maior parte da vida com a avó. Só no ano passado conseguiu validar o diploma de técnico em projetos mecânicos e ferramentas tirado em Cuba, no decorrer de uma ação impetrada junto à Comissão de Anistia do governo federal. Como os irmãos, para conseguir trabalho, muitas vezes precisou omitir do currículo que tinha vivido e estudado na ilha. Hoje, é consultor na área de Tecnologia Industrial e de Informação. Seus pais, Jovelina e Manoel, foram banidos do Brasil em janeiro de 1971. Passaram pelo Chile, fizeram treinamento de guerrilha na Coreia do Norte, e também moraram em Cuba. Na volta ao Brasil, o casal se separou. Manoel continua sindicalista atuante em Cotia, na Grande São Paulo. Jovelina aposentou-se como enfermeira, mas ainda pratica uma técnica de massagem conhecida como acupuntura coreana das mãos em Guarulhos, também na Grande São Paulo.

Quanto ao punhal dourado que Lamarca deu de presente a Ernesto, o paradeiro é incerto. Jovelina já tinha se esquecido do documento, mas a reportagem da **Brasileiros** localizou nos arquivos do Deops uma petição feita por ela ao diretor do Presídio Tiradentes, Olyntho Denardi, no dia 7 de julho de 1970. Com ousadia surpreendente para uma presa política, então sem perspectiva de deixar a cadeia, Jovelina pedia a devolução de 47 objetos retirados pelos homens da Oban de sua casa na Vila Formosa. Entre eles estava o punhal dourado. Passadas mais de quatro décadas, ela continua sem nenhuma resposta. **I**

“Em São Paulo, fiquei numa espécie de reformatório. BATIAM MUITO. BATIAM NA SOLA DOS PÉS, COM PEDAÇOS DE MADEIRA”

Samuel Ferreira

dividiram por muitos anos uma casa com Damaris, que também estava na ilha com quatro crianças. Samuel, já com 9 anos, foi pela primeira vez à escola. Como os outros meninos, completou um curso profissionalizante. “Eu queria ser piloto de caça, mas não deixaram. Era uma carreira que só os cubanos podiam seguir”, diz. Ainda assim, ele acredita que ficou no lucro. Nascido no bairro do Éden, em São João de Meriti, Samuel vivia em situação de risco. Morava com a mãe e as irmãs, que trabalhavam fora e precisavam deixá-lo sozinho o dia inteiro. Sensibilizada com a situação do garoto, Tercina, que antes de se radicar em Osasco passara

cina voltou ao País com Zuleide, Luis Carlos e Ernesto. Os dois mais velhos também tentaram então reencontrar a mãe biológica. A busca demorou, mas foi muito importante para Luis Carlos: “Eu adorava minha avó, mas precisava conhecer minhas raízes. Como meu pai também era filho de criação de Tercina, minhas raízes de verdade estavam com a minha mãe. Só sabia que ela se chamava Maria e que estava doente quando se separou do meu pai”. Em 2007, depois de 42 anos de separação, Luis Carlos reencontrou a mãe em São Vicente, no litoral paulista. Zuleide estava presente, também se emocionou com o reencontro, mas,

As marcas da tortura não DESAPARECEM jamais

Com apenas 1 ano e 8 meses Carlos Alexandre Azevedo sofreu na pele a violência do regime militar. Cacá cresceu arredio ao contato com outras pessoas. Mesmo submetido a sucessivos tratamentos médicos, não conseguiu superar um transtorno diagnosticado como fobia social.

Aos 37 anos, sentiu-se confortado quando a Comissão de Anistia, do Ministério da Justiça, reconheceu o seu drama. Não foi, porém, o suficiente para continuar a viver

por LUIZA VILLAMÉA

Por acreditar em um Brasil “justo e fraterno”, o jornalista e cientista político Dermi Azevedo lançou na quarta-feira 6 de fevereiro o livro *Travessias Torturadas – Direitos Humanos e Ditadura no Brasil*. No encontro que reuniu amigos e militantes de movimentos sociais na Livraria Fox, em Belém (PA), onde mora atualmente, Dermi chegou a comentar que não tinha nenhum interesse comercial na obra: “É um livro a ser distribuído, para mostrar o prejuízo impagável provocado pela ditadura nos valores, na realidade subjetiva”. Dez dias depois, a sucessão de traumas que levaram Dermi a escrever e reescrever por anos a fio *Travessias Torturadas* teve um desfecho trágico:

Carlos Alexandre Azevedo, seu filho mais velho, se matou aos 39 anos, com uma overdose de medicamentos.

Carlos era chamado pela família de Cacá e tinha apenas 1 ano e 8 meses quando uma equipe do Dops, a temida polícia política do regime militar, chegou à casa da família, no Jardim da Saúde, em São Paulo, na manhã de 15 de janeiro de 1974. O bebê estava sozinho com a babá. O pai, Dermi, havia sido preso na véspera, acusado de “difamar o Estado brasileiro”. A mãe, a pedagoga Darcy Andozia, tinha saído de casa muito cedo, em busca de ajuda para o marido. Não satisfeitos com o resultado da busca que haviam feito na residência na noite anterior, os homens do Dops haviam voltado para repetir a dose. Mandaram Carlos e a

babá ficarem calados e quietos. O bebê não obedeceu. Levou um soco que fez sangrar sua boca.

Com os lábios cortados, foi levado para a sede do Dops, um prédio de tijolos à vista no centro paulistano, conhecido na época como palco de infindáveis sessões de tortura. No total, a criança passou cerca de 15 horas em poder das forças de repressão. “Como alguém pode considerar um bebê subversivo, perigoso, inimigo do governo? Pelos relatos que recebemos, ele levou até choques elétricos”, indigna-se Dermi. No decorrer daquele dia, a mãe de Carlos também acabou presa. Mais tarde, o bebê foi entregue aos avós maternos, em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo. Na verdade, em vez de entregue, ele

LAÇOS DE FAMÍLIA Carlos, aos 3 anos, com a mãe, Darcy, e o pai, Dermi

foi jogado no chão. Acabou com um machucado a mais na cabeça. “Isso me foi contado. O certo é que ele ficou apavorado. E esse pavor tomou conta dele. Entendo que a morte dele foi o limite da angústia.”

Enquanto os pais estavam encarcerados no Dops, Carlos continuou sob os cuidados dos avós. Embora tenha passado por intensa pressão psicológica, sua mãe não sofreu agressões físicas. Saiu da cadeia depois de 45 dias. Sobrevivente da tortura, Dermi esperou cinco meses para ser liberado. À época da prisão, ele era repórter do jornal *Última Hora*. Participava de uma rede de apoio a perseguidos políticos, mas a atividade que desencadeou a violência da repressão contra a sua família havia sido preparada

*“Como alguém pode
CONSIDERAR UM BEBÊ
SUBVERSIVO, PERIGOSO,
inimigo do governo?”*

Dermi Azevedo, jornalista e cientista político

para o Conselho Mundial de Igrejas, uma conceituada organização ecumênica com sede em Genebra, na Suíça.

Em contato com a educadora Maria Nilde Mascellani (1931-1999), que criara a entidade de assessoria educacional Renov, o Conselho Mundial de Igrejas pediu uma compilação de livros didáticos adotados no Brasil a mando dos generais. “Passei meses pesquisando e redigindo a síntese,

que recebeu o título *Educação Moral e Cívica e a Escalada do Fascismo no Brasil*”, lembra Dermi. O trabalho não chegou a ser publicado, mas a descoberta dos originais durante uma batida policial na sede do Renov foi o suficiente para dar início ao ciclo que instalou o terror na família de Dermi.

Carlos estava com 10 anos e tinha três irmãos mais novos quando os pais começaram a contar-lhe o que havia acontecido em janeiro de 1974. Àquela altura, ele manifestava há tempos extrema dificuldade de relacionamento, em um quadro diagnosticado mais tarde como fobia social. Dos 13 aos 20 anos, raras vezes conseguiu sair de casa. Mais tarde, revelou grande habilidade para lidar com computadores. Com a internet e a proliferação das redes sociais, chegou a fazer amigos virtuais. Mas, mesmo sob tratamento médico, jamais conseguiu manter por muito tempo uma atividade profissional que envolvesse lidar com pessoas.

Em janeiro de 2010, Carlos sentiu um certo alento com o julgamento de seu processo de anistia no Ministério da Justiça, que culminou com um pedido de desculpas do Estado pelos males que sofrera. Na condição de

anistiado político, recebeu uma indenização de R\$ 100 mil. Gastou parte do dinheiro para reparar o maxilar socado pelos homens do Dops em janeiro de 1974. Embora costumasse repetir que nunca conseguiria se recuperar do trauma da infância, não há dúvida de

que tentou. Seis dias antes de morrer, ele fez uma longa caminhada por uma das maiores florestas urbanas do mundo, na Serra da Cantareira, na zona norte de São Paulo. Completou a trilha da Pedra Grande, que dá uma vista espetacular para a capital paulista, e depois postou no Facebook: “O lugar vale muito a pena visitar, para uma caminhada e depois relaxar no mirante, vendo a cidade.”

Como um PASSARINHO

Joana é filha de Gustavo Buarque Schiller, o sobrinho da amante do ex-governador Adhemar de Barros. Gustavo foi quem articulou com a guerrilha o roubo de um cofre, na mansão onde morava, com US\$ 2,5 milhões dentro. Joana tinha apenas um ano e oito meses quando Gustavo morreu. Hoje, aos 29 anos, ela encaixa as peças que encontra com a história do pai, para melhor incorporá-lo à própria vida

texto LUIZA VILLAMÉA fotos RICARDO CHAVES

Joana estava com quase 4 anos quando explicou para a mãe de uma amiguinha por que não tinha pai: “Ele estava na janela. Passou um passarinho voando. Ele voou atrás do passarinho”. Enquanto vasculha o passado em uma caixa de fotografias, Joana Rocha Schiller, 29 anos, escuta entre surpresa e emocionada o relato de sua mãe, Lúcia. “Engraçado, não me lembro de ter inventado essa história”, diz Joana. “Mas eu era muito pequena.” Ela era ainda menor quando perdeu o pai, no Rio de Janeiro. Tinha um ano e oito meses. Pouco depois, mudou-se para Porto Alegre, cidade da família materna, onde mora até hoje. Com a distância e o decorrer do tempo, os vínculos com a família paterna ficaram cada vez mais tênues. Joana, no entanto, tem uma imensa curiosidade sobre tudo o que diz respeito ao pai, Gustavo Buarque Schiller, e aos movimentos de resistência ao regime militar. De vez em quando, ela encontra uma nova peça para o quebra-cabeça que vem montando há tempos com a história do pai. Foi o que aconteceu durante entrevista à **Brasileiros**, que entregou a ela a cópia de um documento com pistas sobre a personalidade

de Gustavo, além da reprodução de 38 certificados escolares de Prêmio de Honra ameaçados por ele entre abril de 1958 e junho de 1965. Um deles mostra que, em maio de 1963, Gustavo ganhou o primeiro lugar em Francês, Inglês, Canto, Matemática, Ciências, História do Brasil, Geografia e Religião. “Essa parte de tirar primeiro lugar na escola ficou toda com ele. Não herdei nada”, brinca Joana.

Os papéis fazem parte do processo 38.358, do Superior Tribunal Militar, em Brasília. O documento que descreve Gustavo é um auto de inquirição de testemunha, lavrado em 15 de maio de 1970, na 1ª Auditoria da Aeronáutica, no Rio de Janeiro. Dona de um sorriso aberto e afeita a comentários espirituosos, Joana fica séria quando começa a ler em voz alta o depoimento do médico Eleuthério Brum Negreiros, que cuidava de Gustavo desde os 4 anos, por causa de uma asma brônquica. “Nunca soube que ele teve asma”, comenta Lúcia, interrompendo por um momento a leitura da filha. Convocado pela defesa de Gustavo, que havia sido preso dois meses antes, o médico atesta a “excelente moral” do garoto e diz acreditar na “bonita carreira” que ele teria pela frente.

FOTO: REPRODUÇÃO/ARQUIVO PESSOAL

LAÇOS DE FAMÍLIA
Gustavo com Joana,
recém-nascida, em praia
da cidade de Imbé, no
Rio Grande do Sul

TRÊS DÉCADAS APÓS O ROUBO DO COFRE, JOANA ESTEVE

No depoimento, o médico também conta que Gustavo tinha, desde muito cedo, grande preocupação com o mundo em que vivia. À medida que crescia, eles passaram a conversar sobre política. Em uma das últimas consultas, o médico achou as ideias do paciente “um pouco avançadas para um jovem, na época com 16 anos”, por se preocupar “sobretudo com a justiça social e o drama do Nordeste”. Gustavo não aceitou os argumentos de que os mais velhos tinham feito o que podiam para deixar aos jovens um mundo melhor. Garantiu que se o médico tivesse acompanhado o drama dos retirantes no livro *Seara Vermelha*, de Jorge Amado, e “visse matar o gatinho da criança para comer”, ele e a sua geração teriam feito “alguma coisa de mais positiva”. Na verdade,

Gustavo se referia à gata Marisca, que, no romance de Jorge Amado, foi sacrificada para aplacar a fome da família da menina Noca, que também morreu durante a fuga da seca.

Cofre camuflado

Joana, ainda muito compenetrada, termina de ler o testemunho do médico. “É meu pai, mas parece tão distante”, diz. “Pelo que me contam, ele tinha mesmo essa profunda inquietação, além de muita garra para atingir seus objetivos.” O fato é que Gustavo fez o que considerava correto, um ano e poucos meses depois da conversa relatada pelo médico. Aluno do ensino médio no Colégio Andrews, no bairro Humaitá, no Rio de Janeiro, Gustavo acionou seus contatos no movimento estudantil e chegou até o sociólogo

mineiro Juarez Guimarães de Brito, da organização clandestina VAR-Palmares, a mesma à qual pertencia a presidenta Dilma Rousseff. Revelou que na mansão em que vivia com a família, no bairro de Santa Teresa, tinha um cofre abarrotado de dólares. A fortuna, disse Gustavo a Juarez, era fruto de corrupção. Estava guardada em sua casa a pedido de Anna Benchimol Capriglione, amante do ex-governador de São Paulo Adhemar de Barros. Um dos irmãos de Anna, o cardiologista Aarão Bulamarqui Benchimol, era casado com Yole, tia materna de Gustavo, e também vivia na mansão. Gustavo revelou a existência de outros cofres, um deles guardado em Copacabana, no apartamento do irmão mais velho de Anna, o capitão de mar e guerra José Burlamarqui Benchimol.

AFETO

Em Porto Alegre, Joana revê fotografias e documentos do pai, entre eles a carteira de identidade argentina falsa (acima) e o passaporte tirado por Gustavo depois da Lei de Anistia

NA MANSÃO QUE O PAI TROCOU PELA LUTA ARMADA

Pelas dificuldades logísticas em promover ações simultâneas, a guerrilha decidiu "expropriar" apenas o cofre da mansão de Santa Teresa. O minucioso planejamento da ação foi feito pelo sociólogo Juares e incluiu conferir o croqui da propriedade, desenhado por Gustavo. Para lá foi despachado o secundarista Carlos Minc, atual secretário do Ambiente do Rio de Janeiro, como se estivesse fazendo uma pesquisa de opinião pública. Ele deveria observar cada detalhe do imóvel, enquanto simulava perguntas sobre a telenovela *Beto Rockfeller*, o grande sucesso da época. Na propriedade rodeada por árvores, construída no alto de uma colina, trabalhavam 11 empregados e viviam 12 integrantes da família. Por casualidade, Minc foi atendido justamente por Gustavo.

Como não sabia que a guerrilha tinha um informante dentro da casa, o falso pesquisador não entendeu nada quando aquele que considerava representante da mais alta burguesia desancou as novelas em geral, classificando-as como "alienantes do povo". Apesar da surpresa, Minc saiu de lá com os detalhes básicos do croqui conferidos.

Às 15h30 da sexta-feira 18 de julho de 1969, um comando com 13 guerrilheiros da VAR-Palmares começou a ação que entraria para a história como o mais espetacular roubo promovido pela luta armada no Brasil. Uma hora antes, Gustavo tinha mergulhado na clandestinidade. Seus pais acreditavam que ele saíra para passar o final de semana com amigos em Teresópolis, mas o secundarista se preparara para uma viagem muito mais demorada.

Sabendo que em algum momento a polícia iria em seu encalço, tratou de dificultar-lhe o trabalho. "Gustavo teve a preocupação de levar consigo todas as suas fotografias, inclusive as que estavam com sua mãe. Mais ou menos 15 dias antes do roubo, já distribuía suas roupas entre os empregados", escreveu três meses depois o coronel Agrício de Faria Pimentel, no Inquérito Policial Militar que investigou o roubo.

Treze guerrilheiros participaram diretamente da ação, mas apenas o sociólogo Juares sabia do papel e da identidade de Gustavo. "Juares só nos avisou que na mansão tinha uma 'área próxima'. Era como nos referíamos naquela época às pessoas que ajudavam a organização", lembra a socióloga Sonia Lafoz, que agora mora em Curitiba. Atiradora experiente,

ela integrou o grupo responsável pela segurança externa do roubo. Durante os 30 minutos que durou a ação, Sonia permaneceu em frente à propriedade, dentro de um Aero Willys Itamaraty branco com teto de vinil preto. Além de um fuzil FAL 765, ela tinha algumas granadas ao alcance da mão. Depois, enquanto parte do comando guerrilheiro se dispersava, Sonia, a bordo do Aero Willys, integrou a escolta da Veraneio Chevrolet C-14 cinza que levou o cofre de Santa Teresa para um esconderijo no Largo do Tanque, em Jacarepaguá.

Ninguém precisou dar nenhum tiro nem saiu machucado da ação. O único incidente ocorreu na descida do cofre de 350 kg pela escadaria externa de granito que liga o primeiro andar à parte térrea da propriedade. Sabendo que o cofre estava camuflado em um armário do andar superior, os guerrilheiros prepararam pranchas de madeira com conexões de aço pelas quais o cofre deveria ser baixado. A velocidade da descida seria controlada por meio de cordas, em um sistema de

sobrenome de casada, Cooper, e vive em Auckland, na Nova Zelândia. Ela conta que a mansão de 1,8 mil m² de área construída, rodeada por 7 mil m² de jardins, foi erguida em 1914 por seu tataravô. Trata-se do português Antônio Ribeiro Seabra, que imigrou muito jovem para o Brasil pré-industrial e fez fortuna na fabricação têxtil. “Ele não era sofisticado. Vinha de uma família muito simples, mas apadrinhou o Belmiro, que o ajudou a adquirir a mobília, esculturas e quadros”, diz Sylvia, referindo-se ao pintor, escultor e caricaturista brasileiro Belmiro de Almeida (1858-1935).

Suíças postíças

Em julho de 1969, quando trocou a vida na mansão pela luta armada, Gustavo, pai de Joana e tio de Sylvia, foi direto para Porto Alegre. Pouco tempo antes, a guerrilha havia deslocado para a capital gaúcha o jornalista mineiro Cláudio Galeno Linhares, o Galeno, à época casado com Dilma Rousseff. De Manágua, na Nicarágua, onde vive

atualmente, Galeno conta que, na fase preparatória da ação, o sociólogo Juarez o avisou que teria de “guardar” uma pessoa: “A situação do Gustavo era grave. Além da repressão política, havia uma máfia em torno do dinheiro de Adhemar de Barros. Assumi, assim, uma espécie de papel de irmão mais velho. Gustavo era um menino muito inteligente, brilhante mesmo, cheio de sonhos. Foi morar na mesma pensão que eu e o Pimentel (*o ministro do Desenvolvimento Fernando Pimentel*), na rua Alberto Bins. Era uma pensão de uma senhora italiana, um apartamento grande, com seis quartos. Moramos lá até outubro, novembro de 1969”.

No dia 1º de janeiro de 1970, Galeno integrou o comando guerrilheiro que sequestrou no ar um avião de passageiros, o Caravelle, da Cruzeiro do Sul, e o desviou para Cuba. Na época em que Galeno deixou o Pafs, Gustavo vivia em uma casa clandestina da VAR-Palmares, em Porto Alegre. Nesse período, começou a namorar a bela Irges Maria Serpa, uma estudante de Veterinária

GUSTAVO COMEÇOU A VIDA CLANDESTINA “GUARDADO”

roldanas. Na hora, o cofre despencou escada abaixo, estragando parte dos 20 degraus da escadaria.

Três décadas depois, Joana conferiu de perto o cenário do roubo, batizado pelos guerrilheiros como Ação Grande. Ela tinha 15 anos e viajou sozinha de Porto Alegre para o Rio de Janeiro. “Foi uma viagem de 28 horas, de ônibus. Eu não sabia o que esperar, mas sabia que seria importante, pois lá se encontrava um pedaço da minha vida”, diz. “Vi as marcas do cofre na escadaria e me lembro bem que pensei: ‘Que coragem teve o meu pai!’.” Joana também ficou impressionada com o imóvel: “É uma construção de deixar queixos caídos”. Durante cerca de dez dias, ela ficou hospedada em Santa Teresa com os tios e a prima Sylvia.

Sylvia agora também assina o

EXÍLIO

O pai de Joana em Paris, onde estudou Sociologia e Economia, e começou a escrever uma tese de doutorado

CONTEM: 03 volumes

SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR

N. 38 358

COLEGIO PADRE ANTONIO VIEIRA PRÊMIO DE HONRA

Ao aluno Gustavo Buarque de Brito
por ter merecido o 1º lugar em Francês Inglês Espanhol

Matemática Ciências Hist. do Brasil Geografia e
no mês de Maio de 1963
Gal. Ignes

b) O jovem GUSTAVO, mais ou menos quinze dias antes do roubo, já distribuía suas roupas entre os empregados.

c) Dois dias antes do assalto, um automóvel foi à residência de GUSTAVO e recolheu sua mala com toda a roupa e todos os seus livros. GUSTAVO teve a preocupação de levar consigo todas as suas fotografias inclusive as que estavam com sua mãe.

d) GUSTAVO abandonou a sua residência, que é a mesma do assalto, meia hora antes de se concretizar o roubo.

O ALUNO PREMIADO E O CORONEL

Um dos 38 certificados anexados pela defesa ao processo (no alto, à direita) contra Gustavo, que teve inquérito a cargo do coronel Agrício Pimentel

Rio de Janeiro, RJ, 03 de outubro de 1969.

Agrício de Faria Pimentel *cap*
AGRÍCIO DE FÁRIA PIMENTEL-Cel Cav QGMA
Encarregado de I P M

POR GALENO, O PRIMEIRO MARIDO DE DILMA ROUSSEFF

que pertencia à mesma organização e tinha sido namorada de Galeno. "Eu não sabia que o Galeno era casado", trata de esclarecer Ignes, logo no começo de sua entrevista à **Brasileiros**. Nos tempos em que a vida corria por um fio devido à repressão política, as relações eram mesmo intensas e nem sempre sobreviviam às duras condições da clandestinidade. Àquela altura, Galeno já estava na prática separado de Dilma, com quem se casara no civil em Belo Horizonte, em setembro de 1967. Dilma, por sua vez, já havia conhecido no Rio de Janeiro seu futuro segundo marido, com quem ficou casada quase três décadas, o advogado Carlos Franklin da Paixão Araújo, pai de sua filha, Paula.

Junto com Ignes, Gustavo participou de vários treinamentos de guerrilha nas

imediações da Lagoa dos Patos, a 20 km de Porto Alegre. Com as organizações de resistência ao regime esfaceladas pela repressão, o pai de Joana havia assumido aos 18 anos o comando de operações da VAR-Palmares no Rio Grande do Sul. Conhecido entre os companheiros de organização como disciplinado e responsável, tinha o apelido de Bicho. "Ele era magro e alto, com visual hiponga. Andava de sandálias franciscanas, jeans meio frouxos e usava os cabelos compridos. Lia muito e, nas reuniões, se destacava pelas análises de conjuntura."

Gustavo cortou os cabelos no estilo militar e usou suíças postiças para colocar em prática os treinamentos feitos à beira da Lagoa dos Patos. Vestido como um sargento da Brigada Militar, ele participou de um assalto

à agência do Banco do Brasil em Viamão, na Grande Porto Alegre, no dia 18 de março de 1970. "Ele levava um revólver 38 dentro do jornal que carregava dobrado. Eu tinha uma Beretta calibre 22 na bolsa. Como combinado, eu o abordei bem em frente à entrada do banco, pedindo uma informação. Quando nos viramos para o segurança da agência, o soldado bateu continência para o Gustavo. Mas logo viu as duas armas e se rendeu", relata Ignes. Se a rendição deu certo, o mesmo não se pode dizer sobre o produto do assalto. Eram 12h30, o gerente tinha ido almoçar em casa e levado a chave do cofre. Os guerrilheiros saíram da agência apenas com o dinheiro que estava nos caixas.

Doze dias depois, Gustavo foi preso. Preocupado com a família do caseiro

OS DONOS DO COFRE

Adhemar de Barros e a amante, Anna Capriglione, irmã do marido de um tia de Gustavo

PRESO EM PORTO ALEGRE, GUSTAVO FOI LEVADO PARA O RIO.

de um sítio na região rural de Porto Alegre, ele foi à propriedade para levar mantimentos e dinheiro. Afinal, o caseiro tinha sido preso pelo simples fato de trabalhar no sítio onde se escondia um integrante da VAR-Palmares. “É óbvio que, tão logo o Gustavo saiu do sítio, a mulher do caseiro avisou a polícia”, afirma Ignes. Ela foi presa na sequência: “Antes de começarem a me torturar, eles trouxeram o Gustavo. Ele estava todo arrebatado, desfigurado mesmo, cheio de hematomas. Mas olhou firme para mim e não moveu nenhum músculo, como se não me conhecesse.” Como de praxe na clandestinidade, Gustavo não tinha revelado sua verdadeira identidade para Ignes, nem falado sobre o roubo do cofre. No primeiro momento, o braço gaúcho da repressão também não

conhecia a origem do guerrilheiro com sotaque carioca. Poucos dias depois, uma tentativa desastrosa de sequestrar o cônsul americano em Porto Alegre culminou em uma sucessão de prisões. Todo mundo acabou identificado. Ignes conta que o sequestro do cônsul ainda estava em fase de planejamento ao ser desencadeado: “A ação foi antecipada justamente para resgatar o Gustavo”.

Crime impossível

Com a identificação, Gustavo foi transferido para o Rio de Janeiro, onde chegou com dificuldades para respirar, devido ao nariz quebrado na tortura. Só mais tarde, no exílio, ele se submeteria a uma cirurgia plástica para corrigir o problema. A mudança de cárcere não aliviou a tortura, mas reaproximou Gustavo da família. Seus

pais, Yedda e Sylvio, jamais criticaram o fato de ele ter ajudado a promover um assalto à própria casa. “Meu pai repetia sempre que o Gustavo tinha um ideal”, lembra o advogado Bernardo Buarque Schiller, um dos irmãos de Gustavo. Na época, Bernardo achou a atitude do irmão “inconcebível”, pois havia colocado em risco a família. Alguém poderia ter se ferido ou até mesmo morrido, se tivesse ocorrido um imprevisto. “Guerra é guerra”, argumentava o seu pai, que junto com a mulher Yedda, convocou o jurista Antonio Evaristo de Moraes Filho para defender o filho guerrilheiro. Foi esse conceituado jurista quem anexou aos autos do processo as cópias de prêmios escolares de Gustavo que a **Brasileiros** entregou à Joana. Ele também indicou como testemunha o médico que relatou

VOLTA AO BRASIL

A casa que Gustavo construiu na ilha do Marajó, no Pará, e o barco Utopia

A TORTURA CONTINUOU, MAS ELE FICOU PERTO DA FAMÍLIA

a preocupação de seu paciente com a injustiça social.

No processo, Evaristo de Moraes adotou como linha de defesa a tese de "crime impossível". Usou como base o fato de a antiga amante de Adhemar de Barros garantir em depoimento que o cofre estava vazio. Gustavo também jamais vira o dinheiro, só sabia dele por comentários da própria família. Um dos sargentos que desertou do Exército para aderir à guerrilha e atuou no roubo, desmente a versão de Anna. Ele ainda se lembra da alegria que sentiram ao abrir o cofre. "Eram maços e mais maços de dólares. Tinha até quatro cédulas raras, de US\$ 1 mil, que eu nunca tinha visto antes, nem nunca mais voltei a ver", afirma José de Araújo Nóbrega.

Condenado a dois anos de prisão,

Gustavo acabou libertado e banido do Brasil antes de cumprir toda a pena. Em 13 de janeiro de 1971, ele decolou do Aeroporto do Galeão no Boeing 707 da Varig que levou para o Chile 70 presos políticos trocados pelo embaixador suíço no Brasil, Giovanni Bucher, que havia sido sequestrado pela guerrilha. "Uma vez eu fui apresentado ao Gustavo em Santiago do Chile, mas foi um encontro rápido", conta Nóbrega. No período em que viveu em Santiago, Gustavo não se conformava com a ideia de que a guerrilha estava quase aniquilada e a ditadura, cada vez mais forte no Brasil. Nos anos seguintes, insistiu em voltar a atuar contra o regime militar.

A tentativa de resistência de Gustavo chegou à Joana por meio de uma figura singular. Em meados de agosto

de 2011, ela foi convidada, junto com a mãe, para almoçar na casa de um antigo companheiro do pai, João Carlos Bona Garcia, o único ex-presos político brasileiro mais tarde nomeado juiz de um Tribunal de Justiça Militar. Bona Garcia organizara o almoço em sua ampla residência no bairro Bom Fim, em Porto Alegre, para que Joana conhecesse o homem que foi um segundo pai para Gustavo no exílio. "Era o Gringo. Ele soube que eu existia e veio da Argentina me conhecer. Um senhor de idade, um camponês forte, com mãos calejadas. Um senhor que me abraçava como um avô abraça uma neta e não parava de chorar", recorda Joana, emocionada. "Sempre que descubro ou me contam um pedaço da vida de meu pai é como se uma peça de um quebra-cabeça infinito se encaixasse.

Nesse processo, o momento mais lindo foi quando conheci o Gringo e soube da relação dele com o meu pai.”

O Gringo é o italiano Roberto De Fortini, que chegou ao Brasil aos 13 anos, em 1948. Começou a militância política quando trabalhava como operário. No final dos anos 1960, foi encarregado pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) de cuidar da logística da organização na fronteira do Brasil com a Argentina e o Uruguai. Como fachada, Gringo montou uma empresa de pesca à beira do rio Uruguai, em um lugar chamado Barra do Turvo, a 15 km da cidade de Esperança do Sul (RS). Ao mesmo tempo que a empresa e seus caminhões frigoríficos operavam normalmente, o proprietário tratava de providenciar documentos e armas para a organização de resistência ao regime militar. O plano da VPR de montar uma área de guerrilha na região desmoronou com a prisão da maioria de seus integrantes, inclusive o Gringo, mas ele não desistiu da ideia.

Nuñez Montero: “Para a Argentina, o meu pai não morreu. O Gringo disse que, em todas as eleições, verifica e o nome do Osorio continua lá, na lista eleitoral.”

Manifesto Utópico

Na mesma caixa dos documentos falsificados, Joana guarda documentação autêntica de Gustavo como estudante da Universidade de Paris X-Nanterre, na capital francesa. Lá, estudou Sociologia e Economia. No mesmo período, casou-se com uma professora de piano, a francesa Nicolette Van Der Linden. Em 1980, depois da aprovação da Lei da Anistia, Gustavo fez uma longa viagem com Nicolette pelo Brasil. Ficou encantado com a ilha do Marajó, no Pará. Dois anos depois, a relação do casal estava chegando ao fim quando Gustavo conheceu Lúcia, a mãe de Joana. Gaúcha de Porto Alegre, Lúcia tinha chegado a Paris havia dez dias, para fazer um curso de francês. Não tinha nenhum envolvimento com política, mas logo se enturmou na comuni-

sonhava em levar o desenvolvimento para a ilha: “Ele queria fazer de Marajó uma economia próspera, adequada às vocações locais”. Embora passasse horas a fio lendo e escrevendo a tese, Gustavo ficou muito próximo dos moradores da ilha. Comprou um barco, que batizou de Utopia, e começou a construir uma casa. “Ele fez cinco quartos, pois queria ter quatro filhos”, lembra Lúcia.

Quando Joana estava para nascer, o casal foi para Porto Alegre, para Lúcia dar a luz perto da sua família. Com o bebê, de volta à ilha do Marajó, as condições inóspitas da região começaram a pesar, ao mesmo tempo que acabava o dinheiro da herança. Joana tinha 10 meses, em outubro de 1984, quando Gustavo deu o barco Utopia a um pescador ao qual se afeiçoara, vendeu a casa, e mudou-se com a família para o Rio de Janeiro. Além de continuar escrevendo a tese, fazia uma pesquisa sobre o Estaleiro Mauá para um livro encomendado pela companhia, mas tinha poucas perspectivas pela frente.

QUANDO A AMIGA DE GUSTAVO ENTROU NO QUARTO ONDE

Banido do Brasil no mesmo voo que Gustavo, Gringo entrou com identidade falsa na Argentina já dominada pela linha dura militar e comprou terras em Aristóbulo del Valle, na província de Misiones. Seu plano ainda era montar a área de treinamento, experiência que Gustavo compartilhou no mais absoluto segredo por um longo período. Com a aniquilação da guerrilha no Brasil, Gustavo decidiu retomar os estudos, em Paris. Gringo continua a viver em Aristóbulo del Valle, ainda com identidade falsa. “O encontro da Joana com o Gringo foi muito tocante, quase como encontrar um avô perdido”, diz Bona Garcia. Joana, por sua vez, entendeu por que entre os documentos do pai havia uma carteira de identidade argentina, com sua fotografia, mas o nome Osorio

idade brasileira. “Fui a uma festa em comemoração a um casamento gay. Era na casa de um francês, que estava se unindo a um brasileiro. Na festa, conheci Gustavo e não nos separamos mais”, conta Lúcia.

Com uma tese de doutorado em Economia para redigir, Gustavo decidiu voltar com Lúcia para o Brasil, em setembro de 1982. Nessa época, já preocupava os amigos pelo excessivo consumo de álcool. Como tinha investido a herança deixada por sua mãe, falecida em 1978, ele podia se dedicar à tese e a seus próprios projetos. Não tinha dúvida de que o melhor lugar do País era a ilha do Marajó. O jornalista Galeno, que o acolheu em Porto Alegre logo depois do roubo do cofre do Adhemar, conta que Gustavo

O hábito de beber, cultivado na França, havia se aguçado na ilha, onde tomava cachaça com os pescadores.

Em 1985, no sábado dia 21 de setembro, Gustavo saiu com Lúcia e duas amigas. Joana ficou no apartamento dos pais de uma das amigas de Gustavo, Regina Xexéo, que no passado também integrara as fileiras da VAR-Palmares. Regina conta que tinha o costume de deixar a filha com os seus pais para sair à noite: “Naquele sábado, ficaram a Joana, a minha filha e os filhos do meu irmão”. O grupo circulou por bares e casas noturnas nas imediações da Lagoa Rodrigo de Freitas. Gustavo bebeu muito, mas Regina só estranhou o comportamento do amigo quando, no começo da madrugada, ele perguntou se ela já tinha perdoado os

DOIS TEMPOS

Joana com os pais na ilha do Marajó, em 1984, e em Porto Alegre, com a mãe, Lúcia, dona dos Lhasa Apso Puppy e Vicky

JOANA DORMIA, SÓ VIU A CORTINA DA JANELA BALANÇANDO

seus torturadores: “Respondi que nunca iria perdoar, que queria saber quem foi e queria punição. Achei um mau sinal quando o Gustavo disse que já tinha perdoado os seus torturadores”.

No retorno à Avenida Nossa Senhora de Copacabana, onde estavam as crianças, Gustavo mal esperou a outra amiga, Rosa, estacionar. Desceu rapidamente do carro. Regina conseguiu alcançá-lo no elevador. Já no apartamento, ele foi direto para o quarto onde dormiam Joana, então com um ano e oito meses, e as outras crianças. “Quando entrei no quarto, só vi a cortina balançando. Ele já tinha pulado”, recorda Regina. Era madrugada do domingo que Gustavo combinara com Galeno para ambos levarem à praia, no Leme. “Passei muito tempo remoendo

a culpa de não ter me dedicado mais ao Gustavo naquele período”, confidencia Galeno, à época responsável pela comunicação da Secretaria do Planejamento do Rio de Janeiro, no primeiro governo Leonel Brizola.

Quem não conviveu com Gustavo nos seus últimos anos de vida tem dificuldade em aceitar a forma como ele morreu. Gringo é uma dessas pessoas. “Ele tinha convicção de que haviam matado o Gustavo. Por isso, localizei a mulher que viveu com o Bicho até o final”, diz Bona Garcia, o anfitrião do almoço em que Joana conheceu o Gringo. No quebra-cabeça sobre a história de seu pai, ela agora quer encontrar o *Manifesto Utópico*, como ele intitulara a tese de doutorado. “Tinha 400 páginas, fomos emprestando para um,

para outro, e acabamos perdendo. Ele escrevia à mão, com uma letra bem miúda. Não consegui passar da página 60, mas tentei ler aos 16 anos. Não tinha nem paciência nem maturidade”, conta Joana, que trabalha na gerência de uma rede de academias em Porto Alegre. “Tenho um orgulho gigante de ser filha de quem sou, mas uma imensa tristeza de saber que fui proibida de conviver com esse cara que todos admiram e sentem falta por causa dos caminhos que a política seguiu.” Ela conta ainda que também se orgulha muito da mãe, que trabalha como taquígrafa, e teve de batalhar para muito criá-la, ainda que com o apoio de seus avós maternos. Não por acaso, misturando os termos pai e mãe, Joana costuma chamar Lúcia de “pãe”. **I**

A estudante-espiã, desmascarada, sentada ao lado do namorado José Dirceu: o dirigente da UEE era o terror das garotas

O FRUTO PROIBIDO

Em 1968, uma menina do interior seduziu um importante líder da esquerda. Ela era, na verdade, uma espiã da ditadura conhecida pelo codinome Maçã Dourada. Ele era José Dirceu. ALFA encontrou a personagem central dessa história

POR TOM CARDOSO

No início de 1968, o prestígio de José Dirceu, então presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE), andava em alta – e não era apenas entre a militância estudantil, que ocupara a Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, no centro da cidade, exigindo, entre outras reivindicações, a autonomia universitária, o repúdio às tentativas de privatização, o fim da ditadura militar e a deflagração imediata de uma revolução socialista. Valendo-se dos benefícios gerados por outra revolução, a sexual – essa sim em ple-

no vapor –, Dirceu, mineiro de Passa Quatro, passava o rodo geral. Sua fama de pegador espalhou-se rapidamente pela Rua Maria Antônia – as meninas o chamavam de “Alain Delon dos Pobres”, e os seus pares, jocosamente (ninguém usava aquela franja impunemente), de “Ronnie Von das Massas”. Tudo caminhava bem até Dirceu provar do fruto proibido, ou melhor, cair nas garras da “Maçã Dourada”, o codinome de Heloisa Helena Magalhães, a espiã que o Dops, um dos órgãos de repressão da ditadura, infiltrara no berço do movimento estudantil, que seduzira rapidamente o galã vermelho.

PODER

Ela acabaria desmascarada pelo próprio Dirceu, que, durante um dos encontros amorosos, estranhou a intimidade com que Heloisa manuseara sua pistola .22. O dirigente estudantil mandou investigá-la e descobriu a ligação com o Dops. Amarrada a uma cadeira, com os olhos vendados, numa das salas da Faculdade, Heloisa foi interrogada durante cinco dias e solta apenas na manhã do dia 5 de julho de 1968. O estrago, porém, já estava feito: três meses depois, o Dops desmantelou o 30º Congresso da UNE, em Ibiúna, no interior de São Paulo, prendendo cerca de mil estudantes, inclusive José Dirceu. Alguns militantes acusaram o próprio Dirceu de forçar a prisão em massa de estudantes para criar um fato político, mas depoimentos de diretores do Dops, anos depois, creditaram o desmantelamento do congresso às informações enviadas pelo seu grupo de espiões – parte delas repassadas por Maçã Dourada.

Enquanto José Dirceu seguiu sua escalada rumo ao poder, Heloisa preferiu o anonimato – foi viver em Ubatuba, litoral de São Paulo, onde se casou, teve três filhos e abriu uma loja de artesanato. Agora, o ex-dirigente estudantil e a ex-espiã podem ficar próximos novamente. Ao menos geograficamente. Dirceu, condenado a dez anos e dez meses de prisão por formação de quadrilha e corrupção ativa, cumprirá parte da pena em regime fechado, provavelmente num presídio de segurança máxima no interior de São Paulo. Se for para o Centro de Ressocialização de Limeira (o outro destino pode ser o Complexo Penitenciário de Tremembé), o ex-ministro ficará a poucos quilômetros de Casa Branca, cidade de 30 mil habitantes onde vive “Zelena”, como todos chamam a advogada e militante ambiental Heloisa Helena Magalhães – ela mesma, a Maçã Dourada.

Heloisa decidiu, depois de quase 40 anos, voltar para Casa Branca, cidade onde passou (ela é nascida em Araçatuba) boa parte da infância e juventude antes de partir para São Paulo. Trazia a experiência adquirida em Ubatuba como militante ecológica – em Casa Branca, abriu uma creperia e se engajou na luta pela preservação das áreas ambientais da cidade, conhecida pela abundância de voçorocas, fenômeno geológico que consiste na formação de grandes buracos de erosão e que se tornou a atração turística do município. Na cidade, ape-

Estudantes detidos após o Congresso da UNE, em Ibiúna, no interior de São Paulo, em 1968; e José Dirceu (à direita), um dos líderes do encontro estudantil, é levado preso (na pág. ao lado)

nas os mais velhos já ouviram falar de algumas histórias a respeito da Maçã Dourada – foi uma senhora, beirando os 80 anos, que levou a reportagem de ALFA até a residência de Heloisa, uma modesta casa quase na esquina de uma pacata rua do centro de Casa Branca. No caminho, a simpática velhinha soprou no ouvido do repórter: “Você sabia que a Zelena foi espiã da polícia? E tem mais: ela ajudou a prender o Zé Dirceu. Esse mesmo, o do mensalão”.

Toco a campanha. Quem atende é uma moça loira, beirando os 25 anos. É a filha de Heloisa. Pergunto sobre a dona da casa. Com óculos escuros, camisa azul, calça branca, batom, cabelo preso por uma trança – e as unhas pintadas de vermelho –, surge Zelena. O diálogo é franco, direto:

- Pois não, o que deseja?
- Heloisa Helena Magalhães?
- Sim, sou eu.
- A Maçã Dourada?
- Não tenho nada a dizer sobre isso. Boa tarde.

Heloisa recolhe-se. Passo a conversar com sua filha. Ela diz que a mãe não gosta de falar no assunto nem para os filhos e que pretende contar sua versão em um livro, que será escrito a quatro mãos com um jornalista. Livro? Heloisa volta à varanda da casa. “Sim, um livro. Pela primeira vez terei a oportunidade de desfazer esse monte de mentiras envolvendo o meu nome.” Que mentiras? Heloisa pede que eu faça uma apresentação sobre o que sei da história da Maçã Dourada. Sob o olhar curioso da filha, passo a relatar o que conheço da história “oficial”. Heloisa trabalhava no setor de Relações Públicas da Secretaria de Segurança Pública, morava numa quitinete na Praça Roosevelt e se infiltrava na Faculdade de Filosofia usando uma carteira de estudante falsa. Depois do episódio em que desarmou com facilidade o revólver de José Dirceu, ele ordenou que vasculhassem o apartamento dela. Ali, encontraram listas com nomes de lideranças do movimento estudantil, relatórios sobre organizações e trajetos de passeatas e uma ficha funcional da “investigadora Maçã Dourada”.

“Você sabe quem inventou esse nome, Maçã Dou-

rada?”, pergunta Heloisa, para responder em seguida: “O próprio José Dirceu. Ele inventou toda essa história de espia porque era conveniente para a militância naquele momento. Eu, por exemplo, nunca peguei numa arma – como ia conseguir desarmar uma?”. Pergunto qual seria o interesse de Dirceu em inventar a história. “As informações que vazaram e que caíram nas mãos do Dops não foram passadas por espãs, e sim pela própria militância, que estava dividida em vários grupos, que nem sempre se entendiam.”

Pergunto se ela recorda de uma antiga companheira de trabalho na Secretaria de Segurança: Darcy Moreira Prates. “Não, não me lembro”, diz Heloisa. Darcy trabalhou com Heloisa na Secretaria, uma prova incontestante de que, espia ou não, ela circulava entre os agentes da repressão. “Eu sabia que ela não se lembraria de mim. Faz tanto tempo”, diz Darcy Moreira Prates, funcionária pública aposentada, hoje com 75 anos. “Mas eu jamais vou esquecê-la. Não tivemos muita convivência, mas o que ela dizia sempre me chamava a atenção. Ela era nova, porém muito esperta e misteriosa. Sabia

PODER

tudo o que acontecia, parecia vidente”, lembra Darcy. “Eu ia para casa e a Heloisa sempre falava para não passar em tal rua, que ia ter manifestação estudantil. No dia da bomba do Estadão, ela disse para eu evitar passar pela Major Quedinho.” A Rua Major Quedinho, no centro de São Paulo, era a sede do jornal *O Estado de S. Paulo*, que na época era alvo de atentados da esquerda e da direita. No dia 20 de abril de 1968, uma bomba explodiu no saguão do Estadão, ferindo o porteiro Mário Rodrigues. “Quando soube que ela era uma espia, fiquei chocado, mas não surpresa. Eu percebia que havia algo estranho. Cheguei a vê-la conversando com o Celso Telles (diretor do Dops)”, diz Darcy.

Conto a Heloisa o depoimento de Darcy. Ela insiste na tese de que nunca trabalhou como espia, mas admite, enfim, que trabalhava na Secretaria de Segurança, porém num cargo burocrático. Pergunto qual era o cargo e quem a havia indicado. Heloisa diz que não tem mais nada a dizer, tudo será revelado no misterioso livro – o *ghost writer* também é mantido em segredo.

BLITZ NA QUITINETE

“A Heloisa nunca foi espia. Eu garanto, pois quem infiltra os espões na Maria Antônia era eu”, diz José Paulo Bonchristiano, ex-delegado do Dops, um dos responsáveis por dismantlar o Congresso da UNE em Ibiúna. Bonchristiano diz que Heloisa, na prática, funcionava como uma informante. “Eu sabia do relacionamento dela com o Dirceu. E ela passava informações, sim, e informações muito importantes”, afirma Bonchristiano, que admite ter usado algumas informações trazidas por Heloisa para dismantlar o Congresso de Ibiúna. “Mas daí dizer que ela era uma espia já é demais. E nem sei de onde saiu esse nome Maçã Dourada”, afirma.

Aluno de Letras e um dos coordenadores da ocupação na Maria Antônia, Vicente Roig recebeu a ordem vinda de Dirceu: vasculhar imediatamente a quitinete de Heloisa Helena, em busca de provas da ligação com a repressão. Todos na faculdade sabiam do envolvimento de Dirceu com a misteriosa estudante, que, apesar da (falsa) carteira da faculdade, não frequentava nenhum curso – era mais vista nos bares que nas salas de aula.

Roig cumpriu as ordens do dirigente e foi até a Praça Roosevelt. “Cheguei lá e achei apenas um documento, um formulário com o nome da Heloisa e o seu codinome ao lado: Maçã Dourada”, ele lembra. “Quando retornei para a faculdade com esse documento, foi um alvoroço. Levamos a Heloisa ao prédio da Física e da Matemática, que estava desocupado, onde ela foi amarrada e vendada. Ela ficou muito nervosa, desesperada”, diz. “Depois, com o tempo, eu e outros estudantes refletimos: por que uma espia deixaria em cima da mesa um documento com o seu nome e codinome? Mas já era tarde. Eu acho que a Heloisa está mais para laranja do que para maçã. Era uma menina bonitinha, deslumbrada, que circulava entre os estudantes e que certamente foi usada pelos caras do Dops”, diz Vicente.

O agrônomo e economista José Eli da Veiga, que também viveu intensamente os acontecimentos de 1968 – ele era um dos responsáveis por organizar a segurança dos estudantes durante a ocupação da Maria Antônia –, acredita que os agentes do Dops não estavam ainda organizados o suficiente para coordenar um grupo de es-

Heloisa com o pai (1); na loja de artesanato em Ubatuba, em 1985 (2) e na Secretaria de Segurança com a colega Darcy (em pé) (3)

piões. “Eu tinha de antecipar a repressão policial e não passava muitas dificuldades para isso. Eles não tinham nenhum departamento de inteligência. Eram bem rampeiros”, diz Veiga. Para ele, a espiã Maçã Dourada é muito mais resultado da revolução sexual do que política. “A Heloisa não passava de uma garota que estava vivendo – assim como nós, homens – as vantagens do amor livre, da pílula anticoncepcional, que acabou virando lenda.”

A negociação pela liberdade de Heloisa também é cercada de mistérios. Ela diz que só no livro vai contar o que passou nas mãos dos estudantes nos seis dias em que foi mantida presa na USP. Pergunto se ela chegou a ser agredida. “Espere meu livro e saberás”, diz. No dia 10 de julho de 1968, o jornal *O Estado de S. Paulo* abriu o caderno policial com a seguinte matéria: *Heloisa Helena Magalhães, a “Maçã Dourada” do Dops, infiltrada no movimento estudantil, foi solta ontem ao meio-dia (...) O estudante João Carlos Figueiroa, por cuja liberdade foi trocada a de Helô, ainda não apareceu em São Paulo, embora as declarações de contato de seus parentes em Botucatu confirmem que ele está bem.*

Morando em Bauru, interior de São Paulo, João Carlos Figueiroa foi localizado pela reportagem de ALFA. “Eu nunca fui trocado por nenhuma Maçã Dourada. Quem negociou a minha liberdade (estudante das Ciências Sociais, ele foi preso durante uma manifestação) foi minha família. Eu fazia parte do grupo do (Luís) Travassos, que tinha sérias divergências políticas com o grupo do Dirceu.”

Quando o já todo-poderoso presidente da UEE se viu enganado pela ingênua garota do interior, parte dos estudantes da Maria Antônia não perdoou. Uma paródia da *Jardineira* passou a ecoar nos corredores da faculdade: *Mas ô Dirceu / Por que estás tão triste? / Mas o que foi que te aconteceu? / Foi a Heloisa que dedou a turma / Fez bilhetinhos / E a turma prendeu.* Pergunto a Heloisa se ela tem alguma música que simbolize sua história e a do ex-namorado, José Dirceu. Diante do silêncio da Maçã, dou a dica: *Que tal Apesar de Você? Apesar de você / Amanhã há de ser outro dia / Ainda pago pra ver / O jardim florescer / Qual você não queria / Você vai amar-gar / Vendo o dia raiar / Sem lhe pedir licença...* **A**

O romancista, imortal da ABL, revela que não sabe dizer não. Nem mesmo ao personagem secundário do novo livro, que exigiu ser protagonista. Por Tom Cardoso, para o Valor, do Rio

O escritor e o seu duplo

O pânico tomou conta do repórter. Ele havia entrado no apartamento errado. Por certo, a diarista, imersa nos seus afazeres, contribuíra para a gafe, autorizando a entrada do estranho. Ali dificilmente moraria João Ubaldo Ribeiro. As duas estantes da sala, de frente ao sofá, estavam abarrotadas de pelo menos 30 miniaturas de heróis e vilões de HQs, do Coringa ao Surfista Prateado, da Mulher Maravilha ao Lanterna Verde. O romancista e cronista baiano, autor de “Viva o Povo Brasileiro”, clássico da literatura brasileira, agraciado com o Prêmio Camões, imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), teria sido acometido, aos 73 anos, por uma espécie de síndrome de Peter Pan? E o que fazia aquele retrato de Elvis Presley apoiado em Conan, o Bárbaro? Não há registros de seu entusiasmo pelo rock americano dos anos 50. “A foto de Elvis foi um presente dado a Berenice, minha mulher.” A voz, de trovão, de preto velho baiano, vinda do alto da escada, que liga o primeiro ao segundo andar do apartamento, era inconfundível. De bermuda, camisa xadrez e chinelo de couro, surge Ubaldo. O arquétipo do homem nascido em Itaparica, pelo menos, estava preservado.

O mal-entendido é desfeito rapidamente. Não há chance de Ubaldo levar as miniaturas

para os chás da tarde na ABL. Ele continua não tendo o menor interesse por super-heróis. Muito menos por vilões. A coleção pertence ao filho Bento Ribeiro, ator, humorista e aficionado por brinquedos — até hoje, aos 32 anos. As miniaturas estão no apartamento do pai até que Bento, de mudança de São Paulo para o Rio, ache um novo lar para Batman, Robin e companhia. Outro pai, provavelmente, não aceitaria transformar o espartano apartamento numa espécie de Sala de Justiça da Marvel. Mas Ubaldo não é de dizer não. Nunca foi. O que explica a demora para concluir o novo romance, prometido, há anos, à editora Objetiva. Além de acatar o pedido do coadjuvante do romance, que exigiu virar protagonista, insurreição que obrigou o escritor a começar tudo de novo, ele tem que suportar as aporriações do dia a dia.

“O livro desanda quando a gente deixa de tomar conta”, diz Ubaldo. “E tem uns cinco, seis anos que eu não consigo trabalhar. Dou conta apenas da minha coluna semanal [publicada nos jornais ‘O Globo’ e ‘O Estado de S. Paulo’]. Também credita a falta de tempo ao aumento do número de feiras literárias. “Toda cidade com mais de dez mil habitantes tem sua feira literária. Até Xique-Xique [município do semiárido baiano] tem a sua”, diz. “Pa-

rece mentira, mas tenho como provar: recebo um ou dois convites por dia para palestras.”

Ubaldo recusa todos. Vai abrir uma pequena exceção em breve: viajará a Paris a convite da Universidade Sorbonne. Pretende começar para valer o romance assim que puder — se os telefonemas cessarem. Para um homem que tem dificuldades em dizer não, cada ligação é um tormento. Mesmo que o convite seja dos mais absurdos, facilmente recusável, como no dia em que recebeu a proposta de João Alves, então deputado pela Bahia, para escrever sua biografia. Na época, em 1993, Alves era o chefe do esquema conhecido como Anões do Orçamento, um dos maiores escândalos de corrupção do país. Alves justificava o enriquecimento repentino, incompatível com sua renda de parlamentar, pelas dezenas de vezes que ganhara na loteria.

Acuado na época, em meio ao tiroteio, o deputado ligou pessoalmente para Ubaldo. Apresentou-se como amigo do pai do escritor, o professor e político baiano Manuel Ribeiro, e pediu que Ubaldo escrevesse um livro contando “a verdadeira história do caso”. Pagaria o que fosse preciso. “Ele não era amigo do meu pai coisa nenhuma e, mesmo que fosse, é claro que eu não aceitaria escrever, por dinheiro nenhum, um livro como aquele”, afirma Ubaldo,

CARLOS CHICARINHO/AGÊNCIA ESTADO/RE

O escritor em 1994, empossado na ABL: quem posa é o "Grande Ubaldo"

TASSO MARCELO/AGÊNCIA ESTADO/RE

Em 2008, o oitavo brasileiro a receber o prestigioso Prêmio Camões

SÉRGIO PEDREIRA/FOLHAPRESS

Carnaval de 2004, entre Gil, Margareth Menezes e Caetano: homenagem

LUIS CLEBER/AGÊNCIA ESTADO/RE

Com os colegas cronistas Luis Fernando Veríssimo e Zuenir Ventura

que recusou, com a elegância de sempre, a oferta de Alves. Não foi suficiente: "Para ele existir foi um saco. Um dia, calhou de a minha irmã estar aqui em casa. Ela, sempre decidida, pegou o telefone e encerrou a conversa".

A diarista serve o café. Com certo ar de tédio, Ubaldo revela que, se pudesse, recusaria não só o convite da palestra em Xique-Xique como também o da Sorbonne. "Sabe jornalista que sai da redação e vai bater papo sobre jornalismo ou o médico que vai para o boteco falar sobre cirurgia? Eu escrevo, mas não sou ligado ao métier", comenta. "Acho papo literário muito chato. Eu vou porque é necessário, mas eu não gosto, não. Não é um sacrifício, mas prefiro ficar quieto no meu canto." O canto, um apartamento simples no Leblon, onde Caetano Veloso morou nos anos 70 e abrigou também o amigo e jornalista Tarso de Castro, é o lugar onde ele se protege dos chatos. Como a maioria dos amigos já se foi — e continuam indo —, o escritor tem saído cada vez menos de casa. Só arreda o pé dali aos sábados e domingos, quase sempre para ir ao Tio Sam, o boteco da esquina. Na sua mesa, fala-se sobre tudo, menos de literatura. Nenhum dos amigos é escritor. "É gente normal: de ex-comandante da Varig a contador", conta Ubaldo. "Ao contrário do que se diz por aí, amizade de boteco é algo muito bom."

Depois de 11 anos bebendo guaraná diet no Tio Sam, Ubaldo voltou a beber uísque. Ele considera o seu caso raríssimo: o do ex-alcoólatra que, ao voltar a beber, depois de tantos anos, volta bebendo menos. "Bem menos", assegura. "Bebo só quando viajo, o que é raro, e quando encontro os amigos no Tio Sam, no fim de semana. Não tem bebida aqui em casa. Antes bebia até dormindo, quase morri", relata. "Eu sei que o fanático de AA [Alcoólatras Anônimos] vai dizer que estou mentindo, mas o fato é que a bebida deixou de ser um problema para mim." Antes, lembra o escritor, era duro conviver com a doença. Não só por uma questão de saúde — acometido por uma pancreatite, passou 15 dias lutando contra a morte no hospital. "Depois que saí na capa de uma revista com a cara inchada, passei a ser o único cachaceiro do país. Se um bêbado atropelava alguém na rua, ligavam imediatamente para mim."

O cada vez mais recluso Ubaldo só não deixa de ir a Itaparica, sempre que pode — e deixa. Os amigos continuam por lá. Ele poderia, teoricamente, escrever as crônicas e livros na ilha baiana, mas a mulher, Berenice, não acha prudente. Ubaldo também não. "Minha velha [Berenice] fica, com razão, preocupada de eu ter um treco em pleno inverno (sic) de Itaparica, época em que chove muito — depois das 9 da noite a ilha fica deserta, não há

um poste de luz aceso." A idade, como se vê, impôs algumas limitações a Ubaldo, mas também permitiu que se livrasse mais facilmente dos aborrecimentos diários — ou de se preocupar exageradamente com as coisas, a imagem ou o desempenho profissional. "É claro que não tem muita graça você ficar lidando com o enfraquecimento do organismo, mas velho tem uma coisa que é muito boa: não paga mico", comenta. "Como não tenho mais nada para provar, dificilmente me meto em encrenca. Já os jovens não, esses, por pura ansiedade, vivem pagando mico."

Ubaldo cita o avô materno, o "coronel" Osório Pimentel, que a certa altura da vida já não fazia a menor questão de manter a compostura. O escritor era criança quando o avô recebeu em casa o então governador da Bahia, Régis Pacheco (1895-1987), e alguns secretários de Estado. Depois do banquete, da banda de música, dos discursos, conta Ubaldo, todos se sentaram no sofá para jogar conversa fora. "Assim que começaram a papear, meu avô, cercado de puxa-sacos do governador, soltou uma sinfonia de puns. Minha avó o cutucou e levou uma bronca ali mesmo, na frente do governador e dos secretários. 'Me deixe em paz, mulher! Faz um mal tremendo ficar prendendo essas coisas! Àquela altura ele não tinha nada a perder', lembra-se Ubaldo. "Eu não faço esse tipo de coisa em público, mas não ficaria mortificado se tivesse que fazer." Talvez, no máximo, ele levasse um pito do "Grande Ubaldo".

São duas personalidades convivendo, nem sempre de forma harmônica, numa mesma pessoa: o Grande Ubaldo e o Pequeno Ubaldo. O primeiro é disciplinado, educado e cordial. O segundo, hedonista, indolente e irascível. Ubaldo detesta o Pequeno, que o impede de trabalhar, de fazer o que é preciso ser feito, mas no fundo o escritor não saberia viver apenas com o Grande Ubaldo. Nada mais insuportável que uma personalidade metódica. "O problema é que o Pequeno se sobrepõe cada vez mais ao Grande. Ele é chato pra caramba, uma coisa horrorosa, não larga do meu pé. Um preguiçoso", afirma Ubaldo. "Essas duas entidades vivem em permanente guerra dentro de mim. No fundo eu preciso desse equilíbrio de forças, todos nós precisamos."

Por enquanto, com o Pequeno Ubaldo vencendo a batalha, os fãs do escritor têm que se contentar com uma edição comemorativa de 30 anos de "Viva o Povo Brasileiro", que será lançada em breve pela Objetiva com prefácio do cineasta Cacá Diegues. Ao contrário de outras obras, como "Sargento Getúlio", que virou filme, em 1983, dirigido por Hermano Penna; "O Sorriso do Lagarto", minissérie da TV Globo, adaptada em 1991 por Walter Negrão; e "A

Casa dos Budas Ditosos", sucesso no teatro com Fernanda Torres, até hoje o seu livro mais cultuado não foi adaptado para nenhum formato, apesar de a história ser cobiçada por vários diretores ao longo dos anos — Walter Avancini (1935-2001) sempre sonhou em dirigir um longa-metragem sobre "Viva o Povo Brasileiro". "Ele [Avancini] queria muito, mas, infelizmente morreu antes", diz Ubaldo, que gosta das adaptações de "Sargento Getúlio" e de "A Casa dos Budas Ditosos". A minissérie da Globo Ubaldo começou a ver, mas desistiu logo nos primeiros capítulos: "Não tem um negro no elenco. E no 'Sorriso do Lagarto' tem — como em todos os meus outros livros — negro a dar com um pau".

Depois do café, o escritor sobe vagarosamente a escada que liga o primeiro ao segundo andar do apartamento, onde fica o escritório, território dos acirrados embates entre o Pequeno e o Grande Ubaldo. O Pequeno certamente é responsável pela bagunça: pilhas e pilhas de livros misturados a jornais e revistas, sem nenhuma ordem. Já o Grande Ubaldo responde pela organizada parafernália tecnológica, capaz de causar inveja ao mais nerd dos escritores: dezenas de aplicativos e um computador de última geração que roda seis dicionários ao mesmo tempo, além de um programa que avisa — com a voz da mulher, Berenice — a hora que ele deve tomar os remédios, caso seja dia do indisciplinado Pequeno Ubaldo. O autor lembra que ele foi um dos primeiros da sua geração a adotar o computador. Na época, morando em Berlim, um amigo o alertou que o uso do computador — e o abandono da máquina de escrever — alteraria para sempre o estilo de seus romances.

"Eu achei uma bobagem, mas com o tempo passei a concordar com esse amigo", diz Ubaldo. Ele cita como exemplo a feitura do próprio "Viva o Povo Brasileiro", nascido de uma provocação do editor Pedro Paulo de Sena Madureira, que dizia que "brasileiro só sabia escrever livros 'fininhos', para ser lidos na ponte aérea". O escritor baiano, possuído pelo Grande Ubaldo, escreveu um romance bem extenso, grosso, denso, "para esfregar na cara de Pedro Paulo". E sem a ajuda do computador. "Deu 6 quilos e 700 gramas de papel", lembra-se. Se Ubaldo decidisse alterar algo na página 600, tinha que, automaticamente, mudar uma passagem na página 320. E outra na 195. E mais uma na 56, o que implicava revirar a enorme pilha de papel. Um trabalho braçal que nem o esforçado Grande Ubaldo estava disposto a encarar. "Quase sempre eu desistia de fazer as alterações", diz. Com o surgimento do computador, o escritor passou a dividir o mesmo espaço com o "editor". "Não tenho dúvida de que essa facilidade tirou um pouco da

Ubaldo, que em breve vai a Paris a convite da Sorbonne e só depois retomará novo livro: "Acho papo literário muito chato. Eu vou porque é necessário. Não é um sacrifício, mas prefiro ficar quieto no meu canto"

espontaneidade dos meus livros."

Que deixem, agora, Ubaldo trabalhar. É com os seus aplicativos — e a disciplina do Grande Ubaldo — que o romancista espera contar a partir de abril, quando pretende, finalmente, dar rumo ao esperado livro. Ele continua um tanto cético, porém, quanto ao destino do romance, que voltou, pelos já sabidos motivos, à estaca zero — o autor nem sabe se serão várias histórias interligadas ou uma só. A única certeza que tem é que será ambientado no Rio. Para chegar lá, Ubaldo faz um pedido: que parem de pedir-lhe opinião sobre tudo. Nos últimos anos, ele falou incontáveis vezes sobre os mesmos assuntos. No topo da lista, o polêmico projeto da ponte que liga Salvador à ilha de Itaparica. "Falei 5.437 vezes sobre o tema." Seguido pela não menos controversa discussão sobre trechos racistas na obra de Monteiro Lobato. Ele lembra que durante uma semana inteira, todos os dias, também falou sobre a sua recusa a ir à Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), em 2004 (ele desistiu de participar alegando que a feira priorizava os autores da Companhia das Letras).

Atualmente, diz Ubaldo, a moda é perguntar a ele sobre a polêmica da lei das biografias e a atuação de Joaquim Barbosa na presidência do Supremo Tribunal Federal (STF), como se sua opinião sobre o julgamento do mensalão — e sobre a censura prévia — já não tenha sido expressa diversas vezes na coluna semanal.

Ubaldo é um crítico feroz do governo Dilma, assim como já era do governo Lula, a ponto de receber um e-mail do ex-deputado José Dirceu pedindo o seu endereço. "Ele disse que desejava que eu conhecesse a versão dele de

toda a história e me mandou um livro, que eu nunca li. Não me sinto obrigado", alega. "Não acho que ele [José Dirceu] seja santo nem que deva ser banido da sociedade. Não sinto ódio por ele. Aliás, não sinto ódio de ninguém, não faz parte do meu temperamento." E — para não perder o costume — o que ele acha da atuação de Joaquim Barbosa na presidência do STF? "Não há dúvida que ele tem desempenhado um papel importante", responde. "Mas me formei em Direito. Na minha época, ministro do Supremo era uma figura quase sagrada, não saía dando entrevista por aí ou batendo boca com o colega ao vivo na televisão."

Antes de voltar à sala, para o terceiro café deste discreto "À Mesa com o Valor", Ubaldo acomoda-se na cadeira do escritório para o ensaio fotográfico. O fotógrafo pede que o escritor faça "pose de erudito", no estilo "gênio trabalhando", logo ele que detesta esse tipo de coisa — mão no queixo nem pensar. Por fim, Ubaldo é convencido a retirar um livro da estante e abri-lo numa página qualquer. Ele pede que repórter desça à sala e pegue o seu atual livro de cabeceira. É o romance "Fim", da atriz e amiga Fernanda Torres (ela dedica o livro a Ubaldo). "Estou gostando muito. Ela já é uma escritora pronta, madura." O ensaio é feito. Ubaldo esforça-se para atender a todos os pedidos do fotógrafo. É um homem cordial (o novo romance, pelo jeito, não sairá tão cedo). Antes da despedida, vamos à cozinha para mais um café. Há um pote de jaca, fruta muito apreciada pelos baianos, na mesa. O repórter faz a última indagação: "Você gosta de jaca mole ou de jaca dura?" Ubaldo abre um grande sorriso. "De jaca dura", diz. "Está aí uma pergunta que nunca me fizeram." ■

A nova bolha (TAB UOL)

Acessar no link: <http://tab.uol.com.br/nova-bolha/>

Observação: reportagem multimídia. Só pode ser acessada no ambiente web e com conexão

Quer que eu desenhe? (TAB UOL)

Acessar no link: <http://tab.uol.com.br/emoji/>

Observação: reportagem multimídia. Só pode ser acessada no ambiente web e com conexão

Crack – a geografia da droga, um desafio sem dimensão

Acessar no link: <http://infograficos.estadao.com.br/especiais/crack/>

Observação: reportagem multimídia. Só pode ser acessada no ambiente web e com conexão

Metrópole

Reportagem especial multimídia*
A invasão da droga nos rincões do sossego

“TEMOS PESQUISA RECENTE QUE INDICOU PREVALÊNCIA DE 0,8% DA POPULAÇÃO BRASILEIRA (1,6 MILHÃO). ESTAMOS FALANDO DE QUEM FAZ USO REGULAR DO CRACK.”

Vítore Maximiano, secretário nacional de Política de Drogas

Na estrada.
‘Estado’ percorreu 6,6 mil km para traçar o panorama do crack em SP

Levantamento no Estado de SP revela que 1/3 das cidades relata ter alto índice de problema por causa da droga

Ricardo Brandt | TEXTOS
Robson Ferrnanáfes | FOTOS

Passados 23 anos da primeira apreensão de crack em São Paulo, a “raspa da canela do capeta” – como era conhecida a droga quando surgiu na periferia da zona leste, nos anos 1980 – avança por todas as regiões do Estado e faz do enfrentamento ao problema um dos principais desafios para cidades pequenas e médias. Governos estadual e federal estimam entre 350 mil e 400 mil usuários no Estado. Mapeamento da Confederação Nacional dos Municípios (CNM) atualizado em tempo real pelas prefeituras revela que 194 cidades paulistas declararam ter alto nível de problema decorrente do consumo de crack – quase um terço dos 645 municípios do Estado.

Subproduto sujo e barato da cocaína, a droga que deve seu nome aos astalos que emite ao ser queimada virou praga em municípios como Águas de Lindóia e Serra Negra (estâncias hidrominerais), Campos do Jordão (a “Suíça brasileira”), Ilhabela (recurso turístico no litoral norte) e Caranica (patrimônio da humanidade). O crack ateta também cidades de referência, como Ibitinga (a ca-

pital do bordado), Monte Alegre do Sul (a capital do morango) e Louveira (2.º maior PIB per capita do País).

O secretário nacional de Políticas sobre Drogas, Vítore Maximiano, admite que a situação é grave. “O uso do crack surgiu mais acentuadamente nas grandes cidades e, especialmente, nas metrópoles. Mas temos notado que o crack também é droga presente em pequenos e médios municípios”, afirma.

Durante quatro meses, a reportagem do Estado constatou essa realidade ao percorrer 6,6 mil quilômetros para levantar dados, ouvir autoridades federais, estaduais e municipais, visitar clínicas, comunidades terapêuticas e pontos de consumo. No caminho, visitou 13 municípios que denunciaram alto ou médio nível de problema com crack e conversou com usuários e parentes. Ibitinga, com 53 mil habitantes, é um exemplo entre os rincões do sossego de como o consumo do crack pode virar uma epidemia. “A sensação é local (sic). Fica encanado, a gente paga para ter medo. Não dá futuro para ninguém, né, cara?”, diz Felipe (nome fictício), de 19 anos, dependente desde os 15. Após seis meses internado, ele saiu poucos dias antes da entrevista e foi direto para a “biqueira” – ponto de venda de droga. “Comprei 20 gramas de crack. Estou aqui faz cinco dias virado (sem dormir)”, conta, em uma área conhecida como crackolândia – referência ao local de venda e consumo mais conhecido do País, na Luz, na capital.

Em sua configuração no interior, a “crackolândia” de Ibitinga funciona em um matagal atrás do cemitério. “Não vai filmar minha cara”, avverte Lobão (nome fictício), de 37 anos, aparência de 50, enquanto se prepara para fumar. Ele usa boné, carrega em uma das mãos isqueiro e lata que serve como cachimbo e na outra uma pedra. “Fui gerente de grande empresa, andei em carão e hoje não tenho nada.”

Felipe e Lobão fazem parte de uma população aparentemente invisível, mas escancarada para quem quiser

“A SOCIEDADE VIVE ESSE PROCESSO DE ENTENDER QUE O USO DO CRACK TOMA PROPORÇÕES CADA VEZ MAIS INCONTROLÁVEIS.”

Talita Valle, coordenadora do Núcleo de Saúde Mental de Ibitinga

AS CASAS DE CONSUMO E OS ‘NOIAS’ INVISÍVEIS

Diferentemente das grandes cidades, onde há concentração de usuários em áreas centrais, nos pequenos e médios municípios a pulverização é maior: minierações surgem em bairros onde há tráfego, perifericos ou não, em galpões e prédios abandonados, sob viadutos, em praças e ao redor de cemitérios.

Com 43 mil habitantes, Garça, no centro-oeste paulista, tem “funclórnios”, versão adaptada das casas de ópio orientais. “São as casas de uso de crack”, confirma o psicólogo José Roberto Ottoboni, coordenador na cidade do Centro de Atenção Psicossocial Alcool e Drogas (Caps AD) – carro-chefe da política municipal de tratamento

‘Casas de crack’. Usuários cedem espaço em troca da droga

MAPA DO VÍCIO
● Nível de problema com a droga nas cidades paulistas que participaram do levantamento

FONTE: CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS MUNICÍPIOS

ver. “É quase uma crackolândia. As pessoas identificam o bairro como sendo delas. Via de regra, polícia não faz ronda lá”, conta Talita Valle, coordenadora do Núcleo de Saúde Mental da prefeitura, porta de entrada na rede pública para dependentes.

Em estâncias balneárias o crack também avança. Em Ilhabela, cidade com 28 mil habitantes, a prefeitura fez um levantamento sobre os usuários de droga para pedir uma unidade ambulatório especializada para dependentes. “Está em todos os lugares. E, infelizmente, não conseguimos ficar fora disso”, afirma a secretária municipal de

Saúde, Lúcia Reale Colucci. No município, foram identificados 206 usuários.

Com 24 mil habitantes, Martinópolis, no oeste paulista, é outra estância turística a enfrentar a ofensiva do crack. “A gente percebe esse número crescente a cada dia”, explica a psicóloga Mariana Maiavolta, de 31 anos, coordenadora do Centro de Atenção Psicossocial (Caps). “Na praça, tem consumo de madrugada, independentemente da droga. Já existe até um preconceito de vir para praça à noite”, diz Ana Flávia Sakamoto, de 17 anos.

A droga também invadiu a serra e chegou a Campos do Jordão. O consu-

mo do crack acontece à noite em uma das praças centrais, atrás do mercado municipal, e também de dia, às escondidas, nas escadarias abertas no meio dos quarteirões. O problema se reflete também no número de internações do único hospital de tratamento de tuberculose do Estado. “O Hospital Leonor Mendes de Barros é referência. Hoje temos em média 130 pacientes internados, e 98% de dependentes químicos”, conta Renato Marcelo da Silva, diretor técnico da unidade.

Mapa. No total, 556 municípios do Estado declararam ter o crack como droga presente, em levantamento realizado em 2012 para o Observatório do Crack. “Mais de 70% das cidades de São Paulo informaram ter problemas sérios com crack que impactam a gestão municipal. E as prefeituras não estão preparadas para lidar com essa situação complicada”, afirma o presidente da CNM, Paulo Ziulkoski.

As estimativas sobre os números de viciados no Estado são de pesquisas feitas em grandes cidades e o último estudo que trouxe dados específicos sobre São Paulo é o 2.º Levantamento Nacional de Alcool e Drogas (Lenad), de 2012, feito pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Uma subamostragem para São Paulo revelou que 165 mil pessoas haviam usado crack um ano antes da consulta e 486 mil, usado a droga uma vez na vida.

Para o governo federal, os dados mais confiáveis são da Estimativa do Número de Usuários de Crack e/ou Similares nas Capitais do País, divulgada em setembro. Eles apontam a existência de 350 mil usuários frequentes em São Paulo. Dependendo de como é feito o levantamento, no entanto, até os números oficiais divergem. Para o psiquiatra Ronaldo Laranjeira, articulador da política antidrogas paulista, a quantidade de usuários de crack é maior. “Há 1 milhão no Brasil, 40% deles no Estado de São Paulo”, afirma.

dos dependentes químicos.

O Estado visitou duas dessas casas em Garça. Numa delas, o dono é um ex-caminhoneiro de 61 anos, viciado em crack há mais de 15. “É polícia”, pergunta desconfiado Jaime (nome fictício). A única coisa minimamente organizada na casa é um altar improvisado no quarto em que ele descansa quando fica sem usar crack, com fotos dividindo espaço com imagens de santos. “Eu fico aqui. Quando alguém vem, me dá um agrado.”

“A droga segue o dinheiro. No Estado, ocorreu a pulverização dessa rede

CRACK

A INVASÃO DA DROGA NOS MUNICÍPIOS DO SOESTE

www.estado.com.br/etcrackswsp

● Efeitos

Prazer maior que sexo faz viciado fumar até morrer.

● Rota caiçira

Cidades do interior, de rota do tráfico internacional, viram pontos de consumo.

● Além da cachoeira

Cidades do interior relatam ter mais problema com crack do que com álcool.

● A rede pública

Falta estrutura na rede pública para dependentes.

● Vídeos
Veja entrevistas com usuários do interior, especialistas e autoridades em drogas.

R\$ 1 MILHÃO EM DROGAS: DA MANSÃO À PITADA DE R\$ 0,60

Dependentes de classes sociais altas abrem mão de casa, família e dinheiro

**3,2 MIL
PEDRAS**

**CIRCULAM POR DIA NUM LOCAL
DE CONSUMO COM 200
USUÁRIOS, COMO A
CRACOLÂNDIA DE SP**

O crack surgiu como a droga dos pobres e excluídos, uma alternativa a quem não tinha dinheiro para comprar o prazer gerado pela cocaína, de preço mais alto. Duas décadas depois, o barato imediato e sem igual que usuários dizem que ele provoca fez a pedra emergir na pirâmide socioeconômica e chegar à classe A.

Interno da Fazenda do Senhor Jesus, em Campinas, onde o tratamento pode custar até R\$ 4 mil por mês, Denis (nome fictício), de 48 anos, é um exemplo de que o crack não é droga só de pobre. Filho de um ex-prefeito e ex-deputado estadual e federal, ele não chegou a morar na rua, porque quando se viu vencido pela compulsão da pedra, após quase 28 anos viciado em cocaína, pediu ajuda à família. Pela oitava vez, tenta abandonar o vício. "No crack, consegui pedir ajuda, por ter conhecimento sobre aonde isso ia me levar. Por já ter afundado com a cocaína, consegui vir para cá. Então, ia parar na rua ou morrer, como vários amigos."

"Acho que já foi mais de R\$ 1 milhão em drogas. Já tive carro de R\$ 100 mil. Fora o que eu deixei de ganhar porque não estava trabalhando. Troquei muita coisa. Tive empresa, fui dono de loja de confecção, trabalhei em banco, tive cargo de confiança no governo, fui representante comercial, ganhei muito dinheiro. E joguei tudo fora."

O crack começou como droga dos guetos. Por envolver um processo de produção mais bruto, que não utiliza tantos produtos químicos quanto o refinado da cocaína, era uma droga estigmatizada até mesmo entre viciados. Seguindo levantamento da Coordenadoria Municipal de Prevenção às Drogas

A família de Michel tem uma financeira e um haras. Ele viveu confortavelmente com a mulher e a filha, hoje com 11 anos, mas trocou tudo para ficar na rua. "Perdi o casamento, perdi tudo. Vendi três carros, moto. Vendi a prece de banana, troquei carro por droga", conta ele, que diz já ter pedido esmola, se prostituído, traficado e roubado para manter o vício. "Tenho amigos interessados, amigos de família rica que moraram, amigos que enlouqueceram em clínica de psiquiatria, que não têm mais condição de viver em sociedade."

O dono da comunidade terapêutica onde Michel está internado é o coordenador do Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (Caps AD) de Garça, José Roberto Otoboni. "De cinco ou seis anos para cá, entre 80% e 90% dos nossos pacientes são usuários de crack. E dá para ver que são de outro nível socioeconômico, o que mostra que o crack não faz distinção."

Atleta. Internado em uma das alas do Hospital Leonor Mendes de Barros, em Campos do Jordão, único a fazer tratamento especializado de tuberculose no Estado, Temístocles Shigueaki Jumanji, de 48 anos, o Teco Jumanji, é um exemplo de como a droga pode abrir espaço para doenças no usuário de crack. Vivendo na rua depois do vício, ele contraiu tuberculose e teve um quadro de esquizofrenia exacerbada. "Conheci o crack aos 19 anos, mas era chamado freebasing. Seja o que for, a dependência e a química são uma epidemia hoje", diz, em um dos poucos momentos de lucidez, entre uma saravada de palavras e ideias desconexas.

Teco Jumanji foi campeão brasileiro de skate freestyle na década de 1980 e morou nos Estados Unidos, onde vive um de seus irmãos skatistas. Viciado em crack, perdeu tudo, foi parar em ruas da capital e viveu como indigente na Cracolândia até três anos atrás, quando foi resgatado graças a um vídeo feito durante a Virada Cultural que se transformou em viral na internet. Um morador de rua sujo e mal vestido pegou o skate de um jovem e deu um show diante da câmera. Foi ao ar como o "tízião do skate".

Um grupo de skatistas conseguiu identificar quem era o mendigo, mobilizou-se para levantar dinheiro e pagou os R\$ 7 mil da internação de Jumanji em uma clínica em Arbaia. O ex-skatista saiu de lá abstinente, mas recuou, voltou para as ruas para usar a droga e acabou sendo diagnosticado com tuberculose quando procurou atendimento durante uma crise.

(Comad) de Campinas, ainda se vende nas minicracolândias locais uma pitada a R\$ 0,60. O problema é que, por causa do uso compulsivo, o dependente não consegue ficar em uma única pedra por dia e o barato acaba saindo caro. Nas bocas do interior visitadas pelo Estado, a pedra pode ser comprada por R\$ 5 e R\$ 10.

"Experimentei crack aos 14 anos e voltei a usar aos 23. Foi em Americana. De lá para cá, morei na rua três vezes. Essa é a minha 14ª internação tentativa de parar", conta Michel (nome fictício), de 31 anos, nascido em Tupã. Há dois meses ele está internado em uma comunidade terapêutica de Vera Cruz.

HISTÓRIAS DE RECOMEÇO DEPOIS DE DESCER AO INFERNO

Usuários contam os desafios para abandonar o vício

O corpo quer, a mente não. O crack corrompe tão violentamente o cérebro que o usuário compulsivo passa a todo instante a querer o prazer, deixando em segundo plano até instintos de sobrevivência. Para o sensor comum, o "noia" é vagabundo. Não por acaso, relatos de quem passou a viver nas ruas quase sempre vêm acompanhados da sensação de rejeição. Embora especialistas afirmem que a dependência química seja um problema para toda a vida, até para quem parece no fundo do poço há chance de, com acompanhamento, ambiente propício e força de vontade, retomar a vida.

O casal Edu, de 37 anos, e Mônica, de 27, é um bom exemplo. Nascido em uma família de classe média de Botucatu, Edu começou a usar drogas aos 14 anos, passou para a cocaína aos 15, às seringas aos 16 e aos 18 conheceu o crack. Por dia, chegou a fumar mais ou menos 20 pedras. "Não me contava e passei para o crack. Ai não parei mais, fiquei até os 36 anos e meio." A partir dos 30, calcula, o crack interrompeu a vida. "Primeiro foi minha família. Perdi o principal que tinha de les: a confiança. Depois, foi a perda material, minha casa. Vendi tudo, carro, moto."

Mônica experimentou droga aos 17 anos e passou para o crack aos 20. "Experimentei e já gostei. No começo, fui mais difícil é lidar comigo mesmo. Tenho de me conhecer porque o problema não é a droga, sou eu. Quando eu souber, aí eu não vou mais usar."

Da região de Ibitinga, Talia tem cinco irmãos – dois viciados em crack. Foi a única que conseguiu sair, após tratamento. "Não é futuro para ninguém, é uma vida sem saída, a pessoa cai num buraco, tenta escalar e nunca consegue sair." Mãe de dois filhos, ela usou crack até o último dia antes do nascimento da menor. "Quando ela nasceu, fiz uma promessa para mim mesma que eu não ia mais usar. Estou cumprindo."

Oito de cada dez usuários querem largar vício, diz pesquisa

● Especialistas, autoridades e usuários de droga ouvidos pelo Estado garantem que há cura para os dependentes. E a maioria quer sair do vício. Pesquisa da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) mostrou que oito em cada dez usuários desejam tratamento.

"Precisamos dar a ele (dependente) uma simulação da vida real, de ambientes que podem lembrar o vício, e mostrar que é possível se divertir sem usar droga", afirma Janice Megid, diretora do primeiro hospital público aberto no interior, em Botucatu, para desintoxicação.

"Curar não é impossível, mas é muito difícil. Porque o crack dá muito prazer e passa rápido. O craqueiro entra numa depressão terrível e quer mais imediatamente. Nós usamos motivação", diz o padre Haroldo Rham, que, em 1978, abriu em Campinas a primeira clínica para tratamento de dependentes químicos do Brasil, a Fazenda do Senhor Jesus.

Reincidente.

Denis, que usou droga por 28 anos, tenta pela oitava vez largar o vício

de distribuição. O tráfico não é só mais na favela", afirma o principal articulador da política sobre drogas do governo paulista, o psiquiatra Ronaldo Laranjeira. "Nas cidades grandes os usuários acabam se reunindo em guetos. Aí ganham visibilidade muito grande, só se fala da cracolândia", acrescenta Otoboni.

A antropóloga Taniele Rui, pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), viveu durante dois anos o dia a dia dos usuários de crack no interior e na capital paulista para entender esse padrão de uso e lo-

Migração. "Tem cracolândia aqui em Campinas, onde antigamente iam os trens. A gente vai lá e os jovens estão sentados fumando um atrás do outro", conta o padre Haroldo Rham, de 95 anos, que há seis décadas se dedica ao tratamento de dependentes. Para Nelson Hosrri, da Coordenadoria de Prevenção ao Uso de Drogas de Campinas, o consumo do crack aumentou a partir de 2012, em decorrência das ações repressivas contra usuários na cracolândia da Luz, em São Paulo.

Já em São José do Rio Preto, no noroeste do Estado, o consumo da droga

SÃO LUGARES EM QUE AS PESSOAS QUE NÃO TÊM ONDE FUMAR SE REÚNEM. ELAS COMPRAM AS DROGAS E VÃO PARA LÁ, DÃO PARA O DONO DA CASA E FUMAM LÁ."

Carlos, de 44 anos, que está em tratamento em Garça contra o vício

é feito abertamente tanto no centro quanto em bairros periféricos. "De tarde e à noite, eles estão nas ruas, a céu aberto e em alguns terrenos desocupados, que chamamos de 'mocós'", conta a psicóloga Daniela Tenedra, coordenadora de Saúde Mental da cidade, que tem dois Caps AD.

"Na próxima pesquisa, pela primeira vez faremos avaliação de áreas rurais, de pequenos municípios e grandes municípios e de capitais e regiões metropolitanas", promete o secretário nacional de Políticas sobre Drogas, Vitor Maximiniano.

Interior vai ganhar sete clínicas anticrack

Governo do Estado anuncia criação de unidades baseadas em modelo de Botucatu

Ricardo Brandt

O governo de São Paulo vai construir mais sete clínicas, como a inaugurada em Botucatu, em novembro do ano passado, para o tratamento de dependentes de crack no interior do Estado. Considerada modelo, a unidade agrega trabalhos sociais ao sistema de saúde de recuperação dos viciados.

“É a maior vitrine do Estado, é uma clínica absolutamente moderna”, afirmou o coordenador do Programa Reconheço e articulador da política anticrack do governo paulista, opsi-quiara Ronaldo Laranjeira. “Aprendemos que não basta fazer só a desintoxicação. A internação é só o começo”, disse o especialista. A unidade, que serve para internações breves e desintoxicação, oferece recolocação social aos dependentes. No total, são 76 vagas.

O Estado visitou a clínica durante a produção da reportagem sobre o avanço da droga nos rincões do sossego paulista. A edição de ontem mostrou que 30% dos municípios do Estado declararam ter alto problema decorrente do uso de crack. Os relatos foram feitos à Conferência Nacional dos Municípios (CNM) por 194 das 645 cidades de São Paulo.

“Não estamos fazendo só o quadrado da saúde. Estamos experimentando outras áreas, por que o problema da droga é de todo mundo. A saúde faz um pedaço da história, a segurança pública, outro pedaço”, disse a diretora da unidade, Janice Megid. Segundo a especialista, o problema do crack cresce em ritmo “galopante” no interior.

A ideia do hospital de Botucatu surgiu entre os médicos da Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde está a unidade. Antes da clínica, eles ofereciam 30 leitos para dependentes químicos em uma região onde vivem 1,7 milhão de habitantes.

O Hospital das Clínicas da Unesp havia aprovado a construção de um manicômio judicial para menores por causa da repercussão do caso Champinha – Roberto Aparício Alves Cardoso, em 2003, na época menor de idade, matou o casal Felipe Silva Caffé, de 19 anos, e Liana Friedenbach, de 16, em Embu-Guaçu. Os médicos alegaram que o projeto não tinha demanda e a verba foi realocada para a construção da unidade-modelo para dependentes.

“Consequimos transformar esse projeto em uma unidade para dependência química. As celas eram com placas de aço e conseguimos baratear o proje-

NA WEB
www.estado.com.br/lerachecusp

- **Documentário.** Mostra invasão da pedra no interior de São Paulo
- **Mapa.** Revela concentração do problema em cada região do Estado
- **Infográfico.** Detalha todos os efeitos no organismo

Degradração. 'Estado' percorreu interior de São Paulo e relatou em reportagem especial as mazelas causadas pela droga

Alckmin diz que epidemia de droga é pior no Nordeste

● O governador Geraldo Alckmin (PSDB) relativizou ontem o avanço do crack no interior paulista, mostrando na reportagem especial multimídia publicada ontem pelo Estado. “A situação mais grave é nas regiões mais pobres, especialmente no Nordeste”, afirmou.

Segundo o governador, a vitima da droga é jovem, do sexo

masculino e de pouca escolaridade, “que está, portanto, nas regiões mais pobres”, disse. “Então, isso é em nível nacional.”

Ele citou o fato de o tráfico de drogas, de armas e de lavagem de dinheiro serem crimes federais.

O governador afirmou ainda que trabalha no combate aos traficantes, ao mesmo tempo em que desenvolve programas de recuperação e reconecta usuários. “Dependência química é doença e exige tratamento. Já internamos mais de 2 mil dependentes e triplicamos o número de leitos”, afirmou. “O que a gen-

te precisa constatar, infelizmente, é que o Brasil é o maior consumidor de crack e de cocaína do mundo.”

Alckmin disse que, no Estado, já são 1,3 mil leitos – e este número deve passar de 2 mil. “Acabamos de inaugurar um hospital em Botucatu, voltado para a dependência química, e criamos o Programa Reconheço, com uma rede de entidades terapêuticas e pagamos R\$ 45 por dia.”

Esse pagamento, explica, é destinado para o atendimento, até que a pessoa volte ao mercado de trabalho. / **RENE MOREIRA**

Essa realidade é confirmada por internos e usuários em tratamento. A compulsão de uso e ambientes propícios favorecem as recaídas. “A gente está engatinhando ainda no tratamento do dependente químico. Eles tem dificuldade de acessar postos de saúde, unidades básicas. A gente tem de ir ao encontro deles”, disse Janice.

Em Itatinga, André (nome fictício), de 29 anos, procurou a rede de saúde. “Eu vim buscar

to e humanizar com piscina, ambulatório, quadra”, explicou Janice. Foram investidos R\$ 15,4 milhões. Não há locais nem data para as novas unidades.

Internação. Para Janice, “internação tradicional” para dependente químico não funciona. “Eles vão ficar 15 dias em um lugar internados e daí você abre e aporta, dificilmente eles vão parar lá no serviço encaminhado. Sozinhos eles não vão.”

Tiroteio mata cliente e deixa 5 feridos em shopping em PE

bandidos não teriam conseguido levar dinheiro dos carros-fortes.

Recuperação. Natanan Vieira Barros, de 27 anos, e José Amaro da Silva, de 54, passaram por cirurgia e apresentaram quadro estável.

De acordo com a Polícia Militar, oito homens participaram da tentativa do assalto. Eles ocupavam dois carros e fugiram. Foram feridos três vigilantes e três clientes que se encontravam na área interna do shopping, nas imediações de uma cápsula lotérica, cuja área foi isolada.

O tiroteio provocou tumulto e pânico entre os frequentadores. Houve correria, lojas foram fechadas e pessoas chegaram a se jogar no chão, com medo de serem atingidas pelas balas. Os

Jovem relata homofobia e agressão em festa na USP

Após ser barrado em área ‘só para heterossexuais’ e tentar gravar discussão, estudante de Direito levou soco de segurança

Luiz Fernando Toledo

Um estudante de Direito afirmou ter sido agredido por um segurança e sido vítima de homofobia na festa Carecas no Bosque, organizada por alunos de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). O evento foi no sábado, no campo da Associação Atlética Acadêmica Osvaldo Cruz (AAAO-C), ao lado do Hospital das Clínicas, na zona oeste de São Paulo.

O segurança teria barrado a entrada do jovem no bosque, uma das dependências da festa, com outro rapaz. O estudante

que pode ocorrer é uma punição administrativa.”

A Lei Estadual 10.948, que dispõe sobre as penalidades a serem aplicadas à prática de discriminação em razão de orientação sexual, determina que “proibir o ingresso ou permanência em qualquer ambiente ou estabelecimento público ou privado, aberto ou público” deve ser punido. Cabe à Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania promover a instauração do processo administrativo.

Internet. A denúncia do estudante de Direito não foi a única. A estudante de Psicologia Adriana (nome fictício) foi barrada ao tentar entrar no bosque com a namorada. Ouvia que “apenas casais de verdade” seriam liberados. As duas precisaram fingir que estavam com dois rapazes para que pudessem entrar.

Em nota, o Núcleo de Estudos em Gênero, Saúde Sexualidade (NEGSS), coletivo organizado por alunos da FMUSP, disse que o caso de homofobia registrar queixa sobre o evento.

● **Blanka Orensztajn** – Aos 102 anos. Filha de Nathan Zachonski e de Anna Zachonski. Deixa os filhos Nelson David, Sarah, netos, bisnetos, tataranetos, amigos e familiares. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.

● **Zelig Kirsztajn** – Aos 91 anos. Filho de Rachmil Kirsztajn e de Liba Kirsztajn. Deixa os filhos Miriam, Célia, netos, amigos e familiares. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Embu.

● **Carlos Vieira da Fonseca** – Aos 87 anos. Deixa os filhos Lia Helena, Lucila Maria, netos, bisneto, amigos e familiares. O enterro foi realizado no Cemitério Gethsemani.

● **Isaac Kotujansky** – Aos 81 anos. Filho de Moyses Kotujansky e de Ida Kotujansky. Deixa os filhos Anita Kotujansky, Deixa os filhos Claudio, Fabio, Lilian, netos e familiares. O enterro foi realizado no Cemitério Israelita do Butantã.

● **Jorge Arne Fust** – Aos 75 anos.

Filho de Karl Fust e de Elisabeth Fust. Era casado. Deixa filhos, netos e familiares. O enterro foi realizado no Cemitério do Redentor.

● **José Alfredo Doneux** – Dia 2, aos 69 anos. Era casado. Deixa filhos, noras, netas, amigos e familiares. O enterro será realizado hoje, às 10 horas, no Cemitério do Morumbi.

MISSAS
Iracema Gomes Bacchin – Amã-

nhã, às 17 horas, na Paróquia São José, na Rua Dinamarca, 32, Jardim Europa (7º dia).

Dr. João René Nalini – Hoje, às 8 horas, na Igreja Nossa Senhora do Brasil, na Av. Nossa Senhora do Brasíl, 5 nº (25 anos).

Jorge Teles de Freitas – Hoje, às 18h30, na Igreja de São Gabriel, na Avenida São Gabriel, 108, Jardim Paulista (7º dia).

Dom Tomás Balduino, O. P. – Hoje, às 19 horas, na Igreja São Do-

queira César (7º dia).

Azaury Mattel – Amanhã, às 19 horas, na Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Rua Honório Libero, 100 (7º dia).

SÉTIMO GONNELLI

É com tristeza pesar que a Diretoria da ABCFARMA - Associação Brasileira do Comércio Farmacêutico, comunica o falecimento de seu Diretor Tesoureiro

O velório ocorre no Cemitério de Vila Mariana - SP e o Sepultamento será realizado às 12:00h desta terça-feira, 03/06/2014 no Cemitério de Santo Amaro - SP.

Serviço Inicial do Prefeireiro
0800-108050 (24 horas)
www.prefeitura.sp.gov.br/servicoinicial

Anexo 3

Reportagens / Encantamentos

[Encantamento 1] *Povo caranguejo*
Audálio Dantas

[Encantamento 2] *Sonhos e frustrações do Velho Chico*
Cremilda Medina

[Encantamento 3] *Sou suçuarana*
Ivan Marsiglia

[Encantamento 4] *Memórias póstumas de um estudante da Medicina*
Angelo Ishi

POVO CARANGUEJO

São mil pessoas, na aldeia de Livramento, a 20 quilômetros de João Pessoa, Paraíba. Eles vivem uma vida difícil caçando caranguejo com as próprias mãos, enfiados na lama até o pescoço. Nessa luta pela sobrevivência, o caranguejo sempre perde. Mas o homem ganha muito pouco.

Texto de Audálio Dantas
Fotos de Maureen Bisilliat

Os homens estão voltando ao pântano. Vai recommençar o drama de cada dia nas entranhas negras da lama onde vivem os caranguejos. O grande silêncio que boiava sobre o mundo pegajoso do mangue começa a se desfazer à medida que os homens avançam: no princípio, galhos secos estalando sob os pés encourados contra a terra ainda firme; aos poucos, o ruído macio da lama sendo pisada e engolindo pés, depois pernas, coxas, barrigas. Os homens estão chegando ao centro do pântano. Os caranguejos, assustados, refugiam-se nos buracos. Na superfície escura fica apenas o rastro de suas patas — as marcas do lento passeio em busca de comida, de mistura com as marcas da fuga precipitada. A vida dos caranguejos palpita em sobressalto sob os pés dos homens. A luta está para começar.

HOMEM — Compadre Ota, Zé Preto, Luciano e Sabino reúnem-se no alpendre da venda de Dona Nevinha, sobre o pequeno pórtico de Livramento. A aldeia ainda está mal amanhecida, dormindo em seus ranchos debaixo das jaqueiras e mangueiras. As luzes de João Pessoa ainda brilham a distância, sumidas e trêmulas, acima da massa escura dos mangues. Eles são os primeiros homens a chegar e começam a preparar as canoas — *Nazaré* e *Correio da Ilha* — para a viagem em busca dos caranguejos.

Quando o sol brilha, ilumina primeiro o rosto do velho

SEQUE

Sabino, setenta anos de vida, sessenta de luta na lama. Sabino está desamarrando a canoa *Nazaré*, que dormiu prês a uma estaca. A luz do sol, quase horizontal, desenha o perfil de cobre do velho caçador de caranguejo, patriarca dos pântanos, homem respeitado pela força de seu trabalho, um dos principais meios de vida do povo de Livramento. Menino ainda, brinquedo de Sabino era pegar caranguejo com *ratoeira* improvisada, feita de lata de óleo vazia. Agora, êsse brinquedo é de seus netos e dos outros meninos de Livramento. Ele vai ao mais fundo do mangue, às moradas mais escondidas dos caranguejos. Se soubesse fazer contas, veria o resultado de seus sessenta anos de trabalho: mais de 1 milhão e meio de caranguejos arrancados da lama.

Pelo braço estreito do rio que chega à aldeia saem as duas canoas. Sabino conduz a *Nazaré*, sua canoa, ajudado por Zé Prêto; na outra vão compadre Ota e Luciano. O rumo é a ilha do Tiriri, formada por dois braços maiores do rio Sanhauá, onde fica o mangue do Bueiro, um dos mais fartos. No fundo das canoas, os poucos apetrechos necessários à pesca: cêsto com embiras para amarrar os caranguejos, cabaça com água, cuia e o *boi de fogo*, fumacando. O boi de fogo é uma lata de tamanho médio em que são acesas pequenas achas de lenha, para espantar mosquito e acender cachimbo. Navegando, os quatro homens fumam os seus cachimbos, com gosto.

A conversa, de uma canoa para a outra, é sobre assuntos restritos, da vida circunscrita à geografia do mangue: a maré, que está baixa, felizmente (em tempo de maré, diz compadre Ota, ninguém agüenta os mosquitos; tem um, mosquito-do-mangue, menorzinho de todos, que "morde que nem a peste"), a próxima *andada* dos caranguejos, quando chegar a lua nova, o vento, a chuva, a lama. A comida: não há comida na canoa, que o trabalho no mangue é duro, não deixa tempo. Na volta, há uma panela com água no fogo, esperando os caranguejos, ao lado de outra panela cozinhando feijão. Compadre Ota brinca com Sabino:

— Tem carne hoje, Sabino?

— Home, deixe de pilhéria. Já viu pobre comê carne?

Luciano comenta que anda enjoado de caranguejo, "a gente, que lida com êle a vida inteira, tem dia que não quer nem sentir o cheiro, abusado demais". Mas não tem jeito, não. Feijão puro com farinha também enjoa, caranguejo volta para o prato, com pirão. Sabino exagera: pobre que vive de caranguejo tem lá seus dias de carne, charquezinho comprado às grammas, ou mesmo carne fresca de boi, comprada com dinheiro que caranguejo dá, em dias mais felizes, na feira de João Pessoa. Sabino mesmo conseguiu vender vinte *cordas* (cada corda tem doze caranguejos) na feira de sábado, a 70 centavos (700 cruzeiros velhos) cada uma. Apurou catorze contos e voltou para casa com 1 quilo de carne. É bem verdade que, naquele dia, trouxe menos farinha e menos feijão. E até deixou de comprar uma camisa de que anda muito precisado.

— Taí, comeu carne mas a camisa tá que é remendo só — compadre Ota faz troça com Sabino.

Zé Prêto, que anda meio amarelo, entra na brincadeira:

— Apois, eu só comi carne nas festas; agora só vou comê outra vez em São João.

Assim êles passam o tempo a caminho do mangue: brincando com a própria miséria. Compadre Ota, uma espécie de líder, é o mais falador. Sabino tem um agudo senso de humor, aprecia as brincadeiras dos companheiros, dá deixas para ser gozado e ri um sorriso bom que lhe ilumina a cara trigueira e angulosa. É preciso brincar, dizer asneiras, que logo todos êles estarão chafurdando na lama, em luta

Cordas, fumo, facas, tudo certo. Vai começar a caçada no pântano.

de morte contra os caranguejos. Às vezes há silêncio de conversa, só se ouve o barulho dos remos ferindo a água. As canoas vão chegando ao portinho de Tiriri, enquanto o sol vai subindo cada vez mais e fazendo brilhar as folhas verde-amareladas dos mangues.

CARANGUEJO — Onde termina o mato comum, o capim rasteiro de terra arenosa, começa o mato-mangue. Por aí, na fronteira entre a terra firme e o pântano, vivem caranguejos mais raros, os *guaiaamus*, que exigem muita paciência de quem os quer apanhar: homem se planta ao lado do buraco, com um longo talo de capim florado; o lado da flor penetra até as profundezas, o bicho tenta alcançar, o homem puxa um bocadinho, depois mais outro, o jogo se repetindo até o caranguejo sair e a mão do homem, rápida, cair sobre a carapaça azul. Caranguejo de rico sabor, que alcança preço mais alto no mercado.

Começa o pântano, ainda raso, sustentando árvores menores de mangue, das variedades canoê e manso. A lama cobre, com uma camada fina que mal dá para engolir um pé, os restos de terra firme. Depois, é a fusão de terra e água, solo incerto, mal consolidado, que os mangues construíram através dos tempos. Não é terra nem é água, êsse mundo viscoso. Caranguejos menores e mais escassos vivem pelas bordas. Mais para dentro, onde as árvores do mangue são mais viçosas, agarradas em mil raízes na terra frouxa, vivem os caranguejos mais comuns, os *uçás*.

Na solidão e no silêncio sombrios do lamaçal, caranguejo é rei. Riscam a face lisa e negra da lama com suas patas cabeludas, as molas atentas, agressivas, movendo-se como alicates, à espera das folhas de mangue que caem de maduras ou derrubadas pelo vento. As molas — patas maiores — recolhem rapidamente as folhas, que são o alimento principal dos caranguejos desses pântanos distantes de cidade (quando encontram, êles comem de tudo — detritos humanos, frutas, bichos mortos). O charco fervilha — o lento fervilhar dos caranguejos. Um ouvido bem apurado perceberá o chiado que êles produzem, espumando pela bôca, uma espuma amarelada, dizem que de fome, quando o tempo é seco e não há chuva para derrubar folhas. O mundo é lama, raiz, água, buraco, agitar de patas — tudo o que o caranguejo vê com seus olhos compridos que saltam para fora ou se recolhem aos escondidos do corpo.

De repente, o fervilhar aumenta. Há uma enorme agitação, um rápido correr de lado, para todos os lados. Os homens estão chegando, a pisar forte e profundamente a lama. Fuga. Fundo de buraco. Mêdo.

HOMEM — Na entrada do mangue os homens renovam a lenha dos bois de fogo, que levam presos aos dedos por um gancho de arame. Vestem calções amarrados à cintura por uma embira grossa de carrapicho, fibra forte, da qual pendem embiras mais finas, próprias para encanar caranguejo. Cada qual leva a sua faca, peixeira larga. Um samburá, comum, guarda o fumo e, se fôr dia de dinheiro mais folgado, uma garrafa de cachaça. Os pés, envolvidos em pedaços de sola fortemente atados aos tornozelos, vão afundando cada vez mais na lama. É a única proteção que têm em sua briga pela vida. Muitos não usam êsses sapatões improvisados, mas geralmente terminam estrepados nas raízes do mangue manso ou do canoê, que brotam da lama como espetos afiados. Mesmo com sapatos, resta o perigo de cortar as pernas, os braços ou o lombo nas cascas de ostras, que se grudam nas raízes submersas do mangue *sapateiro*.

O mangue sapateiro é o que mais cresce, ocupando a parte central dos pântanos.

E também o mais forte. As raízes, em forma de garras, vão do tronco ao meio do caule: nascem lá em cima e crescem para baixo, curvas, até que mergulham na lama e se subdividem em outras raízes, num incrível emaranhado.

São as *grades*, labirintos entre os quais o trabalho é duro mas o caranguejo dá em maior quantidade e tamanho. Quando o pé de sapateiro cresce isolado parece, com suas raízes, um caranguejo monstruoso que virou árvore. A diferença é o tronco esguio, que sobe até 8 ou 10 metros de altura.

Os homens já estão com lama até a cintura quando chegam ao labirinto formado pelos sapateiros. Caranguejo à vista, nenhum. Todos estão escondidos no fundo dos buracos. Passeando, quase indiferentes, apenas os *aratus*, espécie pequena, avermelhada, raramente caçada pelos homens. Luciano observa:

— É a ciência dos bichos. Eles sabe que não são perseguido, não carece se escondê como os outros.

Cada homem escolhe um rumo para iniciar a caça. Vão em leque, na primeira etapa do trabalho, que é a *tapagem*: recolhido o buraco — os maiores, que guardam caranguejo mais avantajado —, geralmente no meio de uma poça de água, enfiam o braço direito para saber a direção; depois pisam fortemente a lama, sapateiam de modo a obstruir o caminho do bicho. E seguem em frente, repetindo a operação, arrastando-se por baixo ou pulando as raízes do mangue. Em pouco tempo, os homens são estátuas de lama, parece que fazem parte do meio escuro e pegajoso. Ainda próximos uns dos outros, conversam, brincam. Sem fazer conta, cada qual sabe dizer quantos caranguejos já conseguiu aprisionar. Ota, em tom de orgulho, grita de seu lado:

— Já tapei duas cordas!

Duas cordas, 24 caranguejos, bom resultado para menos de uma hora de trabalho. Sabino vai mais devagar, jogando o seu velho corpo com certa dificuldade pelo meio das grades do sapateiro. Tapou uma corda, se muito, mas vai alegre, filosofando: não sabe como, mas esses bichos cheios de pernas pensam do jeito da gente. Senão, como é que eles sentem que estão sendo caçados? Uma ciência. Como a do homem, que sem fazer conta de cabeça sabe quantos caranguejos tem presos no fundo das tocas. Sabino e os outros vão sapateando sobre os buracos e pensando nestes mistérios da vida. Já não se falam, estão cada vez mais distantes uns dos outros. Só voltarão a

Falta ar. As patas tentam cavar: é impossível. A toca está bem fechada.

comunicar-se daqui a umas duas horas, tempo suficiente para iniciar o recolhimento dos caranguejos que terão conseguido retornar à superfície. A comunicação será por sinal, um toque de reunir.

— Hi, hi, hi.

O último *hi*, prolongado, é a resposta de todos. Começa o caminho de volta ao ponto

de partida, de onde se seguirá o mesmo roteiro, no trabalho de *furagem*, ou de retirada dos caranguejos. No reencontro, um ligeiro descanso, para um gole de água, uma cachaça.

— Quantas cordas?

— Quatro e um bocadinho.

Compadre Ota, o mais rápido, conseguiu aprisionar 48 caranguejos, que a esta altura estão em sua luta desesperada pela liberdade.

CARANGUEJO — Os pés dos homens pisaram sem dó nem piedade, comprimindo a lama. No fundo dos buracos, os bichos acoissados, perdidos no escuro total. O inimigo retirou-se, não há mais a pressão forte sobre as carapaças, o barulho surdo está mais longe, mas não há saída. É preciso sair, não há mais ruído por perto, mas o perigo continua na prisão de lama. A liberdade terminou quando o buraco pacientemente cavado se desfez sob aqueles pés poderosos. Agora, só resta refazer o buraco, de baixo para cima, caminho de uma liberdade quase impossível mas sempre perseguida.

Caranguejo cavando, a princípio com muita pressa, depois mais devagar, numa luta de vida ou morte contra a lama, cada vez mais pesada. As patas se agitam, esforçam-se na abertura do caminho. Poucos chegam ao fim, à superfície por onde corre o ar, livre, e sobre a qual estão penduradas, verdes e apetitosas, as folhas do mangue. A borda do buraco, feito com tanto carinho, já não existe: em volta é tudo uma ruína só, lama revirada. Se cair uma folha no meio daquele pequeno mundo alterado, caranguejo nem pega. Está exausto, meio bêbado, abandonado sobre as patas. Estes, pelo menos, conseguiram chegar. Outros ficaram a meio do caminho, muitas vezes com uma ou mais patas quebradas pelo esforço. Daqui a pouco o inimigo voltará, pisando forte. Caranguejo se encolhe, volta a procurar a proteção da lama, mas desta vez sem a agilidade necessária. Faz duas horas que está lutando para se libertar.

Lá vem a mão do homem sobre o bicho, rápida e forte. É a prisão, princípio da morte.

HOMEM — O trabalho de furar não demora tanto quanto a tapagem, o caminho já está bem marcado, os caranguejos à mercê do homem. Alguns são apanhados na boca do buraco, ainda tentando resistir, apesar do esforço que fizeram para subir. Arram suas patas de alicate, em guarda, mas o bote do homem é certo e num instante a embira cinge as carapaças. O homem começa a fazer a primeira corda de caranguejos. Furar, enfiar o braço na lama a procura dos que não conseguiram chegar à superfície, é trabalho mais demorado e, muitas vezes, doloroso: os dedos dos homens encontram as unhas afiadas dos caranguejos, ferem-se e sangram. O sangue nem chega a ser visto, perde-se no escuro da lama. Mas o caranguejo vem, e aumenta a corda.

Sabino arranca um caranguejo pequeno, balança a cabeça e deposita a massa escura no chão, dando-lhe a liberdade:

— Vá simhora, bichinho, vá.

O caranguejo move-se lentamente, de banda. Pára logo adiante, punhado de lama exausta. Os homens vão adiante, furando, arrancando outros caranguejos. Lá vem uma fêmea ovada agitando as patas na mão de Luciano. Ele grita para Ota:

— Uma buchuda, cumpadre Ota. Tá querendo?

— Quero não, solte a bichinha.

A bichinha fica de lado, livre da corda, porque vai ser mãe, produzir muitos caranguejinhos que crescerão e um dia serão agarrados pelas mãos dos homens.

A furagem continua. Cada vez que uma corda fica completa, os doze caranguejos são pendurados num galho de mangue e os homens vão adiante, até o último buraco que haviam tapado.

— Hi, hi, hi...

A mão encontra garras afiadas. O sangue fica embaixo da lama.

Cada qual volta pelo mesmo caminho, recolhendo as cordas. O trabalho do dia está chegando ao fim. Lá vem compadre Ota, curvado sob um pedaço de madeira de cujas extremidades pendem as cordas de caranguejo. Há equilíbrio, de cada lado vêm seis cordas. Vai chegando e gritando para os companheiros,

satisfeito com o resultado do trabalho.

— Doze corda, camarada!

Luciano e Zé Preto conseguiram dez, cada um. Sabino ainda não chegou, ainda está perdido no meio das grades do mangue sapateiro, subindo pelas raízes, afundando na lama. Uma pedreira em João Pessoa explode dinamites, são quatro horas da tarde. Cadê Sabino? Sabino está ficando velho, mesmo.

— Hi, hi, hi.

— Hiiiiiiii.

Já vem chegando. Sabino demorou, mas não ficou para trás: é todo suor e lama sob o peso de dez cordas de caranguejo.

CARANGUEJO — As cordas pendentes das varas de mangue, sobre os ombros dos homens. Lá se vão os caranguejos agitando as patas no ar, em gestos inúteis, tentativas de fugas impossíveis.

Os homens carregam lama viva, pelas vereas. E no pôrto, as cordas são cuidadosamente lavadas e os caranguejos se revelam em todas as suas formas e cores, e agora brilham ao sol, no fundo das canoas. As carapaças azuladas, as patas cabeludas e de tons que vão do vermelho ao violeta. A agitação é maior ainda: falta a lama, o elemento familiar, e o sol brilha forte, quente. Não adianta forçar a madeira do fundo da canoa com as unhas afiadas. Jamais

SEGUE

conseguirão furar um buraco, socar-se, sumir daquela luz forte e incômoda. Os olhos saem do corpo, espetados na rápida espreita, e logo se recolhem, se protegem. Fome. Espuma. Chiado.

Da ponta de uma corda um caranguejo se destaca dos outros, graças ao nó frouxo que lhe envolve a carapaça. Agita-se mais depressa, arma as duas grandes molas, tenta alcançar a borda da canoa, mas a corda ainda o prende. Volta, fecha a mola com força na embira que se parte, tenta subir de novo, alvoroçado. Difícil subir pela madeira lisa e dura, mas a luta pela liberdade não cessa. Até que a mão pesada do homem cai sobre ele e um novo nó, mais apertado do que o primeiro, sujeita-o à corda.

No fim da viagem, novamente suspensos, depois jogados ao chão de areia do porto. Há muito ruído por perto, chegam muitos homens do rio, com muitas outras cordas de caranguejos. Chega a noite, o escuro, outra vez o fundo das canoas. Os caranguejos vão para a feira.

HOMEM — Na venda de Dona Nevinha, os homens que voltaram do mangue conversam. Compadre Ota, Sabino, Luciano e Zé Prêto descansam num gole de cachaca e combinam a saída para João Pessoa. Vão sair às duas da madrugada, aproveitando a maré grande. A vida deles e dos outros pescadores de caranguejo de Livramento é assim: segunda e terça-feira passam enfiados na lama, juntando caranguejo que levarão para o mercado de João Pessoa na quarta-feira; quinta e sexta-feira são dias de apanhar caranguejos novamente para serem vendidos no sábado.

A viagem a João Pessoa leva duas ou três horas, conforme a maré, na força do remo. Lá, na capital do Estado, eles viram feirantes: amontoam os caranguejos e esperam os fregueses, outros pobres como eles. Conforme o movimento e a quantidade de caranguejos à venda é que se estabelece o preço. Uma corda de caranguejo pode valer de NCr\$ 0,60 a NCr\$ 1,00. Ou chegar a não valer nada, quando a feira termina. É a vez dos pobres mais pobres, que avançam nos montes, levam o quanto podem. Dono de caranguejo nem se incomoda, não vai ter o trabalho de levar os bichos de volta. Muitas vezes, com medo do prejuízo, eles vendem o caranguejo por atacado, logo que encostam a canoa no porto da cidade. Vendem aos contratantes, que pagam menos, mas o dinheiro é sempre garantido, não há perigo de encalhe nem obrigação de pagar o imposto de chão (50 centavos) na feira. O produto de dois dias de trabalho — vinte a trinta cordas — vale de 10 a 20 cruzeiros novos, conforme a cotação do mercado. Quem não tem canoa desconta do apurado NCr\$ 1,60, por conta dos dois dias de pesca e da passagem até João Pessoa.

Da venda de Nevinha dá para ver os que voltam do mangue. No fim da tarde a maré está vazando, o braço de rio está quase seco. Chegam Severino e mais dois companheiros que foram pescar no mangue do Buraco Fundo. E mais outros, de outros mangues: Jabaquara, Mata-Cação, Duas Bócas, Tabatinga, Escondido. A venda de Nevinha é o ponto de encontro, de bate-papo, das histórias quase sempre iguais. Severino está feliz, de canoa nova, a primeira canoa de sua vida, toda pintadinha de branco e côr de abóbora. Nome dela é *Môça*, escrito na proa com capricho.

— Lá vem Severino, de cabeça inchada com a *Môça* — os homens brincam.

Junto ao balcão, Severino diz que está de cabeça inchada, mas é para poder pagar a canoa. Amanhece o dia no

O sol incomoda. As unhas raspam o fundo da canoa. Mas a corda é forte.

mangue e só volta com o escurecer, isto não é vida de homem. Por isso, vai fazer tudo para arranjar uma arte para o filho maior, o Roberto. "Nem que seja de ajudante de caminhão", tudo menos esta vida matadeira, este viver chafurdando na lama. Sabino concorda, é dura a vida de apanhador de

caranguejo. Mas, e se não tivesse caranguejo no mangue, oferecido, para matar a fome da gente? Não estão vendo que esses bichos são mandados de Deus? Nem precisa força de homem para se arrumar um de-comer: até menino pega os bichos, de ratoeira ou a braço, nos mangues mansos aqui de perto. Quem não quiser acreditar que não acredite, mas caranguejo nasce de uma mina invisível, de debaixo das águas ou de debaixo da lama. Sabino explica melhor:

— A gente tira ele todo dia e nunca se acaba. Vai hoje, tira, vai amanhã, nem parece que tirou. Não tem home no mundo pra acabá com caranguejo. Só Deus.

Todos concordam, todos sabem que o povo de Livramento depende em grande parte daqueles bichos que brotam de uma mina milagrosa. Mas que o trabalho com eles é duro e brabo, é. Não foi um nem foram dois homens inutilizados. Se encontrasse um serviço que desse para ganhar o pão, Ota deixaria esta vida. Quando uns moços de João Pessoa foram a Livramento fazer um filme (*Homens do Caranguejo*, de Ipojuca Pontes), ele apareceu como herói da história. Já há muita gente em Livramento que o chama de Herói e ele nem gosta nem desgosta do apelido.

— Na vida de caranguejeiro só foi o que eu ganhei: esse nome de Herói.

CARANGUEJO — No fundo da canoa *Môça* e de outras canoas, na areia do porto ou nos cantos das casas dos pescadores, os caranguejos encangados nas cordas, amontoados e nervosos. No mangue, um fervilhar incessante. Quem fôr àquela hora à beira da água e iluminar com um candeeiro, verá. Sabino sabe o que está para acontecer: vai chegar a lua nova de janeiro, os caranguejos começam a se agitar para a primeira andada do ano.

Por enquanto, eles apenas pressentem o grande acontecimento que é a época da reprodução, do amor. Em três luas novas — de janeiro a março — há um grande alvoroço nos pântanos. Os caranguejos abandonam suas tocas em massa, saem que nem doidos por toda parte, em correrias e atropelos, e brigas, e entrechocar de cascos. Os guaiamus andam quilômetros, passeiam pelos quintais das casas e chegam até à beira da mata onde termina a aldeia. Então, nem há necessidade de se ir ao mangue para apanhá-los. Os meninos se divertem, correndo pelos matos, pastoreando os caranguejos. A festa dura três dias, depois eles — os que escaparam — voltam aos buracos, vão engordar, viver até o dia de serem apanhados.

Da festa da andada não participarão os bichos que agora estão encangados à espera de serem levados para a feira. Presos, eles não têm direito ao amor. Porque já perderam o direito à vida.

HOMEM — À luz da lamparina de Nevinha, os homens ainda conversam. Mangue não é só de caranguejo, tem mistérios e espantos. O Bataão, por exemplo — "um vulto invisível", segundo compadre Ota —, que assombra qualquer um. É o *Pai do Mangue*, "cabôco em formação de gente", como o define Sabino. Quando se vai ao mangue buscar caranguejo deve-se ter cuidado para

SEGUIR

corujão!

primo

Quem trabalha à noite, estuda ou lê - corujão para os íntimos - não pode negligenciar a qualidade da luz que o rodeia. A boa luz, a luz suficiente para aquilo que se faz, é o mínimo que você pode fazer em benefício de seus olhos. Isso, sem falar na decoração de seu lar.

A nova fluorescente Philips Suave de Luxo é a lâmpada indicada para a sua residência. De luz suave e agradável, compõe, com as incandescentes, perfeita harmonia na decoração. E sem falar, também, na economia. A fluorescente Suave de Luxo dura sete vezes mais que uma lâmpada incandescente e consome consideravelmente menos energia. É economia aliada ao conforto. Em tempo: gato adora conforto. E você?

PHILIPS
melhor não há!

CARANGUEJO CONCLUSÃO

Meninos correm na lama: recomeça a luta do homem contra o caranguejo.

não pronunciar o nome dele — Batatão — porque ele fica muito brabo e os caranguejos somem como por encanto, ninguém consegue pegar nem um para remédio. Por isso todos o chamam simplesmente por *Compadre*, numa intimidade medrosa.

Batatão não faz mal a ninguém, a não ser dar sumiço aos caranguejos. O que ele faz, mesmo, são presepadas de todo jeito: quebra pau, late que nem cachorro, grita, assobia. Ninguém vê a figura, mas a *latumia* dá para qualquer um ficar de cabelo arrepiado. Compadre Ota já ouviu muitas vezes a zoeira do Batatão:

— Latumia danada, parecia um boi brabo quebrando mato nos peito. Depois se aquietou e pegou a andá do meu lado, parecia um home tapando caranguejo.

De madrugada, quando as canoas vão levando caranguejo para a feira, Batatão aparece de outro jeito: em forma de fogo, correndo por cima dos pés de mangue, derramando lágrimas de luz. Perigo nenhum. Perigo de verdade é se estrepur um nas raízes do mangue, pegar uma doença na lama, de entrevar o corpo.

Na parede de tábua da venda, cheia de recortes de revistas mostrando artistas — Cauby Peixoto faz pose em *robe de chambre* —, há também um título de jornal que diz: *O Recife é uma bola de cristal*. Logo abaixo, outro recorte diz que 1970 é bom ano para ganhar dinheiro. Severino, Ota, Sabino, Luciano, Zé Preto e os outros ficarão por aqui, não têm mais jeito. Mas todos estão de acordo em que os moços se libertem da escravidão do caranguejo. O Recife não fica tão longe, o ano é bom para ganhar dinheiro, conforme está escrito na parede. A menina de Nevinha, Gerusa, é que lê aquelas novidades. Só não sabe explicar a história da bola de cristal. Mais um mistério para os homens do caranguejo. E uma vaga esperança de dias melhores — se os moços conseguirem tirar o pé da lama. A noite está quente e cheia de estrelas. Os homens vão dormir e sonhar com bolas de cristal.

Manhã bem cedo, a aldeia acorda. As canoas já chegaram a João Pessoa, depois de navegarem três léguas com suas cargas de caranguejo. As casas baixas de Livramento — umas duzentas, mal alinhadas em veredas entre cajueiros, jaqueiras e mangueiras — começam a acender seus fogos. Vários meninos que armaram ratoeiras descem alvoroçados para a *juntção* dos caranguejos, que tanto poderão salvar o almoço como ir para um chiqueirinho no quintal, para engorda.

O menino Zé de Buga só tem doze anos e grande experiência na arte de apanhar caranguejo. Suas ratoeiras são bem armadas, as tampas da lata fortemente pressionadas por tiras de borracha presas a um pedaço de madeira que ele enfia por um buraco feito no fundo, com isca na ponta. Bicho que sai do buraco à noite para morder a isca não escapa.

Zé de Buga já conseguiu criar, bem cevados com caju, manga e jaca, mais de cem guaiamus no seu chiqueiro. Numa madrugada foi com os homens a João Pessoa, levando oito cordas que vendeu a bom dinheiro. Agora já está começando a fazer nova criação. Quase um brinquedo. Se Zé de Buga não escapar a tempo, se ninguém der um jeito de levá-lo para o Recife — a sonhada bola de cristal — ou para João Pessoa, chegará o seu dia de pisar mais fundo na lama, de seguir o destino de quase todos os meninos de Livramento.

FIM

São 632 quilômetros quadrados, duas vezes o Estado de Maranhão. As águas generosas, hoje mais do que nunca cobertas pela civilização e pelos habitantes do semi-árido. O viajante que chega a Pirapora, no norte de Minas, se reencontra com a saga do posse do sertão recôndito, em meio a cerrado, matas e terras quase desérticas. Ali, onde o Velho Chico oferece seu leito à navegação, o abandono do sistema das hidrovias e das ferrovias está à vista: o último barco movido a lenha, o Benjamin Guimarães, e a ponte Marechal Hermes resistem à erosão, graças à consciência e ao trabalho de Pirapora

E

as do Velho Chico

sonhos e frustrações. Com a devida licença do povo da terra e de seus historiadores, entra em cena o grande rio

grador. A esperança que todos tinham: logo logo o barco estará no meu leito levando os turistas de Pirapora a municípios vizinhos.

A resistência dos velhos como eu e o Benjamin Guimarães não se dá ao luxo das tristezas, apesar das frustrações. Veja a meninada que cresce, vai para a escola, procura emprego no sertão. Pirapora se orgulha de suas oito indústrias, com destaque para o ferro silício, silício metálico e têxteis. A vida urbana segue o rumo das modernidades, a vida rural conta comigo para a irrigação. Os frutos da terra — mamão, uva, melão, pinha, goiaba —, além da produção em pequena escala de milho, feijão,

arroz, mandioca, tomate, alface e banana, alimentam produtores e consumidores e minhas águas os alimentos. Bom demais. E quem pode esquecer a pesca?

Toda vez que a adversidade tolhe a alegria do interior da terra, o povo se prepara para espantá-la. Para isso inventaram as carrancas,

para mandar embora os maus espíritos. Dizem que a arte da carranca surgiu no fim do século XIX e atingiu o auge no início do século passado. Pra que procurar o dia inaugural do mito ou a sua evolução? Os seres que navegaram ou nadaram em minhas águas sempre estiveram em perigo. O certo é que de repente alguns carranqueiros fizeram nome. De Pirapora e dos barcos onde era o lugar dessa arte, as carranhas saíram para o mundo para espantar o mal. Me contaram que você pode en-

to com meu leito desconhecido, muitas vezes assustador. Nesses tempos ancestrais, eu era temido, usado, mas integrado à vida indígena. Mais tarde viriam as apropriações devidas ou indevidas. Não dialogaram mais comigo como as carrancas na proa dos barcos. Conversavam, desafiavam, arreganhavam os dentes para mim. Lá pelo fim do século XIX o divórcio se consumou. Os homens passaram a planejar o progresso e eu, ou melhor, a natureza toda virou objeto calculado de manipulação. Prova disso é que querem, desde essa época, mexer com o leito que Deus me deu.

■

E para onde vai o rio?

dições precárias) e planejaram a grande expansão de uma rede ferroviária como única alternativa para aproximar as regiões por mim banhadas. A intenção, claro, era aproveitar ao máximo as riquezas naturais, como, aliás, aconteceu nos dois séculos anteriores. Ainda no século XIX, no reinado do D. Pedro II, começaram a mexer com um projeto que resolvesse a seca no Nordeste. Queriam desde então mudar meu

curso. Seria um desvio na divisa entre Pernambuco e Bahia. A tecnologia da época não dava conta dos obstáculos do caminho. Bem, agora, não falam de outra coisa — a transposição das minhas águas.

Como não me ouvem, porque estou de mim divorciadas as cabeças modernas, delego a voz, nessa questão, aos fóruns de direito e a todos que comigo quiserem praticar a escuta profunda da natureza das águas dentro e fora dos humanos. Me despeço com o desejo de que logo nos encontremos, em Piranhas, perto das nascentes, em Pirapora para passear a bordo do Benjamin ou em qualquer outra paragem do velho traçado. Muito obrigado pela atenção.

VELHO CHICO

P.S. Atendendo ao pedido do Velho Chico, agradeço sua inspiração e caímos no cenário da realidade contemporânea. Nos noticiários nacionais, nas infomáticas levam ao mundo pela Internet informações guardadas nos portais (o do São Francisco é portentoso), verifica-se que a transposição do rio ocupa o imaginário, a política, a pesquisa científica e os saberes locais com a força da política que se expressa no Executivo, no Legislativo e no Judiciário não chega a uma solução unânime, que dizer dos diagnósticos especializados como os da Fundação Joaquim Nabuco? Nos primeiros anos de 1990, em um seminário sobre o semi-árido organizado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (e registrado no segundo volume da coleção Novo Pacto da Ciência, Do Hemisfério Sul, ECA/USP, 1992), a discussão técnico-científica o saber local das populações afetadas. Dessa forma, enquanto a polêmica aborda, no âmbito político, aspectos parciais da realidade física

e social do rio São Francisco, os estudos atualizados nas universidades e em fundações como a Joaquim Nabuco buscam a compreensão da relação existente entre solo, água, plantas e sua importância para a população.

Cidadãos com a integração perdida no uso predatório — ou às vezes bem-intencionado — da Bahia do São Francisco, o que Sobresai é o alerta às limitações do rio. Para o atendimento à navegação, a geração de energia, irrigação e abastecimento das populações carentes do semi-árido, torna-se emergente, segundo os diagnósticos, um planejamento hidráulico de forma a calcular as subtrações volumétricas pretendidas. João Suassuna, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, alerta para outro dado: no rio São Francisco não existe excesso de água. Muito pelo contrário. Em seus estudos, lança o olhar para o século XXI: "É muito provável que a água passe a ser tão preciosa para as populações do planeta como são o ouro e o petróleo". O gerenciamento dos recursos hídricos, de competência constitucional da União, envolve regulações altamente complexas que fundamentam a Política Nacional dos Recursos Hídricos (Lei 9.433 de 1997), mas persiste a distância a ser percorrida entre a letra da lei e a implementação de um projeto de transposição de águas. Distância mais arriscada do que os 2.600 quilômetros do Velho Chico.

Historiadores como Brenno Alves da Silva, Domingos Diniz e Ivan Passos Bandeira da Mota, ao pesquisar Pirapora, um porto na história de Minas, publicação disponível na biblioteca pública da cidade, contribuem para o entendimento da ocupação ora sangrenta e predatória, ora apaziguada e progressista do coração do Brasil. Os artefices do futuro encontram nos ecos seculares estímulos e advertências. Em agosto de 2003, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva anunciou a primeira grande obra do plano de investimentos do governo de 2004 a 2007: o projeto de transposição das águas do rio São Francisco para irrigar zonas semi-áridas do Nordeste. No discurso, que considerou insuficiente o investimento de US\$ 5,5 bilhões, Lula lembrou de D. Pedro II e o primeiro projeto que se frustrou. Talvez por falta de recursos, na avaliação do presidente. O Velho Chico espera (pacientemente?) o que com ele acontecerá.

A VIAGEM DA...

Onça-parda

Atropelada no km 71 da via Anhanguera

ANHANGUERA

“A palavra significa ‘alma velha’ ou ‘vida antiga’. Gostei do apelido, pois é isso mesmo que sou”

‘ECOCONDOMÍNIOS’

“Um deles oferece 382 mil m² de áreas verdes. Mais portaria, câmara e guarita blindada”

DESEQUILÍBRIO

“Em 2007, 581 animais silvestres foram atendidos pela ONG. Em 2008, 1.074”

FOTOS: VALTER TOZETTO JR./JORNAL DE JUNDIAÍ

CENAS DO RESGATE – Na mureta que divide as pistas da rodovia, o animal recebeu um dardo tranquilizante. Em seguida, foi tratado pelas veterinárias Pollyana, Cristina e Karen. A onça quebrou um dente e passa bem

Sou suçuarana

Ameaçada pela expansão imobiliária, fauna da região sudeste do Estado não tem para onde ir

Ivan Marsiglia

Pem que meu tio lauretê me avisou: não vá praquelas bandas de lá, onde vive o Macaco Pelado, que é perigoso. Mas fazer o quê, se sou bicho criado solto, acostumado a zanzar em territórios de 65 km², 20 km² que seja, o nem isso me deixam? Ademais, se fiz por precisão, para buscar meu de-comer, corrido e revoadado dali de onde moro, terra modesta, mas limpinha, e cada vez mais apertada. Cheguei assim chegando, sem pedir licença nem me apresentar. Então, perdoa a indelicadeza. Sou suçuarana, onça-parda, vermelha, puma, leão-bato. Não me certo, de ciência, diz que é puma concolor – mas o povo que me tirou da boira daquele rio de carros está me chamando de Anhanguera mesmo.

Um passarinho me contou que Anhanguera foi Bartolomeu Bueno da Silva, bandeirante paulista em 1682, atravessou o cerrado goiano e deu lá no Rio Araguaia. Muito bicho viu homem branco pela primeira vez naquela época. Na volta, enganou uns vermelhos de sua mesma espécie dele, tocando fogo numa tigela de aguardeite e dizendo que ia fazer o mesmo com as fontes e os rios. Por isso, batizaram de Anhanguera, que quer dizer “diabo velho” em tupi. Só que não sou nenhum demônio, não, embora muita gente ache. Então, primeiro não gostei desse apelido. Depois ouvi que a tradução dos jesuítas era maldita e que a palavra significa “alma velha” ou “vida antiga”. Fiquei satisfeito, pois é isso mesmo que sou.

Como ia contando, domingo à noite já estava cansado de vaguear atrás de uma refeição quentinha. O senhor sabe que eu só saio para comer quando escurece. E, com o desassossego da juventude – só tenho 1 ano de idade –, agarrei veredadesse mundo. Quando dei por mim tinha descido a ribanceira toda, escutando a barulhada que vem da toca de vocês. Tentei audição sensível, de ouvir detalhe, falhar. De modo que fiquei atordado com tanta balbúrdia. Para piorar, aquelas luzes passando... Olho de gato é feito para enxergar no escuro, viu? Então me apercebi que o dia já ia raiar e eu ali, tão longe de casa. Corri em disparada.

A travessia, nem sei como fiz. Sou ligeiro, mas sorte ajudou. Acontece que, quando ia dar o pulo do gato por cima da mureta, uma coisa grande bateu em mim. O mundo girou, não vi mais nada. O senhor sabe que sou sujeito de coragem: até a pintada, a maioral do pedaço, respeta minha valência. Mas confesso que fiquei com medo. Paralisado. Mais de uma hora ali, encolhidinho, até vocês chegarem. Mostrei bem os dentes, que não sou de passar recibo.

Pararam o trânsito das 7h30 às 8h15 para me apunhar no km 71 da Rodovia Anhanguera, na altura de Louveira: 8 km de engarrafamento, soube depois. Vieram os bombeiros me cutucar com vara grande – um tubo de PVC improvisado, que chamam zarababana, da ONG

JOVINE RODRIGUEZ/AL

DE CASTIGO – O macho de 33 kg já teve alta, mas espera um rádio-colar de US\$ 6 mil para voltar à natureza

Associação Mala Ciliar, que ajudou no resgate. Senta a pica-da, acalmei, dormi.

No meu sonho, eu corria por campos sem fim, ao lado dos meus amigos preás, capivaras, veados, catetos... Quer dizer, para eles sou mesmo o amigo da onça. Mas era um sonho feiz, sim senhor, que foi virando pesadelo enquanto me carregaram para a clínica do Centro Brasileiro para Conservação de Felinos Neotropicals, da Mata Ciliar, em Jundiaí. Não sei se por raiva ou pela ancestralidade, mas no meu alumbamento via serras elétricas, nascentes de rio desviadas e muros de condomínios encostando ali

da rodovia, onde me encontraram, ofereceu “bosque com mata nativa em área de preservação permanente” e “segurança motorizada”. O Campo de Toscana, na saída 75, garante 382 mil m² de áreas verdes, portaria com câmara e guarita blindada”. O Village Sons Souci, no km 82, tem 13.500 m² de área irrigada” e “elevado nível de proteção”. E o Parque dos Macaços, km 38, “trilhas ecológicas, belos lagos e animais silvestres como esquilos, saguis e diversos pássaros” – até me abriu o apetite, antes de saber que é “totalmente fechado, com portaria 24 horas”.

Ainda ontem, da jaula de 1 m

SEGUNDA, 14 DE SETEMBRO

A fera na estrada

Equipes da AutoBAn, dos bombeiros e da Associação Mala Ciliar capturaram uma onça-parda na Rodovia Anhanguera, em Louveira (SP). O macho, de espécie ameaçada de extinção, havia sido atropelado. O resgate provocou um engarrafamento de 8 km.

qualquer um que chegue perto da grade. Em protesto, até sexta-feira recusei-se a comer um pedaço de frango seque. Mas não vou me queixar: até que estou sendo bem tratado pela Cristina, a Pollyana e a Karen, veterinárias. Por elas, fiquei sabendo que sou saudável, peso 33 kg e tenho 1,70 metro da nuca à ponta da cauda. Como quebra um dente canino no acidente, até tratamento de canal me fizeram. E as marcas de pneu na palma e no dorso, que me deixaram parecido com uma onça-prata jaguaruna, já estão desaparecendo.

Encontrei uns parentes distantes também, que espio de longe, que não sou de dar ninhada. Sete dos oito tipos de felinos brasileiros são criados em cativeiro aqui: tem gato do mato pequeno, gato do mato grande, palheiro, mourisco, maracajá, jaguatirica. A única onça-parda macho já foi tarde – acasalar em um zoológico de Campinas. E com os irmãos Bem-te-vi e Curio, duas suçuaranas gordas e preguiçosas que se empanam de 200 quilos de carne por semana – só rato morto de laboratório e peixeço de frango. Eles não sabem o que é a emoção da caçada... De modo que isso aqui não é vida para mim, não senhor.

Eles dizem que estou pronto para ser solto em alguma mata aqui perto, talvez na Serra da Jurema, de onde acham que vim. blablablá. O problema é que querem pôr antes um rádio-colar no pescoço, que transmite a minha localização por GPS durante dois anos. Para o caso de, o senhor sabe, eu ter outro acesso de rebeldia e pôr o pé na estrada novamente. Só que a prenda custa US\$ 6 mil. A AutoBAn, concessionária da Anhanguera, prometeu comprar para a ONG, com uma pistola pneumática para substituir a maldita zarababana de PVC. Estou esperando.

O que me apertei, desculpe a insistência, são mesmo esses condomínios arrodeando a minha casa. Dentro deles, os cachorros possuem de coleira para não fugir dos donos, que vivem cercados de muros. Já rádio-colar, o senhor veja só, é minha única chance de liberdade. Devolter para os bichos, os campos, os rios. E chegar à hora da onça beber água. ●

Memórias póstumas de um estudante da Medicina

Pedro Bezerra Arantes, terceiranista, 23 anos, matou-se no último dia 26. Por quê? Que se passou em sua cabeça? Ouvi seus amigos e reconstitui o que talvez seriam suas palavras póstumas.

Me matei — e comigo morreu um pouco de todos eles. A aula começou, mas continuam ali, sentados na escadaria. Chocados, arrasados. Será que agi mal? Silêncio. O repórter chega, logo adivinha meus amigos: e o suicida? Sérgio o chama para um canto: "Ele já está enterrado." Sim, eu, Pedro Bezerra Arantes, terceiranista, aluno da turma 73, matei-me às onze da manhã, no quarto de casa, na Consolação. Meu corpo foi encontrado às 13 h pela empregada. Deixei escrito uma pequena carta, que a polícia levou. Como meus pais, os amigos da faculdade passaram a noite em claro, ainda pensam estar vivendo um grande pesadelo. Para mim, foi o fim do pesadelo. Estou morto! Morto... Eu era bonito, rico, nem precisava trabalhar... Como justificar? Talvez eu seja mesmo um fraco, porque não agüentei a barra (obrigado, Marcelo, por achar que fui um forte). "Ninguém tem capacidade nem direito de julgá-lo." Como não? Vocês pensam que eu fiz isso só por causa do furo que a garota de São José dos Campos me deu? "Com a morte dele, recomendar não vai ser igual: é a chance de repensar muita coisa." Não sei, sinceramente não sei. A faculdade continua na mesma e a maioria age como se nada tivesse acontecido... Ah, me lembro que desde o primeiro ano a gente ouvia essa história da Medicina recordista em suicídios. Falávamos, meio na brincadeira, "quem será o primeiro entre nós? Quem imaginaria que eu... Não, não se enganem: o trabalho de médico, a Medicina em si, o tal contato diário com a morte, foi o que menos me influenciou. O problema está nessa merda de faculdade. Não adianta reformular o currículo, eu mesmo era cobaia de um currículo novo. A questão é outra. Você que estuda na Politécnica, pode imaginar uma competição maior do que lá? Pois saiba,

na Medicina é pior. Deveria ser um local para você aprender a se relacionar com seres humanos, mas... Queremos tratar bem os pacientes, mas não nos damos bem nem entre nós alunos: a hostilidade interclasses é marca registrada. E aí de quem não entrar num certo grupo, numa "panela". Quem são os chefões? Os próprios professores. As pessoas se sentem traídas a todo momento. Em vez de ter uma amizade sincera, fazem só amizades de interesse. Avança no curso o cara insensível, ou o que acaba perdendo a sensibilidade. Esta faculdade aviva as nossas características mais ruins. Você descobre que gosta de anatomia e quer se especializar em cirurgia (isto é comum nos estudantes). Ora, além das barreiras normais, que já são grandes, a estrutura criou uma nova, chamada "equipes de cirurgia". Mais cedo você entra nela, maiores chances de alcançar o objetivo. Quanto mais tarde, azar seu, você vai encontrar já um "gueto" formado. No 4.º ano mesmo já começam a se juntar os grupos de 15 alunos que serão orientados pelo professor especialista da área, no 5.º ano. Nem todos conseguem optar pela área que querem, e aí dá para entender o que acontece. Depois do 6.º ano chega a hora da residência, do estágio. E você é obrigado a passar por um grande vestibular: numa primeira fase, tem a prova de múltiplo teste. Na segunda entram os podres: depende do currículo e de entrevista. E quem é que avalia os currículos, quem? Quem te faz a entrevista? Uma bancada de professores, nada imparcial, é claro. Cada grande cirurgião tem pessoas de quem gosta. E abaixo deles estão os pobres alunos. As afinidades influenciavam quase sempre na escolha. E mais: os professores, quando examinam o currículo, a primeira coisa que olham é o volume, a quantidade de papel. Então, desde o 1.º ano vale tudo para os alunos, é o maior desespero de fazer curso pra lá, curso pra cá, é extracurricular, monitoria de técnica cirúrgica, é sei lá mais o quê, enfim o "stress". Depois de dar duro, segunda a sexta, período integral, a turma ainda tem que pegar o sábado para estudar. As vezes, a

gente parava de estudar para conversar sobre tudo isso. Eu não me conformava, queria solucionar tudo isso de rivalidade, essa competição acirrada entre nós mesmos. Doce ilusão, pensar que conseguiria mudar algo. Aí estava a raiz do meu problema — a impotência diante do sistema. Ninguém faz Medicina porque gosta de Bioquímica ou de Biologia. A gente entra nessa é bem em função daquele ideal, do encanto de salvar vidas. A pessoa adquire tanta fixação em chegar naquele lugar idealizado, que esstraçalha seus valores ao longo do curso. Isto me irritava demais. Mas enfim, nós já estávamos no 3.º ano, época de transição em que começa o contato com pacientes. Eu andava deprimido, cansado, meus colegas de classe percebiam. Acho que decepção era a palavra. Em todo caso, no começo do ano eu estive bem ativo: era representante da turma, organizei o trote, participei de mil atividades. Depois das férias de julho, não apareci mais na aula. Parece que houve preocupação por parte do pessoal mais chegado, porque eles foram me visitar em casa. Eu disse a eles que pretendia abandonar a faculdade. Eles tentavam me fazer mudar de ideia, falavam, gesticulavam, eu só sacudia os ombros, ficava mudo — já passara da fase agressiva para a depressiva. A revolta, eu a guardava para mim. Acho que meu amigo estava certo ao dizer que eu era muito puro, sensível ao extremo, sujeito a mil bordoadas. Aquela faculdade era demais para mim. Assim mesmo, naquela segunda-feira, eu apareci na aula, de repente. O pessoal ficou surpreso, falei que ia voltar ao curso. Na terça eu falei. Na quarta também. Jamais falei para amigos ou para a família sobre suicídio. Mas naquele dia 26 meus sentidos dispararam. De manhã mesmo, segurei a caneta: "Papai, mamãe, gosto muito de vocês. Peço perdão por decepcioná-los..." Lá estava à minha frente apenas o fio do meu aparelho de som. Arranquei. Fiz o laço, perfeito. Agora só aquele negócio me apertava o pescoço...

Angelo Akimitsu Ishi